

ARLEI SANDER DAMO

PARA O QUE DER E VIER

**o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do
Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e seus torcedores**

Porto Alegre - 1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

PARA O QUE DER E VIER

**o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do
Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**

ARLEI SANDER DAMO

Dissertação apresentada ao programa
de Pós-Graduação em Antropologia
Social da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul para obtenção do
título de Mestre em Antropologia
Social.

Orientador: Prof. Dr. Ruben George Oliven

Porto Alegre, abril de 1998

À memória de

Victor Aurélio Luccaora (Tio Vito) e
Prof^a Maria Noemi Castilhos Brito

SINOPSE

Este trabalho é resultado de uma pesquisa etnográfica, realizada junto ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores, acerca do pertencimento clubístico. Tendo esses torcedores como referência, são abordados vários aspectos da relação torcedor-clube de futebol no Brasil. Considerando-se esta relação como a mola propulsora do gosto pelo futebol, são investigados os aspectos simbólicos constitutivos das rivalidades entre os clubes e, por extensão, entre seus torcedores. Como tais rivalidades transcendem o universo específico do futebol, busca-se identificar, através delas, os pontos de intersecção entre este esporte e outras esferas da sociedade brasileira. Sendo o Grêmio um clube de Porto Alegre e as rivalidades locais as mais densas, é por oposição ao Sport Club Internacional, o “outro” porto-alegrense, que os gremistas se pensam primeiramente. Também se pensam entre si, enquanto totalidade, uma comunidade de sentimento traduzida pelo termo êmico *nação*. E quando o Grêmio vence equipes de outros Estados, especialmente do centro do país, permite expressar os antigos e ao mesmo tempo atuais sentimentos regionalistas. Em mostrar como pode o pertencimento clubístico operar em tantas frentes, e como procede em cada uma delas, constitui o propósito desta dissertação.

ABSTRACT

This text is the result of an ethnographic research done with Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense and its fans about their adherence to the club. Having the fans as reference, various aspects about the relationship between them and a soccer team in Brazil are broadened. Considering this relationship as the main motivation for the enthusiasm with soccer, the symbolic aspects that constitute the rivalry between clubs, and, by extension, between the respective fans, are researched. Since this rivalry transcends the specific universe related to soccer, I try to identify, through it, the intersection points between this sport and other realms of the Brazilian society. Since Grêmio is a club from Porto Alegre and the local rivalry is the densest, the fans of Grêmio first think about themselves by the opposition to Sport Club Internacional, the Porto Alegre “other”. They also think about themselves as a totality, a community of sentiment, which is translated by the term “*nação*”. And when Grêmio defeats teams from other states, specially from the center of the country, this causes them to express the old and, at the same time, current regional feelings. Thus, the purpose of this dissertation is to show how the adherence to a team can operate in so many ways, and how it performs in each one of the ways explored.

Este trabalho também pertence...

À CAPES, pelo suporte financeiro na graduação e no mestrado.

A Silvino Santin, que me ensinou a escrever.

Aos meus colegas, aos professores e às funcionárias do
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

A Ruben George Oliven, meu orientador.

Aos meus pais, irmão e avó, pela compreensão diante da minha ausência.

À Patricia, que dividiu comigo os altos e baixos ao longo destes últimos três anos,
impedindo que eu me tornasse a própria dissertação.

A todos aqueles com quem estive ao longo do trabalho de campo,
em especial, ao pessoal do Museu do Grêmio.

Sou-lhes grato para sempre!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
--------------------	---

CAPÍTULO I

A EMERGÊNCIA DO ASSOCIACIONISMO ESPORTIVO E DO FUTEBOL: UMA VISÃO PANORÂMICA

1.1. A restrição à violência e a emergência dos esportes modernos	16
1.2. O surgimento do associacionismo e a difusão dos esportes modernos	25
1.3. A democratização do futebol e as classes trabalhadoras	30

CAPÍTULO II

CLUBE DO CORAÇÃO: BOM PARA TORCER, BOM PARA SE PENSAR

2.1. O caleidoscópio clubístico	36
2.2. O <i>habitus</i> associacionista	41
2.2.1. Os clubes de elite	41
2.2.2. Os clubes-equipes	49
2.2.3. Os clubes de fábrica	53
2.2.4. As “Peladas”: um contraponto	57
2.3. Os torcedores e seus clubes	60
2.3.1. Torcer, participar e significar	60
2.3.2. Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes como categorias do entendimento	66

CAPÍTULO III

SER GREMISTA OU COLORADO: EIS A QUESTÃO

3.1. Alguns dados sobre o perfil de gremistas e de colorados	75
3.2. A cidade polarizada	85
3.2.1. A chegada dos <i>meetings</i> e <i>clubs</i> a Porto Alegre	85
3.2.2. Itinerários das paixões	95
3.3. Gre-Nal em preto e branco	99
3.3.1. A Liga dos Canelas Pretas	100
3.3.2. Os Diabos Rubros do Rolo Compressor	105
3.3.3. Tesourinha: do Areal da Baronesa à unanimidade	109
3.3.3.1. Ao Internacional: o futebol	109
3.3.3.2. Ao Grêmio : a cor	111

3.4. Olímpico e Beira Rio: materializando as diferenças	116
3.4.1. A simbólica dos estádios	116
3.4.2. <i>Coréia</i> e camarotes: os espaços diacríticos.....	122

CAPÍTULO IV

NAÇÃO GREMISTA

4.1. Comunidade de sentimento e nação-clubes de futebol.....	132
4.2. Crise de identidade e reinvenção das tradições.....	138
4.2.1. A derrocada do amadorismo no Grêmio.....	138
4.2.2. A mobilização dos torcedores e o fim da crise.....	148
4.3. Pertencimento e êxtase coletivos.....	155
4.3.1. “Para o que der e vier”: Grêmio <i>versus</i> Palmeiras.....	156
4.3.2. “Com o Grêmio onde o Grêmio estiver”: Palmeiras <i>versus</i> Grêmio.....	161
4.3.3. “Ao vencedor as batatas”: Flamengo <i>versus</i> Grêmio - parte I	168
4.4. Nos bastidores do Grêmio.....	172
4.4.1. Os consules gremistas.....	173
4.4.1. Dona Ema e Tia Dalva.....	176

CAPÍTULO V

AH! EU SÔ GAÚCHO!

O NACIONAL E O REGIONAL NO FUTEBOL-BRASILEIRO

5.1. Futebol e “futebóis”: estilo brasileiro e diversidades regionais	183
5.1.1. A invenção do estilo brasileiro	185
5.1.1.1 A contribuição fundante de Gilberto Freyre	186
5.1.1.2. Idas e vindas do futebol-arte	189
5.1.2. A invenção do estilo gaúcho	193
5.1.2.1. Do regionalismo ao gauchismo	195
5.1.2.2. O regionalismo no futebol	199
5.2. Encaixes e desencaixes do estilo gaúcho no futebol-arte	206
5.2.1. O Grêmio e o mal-estar no futebol-arte.....	207
5.2.1.1. O antiestilo	208
5.2.1.2. Violento não, pegador!	214
5.2.2. Com a palavra os torcedores	219
5.2.2.1. O pacto	220
5.2.2.2. Indignação e protesto	222
5.2.2.3. “Ao vencedor as batatas” - parte II	224
PRORROGAÇÃO.....	229
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	232
ANEXOS	

APRESENTAÇÃO

Mistério da Bola

A estética do torcedor é inconsciente: ele ama o belo através de movimentos conjugados, astuciosos e viris, que lhe produzem uma sublime euforia, mas se lhe perguntam o que sente, exprimirá antes uma emoção política. Somos Fluminenses ou Vascos pela necessidade de optar, como somos liberais, socialistas ou reacionários. Apenas, se não é rara a mudança do indivíduo de um para outro partido, nunca se viu, que eu saiba, torcedor de um clube abandoná-lo em favor de outro. (Carlos Drummond de Andrade, in: Revista do Grêmio nº11, ano II:44; s/d)

O futebol, diz-se, “é paixão nacional”. Movimenta cifras vultosas, emprega, direta ou indiretamente, um grande contingente de trabalhadores, é responsável por manifestações coletivas e está presente no cotidiano da mídia e nas conversas informais. Há, evidentemente, os que lhe são refratários; os que consideram excessivo o tempo e o espaço a ele dedicado em detrimento dos “verdadeiros” dilemas nacionais e, embora minoria, há aqueles que se dizem completamente indiferentes.

O mesmo tema que se presta para entabular diálogos informais - “e aí, a quantas anda o teu time?”, “qual é teu palpite para o jogo de logo mais”, etc - pode gerar desavenças profundas, incluindo desde insultos verbais até agressões físicas. Entre um extremo e outro, o futebol permite que até mesmo o mais humilde cidadão expresse sua opinião, sua subjetividade, enfim, quase todos têm algo a dizer quando o tema é futebol.

Se me permitem uma analogia, o futebol cumpre a mesma função significativa do vestuário, especialmente para os brasileiros do gênero masculino. É tão corriqueiro entreter-se com “as coisas do futebol” que, por vezes, isto parece natural, tão natural quanto o vestir-se. Num país em que a “rua” é um espaço privilegiado na socialização dos meninos e que o futebol é uma das “brincadeiras” preferidas, desdenhá-lo equivale a andar nu. Pode parecer exagero de minha parte mas, salvo raras exceções, o futebol está inserido na esfera das necessidades, tal qual o uso do vestuário. Embora por vezes se apresentem como natural ou necessário, ambos são imposições sociais de ordem cultural e, portanto, plenos de significado.

Assim como ocorre em relação ao vestuário, o futebol é constantemente atualizado. Se, na moda, existem as tendências da estação, no futebol tem-se várias competições distribuídas ao longo do ano e, tanto um quanto outro, parecem obedecer uma temporalidade cíclica. Há também os produtores, críticos, exibicionistas, modelos, os que estão *in* e *out*, correspondendo, a cada grupo, espaços bem determinados, quer na moda quer no futebol. A analogia poderia ser ampliada, mas, considerando-se os fins pelos quais foi suscitada, já basta, cabendo, apenas, uma última consideração.

Se com relação ao vestir-se, opta-se não apenas entre o nu e o vestido mas por vestir-se de uma determinada forma, o mesmo equivale para o futebol. À exceção de uns poucos que lhe são indiferentes, quem gosta de futebol não apenas aprecia sua prática ou fruição senão que o faz a partir de um referencial, o “clube do coração”. Trata-se de uma “máscara” que resulta, como sugere o poeta Drummond, “da necessidade de optar” e, ainda que não esteja muito claro por que esta necessidade se impõem, sabe-se, contudo, tratar-se de uma “profissão de fé”; a opção é para sempre.

Apreciar o futebol como um todo não basta, é preciso torcer por um clube. Muitos torcedores de ocasião, como é o caso dos políticos oportunistas, muitas vezes desconhecem o que se passa no universo futebolístico mas, ainda assim, se dizem gremistas, colorados, flamenguistas e assim por diante. A paixão clubística desafia até mesmo uma máxima, segundo a qual “gostar de futebol” pressupõe ‘entender de futebol’, o que só é conseguido através da prática do jogo” (Guedes, 1982:62). Se é raro encontrar um futebolista praticante que não tenha seu “clube do coração”, é comum pessoas com escassa ou nenhuma prática deste esporte se dizerem torcedores fanáticos. Em outras palavras, a opção clubística transcende o próprio futebol, e isto, por si só, coloca uma interrogação a ser aprofundada ao longo desta dissertação.

Alguns números são reveladores da extensão da paixão clubística no contexto brasileiro. Tomemos como exemplo o fórum de debates na *internet* organizado pelo “Brasil On-line/Grupo Abril” (<http://www.uol.com.br/bol/>). Entre os vários temas sugeridos pelos próprios visitantes encontra-se, evidentemente, o futebol. O que chama a atenção, desde logo, é que os fóruns “País do Futebol” e “Seleção Brasileira” receberam, nos meses de dezembro/97 e janeiro/98, 38 e 59 mensagens, respectivamente. Mesmo o “Fluminense”, clube rebaixado, pela segunda vez consecutiva, à “série B” do certame nacional, recebeu, no mesmo período, mais recados do que o “País do Futebol” e “Seleção Brasileira”, 79 no total. Já o “Flamengo”, 548; e o “Palmeiras”, 551; despontam como os mais visitados, superando, inclusive, “Ponto de

Encontro”, 518; “Esoterismo e Nova Era”, 491; “Aborto”, 443; e outros temas polêmicos de interesse variado como “Democratização da Maconha”, 381; “Globalização”, 134; e “Desemprego”, 104. É evidente que estes dados têm muito a ver com o perfil do internauta brasileiro; 83% masculino, entre 15 e 37 anos (<http://www.ibope.com.br>). Ainda assim, alguns dados impressionam e, é bom deixar claro, está se desconsiderando, aqui, o conteúdo das mensagens, bem como se são breves, extensas, repetitivas e assim por diante.

Embora os 12 fóruns dos clubes brasileiros de maior torcida correspondam a apenas 17% do total de fóruns disponíveis, eles contribuem com 38% do total de mensagens atualizadas pelo “Brasil On-line”; em números absolutos, isto corresponde a 3.884. Enquanto a média geral de mensagens por fórum gira em torno de 150, aqueles referentes aos clubes chegam a 323. Este dado é tão significativo que, se fossem excluídos os fóruns dos clubes, a média de mensagens baixaria para 107, ou seja, sofreria uma redução em torno de 25%. Futebol por futebol, os fóruns dos clubes superam em 2.456% as mensagens deixadas no “País do Futebol” e “Seleção Brasileira”; fóruns que, a rigor, visam o mesmo público que frequenta os “clubes”. Isto comprova, a meu ver, que no Brasil se pensa e se discute futebol tendo como referência os clubes.

A “Top of Mind”¹ e a “Top Kids”² 1997, publicadas na revista “Amanhã” (nº 118, abril/1997), revelaram alguns dados que vêm ao encontro das afirmações precedentes. Diante da pergunta do entrevistador, “Quando eu falo em time de futebol, que marca lhe vem à cabeça?”, apenas 1,5% dos adultos “não responderam” ou “não souberam” informar; índice superado apenas pelo item “cerveja”, 0,9%. O dado é revelador pois, diferentemente do perfil do internauta, preponderantemente masculino, especialmente os que frequentam os fóruns dos clubes, na “Top of Mind” e na “Top Kids” foram ouvidas pessoas de ambos os sexos. Os dados revelados pela “Top Kids” são ainda mais impressionantes: nenhum (a) dos (as) entrevistados (as) se furtou à

¹ “A pesquisa Top of Mind 1997 capta a lembrança imediata das pessoas quando pensam em uma determinada categoria de produto ou serviço. (...) Neste tipo de pesquisa, (...) o entrevistado é convidado a citar, a cada estímulo do entrevistador, o primeiro nome que lhe vem à cabeça. (...) Por isso as respostas são espontâneas e não induzidas. (...) A Top of Mind Rio Grande do Sul 1997 ouviu 1.200 consumidores de ambos os sexos e de todas as classes sociais, com idades entre 16 e 565 anos, em Porto Alegre, região metropolitana e seis mesoregiões do interior” (Amanhã, “As marcas do Rio Grande, ano XI; nº 118:)

² “A pesquisa Top Kids seguiu a mesma metodologia do Top of Mind. A diferença está na amostra - foram entrevistadas 300 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos de idade, de Porto Alegre e Grande Porto Alegre. (...) Os entrevistados responderam à pergunta: ‘Quando eu falo em (item), que marca lhe vem à cabeça?’”

resposta quando perguntado (a) sobre “time de futebol”. O índice dos que “não sabiam” ou “não responderam” foi zero, superando, inclusive os itens “refrigerante”, 4,7%; “chocolate”, 7,3%; e “programa de TV”, 8,7%. Resumindo, os clubes ou times - por hora esta distinção não importa - estão na “cabeça” dos gaúchos e, não há razões para crer que estes dados sofreriam alterações substanciais se a pesquisa contemplasse todo o território brasileiro.

O futebol, ao qual Hobsbawm (1987) se referiu como “a religião leiga da classe operária” e, principalmente, a paixão clubística que, como afirma Sevcenko (1994), “irmana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos”, possuem forte apelo popular, a ponto de muitas vezes subverter os códigos e valores cotidianos. Porém, tratando-se de pesquisar na “loucura do futebol” (Lever, 1983), surgem inúmeras dificuldades, dentre as quais a delimitação do universo a ser investigado.

Diferentemente das “etnografias realistas” (Clifford, 1995), em que a comunidade ou grupo é que determinam o objeto da pesquisa, justamente porque são, em geral, bem definidos até mesmo do ponto de vista geográfico, em se tratando de futebol, os “informantes” constituem um universo extremamente amplo e, o que é ainda mais problemático, estão em todos os lugares. Nesta perspectiva, o mais aconselhado é deixar, por um momento, a questão do “universo” em suspenso, a ser definida e problematizada depois de se ter claro algumas questões mais pontuais, como por exemplo, um conjunto restrito de “objetos” e “objetivos”. Foi esse o caminho adotado desde o princípio desta dissertação. Voltarei à questão do universo no momento oportuno mas, devo deixar claro, desde logo, esta será sempre “problemática” e, dada a configuração atual das chamadas “sociedades complexas”, não vejo como superar completamente a fluidez do campo.

O segundo desafio de pesquisar no futebol é segmentar a magnitude do fenômeno social. Sua extensão e o grau de interferência na vida dos cidadãos deve, necessariamente, ser vislumbrado a partir de um conjunto restrito de questões, sem perder de vista sua totalidade. Creio ser esta a razão principal quando escolhi a paixão clubística como objeto desta dissertação. Como uma espécie de mola propulsora do universo futebolístico, o “amor pelo clube (time) do coração”,³ revela, para além de

³ Daqui por diante usarei “time” para me referir à “equipe” propriamente dita, uma configuração de atletas que muda de um jogo para outro. “Clube”, por sua vez, refere-se à instituição político-administrativa a qual o “time” está vinculado. Do ponto de vista dos torcedores e até mesmo da mídia especializada, “time” e “clube” são, em geral, tomados como sinônimos. Aqui, porém, esta distinção é fundamental.

certos “comportamentos exóticos” - não raros neste contexto, mas que fogem aos interesses deste trabalho -, aspectos centrais sobre o que se poderia resumir como “uma forma de sociabilidade através do conflito” (Lever, 1983).

Torcer por um clube de futebol é, antes de mais nada, participar ativamente da vida social. Esta participação começa pela escolha, desde muito cedo, por uma entre as inúmeras agremiações clubísticas. Tal escolha, “personalizada e pessoalíssima”, permite, como afirma DaMatta, “redefinir a identidade social num nível mais amplo. Um nível que é a um só tempo nacional e cívico, pois fica além da casa e da família. Um nível que tem a ver com um universo feito de indivíduos e de normas universais e que se realiza concretamente na “rua” - no estádio, em pleno domínio público” (1994: 16).

Um dos aspectos mais importantes desta escolha, que mobiliza os laços de sociabilidade mais próximos, chegando, em certos casos, a formar torcedores fiéis a um mesmo clube por três e até quatro gerações no âmbito de uma família, é que, uma vez realizada, não pode ser alterada. Há casos de torcedores “órfãos”, cujos clubes se tornaram moribundos; existem os “sofredores”, que torcem por clubes que passam inúmeras temporadas sem conquistar títulos; e há ainda os “desesperados”, cujo futuro é tão nebuloso quanto o presente. A mudança de opção é contudo rara e, quando ocorre, é permeada por atribulações de toda ordem, sendo que a primeira escolha dificilmente será esquecida. Sendo assim, o “clube do coração” deixa de ser uma escolha *ad hoc* e, mesmo levando-se em consideração seus aspectos contingenciais e emocionais, cabe ao torcedor o ônus desta opção. Torcer é o mesmo que pertencer - só não uso a expressão “pertencedores” porque o termo “torcedores” já está consagrado, tanto no cotidiano quanto nos trabalhos acadêmicos sobre o tema -, o que significa, literalmente, fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações. Tudo isso, é claro, de acordo com a importância e o significado assumidos pelo futebol e pela paixão clubística na vida de cada torcedor.

É em torno deste *sentimento de pertença* que gravita esta dissertação. Não pretendo, ao final, esboçar uma teoria sobre as razões pelas quais o pertencimento clubístico é único e imutável. Também não espere o leitor encontrar aqui uma única definição sobre este sentimento, nem mesmo uma síntese do que seria um “tipo ideal” de torcedor. Gremistas, colorados e flamenguistas são cidadãos quaisquer, que partilham, entre outras coisas, o gosto pelo futebol. Justamente porque partilham uma série de dilemas sociais, sendo o futebol capaz de tornar público e de maneira muito

peculiar alguns desses conflitos, é que existem as rivalidades clubísticas, algumas delas circunscritas à esfera local, outras regionais e até nacionais. Meu desafio é, portanto, apreender, a partir do ponto de vista dos torcedores, os aspectos simbólicos das disputas futebolísticas, especialmente aqueles que transcendem o jogo propriamente dito. Afinal, quais são, como e por quem são operacionalizados estes “aspectos simbólicos”?

Antes de apresentar o resultado do trabalho de campo, ou se se preferir, as respostas às indagações precedentes, convém explicitar alguns aspectos mais gerais sobre o fenômeno esportivo e a produção de identidades sociais nesse contexto. Sendo assim, o primeiro capítulo, consiste num panorama acerca da emergência dos esportes modernos, em especial do futebol, no cenário europeu pós-Revolução Industrial. Procuro resgatar, a partir da bibliografia atualizada sobre o tema, os aspectos centrais do viés institucionalizado do futebol. Destaco, em particular, o processo de conversão dos antigos jogos populares em esportes modernos e o papel desses últimos na disseminação e consolidação de um padrão de sociabilidade urbana, associativa, competitiva e disjuntiva. Não se trata, evidentemente, de uma “fixação na origem”. O futebol sofreu, ao longo de sua diáspora, iniciada no final do século passado, significativas transformações e estas são mais facilmente entendidas quando visualizadas a partir do processo histórico. É nesta perspectiva que sugiro a leitura do primeiro capítulo como um panorama acerca da emergência do fenômeno esportivo, especialmente em relação à passagem do amadorismo ao profissionalismo e do despertar associacionista. Como se trata de uma releitura de publicações já existentes, este capítulo está especialmente dirigido àqueles que não estão familiarizados com a produção acadêmica sobre o fenômeno esportivo em geral e o futebol em especial.

O segundo capítulo é uma continuação do primeiro, à medida que fornece um panorama genérico sobre o processo de introdução e popularização do futebol no Brasil. A diferença em relação a outras abordagens sobre o tema, cujos dados e interpretações me foram extremamente úteis, é que procuro reconstituir o referido processo a partir da onda associacionista que varreu o Brasil no princípio do século e culminou com a fundação de inúmeros clubes. Pretendo explicitar, por um lado, a importância dos clubes na disseminação do *ethos* esportivo e dos ideais associacionistas e, por outro, o surgimento de um público fiel a estas agremiações, os chamados torcedores. A constituição desse público será cotejada a partir das transformações decorrentes da passagem do amadorismo para o profissionalismo. Ao longo deste processo, muitos clubes considerados “grandes” no princípio do século simplesmente desapareceram ou

desligaram-se do futebol. Surgiram outros, inicialmente restritos a uma determinada comunidade étnica ou mesmo a ruas, bairros e vilas operárias. Alguns não prosperaram, enquanto outros foram tão bem sucedidos que integram, atualmente, o seleto “grupo dos 13”. É em torno destes “13 grandes” clubes do futebol brasileiro que se distribuem as preferências clubísticas de quase 80% dos torcedores, de ambos os sexos, de todas as idades e dos lugares mais longínquos. Eles não têm grandes torcidas porque são grandes mas, de modo inverso, são grandes à medida que conseguem mobilizar extenso contingente de pessoas e isto se deve, principalmente, à existência de fortes rivalidades entre eles. Que modalidade de rivalidades são essas? Como surgiram e como são operacionalizadas?

O terceiro capítulo trata de dois destes “grandes” clubes, do Grêmio e do Internacional, ou melhor, da rivalidade Gre-Nal. O objetivo principal é mostrar, sob diferentes perspectivas, como a rivalidade Gre-Nal foi sendo constituída. O que levou, por exemplo, os gremistas e os colorados à edificação de dois dos maiores estádios privados do Brasil? Por que o Grêmio é, ainda hoje, um clube tido como “branco e elitista” enquanto o Inter é pensado de forma contrária, ou seja, como o clube dos “negros e populares em geral”? Apresentarei, inicialmente, uma série de dados estatísticos que demonstram não haver qualquer diferença em termos de classe social - em termos étnicos a diferença também não chega a ser expressiva, embora exista - entre os torcedores de um e de outro clube. A partir desta constatação, procuro reconstituir o processo que, se não deu origem, pelo menos acentuou as dicotomias, bem como as razões simbólicas que fazem com que elas sejam permanentemente atualizadas e como o são.

O quarto capítulo enfoca o Grêmio e os gremistas. A partir da aproximação entre o termo êmico *nação*, amplamente disseminado entre os torcedores, e a categoria analítica nação-Estado, busco nas noções de “comunidade de sentimento” (Weber, 1974) e “comunidade imaginada” (Anderson, 1987), subsídios para pensar meus dados etnográficos. Nesta perspectiva, valho-me de fontes orais e escritas para compreender o processo de reinvenção das tradições gremistas, ocorrido mais ou menos nas décadas de quarenta e cinquenta, quando o clube enfrentou uma crise sem precedentes. A difícil passagem do amadorismo para o profissionalismo foi extremamente conturbada e quase levou o clube ao abandono do futebol. Só não teve este desfecho graças à intensa mobilização dos torcedores que popularizaram e, pode-se dizer, reinventaram o Grêmio. Trago também vários relatos etnográficos da minha presença entre os gremistas em dias

de jogos, treinos, no museu, no pátio, enfim, em tempos e espaços diferenciados a que correspondem distintas configurações de gremistas. Um dos objetivos deste capítulo é mostrar como existem inúmeras modalidades de apropriação do “clube do coração”, no caso do Grêmio; a passagem de indivíduo (cidadão) a pessoa (torcedor); a diversidade de papéis representados por torcedores organizados, não-organizados, dirigentes, consules e torcedores-símbolos.

Finalmente, no quinto capítulo, discuto, a partir da performance do Grêmio entre 1995 e 1997, a polêmica em torno das identidades regionais e nacionais. As inúmeras conquistas do Grêmio nesse período suscitaram uma série de manifestações acerca do estilo gremista de jogar futebol e, por extensão, do “ser gaúcho”. Criou-se, então, uma polêmica extra-campo, desde as arquibancadas até a mídia especializada e, em determinado momento, até políticos e editores de jornais entraram no debate. De um lado, os que consideravam o Grêmio um time violento. De outro, os que viam nele apenas um espírito guerreiro. Como enquadrar o estilo gremista no cenário nacional, se ele parecia afrontar o “futebol-arte”, desde muito caracterizado como próprio dos brasileiros? Eis a questão. O que, no princípio, poder-se-ia considerar uma discussão circunscrita ao universo futebolístico, acabou voltando-se para a esfera das identidades regionais e às antigas, porém atuais, querelas entre gaúchos e brasileiros. Mais uma das tantas faces do pertencimento clubístico. Ou, por outra, como os dilemas nacionais são operacionalizados a partir do futebol.

Esta dissertação é resultado de um intenso trabalho de campo iniciado no princípio de 1996, intensificado entre setembro e dezembro do mesmo ano e só concluído com a redação das últimas páginas. Ocorre que, pesquisando em sua própria sociedade, o antropólogo é constantemente surpreendido com o campo batendo-lhe à porta. E quando o tema é futebol e se está no Brasil, não importa em que lugar, isto ocorre com muita frequência. O último capítulo, por exemplo, foi uma imposição do campo; pouco importando se havia planejado e coletado dados para escrever outro em seu lugar. Teve de ser escrito. Lendo-o talvez seja mais fácil entender por quê.

A fluidez do campo e a dificuldade de estabelecer fronteiras em relação ao universo me acompanharam do princípio ao fim. Antes de torná-las um empecilho, procurei aprender com elas e, à medida do possível, incorporá-las ao trabalho. Há certos imponderáveis neste procedimento, especialmente em relação à generalização de alguns dados e, em razão disso, busquei diversificar o máximo minhas fontes. Se a extensão do

fenômeno esportivo em geral e do futebol em especial foram tomados como justificativas para estudá-los, urge não convertê-los, logo adiante, num obstáculo.

Sendo assim, não limitei meu universo ao pátio e ao museu do Olímpico ou do Beira Rio; ambos a dez minutos, se tanto, da minha casa. Viajei com os torcedores e percorri a cidade observando, fotografando e, porque não, participando de suas comemorações tresloucadas; li, recortei e copiei artigos de jornais e revistas, tanto antigas quanto atuais; ouvi rádio como nunca; fui aos jogos no Olímpico e no Beira Rio, na “coréia”, nas arquibancadas, nas cadeiras - só não fui convidado às tribunas e camarotes-; frequentei o “Boca-Loca”, botequim da minha rua onde se juntam gremistas e colorados para assistir e, principalmente, discutir futebol; fui à casa de vários entrevistados; ouvi pessoas de todas as idades, homens e mulheres, desde aqueles tidos como torcedores *anônimos* até os *ilustres*; enfim, mergulhei a fundo nas “coisas do futebol”. Espero, agora, traduzir essa experiência; com o distanciamento que o fazer antropológico recomenda e o “gostar de futebol” me permite.

Sou gremista “pela necessidade de optar” e herdei esta “máscara” de um primo que admirava muito, ainda na infância. Mas escolhi o Grêmio e os gremistas - sem, contudo, prender-me a eles - para compreender o pertencimento clubístico porque estou me tornando antropólogo e, como tal, tinha de estar no lugar mais apropriado. Nesses últimos três anos, a efervescência foi tricolor e, por esta razão, estive mais vezes com os gremistas, especialmente no período mais intenso do trabalho de campo.

CAPÍTULO I

A EMERGÊNCIA DO ASSOCIACIONISMO ESPORTIVO E DO FUTEBOL: UMA VISÃO PANORÂMICA

Embora a compreensão do fenômeno esportivo em geral e do futebol em especial se encontre numa fase embrionária, se considerada a influência que este segmento exerce na sociedade, já existe uma quantidade significativa de contribuições originárias da antropologia, sociologia e história, entre outras, a partir das quais se pode estabelecer um diálogo intenso e promissor. A partir desta constatação, adotarei neste capítulo um procedimento que contemple, por um lado, a perspectiva histórica e, por outro, que me permita dialogar com trabalhos especificamente voltados ao entendimento do fenômeno esportivo.

Sendo assim retomarei, ainda que resumidamente, as contribuições fundantes de Elias & Dunning (1992), acerca da sociogênese do fenômeno esportivo; de Hobsbawm (1984), sobre a invenção das tradições e a emergência do associacionismo; e de Bourdieu (1983), tratando da emergência e consolidação do *habitus esportivo*. Todos eles dedicam atenção especial à conjuntura política e social britânica que propiciou, a partir da segunda metade do século passado, a emergência dos esportes modernos na forma como chegaram até nossos dias. Esta retomada é fundamental para se entender a difusão em massa do futebol, a forma de sociabilidade a ele vinculada, bem como dos códigos, valores e atitudes atualizados por praticantes e fruidores.

1.1. A restrição à violência e a emergência dos esportes modernos

No que se refere à transformação dos antigos jogos populares em esportes modernos, a Grã-Bretanha da segunda metade do século XIX desempenhou um papel

fundamental. A conjuntura social, política e econômica que corresponde ao referido período histórico influenciou decisivamente no surgimento de um *habitus* esportivo tributário de mudanças mais amplas na sociedade e, simultaneamente, diverso dos jogos praticados na antiguidade.

Para Elias - só ou em parceria com Dunning, seu orientando e colaborador - a emergência dos esportes modernos caracteriza-se por um processo lento e gradual; um caso particular no âmbito do *processo civilizador* (cf. Elias, 1994). Esta tese, presente em vários momentos de “A busca da excitação” (1992), pode ser encontrada também em “O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos”; um dos artigos que compõe a referida coletânea. Voltando-se para o caso específico do futebol, Elias e Dunning (1992a) compilaram uma série de proibições - 23 no total - publicadas em nome dos reis britânicos entre 1314 e 1615. A primeira delas é tão importante para a compreensão das rupturas em relação ao *habitus* esportivo desencadeadas no século XIX, que convém reproduzi-la.

Manifesto para a Preservação da Paz... Atendendo a que o nosso Senhor o Rei [Eduardo II] se dirige às regiões da Escócia, na sua guerra contra os inimigos e nos ordenou em especial que mantivéssemos estritamente a paz... E atendendo a que existe **grande tumulto na cidade** por motivo de certas desordens que ocorrem em grandes jogos de futebol realizados nos **espaços do domínio público**, dos quais muitos males podem eventualmente surgir - Deus nos defenda - ordenamos e proibimos, em nome do Rei, sob pena de prisão, que tal jogo daqui em diante seja praticado dentro da cidade (:258). [grifos meus]

Embora não se tenha subsídios para precisar, ao certo, a que tipo de futebol - como era jogado, quais as regras utilizadas, duração dos embates, etc - essa e outras tantas retaliações se referiam, fica evidente a preocupação do Rei para com os distúrbios que tal jogo provocava na cidade, especialmente no domínio público. Por um lado, a série de proibições revela, segundo Elias e Dunning, a ineficácia das mesmas e, por extensão, do Estado medieval na aplicação das leis, principalmente quando comparado ao Estado moderno. De outro, além da insubordinação por parte das autoridades locais, responsáveis para levar a cabo as normas ditadas na corte, pode-se aferir o consentimento generalizado da população em relação a determinados níveis de violência, inadmissíveis nos dias de hoje e condenados pela corte já naquela época.

É importante destacar que o futebol e outros jogos medievais e renascentistas, bem como as perturbações decorrentes, ocorriam em circunstâncias muito peculiares.

Além de constituírem parte importante dos rituais tradicionais,⁴ especialmente por ocasião dos feriados religiosos, tais jogos propiciavam o enfrentamento de grupos locais que aguardavam, ansiosos, a realização destes eventos para solucionarem suas querelas. Pelo fato de não possuírem regras universais preestabelecidas e tampouco sanções previstas aos transgressores, era comum a erupção de violência quando uma das partes se julgasse prejudicada na disputa. Em muitos casos, a violência extra-jogo era premeditada, como ocorreu no ano de 1579 quando um grupo de estudantes de Cambridge se dirigiu a Chesterton para jogar futebol, como era costume acontecer na Terça-Feira Gorda. Os habitantes locais, atentos às possíveis desavenças, prepararam uma grande quantidade de bastões, escondidos no pórtico da igreja, e não tiveram escrúpulos em desferi-los nos estudantes de Cambridge tão logo irromperam os primeiros desentendimentos. “Alguns estudantes pediram ao chefe da Polícia para que mantivesse a ‘paz da Rainha’, mas ele estava entre os que jogavam (...) e acusou os estudantes de terem sido os primeiros a quebrar a paz” (Elias e Dunning, 1992a:267).

Se observados alguns episódios recentes envolvendo as Torcidas Organizadas de futebol, não apenas no Brasil, mas no mundo todo, o futebol na Idade Média e no Renascimento não chega a causar tanto estranhamento. A diferença, ainda segundo Elias e Dunning (1992), é que transgressões desta natureza são, no presente, tomadas como “comportamento desviante”, uma noção que não deve ser usada para o entendimento da violência desencadeada em outras épocas.⁵

⁴ Na verdade, Elias e Dunning não fornecem maiores detalhes acerca destes rituais, supondo, talvez, uma certa indistinção entre o caráter “oficial” de uns - ligados à Igreja e ao Estado - e “não-oficial” de outros - populares. Já em Bakhtin, esta distinção é nítida e tem profundas implicações, pelo menos para sua interpretação da obra de Rabelais e da cultura popular na Idade Média e no Renascimento. Segundo este autor, os “rituais profanos” estavam simultaneamente muito próximos e muito distantes dos “sagrados”. Disputavam o mesmo espaço, eram igualmente importantes para seus participantes, mas diferiam substancialmente quanto a sua natureza. Enquanto os “sagrados” pressupunham a estabilidade das hierarquias e normas sociais, os “profanos” se caracterizavam pela oposição às normas e práticas instituídas de cima para baixo. Calçados na jocosidade, no riso, na paródia e na ludicidade, adquiriam sua plenitude no carnaval. “Nessa circunstância a festa convertia-se na forma de que se revestia a segunda vida do povo, a qual penetrava temporariamente o reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância (Bakhtin, 1993:8).

⁵ A explicação da violência no esporte enquanto “comportamento desviante” deve ser rechaçada não apenas em relação ao “antigo regime”, como sugerem Elias e Dunning (1992a:274-6) mas também no presente. Admitindo o aumento considerável da violência no futebol, que põe à baila a tese do “comportamento desviante” - o desviante passa a ser o torcedor não-violento - e questiona, inclusive, a teoria elisiana que advoga a conversão progressiva da violência física em violência simbólica, Dunning (1992a) se esforça para incorporar esta violência no *processo civilizador*. Uma explicação mais convincente acerca do fenômeno da violência no esporte requer a superação da tese do “comportamento desviante” em detrimento da contextualização desta violência e o próprio Dunning encarregar-se-á do caso específico dos *hooligans* ingleses (Dunning e Murphy e Waddington, 1992). Para uma abordagem antropológica sobre o tema sugiro a leitura de “Hooligans brasileiros?” (Toledo, 1996a: 121-34).

[Na idade Média e no início dos tempos modernos], o futebol e outros encontros semelhantes não eram apenas rixas acidentais. Eles constituíam um tipo de atividade de lazer equilibrador, profundamente entrelaçado na urdidura e trama da sociedade. Pode parecer-nos incongruente que, ano após ano, nos dias santos e feriados, as pessoas se empenhassem nesta espécie de luta. Num estágio diferente do processo de civilização, os nossos antepassados viveram-na, evidentemente, como um acontecimento óbvio e agradável (:263).

No contexto de “A busca da excitação”, o futebol continua sendo uma atividade circunscrita ao espectro do lazer e do tempo-livre, o que parece não diferenciá-lo, sob este aspecto, dos antigos jogos; embora lazer e tempo-livre sejam duas categorias dificilmente aplicáveis à antiguidade. Numa perspectiva um tanto funcionalista - sem que por este motivo deva ser aqui descartada -, o futebol e outros esportes desempenham um papel equilibrador das tensões psicossociais e, portanto, encontram-se fortemente entrelaçados às demais esferas da sociedade.

Em sociedades como as nossas, que exigem uma disciplina emocional global e circunscrição, a série de sentimentos agradáveis fortes manifestamente expressos é severamente vedada. Para muitas pessoas não é apenas na sua vida profissional, mas também nas suas vidas privadas, que um dia é igual ao outro. Para muitas delas nunca acontece nada de interessante, nada de novo. A sua tensão, o seu tônus, a sua vitalidade, ou o que quer que seja que lhe possa chamar, é, antes do mais, baixo. De uma maneira simples ou complexa, a um nível baixo ou a nível elevado, as atividades de lazer proporcionam, por um breve tempo, a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com frequência, estão ausentes nas suas rotinas habituais da vida. A sua função não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, uma libertação das tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental. O caráter essencial do seu efeito catártico é a restauração do tônus mental normal através de uma perturbação temporária e passageira da excitação agradável (Elias e Dunning, 1992b:137-8).

Embora permeadas pelo que Souza (1996) caracterizou como “evolucionismo romântico” e, em menor grau, por um funcionalismo típico da Escola Britânica, cuja ênfase na estrutura e função se fazem presentes em diversos momentos da análise do esporte moderno, inclusive na reprodução acima, as idéias de Elias e Dunning incidem sobre aspectos cruciais deste fenômeno. O principal deles, talvez, está no reconhecimento da cisão temporal promovida por tais eventos, capazes, em menor ou maior grau e dependendo de fatores de ordem cultural, de despertar excitações agradáveis. Resgatando da tragédia grega a noção do termo “mimético” - tensão e excitação produzidas em condições simuladas que imitam a vida real -, tão essencial a

sua definição de lazer quanto o viés aristotélico do termo “catarse” - liberação de energias com efeito curativo -, Elias e Dunning (1992b:112-26) atribuem ao evento esportivo uma conotação ritualística caracterizada pela ruptura entre o real e o imaginário, o cotidiano e o extraordinário, a monotonia e a excitação, razão e emoção e assim por diante. Para eles, o esporte preserva muitas características do jogo, especialmente aquelas de natureza estrutural, como é o caso das dicotomias referidas acima. O que mudou, fundamentalmente, foi o *habitus social* que converteu, através do *processo civilizador*, a violência física em violência simbólica. Este processo, caracterizado por mudanças estruturais de longo curso, tanto social quanto em relação às estruturas de personalidade, culminou com a “transformação da coerção externa em autocoerção e autocontrole” (Leite Lopes, 1995:143).⁶

Estas transformações, que redefiniram normas específicas de sensibilidades e comportamentos, são paralelas à formação do Estado e, portanto, forjadas com o objetivo último de manter certas distinções entre, de um lado, a nobreza e a aristocracia e, de outro, a burguesia emergente. Através do autocontrole e da autocoerção, as classes altas obtiveram um ganho secundário à medida que se viram livres dos constrangimentos desencadeados quando as nações-Estado assumiram o monopólio da violência legítima e passaram a exercê-lo de forma rigorosa e sistemática.

Para demonstrar a pertinência do *processo civilizador* na explicação das transformações ocorridas no âmbito dos antigos jogos, Elias (1992a) recorre a vários exemplos empíricos. No mais interessante deles, a exegese da “caça à raposa”, Elias questiona as razões pelas quais uma atividade tão antiga quanto a caça se tornou o passatempo preferido das elites já no final do século XVIII e início do século XIX. Ou por outra, qual o significado da participação das elites numa atividade envolvendo perseguição e morte - da raposa, evidentemente - se, de acordo com suas próprias premissas, o aumento da sensibilidade e a aversão à violência já haviam se tornado um valor para as classes altas? E, acima de tudo, como poderiam dar à caça à raposa o *status* de um passatempo agradável, de um esporte excitante?

⁶ Tanto em Elias como em outros teóricos que tomam de empréstimo algumas das suas teses, como é o caso de Chartier (1990), o monopólio da violência legítima exercido pelo Estado moderno é um dos mecanismos que o diferenciam do feudalismo. Esta prerrogativa é tão importante quanto o monopólio fiscal que “centraliza o imposto e dá ao soberano a possibilidade de retribuir em dinheiro, e já não mais em terras, aos seus fiéis e servidores”. Em contrapartida, o rei preserva e expande seu poderio através do controle da força militar, garantindo a pacificação da sociedade e, por extensão, assegurando seu poder de mando. Cf. “Construção do estado moderno e formas culturais. Perspectivas e questões” (Chartier, 1990).

As respostas descartam, desde logo, qualquer abordagem de fundo psicológico objetivando retratar o sadismo das elites ou o prazer de matar. Elias rejeita também as explicações de natureza utilitaristas, pois esses caçadores não estavam preocupados com o suprimento de suas necessidades biológicas, embora apreciassem as raposas como um requintado “prato de entrada”. Aliás, é justamente esta desconsideração pelo animal abatido que, segundo Elias, diferenciava a caça à raposa de uma caçada usual. Ela tinha um fim em si mesma, no prazer proporcionado ao longo de sua duração - quanto mais a raposa oferecia resistência mais excitante era o empreendimento - sem preocupação com o êxito final da caçada: a morte da raposa era um componente importante mas apenas do ponto de vista simbólico.

Uma segunda diferença entre a caçada usual e a caça à raposa está nas convenções que a caçada, enquanto esporte, impunha a seus praticantes. Os cães eram treinados para perseguir somente raposas e, de preferência, a primeira que tivessem farejado. Outros animais sustados, como lebres e veados, eram simplesmente descartados; não faziam parte do protocolo. Resumindo, a caçada pressupunha o cumprimento de tarefas bem claras e objetivas estabelecidas de antemão. O bom caçador, além de cumpri-las rigorosamente, poderia se considerar mais ou menos exitoso na medida em que se voltasse única e exclusivamente ao objetivo proposto.

Um terceiro elemento, talvez o mais importante de todos, é que ao cavalheiro era vetado o uso de armas de fogo. A ele cabia o papel de guiar seus cães através de códigos altamente elaborados e, uma vez encurralada, a raposa deveria ser morta pelos cães. Tratava-se pois, de uma espécie de “morte por procuração”.

Face a todos os outros fins da caça, a tensão da própria batalha simulada e o prazer que proporcionava aos participantes humanos tinham atingido um elevado grau de autonomia. Matar raposas era fácil. Todas as regras da caça foram inventadas para a tornar menos fácil, a fim de prolongar a prova, para adiar a vitória por algum tempo (...). Era o *ethos* de classes de lazer abastadas, sofisticadas e comparativamente restritas, que tinham transformado em valor a tensão e a excitação dos confrontos simulados, entretanto regulamentados para se constituírem como parte principal do seu prazer. As regras da caça à raposa, designadas e observadas por cavalheiros e rigorosamente impostas contra os transgressores, garantiam que a caça lhes daria o essencial do bom “desporto”, uma quantidade suficiente de agradável tensão e excitação de combate (Elias, 1992a:245-7).

Ao mesmo tempo que demonstra as mudanças operadas pelas elites no interior dos antigos jogos, especialmente em relação ao prazer proporcionado pelo cumprimento

das regras, Elias investiga a contrapartida deste processo, ou seja, como os esportes modernos contribuíram para forjar um novo *habitus social*. Segundo ele, as elites reinventaram determinados jogos e não apenas os escolheram porque eram compatíveis com seu *ethos*. Trata-se, na verdade, de um caminho de mão dupla no qual a parlamentarização das classes altas desempenhou um importante papel. A restrição à violência na arena política, condição necessária para que os debates verbais tivessem êxito, pressupunha o respeito a certas normas que, por sua vez, exigiam um acentuado autocontrole. E, levando-se em consideração o fato de que as pessoas que contribuíram para a parlamentarização inglesa pertenciam às classes altas, tal qual os praticantes de esportes como a caça à raposa, a relação parece evidente, embora indireta.

De fato, os confrontos parlamentares não eram inteiramente desprovidos das características de um desporto; nem estas disputas parlamentares, em grande medida verbais e não violentas, eram desprovidas de oportunidades para a tensão-excitação agradável. Por outras palavras, existiam afinidades óbvias entre o desenvolvimento e a estrutura de regime político de Inglaterra no século XVIII e a desportivização, no mesmo período, dos passatempos das classes inglesas elevadas (Elias, 1992a:254).⁷

O respeito à réplica, fundamental nos enfrentamentos verbais, é análogo ao direito que se dá à raposa de ludibriar seus caçadores. É isto que se espera dela e, se tal expectativa tiver grandes possibilidades de ser frustrada, então, há de se incrementar a disputa - introduzir restrições; regrá-la, melhor dizendo - para torná-la menos desigual e, conseqüentemente, mais agradável. Se observados certos dispositivos empregados no parlamento, como a eloquência e a retórica discursiva, se verá quanto eles têm em comum com certas práticas esportivas. Embora muitas vezes o uso do corpo, mais intenso nos esportes que no direito, na política ou na academia, tenha ofuscado a compreensão dos aspectos simbólicos dos embates - me refiro àqueles que reduzem esta prática à simples "catarse" -, o certo é que estes envolvem noções abstratas que mobilizam o intelecto. O prazer e a excitação encontrados pela elite em determinados esportes é, portanto, proporcional à racionalidade e à competitividade por eles suscitados. Em poucas palavras, quanto mais regrados, complexos e dispendiosos do ponto de vista do intelecto, mais agradáveis eles eram e, ao que parece, continuam sendo.⁸

⁷ Sobre parlamentarização e desportivização cf. tb. Leite Lopes (1995:144-8).

⁸ A este respeito é interessante acompanhar a descrição de Elias acerca do divertimento dos cavalheiros ingleses diante da incompreensão dos estrangeiros, especialmente de seus pares franceses, para com o êxtase da caça à raposa: eles achavam muita graça do fato dos franceses estranharem o divertimento

Na inculcação de um *habitus* social disciplinado e avesso à agressividade face a face, a instituição escolar desempenhou um papel tão fundamental para a burguesia emergente quanto a corte para a nobreza. A partir da exegese de gravuras e pinturas dos séculos XVI e XVII, de variados manuscritos sobre atividades lúdicas em geral e, principalmente, do diário do médico Heroard, tutor de Luís XIII, Philippe Ariès (1981) demonstra como os jogos de azar, a dança, a música, e outras representações dramáticas “reuniam toda a coletividade e misturavam as idades tanto dos atores como dos espectadores” (:104).

A atitude moral tradicional com relação aos jogos, brincadeiras e divertimentos ocupavam um lugar importante nas sociedades antigas. De um lado, os jogos eram admitidos sem reservas nem discriminação pela grande maioria. Por outro lado, e ao mesmo tempo, uma minoria poderosa e culta de moralistas rigorosos os condenava quase todos de forma igualmente absoluta, e denunciava sua imoralidade, sem admitir praticamente nenhuma exceção. A indiferença moral da maioria e a intolerância de uma elite educadora coexistiram durante muito tempo. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, porém, estabeleceu-se um compromisso que anunciava a atitude moderna com relação aos jogos, fundamentalmente diferente da atitude antiga (:104).

Os moralistas não abominavam o jogo propriamente dito, mas a paixão exacerbada, o vício e as apostas decorrentes desta prática. Como a simples condenação dos jogos não obtinha a eficácia desejada, não havia outra saída aos moralistas senão substituir a intolerância por uma atitude mais branda. Substituíram, então, a aversão pela incorporação dos jogos nas instituições escolares tuteladas pelo clero, dando-lhes uma conotação diversa daquela vigente na sociabilidade “mundana”.

Os humanistas do Renascimento, em sua reação antiescolástica, já haviam percebido as possibilidades educativas dos jogos. Mas foram os colégios jesuítas que impuseram pouco a pouco às pessoas de bem e amantes da ordem uma opinião menos radical com relação aos jogos. Os padres compreenderam desde o início que não era nem possível nem desejável suprimi-los (...). Ao contrário, propuseram-se a assimilá-los e a introduzi-los oficialmente em seus programas e regulamentos, com a condição de que pudessem escolhê-los, regulamentá-los e controlá-los. Assim disciplinados, os divertimentos

que a caçada lhes proporcionava. Era a prova definitiva de que somente eles eram capazes de assimilar a sutileza das convenções e torná-las apazíveis (Elias, 1992a:237-9). Entretanto, isto não significa que o respeito às regras e o prazer mimético – na caça à raposa, em última instância, quem joga é a raposa e os cães, enquanto o cavalheiro trata de fazer com que as regras do jogo sejam levadas a bom termo – seja uma característica única e exclusivamente das elites inglesas. Geertz demonstra como a briga de galos em Bali também possui códigos de condutas altamente elaborados, aplicados tanto aos galos quanto a seus donos (1989:278-321). O “eurocentrismo” de Elias e o exclusivismo das elites devem ser então relativizados, o que não diminui, em hipótese alguma, o papel desempenhado por estas classes na desportivização, especialmente dos jogos originários do “velho mundo”.

reconhecidos como bons foram admitidos e recomendados, e considerados a partir de então como meios de educação tão estimáveis quanto os estudos (Ariès, 1981:112).

A partir da mudança de atitude por parte dos jesuítas e, numa perspectiva mais ampla, com a tolerância dos moralistas em geral, os jogos passaram a ser encarados enquanto um método educativo, de controle e canalização das emoções, algo muito diverso de quando faziam parte dos rituais, fossem estes sagrados ou profanos.

À medida que estas transformações ocorrem ao longo do século XVII, simultaneamente à conversão da violência física em violência simbólica, é possível comparar, em linhas gerais, os trabalhos de Ariès e Elias. Embora não façam referências explícitas um ao outro, e considerando-se que a análise de Ariès está centrada na França ao passo que Elias prioriza, neste particular, o contexto inglês, está claro, em ambos, que os jogos vão, progressivamente, adquirindo um novo estatuto em termos de significado e função à medida que são deslocados da esfera pública e popular para o interior das instituições oficiais e elitistas.⁹

Tão ou mais importante que as instituições tuteladas pelos jesuítas, no caso francês descrito por Ariès, é o papel reservado às *Public Schools* inglesas. É no interior destas “instituições totais”, como afirmam Bourdieu (1983:146) e Leite Lopes (1995:149) tendo Goffman por referência, que os jogos adquirem os contornos da modernidade. Estas escolas, reservadas às elites burguesas e aristocráticas

tomaram alguns **jogos populares**, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e função muito parecida àquela que o campo da música erudita impôs às danças populares (...) A escola, lugar da **skhole**, do lazer, é o lugar onde as práticas dotadas de funções sociais e integradas no calendário coletivo, são convertidas em **exercícios corporais**, atividades que constituem fins em si mesmas, espécie de arte pela arte corporal, submetidas a regras específicas, cada vez mais irredutíveis a qualquer necessidade funcional, e inseridas num calendário específico. A escola é o lugar por excelência do exercício chamado gratuito e onde se adquire uma disposição distante e neutralizante em relação ao mundo social, a mesma que está implícita na relação burguesa com a arte, a linguagem e o corpo (...) (Bourdieu, 1983:139).

⁹ A questão da violência, tão importante em Elias, parece ausente nas fontes e no enfoque de Ariès. A preocupação deste último está centrada nos aspectos “morais”, onde, segundo meu ponto de vista, a violência “potencial” - enquanto uma possibilidade latente - poderia ser enquadrada. Ainda sobre a conversão dos antigos jogos em esportes modernos, especialmente em relação ao valor atribuído a estes últimos na atualidade, Elias e Ariès divergem radicalmente. Enquanto o primeiro vê esta transformação como benéfica, principalmente pela função desempenhada pelos esportes no contexto mais amplo das sociedades complexas, o segundo não hesita em afirmar que “foi sob formas modernas e irreconhecíveis que os jogos foram adotados pela burguesia e pelo ‘esporte’ do século XIX” (Ariès:124).

A análise de Bourdieu, de acordo com a “lógica da distinção”, resgata apropriadamente a contribuição das *Public Schools* no estabelecimento de um caráter “desinteressado” e “gratuito” em relação aos jogos. É a partir desta “atitude distanciada em relação ao papel”, promotora da cisão entre o ator social e o ator esportivo, que tem origem a noção de **fair-play**; “maneira de jogar o jogo dos que não se deixam levar pelo jogo a ponto de esquecer que ele é um jogo” (:139).

Contudo, é preciso ir além destas incursões mais genéricas, evidenciando as transformações terra a terra produzidas pelo ethos dominante no interior das práticas esportivas. Dizendo de outro modo, os lucros da distinção deixam a descoberto as mudanças operadas no âmbito de cada modalidade esportiva em particular; um esforço considerável ainda que não necessariamente premeditado, a partir do qual muitos esportes foram reinventados, como por exemplo o futebol, e outros simplesmente inventados, como é o caso do vôlei e do basquete. A investida do ethos das classes dominantes, seja no interior das *Public Schools*, seja num momento posterior, quando seus ex-alunos se empenham na disseminação dos esportes através da fundação de clubes e ligas, é de extrema importância e será tratada a seguir.

1.2. O surgimento do associacionismo e a difusão dos esportes modernos

A invenção dos esportes modernos pode ser considerada uma “dupla institucionalização” dos antigos jogos populares. A primeira, marcada pela convergência destes para as cortes e instituições escolares, especialmente para as *Public Schools*, foi lenta, gradativa e produziu mudanças não apenas em temas de significado e função mas também na forma como tais jogos passaram a ser praticados: em geral, menos violentos, mais disciplinados, regrados e, por isso mesmo, distintos entre si. Nesta primeira “institucionalização” os jogos assumiram, portanto, as conotações da corte ou das escolas freqüentadas pela nobreza e alta burguesia. A segunda “institucionalização”, caracterizada pela difusão dos esportes desde o contexto das instituições de elite para clubes, associações e ligas independentes foi extremamente rápida e de acordo com as mudanças no seio mais amplo da sociedade inglesa da segunda metade do século passado. Forjou-se, como se verá a seguir, a institucionalização de códigos, valores e atitudes em nome dos quais as disputas foram

incrementadas de forma que os esportes se tornaram uma arena privilegiada para resolução parcial de conflitos sociais, especialmente aqueles de natureza coletiva.

De acordo com Hobsbawm (1984), a difusão dos esportes e principalmente dos clubes, instituições que lhe deram suporte, deve ser compreendida como corolário das profundas transformações decorrentes da industrialização, entre as quais se destacam o acelerado processo de urbanização, a facilitação do acesso à escola para uma extensa parcela da classe média - incluindo os setores mais baixos - e a conseqüente ascensão econômica e social de seus membros e, por fim, a emergência do proletariado enquanto classe. Nesse contexto, os antigos critérios para demarcar fronteiras de classe, *status* e pertencimento grupal tornaram-se ineficazes.

Era um problema que abrangia dois aspectos. Em primeiro lugar, como definir e separar a elite nacional autêntica de uma classe média alta (*haute bourgeoisie*), uma vez que os critérios relativamente fixos pelos quais se podia determinar a qualidade subjetiva de membro de classe nas comunidades locais estáveis haviam sido desgastados, e a descendência, parentesco, casamentos, as redes locais de negócios, a sociabilidade particular e a política já não representavam critérios seguros. O segundo aspecto era como estabelecer uma identidade e uma presença para a massa relativamente ampla daqueles que não pertenciam a esta elite, nem às “massas” (...) (Hobsbawm, 1984:299).

Com o incremento do número de praticantes, os esportes como um fim em si mesmos e, por esta razão, privilégio das elites, deixaram de cumprir um de seus papéis fundamentais, a distinção, para desempenhar outro, ainda mais importante: a identificação coletiva de pessoas de *status* equiparado. O próprio Hobsbawm demonstra a existência de uma correlação entre a expansão das universidades - pelo aumento das matrículas e de fundações - e o surgimento das associações de ex-alunos, também conhecidas como grêmios, cujo objetivo último era a formação de redes de sociabilidade, “círculos de homens cultos que de outra maneira não se conheceriam”(304).

Conquanto estas associações de ex-alunos - que influenciaram e financiaram a emergência dos grêmios estudantis - se proliferaram em quase todos os países industrializados, na Grã-Bretanha elas contribuíram decisivamente na organização das primeiras ligas esportivas - associações de clubes. Se os grêmios em geral propiciavam a sociabilidade de pessoas afins, aqueles particularmente voltados à arena esportiva possibilitavam também o confronto destas pessoas e grupos que se faziam representar por intermédio de equipes, times, grêmios, clubes e assim por diante. As ligas,

responsáveis pela elaboração de um calendário bem ordenado e vigilantes em relação a quem devesse ou não participar destes enfrentamentos, criaram um sistema de disputas entre antagonistas considerados à altura em termos sociais e consolidaram padrões específicos de honradez, dentre eles o já mencionado *fair-play*.¹⁰

À medida que os esportes foram se disseminando, surgiram inúmeros conflitos, sendo as próprias ligas um corolário destes desacordos. O mais emblemático deles talvez seja o conflito entre amadores e profissionais, duas “grandes” tendências antagônicas cujas divergências são melhor visualizadas no desenvolvimento do futebol e do *rugby*. Ambas as modalidades cumpriram um estágio importante no interior da instituição escolar, período no qual receberam um tratamento análogo a outras práticas corporais mas, ao serem como que devolvidos à sociedade, seguiram caminhos notadamente opostos.

¹⁰ Não é por acaso, ainda segundo Hobsbawm, que os torneios esportivos entre Oxford e Cambridge, protótipos destas disputas, se desenvolveram a partir de 1870. Surpreendente, porém, é encontrar em Geertz (1973) uma descrição que aproxima, embora veladamente, muitos aspectos da briga de galos em Bali com as disputas entre os ilustres representantes das universidades inglesas e norte-americanas. Esta aproximação mereceria um tratamento que foge aos objetivos deste capítulo, especialmente no que se refere ao entendimento do próprio Geertz sobre descrição densa. Entretanto, quero destacar pelo menos dois momentos nos quais a descrição geertziana converge para o contexto que deu origem aos esportes modernos sem contudo especificá-la. O primeiro diz respeito à questão do *status*. Geertz interpreta a “briga de galos” como um jogo de *status* entre os apostadores - como na caça à raposa, onde para deleite dos nobres quem duela, de fato, são os animais - e, em determinado momento, afirma que “o *status* de ninguém é alterado pelo resultado de uma briga (...); ele é apenas afirmado ou insultado, e assim mesmo momentaneamente” (:300). Ora, esta disputa por *status*, considerada por Geertz uma característica da briga de galos em Bali é, na verdade, um procedimento extensivo à toda prática esportiva que envolva a participação direta ou indireta do gênero masculino. A diferença é que uns duelam entre si, outros por meio de galos e outros ainda se fazem representar por outros homens e, diga-se de passagem, investem muito tempo, dinheiro e energias psíquicas nestas “brigas”. Em síntese, nem os balineses e tão pouco os estudantes de Cambridge e Oxford mudam de posição da escala social quando seu *status* é insultado numa rinha ou num campo de *rugby*, *cricket*, futebol ou seja lá o que for. O problema todo é que Geertz não se atenta para este “detalhe” e daí surgem várias questões: seria este um padrão universal das “disputas esportivas” - como sugeri a pouco -; uma herança do colonialismo inglês presente em Bali; ou Geertz teria descrito a briga de galos com um pé em Bali e outro na sua própria trajetória universitária omitindo, conscientemente ou não, este dado? O segundo momento em que me parece haver similitudes entre a “briga de galos” e os esportes modernos diz respeito ao padrão de honra surpreendentemente próximo num e noutro contexto. Este padrão indica como deve se comportar o “bom esportista” - como se deve ganhar e perder - e também em que tipo de embate ele deve apostar seu *status*. Tal qual os estudantes formados nas universidades inglesas, os balineses parecem ter muita clareza em relação a este aspecto. Assim sendo, tanto nas brigas de galos quanto nos esportes modernos - especialmente em sua fase de dispersão - as disputas são segmentadas evitando confrontar pessoas e grupos socialmente hierarquizados. Entretanto, há entre os balineses os “tolos que não compreendem o que é o esporte, elementos vulgares que não vêem o ponto principal” e, apostando o dinheiro que não têm, “conseguem penhorar suas terras (...)” (:301-2). O mesmo poder-se-ia afirmar dos “tolos” que não têm *fair-play*, incluindo entre aqueles que subvertem o *habitus* cavalheiresco - usam inúmeros subterfúgios, entre eles a violência -, outros que se deixam levar por apostas arriscadas - do ponto de vista “real” -; os que esquecem que o jogo é apenas um jogo. O surpreendente aqui é que o “bom esportista” - Geertz usa este termo na citação acima enquanto, via de regra, descreve a briga como um jogo e não como um esporte - seja definido, num e noutro contexto, pelos mesmos parâmetros; ou seja, pela capacidade de abstração, consciência e distanciamento em relação ao papel que diferencia o jogador do cidadão. Neste ponto deve-se retomar as questões sugeridos anteriormente e, quem sabe, num momento mais oportuno aprofundá-las.

Enquanto os dirigentes do *rugby* da união de Londres, defensores intransigentes do amadorismo, eram majoritariamente ex-alunos de *Public Schools* mais recentes e de estatuto social comparativamente mais baixo (como Rugby - daí o nome do esporte -, Marlboro e Cheltenham), os dirigentes da *Football Association* mais influentes provinham das escolas mais antigas e de prestígio mais elevado, como Eton e Harrow. Mais seguros de seu status elevado e não percebendo as classes trabalhadoras como uma ameaça, esses últimos puderam seguir uma política de abertura e autorizaram equipes de origem popular a participarem da *Football Cup*. Embora não apreciassem o profissionalismo, eles não pretendiam expulsar ou fazer desaparecer os seus atletas ou adeptos dos quadros do futebol: eles tinham confiança na sua capacidade de guiar o desenvolvimento simultâneo do jogo amador e do jogo profissional numa direção compatível com seus valores e interesses (Leite Lopes, 1995:150).

Enquanto as ligas amadoras preservavam intactos os valores aristocráticos do esporte, dentre eles a prática como um fim em si mesma e, por extensão, não remunerada; as ligas profissionais admitiam tanto atletas amadores quanto profissionais. Enquanto os amadores dispunham de tempo (e dinheiro) para custear seus treinamentos e viagens, os profissionais tinham de ser ressarcidos pelo tanto que deixavam de ganhar ao trocar o trabalho pelo esporte - daí o termo “profissional”. Em razão dessa orientação diferenciada, antagônica se pensada em termos do valor real e simbólico atribuído ao dinheiro, as ligas amadoras acabaram limitando drasticamente o número de clubes e praticantes. Em contrapartida, a tolerância em relação ao dinheiro ampliou rapidamente o número de clubes filiados às ligas profissionais, criando uma possibilidade concreta de ascensão econômica para atletas egressos do proletariado.

A separação do futebol e do *rugby* constitui um caso paradigmático do embate entre profissionais e amadores. Os oito anos que separaram a criação da *Football Association* - 1863 - e da *Rugby Football Union* - 1871 - foram decisivos também para o processo de popularização do futebol. Especialmente nas regiões industriais do Norte da Inglaterra, o futebol se disseminou rapidamente e isto se deve, em grande medida, ao pioneirismo com que este esporte aderiu ao profissionalismo em escala nacional. Paralelamente a adoção do profissionalismo, ocorreu a unificação das regras que viabilizaram as disputas para além dos circuitos locais - a proibição do uso das mãos no futebol ocorreu nesta época para diferenciá-lo, de uma vez por todas, do *rugby*.¹¹

¹¹ Na verdade, também no futebol ocorreram acirradas disputas em torno do profissionalismo, muito similares às do *rugby* e do *cricket* mas com desdobramentos diversos. Com o recrutamento de atletas oriundos das classes trabalhadoras, a elite dirigente do futebol migrou da prática para o gerenciamento da mesma ou, simplesmente, abandonou este esporte em detrimento de outros mais

Entre todos os desdobramentos do amadorismo *versus* profissionalismo, nenhum deles foi tão importante quanto a adesão em “massa” das classes trabalhadoras. Incorporadas pelo profissionalismo, elas contribuíram para elevar o nível técnico das competições, dispondo seus melhores quadros para os clubes administrados pela elite e, principalmente, criando um público extenso, diversificado e absorto nos campeonatos que passaram a ser disputados regularmente. A integração deste público serviu também para recompor vários componentes do *habitus* suprimido durante o estágio dos antigos jogos nas instituições burguesas e aristocráticas. Depois servirem como passatempo desinteressado das elites, os esportes - nem todos é verdade - readquiriram parte¹² da conotação pública e coletiva dos antigos jogos populares. Integrados num sistema ordenado de disputas, já não mais restrito às posições de classe mas extensivo aos conflitos regionais, nacionais, étnicos e religiosos, os esportes seduziram uma legião de praticantes e seguidores que acorreram ao meio urbano a partir da industrialização.

Nas metrópoles assim surgidas, ninguém tinha raízes ou tradições, todos vinham de diferentes partes do território nacional ou do mundo. Na busca de novos traços de identidade e solidariedade coletiva, de novas bases emocionais de coesão que substituíssem as comunidades e os laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se vêem atraídas, dragadas para a paixão futebolística que irmana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores.

(...) Cada uma das grandes cidades industriais inglesas se veria dividida nesse período [durante a década de 1880] em duas imensas comunidades rivais, arrastadas ao mais apaixonado estado de loucura, quando os times que as representavam se viam frente a frente nos limites do gramado e dos noventa minutos. Era uma comoção, um redemoinho, um cataclisma de nervos arrebatados e corações explodidos, não raro com algumas cabeças quebradas e olhos arroxeados. Era assim que se enfrentavam, por exemplo, o Manchester United e o Manchester City; o Nottingham Forest e o Nottingham Country; o Glasgow Celtics e o Glasgow Rangers; ou em Londres, qualquer partida em que se confrontassem os arquirrivais Arsenal, Chelsea e Crystal Palace (Sevcenko, 1994:35).

compatíveis com seu *ethos*. Embora o *rugby* tenha se favorecido com abertura futebolística e, especialmente no Norte, adotado a mesma política, ele se tornou refém das disputas entre os defensores do amadorismo e do profissionalismo, o que impediu a unificação das disputas. Tanto é verdade que, ainda hoje, o *rugby* da União de Londres é praticado com 15 atletas e o da Liga de Leeds com 13. Já o *cricket*, marca distintiva, por excelência, do *British way of life* resolveu as querelas entre amadores e profissionais através de dispositivos simbólicos capazes de preservar as distinções entre seus praticante. Cf. “La separation des deux Rugby” (Dunning e Sheard, 1992) e Leite Lopes, 1995:152-4).

¹² Digo “parte” pois, em se tratando do esporte moderno institucionalizado, existe uma cisão entre praticantes e espectadores que os antigos jogos desconheciam.

Enquanto os clubes filiados ao amadorismo preservaram, em grande medida, as características de “instituições totais”, uma versão das *Public Schools* voltadas ao entretenimento e à sociabilidade entre grupos e pessoas de *status* equiparado, os clubes adeptos do profissionalismo se transformaram em instituições capazes de congregar um extenso contingente de aficcionados, simultaneamente coesos e rivais entre si.

O que se passou com os esportes coletivos, em especial com o futebol, foi uma espécie de reelaboração da “caça à raposa”. Ao contrário dos clubes amadores onde a prática permaneceu extremamente valorizada, enquanto entretenimento pessoal ou confronto grupal sem a mediação de terceiros, o profissionalismo reelaborou a “morte por procuração”. Ou seja, um contingente reduzido de atletas, formando times ou equipes que passaram a rivalizar entre si não apenas para a satisfação de si mesmos mas para o deleite da comunidade a qual representavam: tanto as classes proletárias quanto a elite patronal que pagavam seus salários e administravam os clubes e as ligas.

1.3. A democratização do futebol e as classes trabalhadoras

Se a polarização entre amadores e profissionais pode, por um lado, ser tributada às disputas entre uma burguesia emergente e outra mais antiga, de *status* consolidado, por outro, deve-se reconhecer sua importância no processo de democratização do esporte. Os desdobramentos dessas disputas permitiram às classes trabalhadoras o acesso a um bem cultural que lhes havia sido cerceado sob a alegação de que era violento, imoral, desordeiro e assim por diante.

Para que não haja mal entendido, é preciso especificar, ainda que brevemente, o que se entende por democratização; uma noção extremamente complexa e que no âmbito dos trabalhos acadêmicos sobre o esporte é muitas vezes substituída pelo termo popularização. O conceito de “democratização funcional”, forjado por Elias e apropriado por outros estudiosos do fenômeno esportivo, é uma elaboração teórica que procura dar conta do processo de igualização ocorrido concomitante à consolidação do Estado e do aumento progressivo das cadeias de interdependência entre pessoas e grupos. A tese de Elias (1992b), avessa à formulação durkheimniana de “solidariedade orgânica”, afirma que a igualização no equilíbrio do poder e a interdependência geram conflitos e antagonismos no interior de grupos ou entre estes. Tais conflitos e antagonismos podem ou não declinar numa luta de classes. A tendência porém, e isto é de extrema importância em relação ao esporte, é que muitos desses impasses se dêem

em torno de questões envolvendo identidade e prestígio social, sendo resolvidos através do próprio esporte.

A “democratização funcional” é extremamente útil para se compreender o processo de popularização dos esportes ou, se preferir, os desdobramentos representados pelo acesso das classes trabalhadoras à prática e fruição de um bem cultural antes circunscrito às elites. Por perceberem as classes trabalhadoras - seus atletas, clubes e “torcedores” - enquanto uma ameaça, não restou outra alternativa às elites senão transformarem a prática do amadorismo numa ideologia e se refugiarem nos clubes e ligas que lhes deram suporte. Já os que optaram, num primeiro momento, pelo profissionalismo, acabaram, cedo ou tarde, migrando para a esfera administrativa das ligas e clubes. Assim, puderam se perpetuar enquanto um grupo restrito e com influência política, chamando para si a responsabilidade de planejar, expandir, reger, enfim, “pensar” os esportes modernos. Portanto, com a “democratização funcional”, a elite que optou pelo profissionalismo assumiu os postos diretivos monopolizando o gerenciamento de uma prática que contribuíram para inventar mas que, progressivamente, estava lhes fugindo ao controle.

A “democratização funcional” do futebol pode ser vista como uma transformação de cima para baixo, atribuindo-se às elites o papel principal neste processo. Nesta versão, contudo, o futebol poderia ser interpretado como um engodo forjado pelas classes dominantes e repassado ao proletariado com o fim último de entretê-lo, domesticá-lo e desviá-lo dos “reais” problemas sociais. Assim sendo, a “mão invisível” - talvez nem tão invisível assim - do *establishment*, teria, como contrapartida, a subserviência dos grupos com menor poder econômico e prestígio social. Nem uma coisa nem outra; o futebol não foi inventado pelas classes altas com fins espúrios, se é que se pode pensar em termos de finalidade, e tampouco foi assimilado passivamente pela “massa”. Pelo contrário, a presença das classes trabalhadoras deu novos contornos ao fenômeno esportivo, especialmente ao futebol.

Além do incremento técnico, o futebol foi adquirindo certos códigos, valores e atitudes que até então lhe eram alheios. A interdição das mãos, por exemplo, embora tendo sido efetivada pela elite dirigente, contribuiu decisivamente para aproximar o futebol do gosto popular. Num primeiro momento, a interdição das mãos - exceto para o goleiro e, para os demais jogadores, apenas nas reposições laterais - parece ser apenas uma diferença de ordem prática. Porém, segundo Souza (1996), a proeminência dos pés

(...) ajuda a explicar a popularidade do futebol no mundo (é o esporte mais praticado e difundido), pois ele é um dos únicos esportes onde os pés e as pernas possuem a chance de se exercitarem e treinarem, possibilitando e exigindo habilidade e destreza de membros que, ordinariamente, apenas possibilitam o andar ereto. Existe no e com o futebol uma inversão dos valores que regem a construção do corpo. No nível da temporalidade espacial do futebol, os valores imputados às partes do corpo são inversos aos da temporalidade cotidiana. O futebol, portanto, engendra imprecisão e imprevisibilidade, pois liberta membros que são alvo de um rígido controle cultural hierarquicamente submetidos e “inferiores” (Souza, 1996:34-5).

Por dispensar o uso das mãos, sobre as quais recai um extenso processo de ensino-aprendizagem - em linhas gerais, os membros superiores estariam mais próximos da cultura ao passo que os membros inferiores ficariam a mercê da natureza -, o futebol é tido como o menos previsível dos esportes e, por esta razão, permeado por noções como aleatoriedade, sorte, destino, e assim por diante.¹³ Além de opor natureza e cultura, a proeminência dos pés implica uma série de representações ligadas à idéia de valor atribuídas aos hemisférios superior e inferior. Sendo esta idéia socialmente elaborada e tendenciosamente favorável à valorização do alto em detrimento do baixo, o futebol estaria situado na contramão da civilização, ou se preferir, num patamar menos nobre da cultura ocidental. Se já não bastasse ser este um esporte coletivo, com enfrentamento corpo a corpo, o futebol está, como se vê, associado também ao hemisfério inferior e, conseqüentemente, a uma gama extensa de entidades e símbolos “indesejados” (cf. tb. Hertz, 1980).

Sendo assim, é correto afirmar, em relação ao futebol, que as camadas altas, presumivelmente mais sensíveis à moral higiênica - física e mental - tinham motivos suficientes para abandonar este esporte em detrimento de outros mais “chiques” ou, como de fato ocorreu, passar da prática à administração, de onde poderiam “matar por procuração”. A migração, interna ou para fora, de uma prática que elas reinventaram e,

¹³ Enquanto uma característica universal do futebol, esta tese pode ser tomada como verdadeira. É mais freqüente no futebol do que em outros esportes como o vôlei e o basquete, uma equipe tecnicamente inferior vencer ou empatar um jogo do qual se esperava saísse perdedora. Contudo, não se deve tomar a proeminência dos pés para explicar a popularidade do futebol no Brasil, como fez DaMatta (1982;1994). Este autor afirma que, dadas suas peculiaridades estruturais, o futebol tenderia a ser aceito com maior facilidade em sociedade menos democráticas, como a nossa, onde fatores como destino e sorte/azar são constantemente evocados para explicar os sucessos e infortúnios pessoais. De outro modo, em sociedades com democracia estável, como nos EUA, a preferência recairia sobre esportes jogados com as mãos à medida que estes pressupõem um grau acentuado de previsibilidade, racionalidade, eficiência, etc. Ou seja, os fatores aleatórios teriam menos aceitação no âmbito das democracias. Se esta tese estivesse correta, a popularidade do futebol poderia ser tomada como parâmetro para avaliar o grau de democratização nos diferentes países, o que seria um absurdo. De outra parte, como explicar o prestígio do futebol em quase todos os países ocidentais à exceção dos EUA e uns poucos mais?

num segundo momento, abandonaram - à medida que julgaram ter cumprido seu papel ou, por outra, não mais se reconheceram nela em razão das conotações simbólicas mencionadas acima -, teve, em contrapartida, grande aceitação e reformulação por parte das classes trabalhadoras.

Ainda sobre a proeminência dos pés, convém deixar claro, desde logo, que essa peculiaridade encontrou na cultura popular certa verossimilhança que lhe conferiu um novo estatuto. Esta afirmação é procedente quando se parte de uma perspectiva que, ao invés de depreciar, a cultura popular valoriza, afirma e confere legitimidade às manifestações associadas ao baixo-ventre, às metáforas sexuais, à jocosidade em geral e, principalmente, às irrupções festivas, coletivas e emotivas tão freqüentes no universo futebolístico. É bem verdade que existe uma distância considerável entre o contexto de Rabelais e a Inglaterra da segunda metade do século XIX. Porém, nada impede que se confira à proeminência dos pés e, portanto, ao futebol, uma positividade análoga àquela atribuída por Bakhtin ao *realismo grotesco*¹⁴ e, por extensão, à cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O que existe em comum entre o futebol e o realismo grotesco é a valorização do baixo corporal através de representações - metáforas, alegorias, paródias, etc - que promovem a inversão topográfica do corpo e dos simbolismos a ele associados.¹⁵ Embora requeira o uso equilibrado de todas as partes do corpo, inclusive do intelecto, na arte do futebol valoriza-se sobremaneira as partes baixas e, não é por acaso que as metáforas sexuais encontram nele um terreno fértil e criativo. Lá, onde muitos percebem agressividade e grosserias de toda ordem, prevalece

¹⁴ “No realismo grotesco (isto é, no sistema de imagens da cultura cômica popular), o princípio material e corporal aparece sob a forma universal, festiva e utópica. O cósmico, o social e o corporal estão ligados indissoluvelmente numa totalidade viva e indivisível. É um conjunto alegre e benfazejo” (Bakhtin, 1993:17).

¹⁵ Estas aproximações carecem, evidentemente, de um estudo pormenorizado. Todavia, gostaria de destacar aqui, à guisa de ilustração, uma das tantas manifestações jocosas características do riso suscitado no universo do futebol. Até bem pouco tempo, quando o Grêmio estava “em alta”, seu então vice de futebol e atual presidente, Dr. Luiz Carlos Silveira Martins, o “Cacalo”, não satisfeito em se autopromover, dirigia-se ironicamente aos dirigentes e torcedores do Internacional, oferecendo-se, inclusive, para administrar o clube rival que estava em “baixa”. Desde que o Inter superou a crise técnica e o Grêmio sucumbiu, os torcedores colorados passaram à exaltação do presidente gremista. Tal qual os gremistas, que festejavam o dirigente nos áureos tempos - *Cacalo! Cacalo! Cacalo!* -, os colorados, eufóricos depois de um 5 a 2 sobre o rival, também o aclamaram: *cagalo! cagalo! cagalo!* Seria necessário reconstituir um pouco da trajetória recente dos dois clubes e das “farpas” trocadas pelos *cartolas* para que o leitor pudesse ter uma noção mais precisa do significado deste trocadilho desconcertante. Como esta reconstituição não está nos planos, por ora é preciso ao menos dizer que os colorados acham muita graça da analogia escatológica que inventaram para saudar o “ilustre” presidente rival. E nem poderia ser diferente. Ela ridiculariza e degenera, de forma carnavalesca - pois se trata de uma manifestação coletiva, festiva e bem humorada - o status galgado não apenas pelo presidente do Grêmio mas, metonimicamente, pelo clube como um todo. O que foi construído durante anos e, às duras penas, é simplesmente desconsiderado, numa fração de tempo e por uma única palavra, a qual, proferida em público e em coro, acentua ainda mais seu caráter burlesco e desafiador.

a ótica de quem vê o mundo de cabeça para baixo ou melhor, de baixo para cima. Quando se diz que o futebol se popularizou, está se afirmando também que ele assumiu os contornos de grupos específicos que, a partir de sua visão de mundo, lhe conferiram um novo estatuto.

À medida que a limitação dos pés - desde o ponto de vista anatômico até o escasso treinamento - praticamente inviabiliza o uso eficaz de equipamentos assessórios - como no tênis, por exemplo, onde a raquete é uma espécie de extensão do braço - acaba nivelando os futebolistas “por baixo”. Ou seja, coloca-os em posição de igualdade, minimizando as vantagens práticas decorrentes da posse e do uso de acessórios cuja oferta, já abundante, tende à sofisticação progressiva com o incremento da “indústria esportiva”. Especialmente na “pelada”, “versão elementar do futebol”, a técnica corporal compensa mais facilmente, comparativamente a outras modalidades, o uso de acessórios que, na prática, servem apenas para repor certas “distinções” exógenas; nada substitui o corpo, o uso eficaz de um “equipamento” comum a todos os praticantes. Equiparados sob este aspecto seus praticantes são arrastados para um confronto corpo a corpo e, uma vez destituídas as hierarquias cotidianas, os atributos técnicos tornam-se tão importantes quanto valores como coragem, destemor, ousadia, masculinidade, honra e assim por diante.

É óbvio que tanto a questão da proeminência dos pés quanto outras tantas suscitadas até aqui poderiam ser aprofundadas, e algumas o serão no decorrer dos próximos capítulos. Mas, se considerado o fim que me havia proposto no início - de constituir um panorama sobre a invenção dos esportes modernos - creio suficiente o que já foi explicitado. O futebol, bem como outros jogos antigos, inicialmente proibidos pelas classes altas - reis, clero, moralistas, etc - foram reinventados e devolvidos à sociedade como esportes modernos. A normatização e a restrição à violência física nos esportes ocorreram, como se viu, paralelamente à emergência das nações-Estado, das grandes cidades e da sociedade de classes. O mais importante neste processo talvez seja o residual que chegou até nossos dias. Ou seja, os esportes em geral e o futebol em especial estreitamente vinculados aos clubes e, portanto, à sociabilidade e às identidades coletivas. A chegada deste futebol “institucionalizado” ao Brasil, as diferentes matizes clubísticas que lhe deram suporte e a formação de um público torcedor serão o tema do próximo capítulo. Por ora, é preciso salientar que as bases do “pertencimento clubístico”, objeto desta dissertação, já tinham sido forjadas no âmbito

da sociedade inglesa e de acordo com os embates particulares que foram aqui explorados, especialmente aquele entre amadorismo *versus* profissionalismo.

CAPÍTULO II

CLUBE DO CORAÇÃO: BOM PARA TORCER, BOM PARA SE PENSAR

Zelins,* então como é Deus?
Em forma de esfera.
Uma bola de futebol.
Do Flamengo.

(Murilo Mendes,
in: Coutinho, 1994)

2.1. O caleidoscópio clubístico

A Placar (nº 1127-A) publicou recentemente uma edição especial sobre os 500 “maiores times do Brasil”. Para chegar a este número tão expressivo nem foi preciso mencionar os clubes já extintos e outros tantos que, depois de sucessivas fusões, foram-se perdendo ao longo do caminho. Bastou reunir apenas aqueles que compõem, atualmente, a primeira e segunda divisões de cada estado - com raríssimas exceções - para chegar aos quinhentos. Se fossem incorporados os clubes de várzea, esses que disputam os chamados campeonatos amadores, a quantidade seria infinitamente maior, pois, a cada dia, novos clubes vão sendo fundados em detrimento de outros que desaparecem na mesma proporção. Mesmo assim, o encarte publicado na página central da revista, contendo os escudos dos clubes, dá a impressão de um caleidoscópio: cada um dos clubes ali representados enfrenta seus pares estaduais, alguns participam dos certames nacionais, outros ascendem e descendem de suas respectivas divisões e, assim sendo, produzem as mais variadas combinações. O caleidoscópio é ainda mais nítido quando se sabe que os dísticos são apenas signos que nos remetem aos clubes e estes,

* José Lins do Rêgo.

por seu turno, representam bairros, cidades, regiões, comunidades étnicas, classes sociais e assim por diante.

O mais impressionante porém, é que apenas um número muito reduzido destes clubes, em torno de 15, se destacam na preferência de 78% dos torcedores brasileiros, como indica a Tabela 2.1.

Tabela 2.1
As maiores torcidas do Brasil
(Fonte: Ibope/Placar - 1993)¹⁶

Clube	Percentual de torcedores	Número de torcedores no Brasil
Flamengo - RJ	16,5%	24.115.000
Corinthians - SP	13,6%	19.877.000
São Paulo - SP	7,2%	10.523.000
Vasco - RJ	6,3%	9.207.000
Fluminense - RJ	4,6%	6.723.000
Palmeiras - SP	4,3%	6.284.000
Botafogo - RJ	3,4%	4.969.000
Atlético - MG	3,3%	4.823.000
Cruzeiro - MG	3,2%	4.676.000
Santos - SP	3,1%	4.530.000
Inter - RS	3,1%	4.530.000
Grêmio - RS	2,6%	3.800.000
Bahia - BA	2,5%	3.653.000
Sport - PE	2,2%	3.215.000
Santa Cruz - PE	2,0%	2.923.000
Nenhum	11,4%	16.662.000
Outros	10,7%	15.639.000
Total	100%	145.154.000

Estes dados mereceriam um cotejamento mais detalhado daquele que será aqui empreendido. Todavia, de acordo com o tema deste capítulo, deve-se destacar, antes de mais nada, que apenas 10,7% dos entrevistados nomearam “outros” clubes, um dado significativo considerando-se a grande quantidade de agremiações que compõem o “caleidoscópio” anteriormente referido. Embora o Ibope tenha limitado seu universo de pesquisa às principais capitais e regiões metropolitanas, nada faz crer que a Tabela 2.1

¹⁶ O Ibope ouviu 3.503 pessoas nas nove principais capitais brasileiras e respectivas regiões metropolitanas. Num primeiro momento, o comportamento deste universo foi estendido ao Estado correspondente às capitais e, num segundo, para todo o Brasil - respeitando, evidentemente, a proporção com que cada estado contribui para o total da população brasileira. A margem de erro é de 3%, para mais ou para menos.

traria diferenças significativas se a pesquisa tivesse sido realizada nos demais estados, cidades e no interior do Brasil. Ocorre que, como terei a oportunidade de demonstrar no próximo capítulo, a partir do Rio Grande do Sul, a tendência é que os clubes das capitais sejam os mais citados também no interior dos estados.

Outro dado importante indica que os torcedores tendem a optar por clubes sediados nas capitais e regiões metropolitanas onde residem. Não é por outro motivo que na lista das 15 torcidas mais numerosas encontrem-se clubes de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre e Salvador, justamente os maiores centros urbanos do país. A exceção à regra é o Flamengo que, além de ser o mais citado no Rio de Janeiro (41,9%)¹⁷ possui grande contingente de torcedores espelhados nas demais capitais, entre as quais Brasília (46,4%), Fortaleza (21,4%), Salvador (9,5%) e até mesmo Curitiba (7,9%) e Belo Horizonte (5,1%), cidades que possuem clubes de projeção nacional. Já o Corinthians, que aparece em segundo lugar, deve seu expressivo contingente de torcedores à densidade populacional do estado de São Paulo, onde o alvi-negro possui praticamente o dobro (36,4%) do índice do segundo colocado, o São Paulo (17,6). Já o Atlético e o Cruzeiro, bem como o Internacional e o Grêmio, têm suas torcidas restritas, basicamente, aos estados de Minas Gerais (38,5% e 37,9%) e Rio Grande do Sul (45,5% e 41%), respectivamente. É o caso também de Sport (36,8%), Santa Cruz (33,3%) e Bahia (44,9%), embora, este último, tenha obtido um índice significativo na capital paulista (2,2%), provavelmente em razão do número expressivo de nordestinos que migraram para São Paulo nos últimos anos. Em resumo, a pesquisa Ibope/Placar, além de apontar as maiores “nações” clubísticas, indica haver uma tendência dos torcedores optarem por clubes de suas cidades ou estados. Esta tendência se acentua nos estados cujos respectivos clubes disputam os certames nacionais - Rio de Janeiro, São Paulo, etc - e a diminuir naqueles cujos clubes possuem apenas projeção regional - Ceará, Distrito Federal, etc. Isto reforça, a meu ver, a tese de que o futebol mobiliza uma série de questões nacionais, inclusive as diferenças regionais, fazendo com que torcedores de estados cujos clubes são menos expressivos do ponto de vista performático venham a optar por outros clubes, de outros estados, mas que garantem ao torcedor uma participação efetiva, interessada e exitosa no cenário do futebol nacional.¹⁸

¹⁷ Estes dados complementares foram fornecidos pela mesma pesquisa Ibope/Placar (Placar nº 1088:13).

¹⁸ É óbvio que esta participação do torcedor é permeada por uma série de influências dentre as quais deve-se destacar a mídia impressa e eletrônica. O contingente significativo de torcedores dos clubes

De outra parte, os clubes mais “queridos” são também os “melhores”. A Tabela 2.2 demonstra haver uma correlação entre as maiores torcidas e o desempenho dos respectivos clubes.

Tabela 2.2
Os grandes clubes do futebol brasileiro
 (Fontes: Ibope/Placar - 1993; Folha de São Paulo - 28/12/97;
 Revista Placar - nov/97; Revista Placar nº 1127-A - set/97)

Clubes	Ranking das Torcidas	Ranking Folha de SP ¹⁹	Ranking Placar ²⁰	Ano de fundação
Flamengo - RJ	1º	1º	6º	1895
Corinthians - SP	2º	9º	5º	1910
São Paulo - SP	3º	3º	1º	1935
Vasco - RJ	4º	7º	8º	1898
Fluminense - RJ	5º	6º	12º	1902
Palmeiras - SP	6º	2º	3º	1914
Botafogo - RJ	7º	12º	11º	1904
Atlético - MG	8º	10º	2º	1908
Cruzeiro - MG	9º	8º	9º	1921
Santos - SP	10º	5º	10º	1912
Inter - RS	11º	11º	4º	1909
Grêmio - RS	12º	4º	7º	1903
Bahia - BA	13º	13º	15º	1931
Sport - PE	14º	17º	19º	1905
Santa Cruz - PE	15º	19º	23º	1914

Embora não haja uma correlação precisa entre a posição no “ranking das torcidas” e os “rankings das conquistas” propriamente dito - como é o caso do Corinthians, por exemplo -, os 13 clubes que despontam no primeiro são também os 13 primeiros nos outros dois - exceção do Bahia que é 15º no “ranking Placar”. Como a “Folha de São Paulo” e a “Placar” utilizam critérios diferenciados, a posição dos clubes nos “rankings das conquistas” se altera de acordo com o desempenho mais ou menos

do Rio de Janeiro no Nordeste, por exemplo, deve-se em grande parte à influência exercida pelas rádios Nacional e Tupi, pioneiras nas transmissões esportivas. Cf. Leite Lopes (1994).

¹⁹ O “Ranking Folha do futebol brasileiro” atribui pontos de acordo a importância das principais competições das quais os clubes brasileiros participam. Pontuam apenas o campeão e o vice de cada competição. Como os critérios de pontuação são determinados pela própria “Folha de São Paulo”, cf. FSP 28/12/98.

²⁰ O ranking da “Placar” tem como referência apenas a participação dos clubes nos campeonatos brasileiros disputados a partir de 1971 e por esta razão difere do “Ranking Folha”. São atribuídos pontos de 1 a 10 de acordo com a ordem decrescente de classificação nos brasileiros; o campeão soma dez pontos, o vice nove e assim sucessivamente até o 10º colocado que soma um ponto - os demais não pontuam.

exitoso nos campeonatos que disputam. Ainda assim, o “grupo dos 13” parece se constituir num circuito fechado, tanto no que se refere à preferência dos torcedores quanto no rateio dos títulos em disputa.²¹

Outro aspecto importante é a correlação existente entre a época de fundação dos clubes - à exceção do Bahia, 1931, e do São Paulo, 1935, os demais surgiram antes dos anos 30 - e as respectivas performances. Do ponto de vista dos “rankings das conquistas” esta correlação é até mesmo óbvia. Ou seja, como os rankings são cumulativos, quanto mais antigo o clube mais campeonatos ele disputou e, conseqüentemente, mais chances de pontuar ele teve. Porém, como praticamente todos os integrantes do “grupo dos 13” foram fundados nas primeiras décadas deste século - quando eram disputados um número reduzido de jogos -, a data de fundação não chega a exercer influência significativa em relação às diferentes posições que estes clubes ocupam nos rankings “Folha” e “Placar”. De qualquer forma, a antiguidade lhes confere certa estabilidade pois, embora possam passar várias temporadas sem títulos, dificilmente serão ultrapassados por um clube de “fora”. Em resumo, o “grupo dos 13” tende a se perpetuar no topo das conquistas.

Mas, é bom deixar claro, ser antigo, por si só, não garante destaque nos rankings. Então, seria algo contingencial o fato dos “melhores” e “mais queridos” serem também “antigos”? A resposta é negativa, pois, embora a contingência seja intrínseca ao futebol, ela tende a ser diluída ao longo do tempo. Ou por outra, a constituição do “grupo dos treze” não é mero casuismo.

Posso adiantar desde logo que um clube não é “grande” pelo fato de ter uma torcida numerosa ou conquistar muitos títulos. Antes, pelo contrário, é justamente por que são “grandes” que seduzem multidões e acumulam troféus. “Grande” para os torcedores é, antes de tudo, uma noção da ordem do simbólico: “grande” é um predicado atribuído ao clube na medida em que este é capaz de suscitar “grandes” emoções, “grandes” conflitos, “grandes” tradições, enfim, “grande” excitação. Por isso eles são chamados de “clubes do coração” e datam, a maioria deles, da época do amadorismo - antes portanto, dos anos 30. E sendo esta afirmação decisiva para o entendimento de como opera o pertencimento clubístico, ou se se preferir, a produção de identidades coletivas no meio futebolístico, urge explicitá-la no decorrer do capítulo.

²¹ Para consolidar ainda mais este grupo, em 1987 foi fundada a “União dos Grandes Clubes do Futebol Brasileiro”, popularmente designada como “Clube dos 13”. Para um “estudo de caso” sobre o Clube dos Treze, suas contradições e paradoxos, cf. Helal (1997:84-101).

O que me proponho aqui não é, evidentemente, classificar os clubes brasileiros, sejam eles “grandes”, “médios” ou “pequenos”, mas, a partir da diversidade, esboçar, em linhas gerais, as três grandes vertentes que lhes deram origem: os clubes de elite, os clubes-equipes e os clubes de fábrica. Este esboço é fundamental para se compreender: a) as razões pelas quais alguns clubes têm hoje uma grande legião de seguidores enquanto outros, da mesma cidade e fundados mais ou menos na mesma época, simplesmente desapareceram; b) as diferentes modalidades de pertencimento para, num segundo momento, privilegiar umas em detrimento de outras; c) a importância dos clubes ao longo da reelaboração do futebol no Brasil; e, principalmente, d) os contextos que deram origem às grandes rivalidades e, por extensão, às grandes torcidas.

De acordo com o “roteiro” acima, subdividi o restante deste capítulo em dois blocos que correspondem ao segundo e ao terceiro subcapítulos de “Clube do coração”. O próximo subcapítulo, “O *habitus* associacionista e o futebol no Brasil”, corresponde ao contexto que deu origem aos primeiros clubes e às várias modalidades de pertencimento a eles associada. A influência dos imigrantes europeus na fundação dos clubes e na disseminação do *habitus* esportivo, bem como a conturbada passagem do amadorismo para o profissionalismo também serão abordados neste primeiro bloco. Já o último subcapítulo, “Os torcedores e seus clubes”, suscita algumas questões mais gerais acerca do pertencimento clubístico e sobre esta forma particular de sociabilidade através do conflito.

2.2. O *habitus* associacionista e o futebol no Brasil

2.2.1. Os clubes de elite

O futebol chegou ao Brasil como “um produto de importação” (Leite Lopes, 1994:29). Embora alguns pesquisadores contestem esta tese, especialmente no que se refere à primazia de Charles Miller - como é o caso de Shirts (1982) - a maioria, entre os quais me incluo, assumem abertamente a visão “oficialista” tomando o próprio Miller - suas origens, sua trajetória, suas idéias, etc - como um “dado” extremamente revelador. Nesta perspectiva, são constantemente evocados o ano de 1894, quando foi realizado o primeiro jogo “oficial”; o fato de Miller ser brasileiro de descendência inglesa - era filho do cônsul britânico em São Paulo -; e de ter organizado o primeiro

match quando retornou de Southampton, Inglaterra, onde estivera como interno durante seus estudos. Outros “detalhes” são, contudo, relegados ou, na melhor das hipóteses, referidos como secundários. Via de regra, dá-se pouca importância ao fato de Miller ter trazido consigo duas bolas “oficiais”, um livro de regras “oficiais” e, o mais revelador de todos os “detalhes”, não saiu dando *shoots* no quintal do consulado, senão que organizou um *meeting* “oficial”; distribuiu os cavalheiros - ingleses ou descendentes da aristocracia e da alta burguesia paulista - em *teams* e as damas - de mesma procedência - na *assistance*. Miller não trouxe, portanto, apenas uma prática esportiva, em si mesma símbolo da modernidade européia para a elite brasileira, mas um modelo de sociabilidade, de associacionismo e de pertencimento. Esse modelo, já consolidado no âmbito inglês, pressupunha certas exigências básicas como o cumprimento das regras do jogo, a organização e divulgação dos embates, a fundação de clubes, ligas, enfim, um mínimo necessário capaz de garantir ao futebol a mesma legitimidade que ele conquistara no velho mundo. Do contrário não seria futebol e tampouco símbolo da modernidade.

De acordo com Levine (1982), a história do futebol no Brasil pode ser dividida em quatro períodos amplos, sendo que no primeiro deles, entre 1894 e 1904, o futebol se “manteve restrito aos clubes urbanos pertencentes a estrangeiros e à elite local”, de acordo com o modelo implementado por Charles Miller.²² Ainda que se possa fazer algumas objeções em relação as generalizações de Levine, que toma como parâmetro apenas o eixo Rio-São Paulo - sendo assim, o ano de 1894 corresponde ao *match* organizado por Miller, em São Paulo, e 1904, a fundação do The Bangu Athletic Club, o primeiro clube operário - no mais a afirmação é procedente. Durante essa primeira década, o futebol se manteve, em geral, restrito aos clubes e estes, por seu turno, circunscritos aos imigrantes europeus.

Witter (1982) apresenta, retirada de “O Estado de São Paulo”, uma tabela do Campeonato Paulista de 1902 na qual figuram os seus participantes: São Paulo Athletic Club, Mackenzie College, Atlético Paulistano, Sport Club Germânia e Sport Club Internacional. Eram os “grandes” da época, não pelo fato de mobilizarem extenso contingente de público - embora tivessem uma *assistance* considerável - mas por terem

²² Ainda segundo Levine, os períodos subsequentes e suas respectivas caracterizações seriam os seguintes: 1905-33, sua fase amadora, marcada por grandes passos de divulgação e pressão crescente para melhorar o nível do jogo através de subsídios para os jogadores; 1933-1950, o período inicial do profissionalismo; e a fase após 1950, de reconhecimento de nível internacional, acompanhada por comercialização sofisticada e por maturidade como recurso nacional incontestável (:23).

sede própria, estrangeiros e paulistas de “quatrocentos anos” no *ground* e na *assistance*, espaço na imprensa e, principalmente, por serem clubes e não apenas times, como era frequente no “pequeno futebol” - como a imprensa da época denominava, pejorativamente, o futebol jogado em condições precárias, nos campos de várzea (Cf. Toledo, 1996a:17).

Esses “grandes” clubes paulistas tiveram vida curta. O São Paulo Athletic Club, fundado pela comunidade britânica, chegou a ser tricampão da cidade entre 1902 e 1904. Em 1911, o São Paulo A. C. (nada a ver com o atual São Paulo Futebol Clube) seria novamente campeão da cidade mas, desta vez, “ganhou mas não levou”. A Associação Atlética das Palmeiras (nada a ver com a atual Sociedade Esportiva Palmeiras), julgando-se prejudicada pela arbitragem tentou impedir que o São Paulo ficasse com o troféu. Indignados, os são-paulinos abandonaram o futebol, “não apenas por causa da bagunça, mas também porque os ventos sopravam para o profissionalismo” (John Robert Mills, diretor e historiador do São Paulo A. C.). A Associação Athletica do Mackenzie College, restrita aos alunos do colégio homônimo, também desapareceu do futebol antes mesmo da década de dez. O Sport Club Internacional surgiu de uma dissidência do Hans Nobiling Team, quando seu idealizador, Hans Nobiling, decidiu transformar o *team* num *club* e dar-lhe o nome de Alemanha. Os que não eram alemães - brasileiros, franceses, italianos, etc - não consentiram e deixaram que Hans Nobiling fundasse o Alemanha, em 1899, enquanto eles fundaram o Internacional. O Sport Club Alemanha abandonou o futebol em 1917, por ocasião da Iª Guerra Mundial, e desde então passou a se chamar Pinheiros, que ainda hoje figura entre os mais conceituados clubes sociais de São Paulo. Por fim, o Club Athletico Paulistano, fundado para a prática do ciclismo, em 1900, foi o que teve, entre todos, mais glórias futebolísticas. Mesmo assim, abandonou o futebol com o profissionalismo, por volta dos anos trinta. Deixou “órfão” um time 11 vezes campeão paulista, que não teve outra saída senão migrar para outro clube, até que em 1935 os remanescentes do Paulistano fundaram o atual São Paulo.²³

A influência dos imigrantes europeus se estendeu ao longo das décadas seguintes. Os atuais “grandes” do futebol paulista, por exemplo, estiveram, desde suas fundações, ligados direta ou indiretamente a estes estrangeiros atraídos à metrópole

²³ Os dados sobre os primeiros “grandes” do futebol paulista foram retirados de “A história ilustrada do futebol brasileiro” (s/d, vol. 1). Acerca da fundação do São Paulo F. C. ver “São Paulo Futebol Clube: saga de um campeão” (1994).

paulistana pelo acelerado processo de industrialização desencadeado a partir da virada do século.

O Corinthians paulista se firma, logo de início, como o time do proletariado e do subproletariado urbano (inclusive uma grande maioria de negros), mas está longe de ser o time de maior torcida. Esta fica por conta do Palestra Itália (atual Palmeiras) que, como é óbvio, concentra os torcedores da colônia italiana, fornecedora de mão-de-obra especializada e/ou semi-especializada. Desde aí estabelece-se uma rivalidade muito grande entre estas duas torcidas, explicada por Anatol Rosenfeld como uma oposição entre o elemento local, nativo, e o elemento estrangeiro em ascensão que disputam entre si um mercado de trabalho ainda reduzido (César, 1982:155-6).

No Rio de Janeiro, onde a chegada do futebol seguiu, em linhas gerais, os mesmos passos de São Paulo, os clubes possuíam forte influência dos imigrantes e alguns deles já existiam antes mesmo do futebol. O Clube de Regatas Vasco da Gama, por exemplo, surgiu a partir do Lusitânia Club e foi fundado em 1898 por prósperos comerciantes e banqueiros portugueses. O Fluminense Futebol Clube, considerado, nos primórdios, como a “elite entre a elite”, foi fundado em 1902 como uma ampliação do Rio Cricket and Athletic Association, de influência inglesa (Coelho Netto, 1952).

O Flamengo, 1º colocado no ranking das torcidas (Tabela 2.1), surgiu como Clube de Regatas do Flamengo, em 1895, e só abriu espaço para o futebol 14 anos depois, quando 9 dos 11 campeões estaduais de 1911 tiveram um desentendimento no Fluminense e pediram asilo no arquirrival - ou melhor, a rivalidade surgiu daí.

O Flamengo hesitou, acabou cedendo, mais para fazer uma experiência. Se o futebol não combinasse com o remo, nada feito. E como não podia combinar, o time de futebol entrou em campo com uma camisa bem diferente da camisa do remo. (...) A camisa de futebol horrorosa, de quadrados pretos e vermelhos, ganhou logo um apelido: *papagaio de vintém*. [Os futebolistas não gostaram e mudaram logo em seguida mas, como era imperioso que mantivessem a diferença em relação aos remadores, introduziram um friso branco entre as listras horizontais pretas e vermelhas; o vermelho e preto, na horizontal, era exclusividade do remo]. (...) Mas veio a Grande Guerra, submarinos alemães afundaram navios brasileiros e o povo foi para as ruas caçar alemão (...). Foi quando se descobriu uma semelhança entre a camisa de futebol do Flamengo e a bandeira alemã: vermelha, preta e branca, justamente as cores da camisa cobra coral. A listrinha branca (...) para distinguir o futebol do remo, atrapalhara tudo. Por causa dela o Flamengo foi olhado com desconfiança. E o Flamengo tinha alemães, sócios alemães, que gostavam de sair de manhã cedo com um barco, que gostavam de remar. Botou-se para fora tudo quanto era sócio alemão. E tirou-se, da

camisa do time de futebol, o friso branco que separava o vermelho do preto (Mário Filho, 1964:36).

A narrativa de Mário Filho, enfatiza, com uma pontada irônica, o *glamour* dos “grandes” clubes cariocas. Como se pode perceber, à exceção do Fluminense, os demais foram fundados por remadores - ainda preservam o “de regatas” no nome - e isto não se deve apenas à localização geográfica do Rio de Janeiro. Trata-se, evidentemente, de uma diferença em relação aos clubes de São Paulo mas, é preciso ter claro que o remo era, este sim, um esporte de elite.²⁴ Botafogo, Flamengo e Vasco, especialmente os dois últimos, surgiram do remo e para o remo, só mais tarde incorporando o futebol. Não eram, portanto, apenas clubes identificados com os imigrantes europeus mas com uma elite entre estes imigrantes e, por esta razão, permitiam a inclusão de sócios não-imigrantes, desde que bem estabelecidos social e economicamente.

Se, no caso do Rio de Janeiro, o futebol da *belle époque* deve muito ao status galgado anteriormente pelos remadores, que contribuíram para familiarizar as elites brasileiras com o novo estilo de vida originário das metrópoles européias, no caso de Porto Alegre, o futebol tem muito a ver com ginastas, remadores, ciclistas e outros tantos desportistas teuto-gaúchos. O futebol chegou à capital gaúcha em 1903, mas, antes dele já existiam várias sociedades esportivas e recreativas. A Sociedade Leopoldina, cuja denominação homenageia a Imperatriz D^a Leopoldina, “protetora dos imigrantes”, foi fundada em 1863 por um grupo de vinte alemães e teuto-gaúchos. A Sociedade Ginástica Turnerbund, atualmente Sociedade Ginástica Porto Alegre, ou simplesmente Sogipa, surgiu da fusão, em 1892, de duas outras entidades teuto-gaúchas onde era praticada a ginástica. Além da ginástica, a Turnerbund oferecia aos seus associados uma gama variada de outras atividades tais como tênis, esgrima, bolão e até mesmo coral e canto, só para citar as mais importantes (ver Hofmeister, 1987). Havia outras sociedades de menor expressão mas, o que é importante destacar aqui, todas elas

²⁴ “(...) Quem era do remo olhava quem era do futebol por cima. Julgando-se superior, mais fino. (...) Em dia de regata não havia jogo. Nenhum clube, nem o Fluminense, nem o Botafogo se atrevia a marcar um jogo para o mesmo dia, a mesma hora. Talvez os torcedores sem colarinho e gravata fossem. Era quase certo, porém, que as arquibancadas ficassem vazias. Pelo menos de moças. Enquanto isso, a murada da praia de Botafogo cheia (...). E havia corso na Avenida Beira-Mar. As vitórias, os *landolets*, os *doublephateon*, os *cabrioletes*, os *tilburis*. Só carro puxado a cavalo. (...) E as moças ficavam em pé, um instante, segurando os chapéus enormes, de flores, de frutas, de plumas, para ver a chegada das regatas. (...) Diante daqueles músculos, daqueles corpos atléticos, Olavo Bilac se transportava para a Grécia. Inflamava-se, não se continha. Músculos assim tinham vencido a batalha de Salamina. Já diante de um jogador de futebol, de chuteiras, de meias grossas de lã, de calções afinando no Joelho, de camisas de mangas compridas, quase nada de fora, o poeta da *Via Láctea* ficava frio” (Mário Filho:27).

cultuavam, além das práticas esportivas, certos traços identitários entre os quais a língua de origem de seus sócios-fundadores.

Tal qual o Flamengo, a Turnerbund relutou em admitir o futebol. Tanto é verdade que o Fuss-Ball Mannschaft Frisch Auf (Equipe de Futebol Sempre Avante) só apareceu, “oficialmente”, em 1909, como uma espécie de departamento de futebol da Turnerbund. Antes disso, esta e outras associações esportivas da capital contribuíram, mesmo que indiretamente, para a fundação do Grêmio de Foot-Ball Porto Alegre e do Fuss-Ball Club Porto Alegre, os dois primeiros clubes de futebol da capital gaúcha (cf. Cap. III).

Um inventário acerca da introdução do futebol nas demais capitais brasileiras - refiro-me especialmente à Curitiba, Belo Horizonte, Salvador e Recife, por se situarem nestas cidades alguns dos grandes do futebol brasileiro - não difere, substancialmente, do que ocorreu em Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. Em geral, foram os imigrantes que assumiram a tarefa, e cumpriram-na como tal, de fundar clubes e disseminar tanto o futebol quanto outras práticas esportivas trazidas da Europa.

Por razões diversas, nem todos foram, contudo, bem sucedidos. Tal qual o Sport Club Germânia e o São Paulo Athletic Club, já referidos anteriormente como os “grandes” clubes paulistas do início do século, outras agremiações passaram por profundas transformações com a emergência do profissionalismo. Antes de ser implementado oficialmente, mais ou menos por volta dos anos 30, já existia uma espécie de profissionalismo oculto ou “profissionalismo marrom”, como se tornou popularmente conhecido. Os clubes, por intermédio de seus dirigentes abnegados - no Grêmio eram designados como próceres, do latim, *procere*, “homem importante de uma nação, classe, partido, etc” -, ofereciam “prêmios” aos atletas, em espécie - “bichos” - ou empregos, incrementando a competitividade entre eles e, por extensão, entre os clubes (cf. Leite Lopes, 1994).

Diante dessa nova realidade, o futebol, que outrora significara o progresso e a modernidade, tornou-se um incômodo. Enquanto uma prática corporal, sob este aspecto compatível a outras tantas muito valorizadas no interior dos clubes de elite, o futebol não oferecia maiores resistências. Porém, à medida que o futebol se popularizava, minava o exclusivismo das elites pondo abaixo aquela aura de distinção que ele promovera logo que chegou ao Brasil. O incremento da competitividade, que forçava o enfrentamento de clubes de status desigual, era outro inconveniente àqueles que até

então detinham o monopólio técnico.²⁵ Por fim, o futebol arrebatava o espaço e o dinheiro dos clubes e o tempo e as atenções de seus freqüentadores em detrimento de outras atividades, inclusive as ditas “sociais”, que ficavam progressivamente à margem.

Com o perdão do arremate um tanto rápido, o futebol passava de englobado à englobante. O que no princípio era apenas mais uma opção de lazer e sociabilidade tornara-se uma atividade fim, não mais um fim em si mesmo, como pregava o amadorismo, mas como um fim voltado à competitividade entre agremiações e, por extensão, ao acirramento das rivalidades sócio-econômicas, étnicas, locais, regionais e assim por diante. Nesse contexto, muitos clubes de elite barraram o futebol, como foi o caso do Germânia, em São Paulo, e da Sogipa, em Porto Alegre. Outros conciliaram o amadorismo - festas, bailes, esportes amadores, etc - com o profissionalismo - representado pelo futebol - e, por fim, houve os que se deixaram tomar, quase por completo, pelo futebol. Neste caso, a parte se tornou o todo.

Quando se afirma que o futebol foi recebido no Brasil como um símbolo da modernidade, deve-se ter em mente, antes de tudo, que se está referindo à versão amadorística deste esporte, com todas as implicações que isto pressupõe. Do ponto de vista simbólico e, mais especificamente, em termos valorativos, o modelo de sociabilidade face a face entre consócios de status equiparado que o futebol contribuiu para solidificar - é bom lembrar, como já frisei anteriormente, que mesmo no Brasil, tanto o associacionismo quanto a esportivização já haviam dado seus primeiros passos quando da chegada do futebol - foi tão ou mais importante que a prática em si mesma. Por um lado, os clubes de elite serviram como “modelo” de organização para outras instituições do mesmo gênero que se desenvolveram paralelamente. Por outro, dada a influência de seus sócios e freqüentadores, o futebol galgou rapidamente as colunas sociais na imprensa da época e isto contribuiu, decisivamente, para quebrar certas resistências em torno de uma prática que ensejava um novo estilo de vida.²⁶

²⁵ O seletor Rio Cricket and Athletic Association, por exemplo, abandonou o futebol em 1915, depois de ter sido o último colocado no campeonato daquele ano e, como exigia o regulamento, foi obrigado a disputar um jogo extra para ver se permanecia entre os “grandes” no ano seguinte. O “tiro de misericórdia” foi obra do Andaraí, um modesto clube de fábrica que contava com vários negros na equipe. Como escreveu Mário Filho, “não tinha graça inglês apanhar de preto” e, sendo assim, o Rio Cricket encerrou suas atividades (:82). Outro caso conflituoso freqüentemente citado na literatura especializada refere-se à expulsão do Vasco da Gama da Liga Oficial depois de ter vencido o Campeonato de 1923. Como a base do time era composta por negros, o Vasco foi acusado de burlar as regras do amadorismo, por aliciar e recompensar economicamente seus atletas, só retornando à primeira divisão depois de concluído o Estádio de São Januário, na época o maior estádio privado do Brasil. Cf. Leite Lopes (1994).

²⁶ Se, por um lado, o futebol e outros esportes provocaram transformações profundas nos costumes da população mais jovem, seja no vestuário, na maneira de andar, nos cuidados com o corpo e no lazer de fim de semana; por outro, o “espírito esportivo”, em especial o futebol, despertava a ira não

Nenhum clube que pretendesse a distinção poderia abdicar dos rituais. A entrada em campo portando a bandeira da agremiação, a execução do hino, a saudação aos torcedores, inclusive aos adversários, era algo imprescindível; tal qual o uso de um uniforme vistoso, importado de preferência, com o dístico do lado esquerdo do peito - daí porque se diz que são os “clubes do coração” ou vice-versa -, tudo isso era imprescindível para tornar um clube respeitável. Em alguns casos, o ideário clubístico beirava o ufanismo, como no caso do primeiro hino do Fluminense.

O Fluminense é um crisol
Onde apuramos a energia
Ao pleno ar, ao claro sol
Lutando em justas de alegria
O nosso esforço se consagra
Em torno do ideal viril
De avigorar a nova raça
Do Brasil

Corrige o corpo como o artista
Vida imprime à estátua augusta
Faz da argila uma robusta
Peça de aço onde a alma assenta
Na arena como na vida
Do forte e sempre a vitória
Do estádio foi que a Grécia acometida
Irrompeu para a glória

Ninguém ao Club se pertence
A glória aqui não é pessoal
Quem vence em campo é o Fluminense
Que é como a pátria, um ser ideal
Assim nas justas se conagra
Em torno de um ideal viril
A gente moça, a nova raça
Do nosso Brasil

Adestra a força e doma o impulso
Triunfa mas sem alardo
O herói é bravo mas galhardo
Tão forte d'alma que de pulso
A força esplende em saúde
E abre o peito à bondade
A força é a expressão viva da virtude

apenas dos moralistas e conservadores, defensores da moral e dos bons costumes, mas também de parte da intelectualidade brasileira, intransigente em relação à imitação dos costumes europeus. Sobre as transformações engendradas pelo espírito esportivo nos anos vinte, em São Paulo, cf. “Carnaval na Babilônia” (Sevcenko, 1992). Para uma abordagem contextualizada do repúdio à importação dos costumes europeus, especialmente nos casos de Lima Barreto e Graciliano Ramos, cf. Rodrigues Filho (1995) e Toledo (1996b).

E garbo da mocidade!
(In: Coelho Netto, 1952:60-1)

Letrado por Coelho Neto em meados da década de dez, o hino seguia a melodia de uma canção muito popular entre os marinheiros ingleses - *It's a long, long way to Tipperary* - que ancoravam na Guanabara. Lembra, em linhas gerais, uma frase não menos eloqüente, exaltando os valores do esporte na “formação do caráter” proferida por Rui Barbosa com alguns anos de antecedência: “Não pretendemos formar atletas nem acrobatas mas desenvolver no homem o quantum do vigor físico, indispensável à felicidade d'alma e à sobrevivência da espécie”.

O culto ao corpo saudável, à formação do caráter, à juventude, à eugenia, à livre associação, enfim, tudo o que aparece claramente no hino do Fluminense esteve indissociavelmente ligado ao pertencimento clubístico, pelo menos nos primórdios do futebol no Brasil. A noção amplamente difundida na época, de que os clubes se constituíam numa espécie de “família laica”, persiste ainda hoje e tanto é verdade que a escolha do “clubes do coração” segue às influências do pai, da família, dos amigos, enfim, do círculo de sociabilidade mais próxima. Ainda que o futebol e os próprios clubes tenham passado por inúmeras transformações, os ideais do amadorismo - literalmente: do amante, daquele que ama - permanecem vivos no imaginário dos torcedores. O “amor ao clube” se traduz no “amor à camiseta”, uma exigência que os torcedores fazem aos atletas, nos dias de hoje, em plena vigência do profissionalismo, do marketing e do consumo do futebol em larga escala.

2.2.2. Os clubes-equipes

Para tornar mais clara a diferença, muito sutil, entre os clubes de elite e os clubes-equipes, convém apresentar logo um exemplo. O Botafogo, o clube de futebol que mais tarde se juntou ao Botafogo dos remadores para formar o Botafogo de Futebol e Regatas, surgiu a partir de um “racha” entre os alunos do Colégio Alfredo Gomes: dois grupos de alunos que tinham entre si muitas afinidades, especialmente em termos de situação e posição de classe - pertenciam à alta burguesia -, queriam tornar-se homens no interior de um clube e apreciavam o futebol. Uma parte gostava do Fluminense, outra porém, era-lhe indiferente: foram ao jogo mas

(...) nada sentiram quando o Fluminense entrou em campo”, [não pularam, não bateram palmas, enfim, não tinham] admiração profunda pelos *players* do Fluminense. (...) O Fluminense era uma coisa, futebol outra. Compreenderam logo o futebol, não compreenderam o Fluminense. [O grupo de alunos do Alfredo Gomes juntou-se, então, à outro, do Ginásio Nacional Pedro II, e fundaram o Botafogo]. O desejo de ser homem, tão forte em todo o rapazinho não era menos forte em Flávio Ramos, em Emanuel Sodré (...). Mas eles se tornariam homens no Botafogo, no seu clube. Era o bairrismo tomando a forma de um clube, de uma bandeira, de um escudo” (Mário Filho:14-6).

Os jovens botafoguenses residiam nesse bairro mas, se comparado ao Fluminense, pioneiro em tudo, inclusive na aquisição de um *ground* - alugado e depois comprado em definitivo -, o campo improvisado no Largo dos Leões, com palmeiras servindo de goleiras, estava longe de se denominar uma sede, algo imprescindível aos clubes de elite. Os botafoguenses não tardariam a constituir um clube respeitável, o importante naquele contexto era, como afirma Mário Filho, seguir “a tendência natural das coisas, cada jogador procurando o seu meio, indo para onde estava a sua gente. E quando a sua gente não tinha clube, o jeito era fundar um” (:14).

Os clubes se proliferaram rapidamente, bastando, para fundar uma nova agremiação, juntar onze jovens ou adolescentes e encontrar um local adequado à prática do futebol. Os terrenos baldios, abundantes na época, não constituíam problema. O mais difícil era adquirir a bola e o uniforme; os clubes de elite encomendavam do exterior, os que não dispunham desta prerrogativa tratavam de confeccioná-los aqui mesmo. Assim, surgiram clubes formados por moradores do mesmo bairro, de rua, estudantes de um mesmo colégio, vila operária e assim por diante. E não era apenas o frenesi da prática que impulsionava a formação dos clubes-equipes mas, principalmente, a difusão dos ideais associacionistas. Inicialmente vinculado aos imigrantes e às elites nativas, o associacionismo ganhou terreno entre as camadas médias e populares. Como está claro no caso do Botafogo, a difusão do futebol aparece imbricada neste modelo institucionalizado chamado clube.

Frydenberg (1997), escrevendo sobre a popularização do futebol na Argentina, apresenta algumas ponderações que auxiliam a pensar o caso brasileiro, especialmente em relação aos clubes-equipes.

Para ser un *footballer* fue suficiente ser miembro de un club, y no fue necesario saber jugar al fútbol. Cuando once jóvenes se agrupaban formando un equipo, dedicaban su tiempo en fundar un club, eligiendo su nombre, sus dirigentes, el diseño de su sello, etc. Aquí se puede apreciar el nacimiento del equipo-club. Un club creado para

formar un equipo y poder así competir con otros semejantes en el espacio del fútbol aficionado. En este universo competitivo, con el tiempo, convivieron clubes que siguieron siendo sólo un equipo-club, con otras asociaciones integradas por ejemplo con cinco *teams*, o sea, con el mismo origen fueron logrando otro nivel de desarrollo.

La misma dinámica de estos clubes los impulsaba a contar con la mayor cantidad posible de asociados. Cuanto más socios, más recursos para engrandecer la institución. La diferencia con los clubes de la elite o de la colonia inglesa fue notable pues estos hicieron de la restricción y selección un valor. Contrariamente, los nuevos clubes debieron ensachar su base social de apoyo como forma de sobrevivir y si fuera posible, crecer (:10).

Pelo menos dois aspectos da dinâmica clubística suscitados por Frydenberg devem ser retomados, à medida que correspondem, em linhas gerais, ao processo de popularização do futebol no Brasil. O primeiro deles, refere-se à formação dos clubes; o segundo, às diferenças entre os clubes de elite e os clubes-equipes.

No primeiro caso deve-se ressaltar a questão da institucionalização. Em vários momentos a fundação dos clubes precede e se sobrepõe, em termos valorativos, à aprendizagem e à prática do futebol. É interessante notar como tais procedimentos e ideais perpassam as elites, que de qualquer modo servem como modelo, inserindo-se no contexto dos grupos médios e populares. O impulso competitivo, o desejo de se colocar em jogo as diferenças, quaisquer que fossem, converge no incremento dos clubes e na formação de ligas paralelas.

A diferença entre os clubes de elite e os clubes-equipes, e assim chegamos ao segundo aspecto a ser destacado, deve-se à orientação díspare quanto à aceitação de novos sócios. Enquanto os primeiros optaram pela seleção rigorosa, como um critério de preservar a identidade da instituição e do grupo, os segundos adotaram a perspectiva oposta que, com o advento do profissionalismo, mostrar-se-ia decisiva quanto à sobrevivência dos próprios clubes. O que se passa ao longo da popularização é uma inversão valorativa do ideário clubístico, a partir da qual a diversidade e até mesmo a quantidade de aficcionados sobrepõem-se à homogeneidade e à seletividade característica dos clubes de elite. Neste particular, os clubes-equipes, mais flexíveis, ganharam adeptos rapidamente, superando uma etapa cujo ônus levou alguns clubes de elite ao abandono do futebol e outros tantos a beirar a extinção, como foi o caso dos quatro “grandes” clubes paulistas do início do século.

Outro dado impressionante do trabalho de Frydenberg se refere ao número de clubes-equipes, em torno de 350, e ligas independentes, mais de 10, na Buenos Aires

de 1907, quatorze anos após a introdução do futebol na capital argentina. Um levantamento análogo ainda está por ser efetivado no caso brasileiro mas, posso adiantar desde logo, há boas razões para se acreditar que não haverá muita discrepância. Monteiro Lobato (in: César:150), por exemplo, afirma que “já no ano de 1905, só em São Paulo, existiam cerca de 250 clubes de futebol, todos integrados por indivíduos pertencentes às camadas altas”.²⁷

Como a grande maioria destes clubes-equipes não conseguiu fazer frente às exigências do “profissionalismo marrom” e, mais tarde, do profissionalismo oficial, acabaram desaparecendo com a mesma rapidez com que foram fundados. A própria estrutura organizacional do futebol acabou impondo, antes mesmo do profissionalismo, restrições à participação de clubes nos campeonatos organizados pelas ligas ditas oficiais. A exclusão tornou-se irremediável, nem tanto pela inviabilidade de se organizar uma disputa com, digamos, cinco ou seis dezenas de clubes, e sim pela opção clara em favor do equilíbrio das disputas e, por extensão, da competitividade. Nesta perspectiva, ocorreu uma hierarquização dos clubes, subdivididos em primeira, segunda e até terceira divisões. Ainda assim, a grande maioria dos clubes-equipes permaneceram alijadas dos certames oficiais e, por extensão, do profissionalismo.

Sem o aporte financeiro da elite dirigente, muitos clubes-equipes tornaram-se moribundos até serem extintos. Outros permaneceram no amadorismo que, com o advento do profissionalismo, perdeu a conotação prestigiosa do início do século e tornou-se sinônimo de pobreza, falência irremediável e assim por diante. “Amadores” tornar-se-ia, cada vez mais, um predicativo dos torcedores mas, para ter torcida era indispensável participar do calendário oficial e isto pressupunha aporte financeiro. Nessa bola de neve, a tendência foi a concentração da elite dirigente e até mesmo dos

²⁷Basta consultar os jornais da época, o que fiz com o Correio do Povo, embora sem a preocupação de catalogar estes dados, e então se observará o anúncio - em geral pago - da criação de novos clubes e de desafios destes para com outros já existentes - via de regra, tais desafios eram acordados informalmente e depois publicados como forma de legitimar e atribuir status à nova agremiação e ao embate. O levantamento pormenorizado destes clubes-equipes foge aos objetivos desta dissertação mas, à guisa de ilustração, segue um dado que colhi enquanto pesquisava outros assuntos. Trata-se do “Primeiro Campeonato de Futebol Inter-Cruzeiros” anunciado no Correio do Povo em 6.3.1952. Naquela ocasião, cinco “cruzeiros” já haviam confirmado presença: o E.C. Cruzeiro Central, do SESI; Associação Cruzeiro do Norte, ex-alunos do SENAC; Cruzeiro Aéreo F.C., dos funcionários da VARIG; Cruzeirozinho, do bairro Navegantes; e Cruzeirozinho da Bento Martins (“Clube da Montanha”), formado por moradores da Duque de Caxias, Riachuelo e Bento Martins, ruas centrais de Porto Alegre. Seguem-se novas adesões nos dias subsequentes, com “cruzeiros” da Grande Porto Alegre, perfazendo um total de 14 clubes para o início das disputas. Embora já estejamos em 1952, período em que o profissionalismo havia se consolidado, estes clubes, que permaneciam no amadorismo, dão uma idéia de como se organizavam enquanto agremiação - ruas, bairros, funcionários de grandes empresas, etc - e enquanto ligas - criando, por exemplo, o “Intercruzeiros”.

torcedores em torno de um número bastante reduzido de clubes que, no decorrer do processo, doloroso para muitos torcedores que ficaram órfãos, foram-se constituindo as “grandes torcidas” e o “grupo dos 13”.²⁸

2.2.3. Os clubes de fábrica

Os clubes de fábrica diferem, substancialmente, dos clubes de elite e dos clubes-equipas. Enquanto estes últimos se constituíram pela livre iniciativa de seus sócios-fundadores, os clubes de fábrica foram incentivados pelos industriais, no princípio os ingleses e mais tarde os grandes empresários em geral.

Se, desde as *Public Schools*, o futebol havia se tornado “um meio de ocupar a menor custo” o tempo dos internos - “quando os alunos estão no campo de esportes, é fácil vigiá-los, [pois] dedicam-se a uma atividade ‘sadia’ e direcionam sua violência contra os colegas ao invés de direcioná-la contra as próprias instalações ou de atormentar seus professores” (Bourdieu, 1989:146) -, o mesmo equivale em relação ao lazer dos trabalhadores no interior dos clubes de fábrica.

O The Bangu Athletic Club constitui o exemplo clássico de um clube de fábrica. Diferentemente dos seletos The Payssandu Cricket Club, fundado entre 1880 e 1886, e do Rio Cricket and Athletic Association, extinto quando os ingleses retornaram ao seu país de origem para combater na I Grande Guerra, o Bangu não era restrito aos ingleses e/ou à elite do Rio de Janeiro. Desde sua fundação, em 1904, o Bangu contou com a presença de outros imigrantes europeus e até mesmo de brasileiros, desde que funcionários da fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial do Brasil. Situada no bairro de Bangu, esta companhia, administrada por ingleses, não apenas admitia como incentivava a participação de seus funcionários no time da fábrica. Num exemplo que seria seguido por outras grandes empresas, como a Light & Power, em São Paulo, já na década de trinta (cf. Antunes, 1996); a Companhia Carbonífera, em Criciúma, na década de sessenta (cf. Silva Jr., 1996); a A. J. Renner, em Porto Alegre, entre as décadas de 40 e 60 (cf. Dienstmann, 1987); e outras tantas espalhadas por quase todas

²⁸ No próximo capítulo, voltarei a este assunto com um caso específico de clube-equipe que prosperou, o Sport Club Internacional, para que se possa entender melhor a complexidade deste “processo seletivo” tratado aqui de forma bastante genérica.

as grandes cidades brasileiras, criava-se uma modalidade de clube que contribuiria em larga escala para a popularização do futebol e dos respectivos clubes no Brasil.

Enquanto os ingleses da Companhia Progresso mantiveram para si o exclusivismo do *cricket* e os executivos da Light & Power inclinavam-se mais para o tênis, o xadrez e o remo, entre outros, o futebol se consolidou como o esporte da preferência popular. Além de aumentar o prestígio das empresas, entre seus próprios empregados e da população das vilas ou bairros operários, o futebol cumpria outras funções igualmente desejadas pelos industriais. Motivação no trabalho e controle do lazer - especialmente se os jogos fossem praticados em espaço cedido pela empresa era mais fácil contornar os distúrbios e o alcoolismo, grandes responsáveis pelas faltas injustificadas e quebra na produção - constituíam-se, do ponto de vista dos industriais, num ganho secundário que compensava os gastos com campo, fardamento, “faltas justificadas”, “bichos”, etc.

Outro ganho secundário dos patrões tinha a ver com a correlação inversamente proporcional entre a mobilização esportiva e a organização sindical. No que se refere a disputa pelo tempo livre dos trabalhadores, uma luta *tête-à-tête* entre a classe patronal e os sindicalistas, o futebol constituía-se numa arma poderosíssima; aos primeiros, evidentemente. Os incentivos deliberados à prática e fruição esportiva provocavam a ira dos sindicalistas, cujas assembléias tinham seu quorum diminuindo na mesma proporção que aumentavam as aglomerações em torno do campo. Para anarquistas e comunistas não poderia haver afronto maior de parte dos patrões do que marcar a final do campeonato interno para 1º de maio. Perceberam o futebol, desde logo, como um esporte burguês, “poderoso ópio capaz de minar a união e a organização de classe” (Antunes, 1994:106). Apesar das resistências, uma das soluções encontradas, especialmente pelos comunistas, foi a incorporação deste esporte em seus discursos tentando organizá-lo de maneira tal que pudesse contrapor-se a cultura burguesa.

Cultivaram expectativas um pouco exageradas (...), chegando a propor a criação de uma federação que reunisse clubes de futebol organizados pelos sindicatos. (...) Tendo ou não alcançado esse intento, o certo é que tanto anarquistas quanto comunistas tiveram participação importante na difusão do futebol entre a classe operária, notadamente entre os trabalhadores de alguma forma vinculados a sindicatos e associações de classe (:107).

Tanto a condenação do esporte por parte dos sindicalistas quanto os ganhos secundários dos empregadores, precisa ser relativizada. É assim que procede Leite

Lopes (1992) quando problematiza esta questão a partir da trajetória de Garrincha, fichado aos quatorze anos na Companhia América Fabril, sediada em Pau Grande, região serrana do Rio de Janeiro.

Ainda que a imagem que o público faz das origens de Garrincha não corresponda à de um operário, mas sim de um camponês ou de um (bom) vagabundo, sua juventude foi de fato a de um operário do setor têxtil, nascido em uma família que habitava uma vila operária em meio rural. Tais informações parecem importantes para elucidar os “mistérios” de seu futebol livre e imprevisível. Estes podem, realmente, ser eficazmente relacionados com os mistérios da vida social cotidiana do grupo operário de onde ele proveio, pois um dos enigmas próprios aos trabalhadores habitantes dessas cidades “paternalistas” com caráter de “instituição total” é que, ao olharmos de mais perto, descobrimos terem eles uma certa mobilidade, indisciplina e “liberdade”, que se exercia no próprio interior desse modo de dominação patronal que, além de sua produção industrial, controlava toda a sua vida social. Até mesmo dentro da fábrica, uma certa indisciplina e uma “cultura de oficina” podem desenvolver-se, parecendo quase indispensáveis para a boa gestão da produção. Além disso, graças à exploração autônoma de recursos oferecidos pela empresa (...), esses operários, geralmente de origem camponesa, beneficiavam-se de condições de vida mais favoráveis do que poderíamos presumir, tendo em vista apenas os seus empregos industriais. Outras estruturas ainda estavam à sua disposição, como assistência médica, associações religiosas, grupos folclóricos e essa instituição urbana que é o clube de futebol (:125-6).

Para os operários e a comunidade forjada a partir das fábricas, a oferta de lazer em geral e do futebol em particular era extremamente valorizada. Os clubes de fábrica estabeleciam uma relação de parceria com esses novos aglomerados urbanos, em grande parte constituídos por imigrantes camponeses, cumprindo um importante papel de coesão e produção de identidades sociais. Se de Pau Grande não tivesse surgido Garrincha, provavelmente a fábrica - desativada na década de sessenta -, o clube da América Fabril e a própria vila operária não fariam parte de um dos capítulos mais apaixonantes da história do nosso futebol. Antes de ser levado para o Botafogo, em 1953, Garrincha vestia a camisa 10 do Sport Club Pau Grande, imprimindo sucessivas goleadas nos demais clubes amadores da região. Graças ao seu “capital futebolístico”, Garrincha tinha assegurado um emprego na América Fabril. Displicente e faltoso, chegou a ser demitido durante duas semanas. Não mais, pois não sendo funcionário não poderia jogar no Pau Grande e este, por seu turno, não era o mesmo sem Garrincha.

O sucesso dos clubes de fábrica se estendeu, no plano genérico, até a “euforia” dos anos 1950-64, “relativamente mais favoráveis às classes populares no plano

econômico, político e das liberdades públicas” (Leite Lopes, 1992:133) e, no plano futebolístico, com a transição, mais ou menos lenta em diferentes estados brasileiros, do amadorismo para o profissionalismo.²⁹ A medida que o “passe” e o salário dos jogadores foram, progressivamente, atingindo cifras incompatíveis com a possibilidade das empresas e até mesmo em razão da nacionalização das disputas, os clubes de fábrica perderam espaço e a maioria deles desapareceram, em alguns casos paralelamente às fábricas, como no caso do Sport Club Pau Grande. Outros, como o Bangu e o Renner, ainda existem, mas sobrevivem a duras penas. O Bangu ainda participa da primeira divisão carioca enquanto o Renner, campeão Gaúcho de 1954, teve que juntar-se ao São José, também de Porto Alegre, para figurar na “Série B” do Campeonato Gaúcho.

A derrocada dos clubes de fábrica deixou “órfão” um grande contingente de torcedores. O drama só não foi maior porque boa parte desses torcedores já havia migrado para os grandes clubes simultaneamente a seus ídolos. Neste particular, a trajetória de Garrincha mostra-se, mais uma vez, paradigmática. Na sua estréia, em 1953, contra o Bonsucesso, Garrincha marcou três vezes. A cada gol dirigia-se para o mesmo setor das arquibancadas e levantava os braços sem que os demais torcedores compreendessem as razões pelas quais a cena se repetia.

Terminado o jogo, dirigentes e torcedores viram-no sair de campo nos ombros de dois jovens negros [Pincel e Swing] que gritavam “Garrincha!” e que vibravam como se ele tivesse derrotado (...) o escrete uruguaio. À saída do estádio, sempre com Garrincha nos ombros, os dois se juntaram a um cortejo que desfilou fazendo carnaval pelas ruas perto do estádio. (...) Uma caravana empoleirara trinta pau-grandenses num caminhão e passara o jogo inteiro gritando o seu nome. Ao fim da partida, depois de carregado em triunfo pelas ruas ao redor do estádio, Garrincha também se aboletou na caçamba do caminhão e voltaram todos para Pau Grande, soltando foguetes pela estrada e bebendo pinga pelo gargalo.

A chegada a Pau Grande foi uma apoteose. O caminhão trazendo Garrincha foi recebido com novo foguetório, estourado pelo povo da cidade assim que ele despontou na curva. (...) A cena repetiu-se muitas vezes: à saída do jogo, em qualquer estádio, era infalível ver um ou dois caminhões de Pau Grande regurgitando de gente, com

²⁹ Vale lembrar que, mesmo nos primeiros anos do profissionalismo, o salário dos jogadores, mesmo aqueles vinculados aos grandes clubes, não havia atingido às cifras atuais (cf. Castro, 1995:94-103). Assim, o emprego na fábrica, que dependendo da performance futebolística poderia render ao atleta uma promoção à cargo de chefia no baixo-escalão, era muito valorizado, especialmente por ter “carteira assinada”. O caso de Pedrinho, Flazio e Zezinho, ex-atletas do Metropolit, de Criciúma, demonstra a importância dos vínculos com a empresa que financiava o clube. Graças à carteira assinada, “os três jogadores possuem, como principal fonte de renda, a aposentadoria na Carbonífera Metropolitana” (Silva Jr., 1996:211).

Garrincha de pé na caçamba, precariamente equilibrado, voltando vitorioso - ou não - para sua cidade (Castro, 1995:70-1).

Os vínculos com a vila operária e, principalmente, com o ethos desses trabalhadores jamais foram superados por Garrincha. Teve uma vida tumultuada, marcada por inúmeras tragédias pessoais e familiares fora de campo mas, nem por isso, deixou de ser a “alegria do povo”. Seu ritual fúnebre revelou, de uma vez por todas, segundo interpretação de Leite Lopes, a profunda identificação entre Garrincha e “uma certa classe operária, a das vilas operárias tradicionais” (1994:134).

Esta identificação projetada num jogador, como no caso de Garrincha, ou num clube, como os clubes de fábrica, não desapareceu com a morte do primeiro ou a derrocada dos últimos; foi apenas deslocada para aqueles que, num primeiro momento se caracterizaram como clubes de elite ou clubes-equipes e, com o passar dos anos, foram-se popularizando. Os clubes de fábrica deixaram importante contribuição para as próprias classes trabalhadoras, demonstrando, através das performances irregulares, que se ganha ou se perde mas se permanece num mesmo lugar. Contribuíram também para a coesão social nos bairros e vilas operárias e na consolidação, no âmbito do pertencimento clubístico, de uma série de valores morais, entre os quais se inclui a noção de fidelidade ao clube pelo qual se torce, especialmente quando este clube, como no caso dos clubes de fábrica, representava não apenas a patronagem mas, fundamentalmente, a ascensão do operariado. Por isso Garrincha era exibido como um troféu e, sempre que possível, levado de volta a Pau Grande para festejar com os seus. Morreu tragicamente em 1983 e foi enterrado na vila operária onde nasceu e aprendeu jogar futebol.

2.2.4. As “Peladas”: um contraponto

A distinção aqui esboçada entre os clubes de elite, os clubes-equipes e os clubes de fábrica deve ser entendida, antes de mais nada, como uma tentativa de agrupar diferentes modalidades de prática e fruição do futebol a partir de critérios analíticos. Sendo assim, convém esclarecer que, do ponto de vista dos futebolistas e torcedores, as distinções sugeridas certamente não se apresentam tão nítidas como eu as apresentei. A mobilidade dos jogadores, como no caso de Garrincha, que iniciou sua carreira no “profissionalismo marrom” de um clube de fábrica e mais tarde se transferiu para o profissionalismo “oficial”, no Botafogo, demonstra o quanto estas instituições estão

interligadas. Só que, antes mesmo de entrar para a Companhia América Fabril, Garrincha - e o mesmo pode ser dito de quase todos os atletas profissionais daquela época - jogava futebol com seus amigos de infância; era, como se diz no jargão futebolístico, um “peladeiro”.

A “pelada”, que Guedes (1982) caracteriza como a “instituição zero” do futebol é, indiscutivelmente, o ponto de partida para o aprendizado das técnicas futebolísticas, especialmente no caso brasileiro onde a “rua” é tão ou mais importante do que a escola - ou outras instituições do gênero - na socialização dos meninos (cf. Da Matta, 1982). Segundo Rosenfeld, o termo “pelada” surgiu tendo como referência os campos de subúrbio, “improvisados, sem grama, de chão batido”, o oposto dos *fields* ou *grounds*, da elite. Embora os terrenos baldios e os campos de várzea tenham sido deslocados para a periferia das cidades ou simplesmente desaparecido, em razão da especulação imobiliária, as “peladas” e seu público, constituído, em sua maioria, pelas classes trabalhadoras, têm resistido bravamente, recriando, na periferia, um espaço destinado ao lazer e à sociabilidade. A este espaço físico que corresponde a uma determinada rede de sociabilidade, Magnani (1982; 1996) denomina “pedaço”:

aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (1996:32).

É nos pedaços e através das “peladas” que grande parte dos brasileiros aprendem a jogar futebol, especialmente aqueles para quem é vedado o acesso às instituições formais - clubes, escolinhas, etc -, até mesmo por razões de ordem econômica. Além do domínio das técnicas corporais propriamente ditas, na conotação que Mauss (1974) atribui ao termo, nas peladas são aprendidos certos códigos, valores e atitudes que dizem respeito à sociabilidade e ao conflito dentro e fora do grupo, do time e do pedaço. A principal diferença das peladas em relação ao futebol “oficial”, que é também a diferença entre o pedaço e os clubes, está na forma como são mediados os conflitos. Enquanto nos clubes se aprende a respeitar as regras oficiais, o juiz e o professor, nas peladas se apreende a estabelecer parâmetros éticos *ad hoc* e a conviver com estes códigos instáveis pois, em geral, a figura do mediador inexistente, ou melhor, são os próprios jogadores que desempenham este papel. Portanto, não há nas peladas um código disciplinar fixo e tão pouco dispositivos para punir, a posteriori, uma jogada

violenta, por exemplo. Não há sequer parâmetros preestabelecidos, como nas regras oficiais, para se determinar se uma jogada mais brusca é, de fato, desleal e como tal sujeita ao revide, ou, se deve ser admitida consensualmente entre os praticantes. Por tudo isso, a pelada se constitui num espaço privilegiado não apenas à prática do lazer em geral e do futebol em especial mas como “instituição” laica onde se aprende e se ensina noções elementares de fidelidade, honradez e pertencimento grupal.³⁰

Dizer que as peladas contribuíram, decisivamente, no processo de popularização do futebol no Brasil torna-se uma obviedade; é preciso dizer como. Por um lado, sempre existiu uma relação de complementaridade entre o futebol das peladas e aquele trazido por Charles Miller. Há quem atribua às peladas a constituição do “estilo brasileiro de jogar futebol”, não apenas diferente mas oposto aquele praticado pelos europeus (voltarei a este tema no último capítulo). Independente desta afirmação ser ou não procedente, o certo é que as peladas foram, por muito tempo, um “celeiro de craques” e o ponto de partida para a fundação de clubes, especialmente daqueles que competem nas ligas amadoras. De outro lado, as peladas, a medida que praticadas em larga escala, contribuíram e ainda contribuem na formação de jogadores³¹ que cedo ou tarde formarão o público torcedor, indispensável à sobrevivência dos atuais “grandes” do futebol brasileiro.

“Pelada: um contraponto” não estava previsto no roteiro inicial mas teve de ser escrito para deixar claro que, apesar da importância dos clubes de elite na disseminação do *habitus* esportivo e dos ideais associacionistas, este modelo foi oxigenado pela

³⁰ Em razão destas peculiaridades, as “peladas” são tomadas, freqüentemente, como uma manifestação lúdica, artística e democrática da cultura popular. O futebol praticado nos clubes seria, então, o oposto: competitivo, burocrático e excludente. Nem uma coisa nem outra, como mostra um trabalho de Guedes (1982) entre os operários de uma indústria têxtil do Rio de Janeiro com passagem por clubes “semi-profissionais”. O depoimento destes “jogadores frustrados” contesta a idéia de conformidade das classes trabalhadoras em relação à “pelada”. Trata-se, evidentemente, de uma prática importante desde o ponto de vista da construção e desconstrução da masculinidade, da sociabilidade e do lazer. Todavia, o “peladeiro” não deixa de ser um profissional fracassado, especialmente no interior destes grupos para os quais o futebol se constitui numa possibilidade – em geral, referida como “sonho” – de ascensão social e econômica. Entre os “profissionais frustrados”, incluindo os que apenas sonharam e outros que tentaram, como maior ou menor êxito, realizar este sonho, a tendência é a valorização dos times “uniformizados”, “calçados” e que participam regularmente de competições no circuito local, em detrimento dos “peladeiros” por excelência; dos que, por uma razão ou outra estão à margem do verdadeiro jogo, daquele que não se limita a um fim em si mesmo. Em resumo, a apregoada pureza e hiper-valorização das “peladas” deve ser relativizada.

³¹ Embora eu mesmo não tenha me preocupado muito com a distinção entre atletas e jogadores, na maioria das vezes tomados como sinônimos, esta diferença se impõe neste momento. A rigor, o termo jogador é atribuído, indistintamente, a qualquer praticante de futebol ao passo que o termo atleta possui uma conotação restrita, designando aquele que se submete aos treinamentos visando o profissionalismo. Esta distinção é particularmente recorrente nas “categorias de base” dos grandes clubes e serve, inclusive, para demarcar a diferença entre o que “tem futuro” – “profissional”, “atleta”, etc. – e outro, que “não tem” – “peladeiro”, “jogador”, etc. Cf. Damo (1995).

versão informal de futebol constituída nas “peladas”. Isto não significa, contudo, que as “peladas” sejam um *laissez-faire*. Por fim, apesar da redução progressiva dos terrenos baldios e dos campos de várzea, e da pouca importância que o poder público em geral confere ao lazer dos trabalhadores, o que é lamentável, a “pelada” não morreu; nem do ponto de vista do lugar, nem em termos de valor pois até mesmo os “profissionais” realizam seus “rachas”.

2.3. Os torcedores e seus clubes

2.3.1. Torcer, participar e significar

De acordo com um dito popular, “gosto e cor não se discute”. Como o “clube do coração”, são consideradas escolhas de natureza pessoal e, até certo ponto, aleatórias. Sendo assim, qualquer discussão cujo tema inclua cor, gosto ou preferência clubística parece enquadrar-se no rol das amenidades e, para muitos, das futilidades; por mais convincente e calorosa que seja a arguição, jamais se chegará a uma conclusão definitiva. O consenso parece ser a única saída e, dado que ele já está posto desde o princípio - “gosto, cor e clube não se discute” -, cria-se uma circularidade intransponível, uma espécie de eterno retorno.

O fato dessas discussões parecerem intermináveis e repetitivas não significa que elas não tenham nexos. Especialmente em se tratando de roupa e comida, onde cor e gosto são fundamentais, a antropologia soube explorar de tal forma os aspectos simbólicos desta discursividade das preferências pessoais e, supostamente aleatórias, que acabou forjando dois chavões muito recorrentes: “você é o que, o como e o onde você come” e “você é o que e o como você veste” (Fine e Leopold, 1993). Não fosse o pertencimento clubístico decorrente de uma escolha única e imutável, portanto, bem diversa do que ocorre com os alimentos e o vestuário, poder-se-ia afirmar que também no futebol “você é o clube para o qual torce, o como e de onde torce”.

Como se sabe, cada clube tem sua própria história marcada por grandes conquistas, vitórias e derrotas inesquecíveis, enfim, um conjunto de fatos e circunstâncias recorrentes na memória dos torcedores. Tais fatos e circunstâncias são invariavelmente identificados com determinada época, local e inúmeros personagens, dentre os quais o narrador - no caso o torcedor - sempre ocupa um lugar de destaque.

Trata-se, antes de mais nada, de um ajuste, de um ordenamento cujos objetivos não se limitam a elaboração de uma narrativa na qual o sujeito se reconhece enquanto pertencente à trajetória do clube - ou parte dela - mas, seguidamente, a adequação desta última numa perspectiva individualizada, condizente com a visão de mundo de um sujeito que se percebe além da condição de torcedor. Neste processo, a trajetória do clube pode e tende a ser constantemente recriada, eliminando-se eventuais contradições entre valores considerados primordiais em outras esferas da sociedade - partidos políticos, por exemplo - e aqueles praticados pelo clube enquanto instituição. Desta elaboração emergem as contradições e idiossincrasias que tornam as discussões futebolísticas absorventes, reveladoras e até mesmo imprevisíveis; pode-se começar pelo resultado do jogo do dia anterior ou com a avaliação do desempenho deste ou daquele atleta, porém, é impossível prever onde e como vai acabar.

Em linhas gerais, a contrapartida da fidelidade clubística se manifesta na liberdade com que cada fiel torcedor tece a história da agremiação à qual torce e, ao tecê-la, torna-se parte dela. Ou seja, o torcedor pertence ao clube da mesma forma que o clube lhe pertence. Assim, pode-se afirmar que “você é o clube para o qual torce” desde que se tenha em mente que a intensidade deste “torcer” pode variar também de acordo com as circunstâncias e com a importância que cada sujeito concede ao esporte, ao futebol e a seu “clube do coração”.

O torcer ou pertencer, como queiram, pode variar, pelo menos no caso do futebol brasileiro, de acordo com as relações de gênero. Entre as representações dos torcedores homens, é comum ouvir-se metáforas que aproximam o amor ao clube do amor a uma mulher. Souza (1996) dedicou um capítulo de sua dissertação sobre o tema da sexualidade no futebol brasileiro, contestando as afirmações de que o futebol seria uma “aula de democracia”. Segundo Souza, as mulheres são excluídas do futebol enquanto sujeito à medida que são, elas mesmas, objeto de discussões, metáforas e analogias futebolísticas. Por ser um campo reservado à “simbólica da masculinidade”, o futebol reforçaria a “dominação tradicional masculina no Brasil” (:77).

Simone Guedes (1982), por exemplo, corrobora a tese de que o futebol, mesmo o torcer, é uma área reservada para os homens. Segundo ela, para torcer é preciso gostar de futebol e

“gostar de futebol” pressupõe “entender de futebol”, o que só é conseguido através da prática do jogo. Isso delimita claramente essa área como masculina porque, além de outras razões, as mulheres não

podem realmente “gostar de futebol”, já que a prática do futebol feminino é pelo menos incomum (:62).

Se o leitor estiver lembrado, já me referi, rapidamente, a esta afirmação de Guedes na introdução desta dissertação. Não tratei de refutá-la por completo mas, baseado em dados quantitativos, contestá-la no que se refere ao pertencimento clubístico. De um lado, os dados estatísticos fazem crer que o pertencimento clubístico é aberto, tanto para homens quanto para mulheres. De outro, têm-se que o futebol é uma área “delimitada claramente como masculina”. Como então resolver este paradoxo sem incorrer numa solução intermediária, tão ambígua quanto superficial, dizendo, por exemplo, que torcer é mais significativo para os homens do que para as mulheres?

O ponto central da questão reside no valor atribuído à experiência. Guedes, por exemplo, considera-a fundamental, indispensável ao entendimento do futebol, embora não especifique sua noção de “entendimento” - afinal, o que é preciso saber de futebol para ser reconhecido como um “entendido”? Tomo, então, a liberdade de supor que o “entendimento” ao qual Guedes se refere implica não apenas o domínio objetivo - saber quem é quem num jogo de futebol; onde devem estar, por quê e como devem proceder os jogadores - mas também subjetivo. Esta segunda dimensão do “entendimento”, fortemente imbricada na primeira, caracterizar-se-ia pelas emoções suscitadas pela dinâmica do jogo ou ainda, por partes específicas desta totalidade; como no caso de um drible, um chute, um gol e assim por diante.

Considerando-se que o futebol pode ser visto como “um sistema de signos, ou seja, uma linguagem” (Pasolini, 1996:33), na qual os jogadores seriam os emissores e os torcedores os receptores, cada lance corresponde a um código que precisa ser decifrado por quem está nas arquibancadas. Desconsiderando-se desde logo uma explicação do tipo causa-efeito, pode-se afirmar que a comunicação entre jogadores e torcedores só é possível graças a função significante que permite com que o drible, por exemplo, possa ser “entendido” por quem o aplaude como algo além de uma simples manobra característica do futebol.

É claro que a experiência prévia ou seja, a prática do futebol, auxilia na compreensão de quão raro, difícil de executar e por isso mesmo valorizadíssimo é, por exemplo, driblar o adversário passando-lhe a bola entre as pernas. Quem já driblou ou foi driblado compreenderá a humilhação e o júbilo que esta manobra representa, mas isto não é tudo. Como a experiência é um evento particular e, portanto, privado, é a significação que possibilita a comunicação (Ricoeur, s/d:27). Sendo assim, tem-se que,

por um lado, determinado lance pode ser compreendido mesmo por quem não está diretamente envolvido nele ou ainda, por quem jamais participou de um evento similar. Basta, para tanto, que ao evento seja atribuído um sentido e isto está ao alcance de qualquer indivíduo independente da questão de gênero.

Esta incursão semiótica - muito aquém do que se poderia considerar uma tentativa de teorização e bastante elementar se vislumbrado o tanto que a ciência dos signos poderia auxiliar na compreensão do futebol - acaba com o paradoxo de gênero explicitado anteriormente. Da mesma forma que a prática do futebol não garante, por si só, o “entendimento” do jogo, nem ao praticante e muito menos ao torcedor, nada independe que um sujeito, seja homem ou mulher, “entenda” perfeitamente o que se passa durante um jogo. A problemática do “entendimento” futebolístico não reside, portanto, na questão do gênero e sim da significação. De mais a mais, o “milagre da significação”, que segundo Ricouer (s/d:27) nos permite superar a solidão da incomunicabilidade, também opera no contexto do futebol. Enquanto a prática deste esporte ainda se caracteriza como uma área notadamente masculina, o torcer está aberto à participação feminina.³² E isto fica claro a partir do entendimento do jogo como uma experiência mimética.

As experiências e o comportamento das pessoas num contexto mimético representam uma transposição específica de experiências e de comportamentos característicos das chamadas coisas “sérias da vida”, quer este termo se refira ao trabalho profissional quer a outras atividades de lazer. Não significa que o último seja uma imitação ou reflexo do primeiro. Refere-se ao fato de que no contexto mimético, o comportamento emocional e as experiências da vida ordinária adquirem uma tonalidade diferente. Aqui podem experimentar-se e, em alguns casos, representar-se sentimentos fortes sem se correr quaisquer riscos (...). Mesmo o medo, o horror, o ódio e outros sentimentos que estão longe de serem agradáveis, e as ações correspondentes ao quadro mimético associam-se em maior ou menor dimensão a sentimentos de prazer (Elias, 1992b:184).

Enquanto prerrogativa de todo e qualquer sujeito significante, a experiência mimética é universal. Porém, no caso específico do futebol, esta possibilidade de “transportar-se para o lugar de outrem”, alterou, substancialmente, a própria designação do público que ocorre aos estádios. Aqueles que no tempo de Charles Miller eram

³² Tanto é verdade que no “I Concurso de Redação” organizado pelo Consulado Mirim do Grêmio, todos os cinco trabalhos premiados foram escritos por alunas do primeiro grau. Segundo Ricardo de Araújo, organizador do concurso, *bem que tentamos incluir um menino entre os cinco primeiros, mas não deu!*

designados de *audience* são hoje os torcedores e a mudança não é apenas termos mas de atitudes. A idéia de co-participação está estampada no próprio verbo:

torcer significa “virar, dobrar, encracolar, entortar”, etc. O “torcedor” designa, portanto, a condição daquele que, fazendo figa por um time, torce quase todos os membros, na apaixonada esperança de sua vitória. Com isso reproduz-se muito plasticamente a participação do espectador que ‘co-atua’ motoramente, de forma intensa, como se pudesse contribuir, com sua conduta aflita, para o sucesso de sua equipe, o que ele, enquanto torcida - como massa de fanáticos que berram -, realmente faz (1993:94).

A crença de que os torcedores interferem no andamento do jogo, co-atuando simultaneamente a seus ídolos, está mais disseminada no futebol do que em outros esportes. Diferentemente do tênis, por exemplo, no qual o comportamento do público segue determinados códigos bem específicos, entre os quais o silêncio durante o *match*, ficando, os aplausos, para o final, no futebol não existe uma regra de etiqueta que oriente a co-atuação dos torcedores.³³

O torcedor de futebol é exatamente assim. Quando o jogador faz um gol está apenas cumprindo os desígnios de alguém na arquibancada. Ele se projeta na imagem do ídolo, mas com uma solene diferença: não desperdiça jamais uma bola. Quicou na frente dele, não tem castigo: é gol. Por isso, o torcedor é tão impiedoso com falhas do seu herói. Falo por mim. Eu mesmo, quando moço, do alto da arquibancada, nunca errei um passe e muito menos um chute. Cheguei a perder a conta dos gols que fiz com os pés que nunca foram meus (Nogueira in: Toledo, 1996a:11).

Tanto em Rosenfeld quanto em Nogueira, o torcedor é referido como alguém que participa, efetivamente e a seu modo, do jogo. Como diria Debrun (1982:92), trata-se de uma espécie de “observador participante”, termo muito conhecido entre nós, antropólogos. Entretanto, nota-se nas citações anteriores uma espécie de reificação dos torcedores, expressa na própria designação do “torcedor” como agente universal. Especialmente no caso de Rosenfeld, é interessante notar como os torcedores passam, num primeiro momento, da passividade à atividade, transformando-se de espectadores - aqueles que olham, espreitam, a uma certa distância - em co-autores - que atuam, que

³³ Como ocorreu em 1996, por ocasião da Copa Davis, em que os suecos desistiram do confronto alegando mau comportamento dos torcedores brasileiros, freqüentemente a própria crônica esportiva adverte para a diferença entre o tênis e o futebol. O primeiro, sentenciam, requer extrema concentração dos atletas e, portanto, silêncio absoluto. A plateia, muito próxima da quadra, só deve se manifestar no fim dos *matches* e por meio de aplausos; um padrão comportamental exigido de toda assistência que se pretenda “civilizada”. Manifestações a partir de uma manobra isolada constitui uma gafe tão grave quanto aplaudir um ato em uma ópera ou uma cena no teatro. Porém, de pouco adianta tais incursões pedagógicas pois os brasileiros, mais afeitos ao futebol, violam, sistematicamente, a regra do silêncio.

através de suas ações interferem no real, neste caso, no resultado do jogo. Num segundo momento, os torcedores são reconduzidos à condição anterior, a medida que, “enquanto torcida, como massa de fanáticos que berram”, “o torcedor” é qualificado como fanático - que tem dedicação apaixonada e inconteste - e diluído num coletivo denominado “massa”, cuja ação se expressa através de berros. “O torcedor” dissipa-se na “massa”, cuja atuação apresenta-se como independente dos indivíduos e grupos que a compõem; ocorre, em outras palavras, a reificação do sujeito através de um coletivo que o transcende.

A superação da perspectiva reificante passa, necessariamente, pelo reconhecimento da diversidade do público que ocorre aos estádios bem como das diferentes formas de torcer. Se até mesmo no interior das Torcidas Organizadas existem grupos segmentados de acordo com afinidades que vão desde o gosto musical até o bairro de origem - por exemplo, os *funkeiros* da Cidade Baixa da Torcida Jovem do Grêmio -, poder-se-ia listar outras tantas distinções suficientemente eficazes na ratificação ou redefinição de posições de classe, identidades sociais, padrões éticos e estéticos e assim por diante. A própria frequência aos estádios, o domínio de informações de bastidores, o consumo de mercadorias associadas à imagem do clube e o comportamento durante os jogos, são apenas alguns dos tantos critérios alencados para classificar e hierarquizar as diferentes intensidades e formas de expressão do pertencimento clubístico. Não há, portanto, um “tipo ideal” de torcedor que possa ser generalizado. Ou melhor, forjar esse “tipo ideal” seria desconsiderar a diversidade característica do universo futebolístico.

É evidente que referências mais genéricas são as vezes necessárias quando se quer evocar não o indivíduo, o gremista fulano de tal, por exemplo, mas a coletividade da qual este torcedor faz parte. Entre os torcedores, as referências genéricas são muito comuns: colorado é isto, gremista, aquilo, e assim por diante. Entretanto, antes de adotar a visão êmica é preciso entender como ela opera para não reificá-la.

2.3.2. Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes como categorias do entendimento

Na segunda parte deste capítulo - “O *habitus* associacionista e o futebol no Brasil” - apresentei uma síntese acerca das várias matizes que deram origem aos clubes de futebol no Brasil, especialmente o “grupo dos 13”. Valendo-me de dados históricos e de considerações mais alargadas sobre a popularização do próprio futebol, apresentei os clubes de uma forma que nem sempre corresponde aquela cujos torcedores os percebem. Para estes últimos, os clubes, na maioria das vezes, se constituem numa espécie de entidade virtual cuja existência real só é notada quando o time entra em campo. O Inter, por exemplo, tinha uma torcida estimada em pouco mais de 4,5 milhões de colorados em 1993 mas, nos últimos dez anos, nunca ultrapassou os 10 mil associados. Considerando-se ainda que a grande maioria dos 4,5 milhões de colorados nunca viu seu “time do coração” jogar “ao vivo” e nem por isso se consideram menos apaixonados, convém uma indagação: que espécie de pertencimento é este? Afinal, o que desperta tanto fascínio no “clubes do coração”?

O mote levistraussiano forjado a partir do estudo estrutural do totemismo (Lévi-Strauss, 1975) não esgota as questões precedentes mas fornece algumas pistas. “Bons para torcer, bons se para pensar” não é uma transposição de “bons para comer, bons para se pensar” e, ao apropriar-me desta formulação não estou adotando aqui por diante uma perspectiva estruturalista nos termos do mestre francês e tampouco pretendendo aproximar diferentes modelos de sociedades. Pretendo, isto sim, sugerir uma hipótese genérica segundo a qual os clubes de futebol, especialmente o “grupo dos 13”, constituem-se numa espécie de “categorias do entendimento” para aquela parcela de brasileiros que se diz apaixonada pelos “clubes do coração”. A hipótese, como se pode ver, é arrojada e serve como pano de fundo para se ler os capítulos seguintes.³⁴ Porém, antes de chegar até eles, é preciso fazer algumas ponderações.

O “ser gremista”, tomado isoladamente, pouco tem a dizer. Descobri isto ao longo do trabalho de campo quando percebi que toda vez que formulava perguntas do tipo, “qual o significado de ser gremista” ou “como você definiria um gremista”, punha

³⁴ Como estou escrevendo uma dissertação e não uma tese, formular uma hipótese como esta pode parecer estranho ou equivocado. Não tenho a pretensão de tornar minha hipótese uma tese mas se fiz questão de enunciá-la é, antes de tudo, para fornecer ao leitor uma idéia de como estruturei este trabalho; por que certas questões e não outras tantas que poderiam ter sido investigadas numa esfera tão ampla como é o futebol.

meus informantes numa situação embaraçosa. Os olhares se voltavam para o horizonte e, via de regra, as respostas eram evasivas ou redundantes: “ser gremista é ser gremista”, “não tem como explicar”, “é cultuar o clube”, “é expressar seu gremismo em todos os lugares e em todas as circunstâncias”, e assim por diante. Marcelo, 17 anos e membro da Torcida Jovem, foi um dos poucos a responder prontamente; depois de um sorriso sarcástico, sentenciou: *o verdadeiro gremista é um anti-colorado, não tem jeito!*

Embora o Grêmio e o Internacional formem uma dupla muito peculiar, (ver Cap. III), a paixão por um clube, seja qual for, implica também na aversão por “outro”. Nesta perspectiva, dizer-se gremista é, mesmo que veladamente, dizer-se anti-colorado e não-flamenguista, palmeirense, santista e assim por diante.

De outra parte, os clubes são associados a outras categorias do social. As rivalidades, por exemplo, giram em torno de sentimentos vinculados a “grupos primordiais, aqueles em que nascemos, quer se concentrem na língua, costume, religião, raça, tribo, etnia ou lugar” (Lever, 1983:26). E o mais impressionante é que um único destes “sentimentos primordiais” é capaz de segmentar duas extensas comunidades simultaneamente coesas em si mesmas e rivais entre si. Quando o Grêmio é identificado como um “clube de elite”, por exemplo, o Inter torna-se, automaticamente, o “clube do povo”, e vice-versa. É claro que as identidades clubísticas não se resumem a identificações desta ordem mas não há como negligenciar que tais associações tem muito a ver com o contexto mais amplo da sociedade. Ou seria mera coincidência o fato dos clubes brasileiros, em geral, estarem vinculados às noções ênicas de “raça” e “classe social”?

No futebol brasileiro todo clube tem seu “outro”, seu “contrário”. É assim em Porto Alegre, com o Gre-Nal; na Bahia, com o Ba-Vi; em Pelotas, com o Bra-Pel; e até em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde existem mais de dois “grandes”, predominam as rivalidades entre Corinthians *versus* Palmeiras e Flamengo *versus* Fluminense, respectivamente. Outro dado importante é que as maiores rivalidades são entre clubes locais, da mesma cidade, e isto se deve, em parte, ao fato dessas rivalidades terem se constituído num período em que preponderavam as disputas pelas ligas metropolitanas, até mais ou menos os anos 30 e, portanto, sob a égide do amadorismo.

Para muitos torcedores, cronistas esportivos e até mesmo pesquisadores, essas rivalidades tiveram origem no contexto de fundação dos clubes; o exemplo do Flamengo, surgido a partir de uma debandada de atletas do Fluminense é um dos mais recorrentes. Sem negar a procedência desta explicação, é preciso indagar, contudo, as

razões pelas quais tais rivalidades, partindo de disputas muitas vezes restritas a um grupo reduzido de praticantes, assumiram os contornos atuais.

Parte desta resposta encontra-se na própria dinâmica dos esportes coletivos. A partir desta dinâmica, Elias e Dunning (1992c) desenvolveram a noção de configuração, “um complexo de polaridades interdependentes criadas no padrão de jogo” (:293), e estenderam-na ao comportamento dos torcedores. Como a existência de dois grupos antagonistas é condição necessária à realização de uma partida de futebol, Elias e Dunning acreditam que a dinâmica dos torcedores segue a mesma lógica. Isto não significa que a ação dos torcedores seja uma simples reação, uma consequência daquilo que se passa dentro de campo, mas, enquanto grupos *ad hoc*, identificados com a disputa, orientam - mediatizam - suas ações tendo como horizonte mais próximo o desenrolar do jogo e o comportamento dos torcedores oponentes. Isto é válido, inclusive, naquelas circunstâncias em que, no estádio, praticamente todos os presentes pertencem a apenas uma das agremiações.³⁵

Na verdade, o comportamento antagonístico, seja dos times ou dos torcedores, não é uma exclusividade do futebol. Trata-se de um componente estrutural do próprio jogo, entendido como um ritual disjuntivo, e que só pode ser apreendido em sua totalidade.

Diferente do que ocorre nos rituais das sociedades pré-industriais e nas sociedades primitivas, onde a lógica do ritual separa de antemão os envolvidos (iniciados e não-iniciados), para num momento posterior promover a união, junção em uma só categoria ou classe (todos iniciados), inversamente o jogo parte de uma situação de igualdade (...) e, ao final de seu desenvolvimento, promove uma cisão, uma diferenciação entre perdedores e ganhadores. De uma simetria pré-ordenada em virtude da isonomia das regras entre os participantes chega-se a uma assimetria engendrada pelas contingências do acaso, talento, circunstâncias outras, que levam alguns a ganharem e outros a perderem (Lévi-Strauss in: Toledo, 1995:134).

Afinal, o que se ganha ou perde com o futebol? Com a profissionalização e o incremento mercadológico, o resultado de um jogo pode implicar em ganhos e perdas

³⁵ Há vários exemplos de como se pode aferir a “presença virtual” do “outro”. Num jogo Grêmio e Goiás, por exemplo, pela última rodada classificatória do Campeonato Brasileiro de 1996, os torcedores gremistas fizeram festa mesmo com a derrota do seu time por 3 a 1. Lá pelo final do jogo, o placar eletrônico do Olímpico anunciou: “torcedor gremista: ‘eles’ estão fora!” “Eles” referia-se, evidentemente, aos colorados, cujo time jogara, perdera e se desclassificara diante do Bragantino, em Bragança Paulista, paralelamente ao jogo do Grêmio. Outro exemplo que atesta a “presença virtual” são aquelas comemorações esporádicas: sem mais nem menos, os torcedores do Grêmio se levantam e esmurram o ar, durante o intervalo do jogo do Olímpico, por exemplo. Claro, em algum lugar deve estar sendo marcado um gol contra o Inter, não resta dúvida; basta sintonizar o rádio e comprovar. Aliás, esta é uma das razões pelas quais o rádio faz parte do *kit* dos torcedores.

reais. Do camêlo ao cambista e dos jogadores aos patrocinadores, uma quantidade significativa de pessoas dependem economicamente do futebol e para estes, vitórias e derrotas são mensuráveis à medida que envolvem dinheiro, e, não raro, apenas isto. Entretanto, para os torcedores, ganhos e perdas são preponderantemente simbólicos. A rigor, economicamente, os torcedores só perdem, pois, a menos que ocorram apostas informais entre eles, o valor do ingresso e os demais investimentos monetários para se freqüentar o estádio - gastos com camisetas, bonés, lanches, bebidas, passagens de ônibus e assim por diante - não possuem retorno pecuniário. Ao contrário dos jogadores, os torcedores permaneceram no amadorismo.

Como “cada jogo é um jogo”, diz um adágio popular, a cada evento são “jogados”, do ponto de vista dos torcedores, códigos, valores e atitudes de acordo com a peculiaridade dos clubes envolvidos no confronto. A trajetória pregressa de cada um deles, do confronto entre eles e as implicações mais imediatas que o resultado do embate pode acarretar, constituem os elementos mais significativos a serem mobilizados pelo que caracterizarei como a dialética da temporalidade do evento e da tradição.

Na “temporalidade do evento”, ou seja, no ritual disjuntivo e, portanto, nos 90 minutos de “bola rolando”, destacam-se os aspectos propriamente emotivos do embate futebolístico. Não é, contudo, uma temporalidade linear. O gol, por exemplo, engendra o contraste e a ruptura dentro da própria temporalidade do ritual. O contraste entre os jogadores que comemoram e os que, cabisbaixos, tratam de se recompor entre a explosão e o silêncio das arquibancadas. A ruptura temporal, uma espécie de fissura na fissura, pois o tempo do jogo já é um tempo diferenciado do cotidiano, transcende seu significado mais imediato. Encerra, seguindo Ricoeur (s/d), um “excesso de sentido”, próprio da fugacidade do evento e da emoção a ele associada ou, de acordo com Bachelard (1988), trata-se de um tempo “espesso”, “vertical”, marcado mais pela sua “riqueza e densidade” e menos pela “duração”.

A “temporalidade da tradição” não deve ser confundida com a memória coletiva e tão pouco com a história dos clubes, seja “oficial” ou não, mas está intimamente ligada a estas duas. A “temporalidade da tradição” agrega a tradição - a “tradição do Gre-Nal”, por exemplo, que resulta de sobreposições e arranjos múltiplos produzidos pelos vários segmentos que constituem o universo futebolístico - a um tempo que não é o tempo do jogo propriamente dito. É o tempo do cotidiano, ligado ao espaço da casa e da rua, do trabalho e do lazer, onde se “discute futebol”. Nesse tempo é que se circulam

as anedotas, os mitos, enfim, é onde se inventam as tradições que aproximam futebol e sociedade e garantem ao primeiro um encadeamento histórico. Sem a dialética do evento e da tradição, o futebol seria apenas uma sequência ilimitada de jogos; não seria sequer um ritual e tampouco disjuntivo pois o evento não teria o que atualizar e a tradição não teria como fazê-lo.

Os jogadores não são galos nem o futebol uma rinha e, tampouco, os brasileiros são balineses. Metáforas e alegorias devem ser compreendidas enquanto tais e, portanto, o futebol não pode ser reduzido a elas. Contudo, um jogo será sempre um jogo, mais ou menos absorvente de acordo com o risco e a tensão por ele despertado. Tanto a briga de galos quanto uma partida de futebol podem ser apreciadas simplesmente pelo espetáculo que galos e jogadores podem proporcionar; basta que se entenda um pouco de rinha e de futebol. Mas serão mais espetaculares ainda se se puder identificar o *status*, a história e a tradição aos quais galos e jogadores “pertencem”. Nesta perspectiva, a temporalidade do evento e da tradição constituem a foça motriz da dinâmica de grupo de um jogo de futebol. Enquanto a temporalidade do evento depende, em grande parte, do equilíbrio e do empenho entre as equipes envolvidas no confronto, a temporalidade da tradição está permeada por simbolismos que vão desde as categorias sociais e culturais que os clubes são capazes de representar e confrontar até a intensidade com que os torcedores se identificam com tais categorias; ou seja, isto pressupõe um mínimo de conhecimento prévio da trajetória pregressa do seu “clube do coração” e do adversário. Assim, um jogo poderá ser excitante mesmo que tecnicamente fraco, basta que a tradição lhe assegure uma posição de destaque; o inverso também é verdadeiro. Mas, é quando ambas as temporalidades se sobrepõem com vigor e intensidade que o jogo se torna verdadeiramente absorvente; “inesquecível”, como dizem os torcedores. O contrário porém, é indicativo de estádio vazio, de torcedores dispersos pelas arquibancada e, principalmente, de uma pertença frágil e inconsistente.

CAPÍTULO III

SER GREMISTA OU COLORADO: EIS A QUESTÃO

Ontem passei na rua por um preto e um branco que discutiam, obviamente, futebol e ouvi o preto dizer: “E o ranca? E o ranca?” Já estava longe da dupla quando me dei conta. O colorado acuado pela gozação gremista estava invocando o “ranking”, a classificação dos clubes brasileiros segundo a sua performance (...) em campeonatos nacionais, e na qual o Internacional é líder. Um parco consolo para estes dias de frustração e desejos assassinados, mas um consolo assim mesmo. O Grêmio também está muito bem no ranca (...) e isso se deve à mesma rivalidade que abastecia o duelo verbal, que tinha todo o jeito de ter começado horas antes e certamente ia durar semanas, dos dois torcedores.

Uma rivalidade que tem algo de selvagem, na medida em que o sucesso de um não apenas desconcerta mas arrasa o outro, mas que é a responsável por todas as conquistas de Grêmio e Internacional nestes últimos anos. Costuma-se atribuir os bons resultados do futebol gaúcho em relação ao resto do Brasil a coisas como clima, formação étnica e até à bravura atávica desta raça de machos, tchê, embora ele tenha começado a se impor no ranca justamente quando começou a importar jogadores. Mas não somos bons porque somos mais europeus ou mais fortes, somos bons porque o Internacional precisa ser melhor que o Grêmio que precisa ser melhor que o Internacional que morre se não for melhor que o Grêmio. Se o que move o capitalismo é a fome do lucro, o que move o irracional futebol de Porto Alegre é a fome da flauta. Há rivalidades parecidas no resto do Brasil, mas duvido que haja outra igual.

No fim caímos na questão do nosso caráter, na nossa histórica afeição a dicotomias irreconciliáveis. No futebol, esta polarização maluca leva a emoções só comparáveis às da montanha-russa: passa-se do pico ao abismo em segundos. Aí está o Internacional, apenas três jogos depois da euforia, mergulhado numa crise de auto-estima. E o Grêmio, que há semanas pensava em tomar formicida, num pique primaveril. E tudo pode mudar outra vez em dois lances. A todas estas, nos mantemos no ranca (“Grenal”, Luis Fernando Verissimo, 1996).

O colorado Luis Fernando Verissimo, pode ter se traído pela paixão quando duvida da existência, no Brasil, de outra rivalidade igual à Gre-Nal. É impossível comprovar sua asserção. Mas, quando sugere um equilíbrio de forças entre os dois clubes, está aquém de qualquer contestação. Pergunte, a guisa de verificação, a qualquer gremista ou colorado qual é seu palpite antes de um Gre-Nal e ele vos dirá, se estiver sendo sincero: “acho que dá Inter (ou Grêmio) de goleada, mas sabe como é, tchê... Gre-Nal é Gre-Nal!”

“Gre-Nal é Gre-Nal” sugere, além do suspense, que se está diante de acontecimento singularíssimo cuja definição redundante, autocontida, não deixa qualquer dúvida sobre a densidade simbólica deste enfrentamento. “Gre-Nal é Gre-Nal” também evoca a institucionalização de uma rivalidade na qual o componente residual, geralmente caracterizado como “tradição”, se sobrepõe às contingências de cada evento em particular.

O Gre-Nal realizado em 23/3/97, por exemplo, evidencia, muito claramente, a força desta “tradição”. Valendo pela fase classificatória do Campeonato Gaúcho, foi disputado pelos suplentes de ambas as agremiações, depois de pelo menos uma semana de especulações e suspense. Os dirigentes do Grêmio e do Internacional justificaram a não escalação dos quadros principais argumentando que, do ponto de vista técnico, o desgaste físico e emocional acrescido pelos riscos de lesões acarretaria em prejuízos pois, na prática, aquele jogo não passava de um amistoso à medida que os dois times já estavam classificados à fase seguinte do campeonato regional. A ordem era poupar energias para outras competições, disputadas simultaneamente ao Gauchão - no caso do Inter, a Copa do Brasil e, do Grêmio, Copa do Brasil e Libertadores da América. Ponderaram as perdas financeiras decorrentes do suposto desinteresse dos torcedores diante de um clássico de reservas e, numa perspectiva menos imediata, o esvaziamento da rivalidade. Mesmo assim, colocaram os reservas em campo e quase 20 mil torcedores compareceram ao Estádio Olímpico para assistir a um empate em zero a zero; um jogo sem grandes emoções, sem vencedor, sem gol e com uma única exclusão: do diretor técnico do Grêmio.³⁶

³⁶ Invariavelmente, os grenais são caracterizados pela tensão e pela ansiedade e nem sempre o *fair-play* é respeitado. Da exacerbação dos ânimos decorrem invasões de campo por parte dos dirigentes, trocas de acusações e, não raro, hostilidades entre os jogadores. As expulsões - dos jogadores - e as exclusões - dos dirigentes -, além de freqüentes, constituem-se numa espécie de “termômetro” do clássico. Portanto, de um jogo terminado em zero a zero e com uma única exclusão pode-se dizer que o mesmo não foi propriamente excitante.

Este não foi o primeiro e certamente não será o último Gre-Nal desinteressante, do ponto de vista técnico, na história dos muitos clássicos já realizados. De qualquer modo ficará registrado como o clássico de número 332 o que, diga-se de passagem, não importa muito para os torcedores. Mas, se “Gre-Nal é Gre-Nal”, em algum lugar ele deve ter existido, quem sabe até com maior intensidade do que dentro de campo; afinal, esta máxima, que condensa quase noventa anos de história não haveria de ser negada.

De fato, na manhã de domingo, os porto-alegrenses desfilaram pela José Bonifácio, no tradicional Brique da Redenção, exibindo as cores que os identificavam com um ou outro clube. As rádios, jornais e TVs locais que se dedicam cotidianamente ao noticiário esportivo mobilizaram seus profissionais mais conceituados para a cobertura do evento e, até mesmo a rádio Ipanema FM abriu espaço para a transmissão do Gre-Nal.³⁷ Alguém menos informado poderia definir tamanha mobilização como “coisa do futebol” ou, especialmente por se tratar de um enfrentamento entre equipes reservas, de simples exagero e sensacionalismo engendrado pela mídia.

Seja como for, o Gre-Nal se constitui num jogo disputado dentro e fora de campo. Como sugeri no capítulo anterior, através da distinção entre “temporalidade do evento” e “temporalidade da tradição”, a disputa entre gremistas e colorados até poderá ser desinteressante do ponto de vista do jogo propriamente dito, mas sempre será densa quando vislumbrada a partir da perspectiva da tradição. É neste sentido que o “Gre-Nal é Gre-Nal”, pois se trata de um evento que permite a atualização simbólica de inúmeras categorias sociais. Se esta atualização parece se constituir numa característica geral, uma regra universal tributária do próprio ritual agonístico manifesto através do jogo, de outro modo, ela expressa determinadas particularidades, como, por exemplo, a natureza da própria rivalidade.

Afinal, em que consiste a rivalidade Gre-Nal? Ou melhor, quais são as categorias êmicas mobilizadas pelos torcedores do Grêmio e do Internacional? Como, por quem e em que contexto foram forjadas tais categorias, capazes de polarizar extenso contingente de pessoas e tornar o Gre-Nal absorvente dentro e fora de campo? Por fim, como a rivalidade é atualizada?

Para responder a estas indagações percorri os estádios Olímpico e Beira Rio, em dias de jogos e de treinos; ouvi torcedores que freqüentam o cotidiano dos clubes e

³⁷ Nos últimos anos tanto a Ipanema, “vanguarda do rock”, quanto a Atlântida, “estação pop”, têm aberto suas programações musicais para a transmissão de jogos de exceção, como, por exemplo, a final da Libertadores da América, vencida pelo Grêmio em 1996 e o Campeonato Brasileiro, em dezembro último.

outros, mais antigos, portadores da memória coletiva; consultei jornais e revistas editadas pelos próprios clubes bem como os principais jornais de Porto Alegre; ouvi rádio como nunca; enfim, fiz-me valer de várias fontes, extensas e diversificadas, incluindo livros já publicados sobre o Gre-Nal e a cidade. Se este capítulo é um tanto extenso, talvez se explique em razão da multiplicidade de relatos, informações, narrativas, enfim, de uma multiplicidade de dados significativos colhidos ao longo do trabalho de campo e que, às vezes, resistem aos inúmeros “cortes” exigidos pela escrita.

Por ser longo, subdividi este capítulo em quatro partes, tendo em comum entre elas a questão da rivalidade Gre-Nal. No primeiro, “Alguns dados sobre o perfil de gremistas e colorados”, apresento uma série de dados estatísticos extremamente úteis para corroborar algumas inferências de campo. A maioria destes dados só chegou até mim depois que este capítulo já estava escrito. Por considerá-los pertinentes, decidi anexá-los. Revelam aspectos importantes, mais gerais, é óbvio, sobre o perfil dos torcedores do Grêmio e do Internacional, especialmente em relação a classes sociais, fidelidade clubística, influências na escolha do “clubes do coração” e assim por diante.

A segunda parte, “A cidade polarizada” - que era, originalmente, o início do capítulo - trata da chegada festiva do futebol a Porto Alegre, do cenário esportivo da capital na virada do século e, principalmente, da fundação do Grêmio e do Internacional. Dedico atenção especial à questão do patrimônio, sem qualquer pretensão de trazer uma colaboração a esta sub-área da história ou das ciências sociais. Importa-me, isto sim, mostrar como gremistas e colorados vão construindo, desde o princípio, uma rivalidade densa, cujos contrastes são evidentes a partir dos espaços urbanos por eles apropriados e da forma como o fizeram. No que concerne ao período histórico, esta segunda parte vai do início do século até o final da década de trinta.

O “Gre-Nal em preto em branco”, correspondente ao terceiro subcapítulo, está centrado nas transformações forjadas pelo profissionalismo, dentre as quais se destaca a inserção do negro nos “grandes” clubes de futebol da capital. Pode parecer um enxerto, parêntese, ou coisa do gênero mas, no fundo, este subcapítulo, centrado entre as décadas de quarenta e cinquenta, talvez seja o mais importante para se entender as razões pelas quais as noções de “raça” e “classe social” tornaram-se traços diacríticos da identidade do Grêmio e do Internacional. Ou então, como estes últimos tornaram-se bons para se pensar quando já eram bons para torcer.

Em “Olímpico e Beira-Rio: materializando as diferenças”, retomo a questão patrimonial enfocando o simbolismo dos estádios e a maneira como eles são

vislumbrados pelos torcedores. De um lado, tanto para gremistas como para colorados, seus estádios são motivo de orgulho frente aos torcedores de outros clubes brasileiros. De outro lado, Olímpico e Beira Rio segmentam e hierarquizam os torcedores e servem, inclusive, para atestar quão presente são aquelas distinções forjadas nas décadas de quarenta e cinquenta. Do ponto de vista histórico, o último capítulo passa rapidamente pelas décadas de sessenta em diante para fixar-se no presente.

Não pretendi, em momento algum, contar a história do Gre-Nal - lá se vão quase noventa anos - mas, à medida que o presente etnográfico suscitou elementos do passado, especialmente da “tradição”, não tive outra saída senão me embrenhar nos jornais antigos, revistas, memória oral e assim por diante. A ênfase no patrimônio é, portanto, uma tentativa de condensar a trajetória Gre-Nal pois revela, de forma satisfatória, o quanto gremistas e colorados são contrários, contraditórios e complementares.

3.1. Alguns dados sobre o perfil de gremistas e de colorados

Desde que o “Gre-Nal é Gre-Nal” - mais ou menos a partir da década de vinte; um pouco antes, talvez - gremistas e colorados têm procurado uma maneira de estabelecer, de um vez por todas, quem é o melhor. Entre os gaúchos, quem ainda não ouviu ou não se envolveu numa discussão desta ordem? Dificilmente se encontrará alguém capaz de responder afirmativamente a esta pergunta pois, mesmo os que se dizem alheios às “coisas do futebol” devem ter gremistas e colorados a sua volta, seja na família, no trabalho ou na vizinhança.

Uma recente pesquisa da Amanhã/Segmento - já referida na “Apresentação” desta dissertação - revela que aproximadamente nove entre dez habitantes do Rio Grande do Sul citam Grêmio ou Internacional quando perguntados: “Quando falo em *time de futebol*, que marca lhe vem à cabeça?”

Tabela 3.1*
Lembrança de time em relação à residência dos entrevistados
(Fonte: Top of Mind - Revista/segmento)

Time \ Área	POA	Grande POA	Interior	Total
Grêmio	62,7%	57,3%	54,5%	56,4%
Internacional	33,1%	35,7%	29,3%	31,6%
Outros	***	***	***	10,5%
NS/NR	***	***	***	1,5%
Total	***	***	***	100%

Antes de tecer qualquer comentário acerca dos dados publicados na Revista Amanhã, convém esclarecer que, na Top of Mind e na Top Kids, os times (clubes) foram tomados como marcas e os torcedores como consumidores potenciais. Numa abordagem dessa natureza, os entrevistados são estimulados a fornecerem respostas imediatas sem qualquer preocupação em saber se existe coerência entre a referência a determinada marca e o consumo da mesma - sequer se questiona a possibilidade real de consumo, de forma que um indivíduo da classe “E” é estimulado sobre “companhia aérea” e “plano de saúde”, por exemplo. Por esta razão, pode-se afirmar apenas que o Grêmio é líder absoluto na lembrança dos gaúchos, com 56,4% das respostas, como indica a Tabela 3.1. Isto não quer dizer que os torcedores do Grêmio sejam maioria absoluta, como se verá mais adiante. A discrepância acentuada do Grêmio em relação ao Inter deve-se, antes de mais nada, às recentes conquistas do tricolor e a conseqüente visibilidade na mídia na época em que a pesquisa foi realizada. Tomando-se como referência a Tabela 3.3, pode-se afirmar que muitos colorados referiram o Grêmio como o time que lhes vinha em mente quando estimulados a respeito.

Mesmo que a Top of Mind trabalhe com uma margem de erro de até 2,9 pontos percentuais, para mais ou para menos, pode-se verificar uma tendência do Grêmio ser menos lembrado à medida que se sai da capital em direção ao interior. Como não disponho de dados complementares, é impossível justificar esta tendência. Entretanto, o que a Tabela 3.1 revela, de forma inequívoca, é a proeminência do Grêmio e do

* Como inexiste uma distinção clara entre “time” e “clube”, tanto nesta como em outras tabelas, preferi manter a orientação da fonte mas, devo advertir o leitor, na maioria das vezes deveria constar “clube” onde se lê “time”, de acordo com as considerações feitas na “Apresentação” desta dissertação. De outra parte, “***”, de acordo com minha própria convenção para esta e outras tabelas, indica dados não fornecidos pela fonte citada. Para esta tabela “NS/NR”, referem-se, de acordo com a fonte, “não sabe” e “não respondeu”, respectivamente.

Internacional na lembrança dos gaúchos. Mesmo que a dupla seja menos lembrada no sentido capital-região metropolitana-interior (95,8%, 92% e 83,8%, respectivamente), o índice de 88% conquistados no geral revela a grande influência exercida por Grêmio e por Internacional em todo o Rio Grande do Sul. Neste caso, a simples lembrança corrobora uma “tese”, amplamente aceita, segundo a qual os gaúchos tendem à polarização Gre-Nal, até mesmo aqueles que torcem, em primeiro plano, pelo “clube da cidade” - a exceção seria a cidade de Pelotas, onde Brasil e Pelotas (Bra-Pel) teriam uma legião exclusiva de torcedores.

Em linhas gerais, a Top Kids segue a tendência da Top of Mind, inclusive no que se refere às ressalvas metodológicas já explicitadas.

Tabela 3.2
Lembrança de time em relação à residência dos adolescentes entre 7 e 14 anos
(Fonte: Top Kids - Amanhã/Segmento)

Time \ Área	POA	Grande POA	Total
Grêmio	71,2%	65,4%	67,7%
Internacional	23,7%	31,9%	28,7%
Corinthians	1,7%	0,5%	1,0%
Palmeiras	0,8%	1,1%	1,0%
Outros	***	***	1,6%
NS/NR	***	***	0,0%
Total	***	***	100%

Embora Corinthians e Palmeiras, dois clubes paulistas, figurem na lembrança dos adolescentes, os respectivos percentuais são insignificantes se comparados àqueles correspondentes a Grêmio e a Internacional. A polarização Gre-Nal, tanto em Porto Alegre quanto na Grande Porto Alegre, é ainda mais intensa do que a verificada entre os adultos; 94,9% na Capital, 97,3% na Região Metropolitana e 96,4% do total dos adolescentes lembram, primeiramente, do Grêmio ou do Inter quando estimulados sobre “time” de futebol. Outro dado impressionante, já referido na “Apresentação”, é que nenhum dos entrevistados se furtou à resposta, o que revela o quão presente são os clubes, o futebol e a rivalidade Gre-Nal entre os adolescentes de Porto Alegre e arredores.

Persiste a tendência de haver uma diminuição da discrepância entre as lembranças de Grêmio e de Internacional à medida que se abandona Porto Alegre;

embora ela seja ainda menos conclusiva, pois a Top Kids se limita à Capital e Região Metropolitana. Uma análise apressada acerca da redução desta discrepância poderia redundar numa conclusão equivocada pois, mesmo admitindo que a Região Metropolitana concentra extenso contingente de trabalhadores semi-especializados ou não-especializados, e o Internacional é tido como “o clube do povo”, isto não implica uma relação direta, muito menos do tipo causa-conseqüência. As tabelas a seguir subsidiam, inclusive, a refutação, do ponto de vista empírico, do Inter como o “clube do povo”.

Os dados a seguir são o resultado da “Pesquisa de Marketing Aplicado”, realizada pelos alunos da disciplina de Pesquisa de Marketing da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sobre “o perfil do torcedor do Grêmio e do Internacional”.³⁸ Diferentemente da Amanhã/Segmento, a Pesquisa de Marketing Aplicado tomou o futebol e, mais especificamente, o pertencimento clubístico como tema da investigação e, sendo assim, perguntou aos entrevistados o time pelo qual torcem - a indistinção entre clube e time persiste - e não aquele que lhes vinha à cabeça.

Tabela 3.3
Preferência clubística entre os porto-alegrenses
(Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado (PMA))

Time	No. absoluto	Freqüência
Grêmio	365	48,34%
Internacional	314	41,59%
Outros	12	1,59%
Não tem time	64	8,48%
Total	755	100%

Além de mais lembrado, o Grêmio é também o preferido entre os torcedores de Porto Alegre, mas a vantagem sobre o Inter diminui consideravelmente, como está claro na Tabela 3.4.

³⁸ Este relatório é o resultado do projeto de Pesquisa de Marketing Aplicado, desenvolvido na disciplina Pesquisa de Marketing (sob o código ECO 01163) da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A pesquisa foi realizada no 2º semestre de 1997, sob orientação do Professor Walter Nique. Foram ouvidos em torno de 800 porto-alegrenses, de ambos os sexos, acima de 14 anos, em diferentes pontos da Capital. Inicialmente, foram mapeados todos os bairros, de acordo com o perfil sócio-econômico da população e, no momento seguinte, sorteados alguns deles e, dentre eles, uma rua específica para onde os entrevistadores se deslocaram. A partir desta metodologia, a Pesquisa de Marketing Aplicado pôde generalizar as 800 entrevistas como representativas do que pensam os porto-alegrenses acerca dos temas propostos.

Tabela 3.4
Lembrança e Preferência clubística entre os porto-alegrenses
(Fontes: Amanhã/Segmento e Pesquisa de Marketing Aplicado)

Clube	Top Kids	Top of Mind	Perfil do Torcedor
Grêmio	71,2%	62,7%	48,34%
Internacional	23,7%	33,1%	41,59%

Embora esta tabela seja uma espécie de síntese das três tabelas anteriores e portanto, combina dados obtidos de abordagens distintas, é possível fazer algumas inferências. O primeiro dado importante é que a “Perfil do Torcedor” aponta a proeminência da dupla Gre-Nal sobre os demais clubes do Rio Grande do Sul e do Brasil, o que equivale dizer que Grêmio e Internacional, juntos, não estão apenas na “cabeça” dos adolescentes (94,9%) e dos adultos (95,8%) mas também no “coração” dos porto-alegrenses (89,9%). Já a diferença de percentuais entre Grêmio e Internacional, que diminui (de 47,5 para 29,6 pontos) quando se passa da lembrança dos adolescentes para os adultos - Top Kids e Top of Mind, respectivamente -, diminui ainda mais (para apenas 6,75 pontos) quando os entrevistados são perguntados sobre o time pelo qual torcem e não aquele que lhes vem à cabeça. Esta diminuição da diferença, pró-Inter, pode ser atribuída, como já frisei anteriormente, à recente performance do Grêmio que, de acordo com a idade dos entrevistados, tende a exercer menos influência. Ou por outra, a fidelidade clubística interfere na lembrança imediata especialmente daqueles já habituados às oscilações dos resultados de campo propriamente ditos.

De qualquer modo, a performance dos clubes está cercada por uma certa ambigüidade, especialmente quando se compara a Tabela 3.5 com a Tabela 3.7. Vamos por partes.

Tabela 3.5
Influência na escolha do time
 (Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado)

Time Influência	Grêmio	Inter	Total
Família	31,59%	33,55%	32,50%
Pai	28,85%	30,35%	29,54%
Amigos	12,64%	8,95%	10,93%
Outros	7,14%	10,86%	8,86%
Cores do Time	8,24%	7,99%	8,12%
Fase do Time	5,77%	4,79%	5,32%
Não sabe	5,77%	3,51%	4,73%
Total	100%	100%	100%

Como era de se esperar, a rede de sociabilidade mais próxima, “família”, “pai” e “amigos”, é que influencia na escolha do “clube do coração” em aproximadamente 74% dos torcedores do Grêmio e do Internacional. Outro dado importante é que apenas 5,32% indicam a “fase do time” como determinante da escolha. A Tabela 3.6 põe algumas dúvidas a este respeito.

Tabela 3.6
Opção clubística por faixa etária
 (Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado)

Time Idade (anos)	Grêmio	Inter	Total
menos de 15	0,00%	0,60%	0,29%
de 15 a 25	51,70%	26,35%	39,36%
de 25 a 40	39,77%	58,08%	48,69%
de 40 a 55	0,00%	0,00%	0,00%
de 55 a 70	1,14%	1,20%	1,17%
70 e acima	7,39%	13,77%	10,50%
Total	100%	100%	100%

A tabela acima apresenta uma diferença significativa em relação à faixa etária dos torcedores de Grêmio e Internacional. Enquanto os gremistas se concentram na faixa dos 15 aos 25 anos (51,7%), os colorados predominam na faixa dos 25 aos 40 (58,08%). E, a que se deve esta diferença senão à excelente performance do Inter na década de setenta e do Grêmio nas décadas seguintes?

A performance do time influencia a escolha do clube, e muito. Para confirmar esta afirmação, que parece contrariar a Tabela 3.5, é necessário apresentar mais uma tabela acerca da idade com que os torcedores do Grêmio e do Inter optaram por um ou outro clube.

Tabela 3.7
Faixa etária em que ocorre a escolha do “clube do coração”
(Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado)

Idade(anos) \ Time	Grêmio	Inter	Total
de 0 a 5	39,45%	47,92%	43,36%
de 6 a 10	26,85%	26,52%	26,70%
de 11 a 15	12,33%	11,18%	11,80%
acima de 16	16,60%	9,58%	11,21%
não lembra	8,77%	4,79%	6,93%
Total	100%	100%	100%

Aproximadamente 70% dos torcedores do Grêmio e do Internacional entrevistados fizeram sua opção clubística antes dos 11 anos de idade, como mostra a tabela acima. A partir desta informação e considerando-se aos dados da Tabela 3.6, pode-se estimar, sem precisão estatística, evidentemente, a época em que gremistas e colorados procederam a suas respectivas escolhas. Poder-se-á então, comprovar ou não se as escolhas dependem da performance dos times pois, como já frisei anteriormente, o Inter atingiu seu auge futebolístico nos anos setenta, quando foi tricampeão brasileiro e octacampeão gaúcho; e o Grêmio, nos anos oitenta e noventa, período em que conquistou dois Campeonatos Brasileiros, duas Libertadores da América e o Mundial Interclubes.

Tomando-se como exemplo o caso de dois colorados, um de 25 e outro de 40 anos, justamente os extremos da faixa que compreende a maior densidade dos torcedores do Inter (ver Tabela 3.6), e considerando ainda que a opção clubística se dá antes dos 11 anos de idade (ver Tabela 3.7) e que a pesquisa foi realizada no ano de 1997, tem-se que: o colorado de 25 anos provavelmente fez sua opção (com 70% de chances) entre 1972 e 1982, enquanto o de 40 anos o fez, com a mesma probabilidade, entre 1957 e 1967. Se tomado, hipoteticamente, um colorado com 32 anos (entre os extremos, 25 e 40 anos, respectivamente), tem-se, pelo mesmo raciocínio, que sua opção se deu, provavelmente, entre 1965 e 1975, justamente entre a grande mobilização

colorada para a conclusão do Beira Rio, inaugurado em 1969, e a conquista do primeiro título nacional, em 1975.

Procedendo-se da mesma forma com os gremistas, tem-se que: um torcedor de 15 anos fez recentemente sua opção pelo Grêmio, provavelmente entre 1982 e 1992, e outro, com 25, o fez entre 1972 e 1982. O “torcedor hipotético”, com 20 anos, certamente teria se definido depois de 1977 e, com 70% de possibilidades, antes de 1987. À guisa de informação, 1977 corresponde ao ano em que o Grêmio foi Campeão Gaúcho quebrando um jejum de oito anos tendo, entre 1981 e 83, conquistado um Brasileiro, uma Libertadores e, o mais festejado de todos, o Mundial Interclubes.

Portanto, a performance do time influencia consideravelmente na escolha do clube. Esta influência não é direta, como mostra a Tabela 3.5, mas indireta. Ocorre que, quando a “fase do time” é “boa”, a rede de sociabilidade que vai determinar a escolha encontra-se mobilizada, indo mais vezes ao estádio, consumindo mais mercadorias e inventando as “flautas” mais intempestivas. Em outras palavras, a efervescência da “militância” gremista ou colorada depende dos resultados e acaba, indiretamente, vinculando a performance da equipe à escolha do “clube do coração”.

Em alguns casos a flauta e o desapontamento podem determinar a mudança de opção, algo pouco convencional em se tratando de pertencimento clubístico mas não totalmente improvável, como se pode observar na tabela abaixo.

Tabela 3.8.1
Mudança do pertencimento clubístico no passado
(Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado)

Time \ Troca	Sim	Não	Total
Grêmio	12,05%	87,95%	100%
Internacional	5,43%	94,57%	100%
Total	9,00%	91,00%	100%

Quando perguntados se “você trocou alguma vez de time?” (Tabela 3.8.1) 91% dos entrevistados responderam negativamente. Entretanto, 12,05% dos gremistas responderam afirmativamente, um pouco mais que o dobro dos colorados, 5,43%. A tabela não especifica quando se deu a troca mas, levando-se em conta a influência da “fase do time” é bem provável que boa parte destes 12,05% de gremistas que já pertenceram a outros clubes tenham contribuído para aumentar o contingente de jovens

torcedores indicados na Tabela 3.6. É importante salientar que a pergunta é relativa a outros clubes em geral, e não só à dupla Gre-Nal.

Se “virar a casaca”, como é popularmente designada a mudança de clube, é desaconselhável, tanto mais grave é o fato de trocar o Grêmio pelo Inter, ou vice-versa. Como se aprende com o pertencimento clubístico, é preferível ser sofredor a ser infiel. De mais a mais, gremistas e colorados sabem que estão “brincando” de “montanha-russa”, como se refere Luis Fernando Veríssimo, citado na epígrafe deste capítulo. Ou seja, pouco adianta mudar de clube se de um momento para outro poderá haver uma total inversão das performances. Mudar outra vez? E quantas serão necessárias? Como justificá-las sem arranhar a credibilidade e a honradez? Por tudo isso, gremistas e colorados estão pouco propensos à mudança de opção, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 3.8.2
Mudança do pertencimento clubístico no futuro
(Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado)

<div>Trocar</div> <div>Time</div>	Grêmio	Inter	Total
Jamais	86,81%	84,24%	85,63%
Pouco provável	10,44%	12,22%	11,26%
Depende	1,37%	3,22%	2,22%
Provavelmente	1,10%	0,32%	0,74%
Certamente	0,27%	0,00%	0,15%
Total	100%	100%	100%

Os torcedores da dupla Gre-Nal, quando questionados sobre a possibilidade de trocar de time, 85,63% disseram que jamais trocariam e 11,26% afirmaram que isto seria pouco provável. O número de torcedores que aceitaram a hipótese de trocar de time é muito pequeno, pois se somadas as respostas “depende”, “provavelmente” e “certamente”, será atingido o percentual de apenas 3,11% do total.

As tabelas apresentadas até aqui revelaram muitos dados importantes sobre o perfil dos torcedores da dupla Gre-Nal, especialmente entre os porto-alegrenses. Além das diferenças em termos da faixa etária, da influência da performance das equipes na escolha do “clube do coração”, da proeminência de Grêmio e Inter sobre os demais clubes em Porto Alegre, Região Metropolitana e até no interior do Rio Grande do Sul, pode-se comprovar, quantitativamente, quem influencia na escolha do clube e que esta é feita predominantemente na infância e tende a ser perpetuada ao longo da vida adulta.

Todos estes dados são importantes e nenhum deles contraria, significativamente, afirmações ouvidas dos torcedores sobre eles mesmos.

Ocorre que as discussões entre os torcedores freqüentemente extrapolam os temas propriamente futebolísticos e avançam sobre outras esferas da sociedade. Surgem então opiniões, teses e divagações em geral, acerca do comportamento ético e estético das torcidas. Discute-se qual é a mais violenta, apaixonada, fiel e sofredora sem que ao cabo se chegue a um consenso, à exceção, talvez, de que “o Inter é o clube do povo do Rio Grande do Sul”. Os colorados se orgulham disso enquanto aos gremistas, resignados, resta a flauta; talvez seja o inverso, é difícil precisar. Seja como for, diz-se que o Inter é o clube do povo e o Grêmio da elite. Mas a Tabela 3.10 não corrobora, do ponto de vista estatístico, o consenso generalizado.

Tabela 3.9
Preferência clubística e classe social
(Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado)

Time Classe Social	Grêmio	Inter	Total
A	6,65%	6,41%	6,54%
B	41,00%	41,67%	41,31%
C	37,67%	39,10%	38,34%
D	11,08%	8,65%	9,96%
E	3,60%	4,17%	3,86%
Total	100%	100%	100%

Segundo o próprio relatório final da Pesquisa de Marketing Aplicado,

As duas torcidas estão divididas igualmente entre as classes sociais, não existindo diferença significativa. Estes dados contrariam uma certa crença existente de que a torcida colorada se concentra mais nas classes baixas (D e E), e a torcida gremista mais nas classes altas (A e B).

Se a tendência à distribuição equânime de gremistas e colorados entre os diferentes segmentos sociais contraria “a crença existente”, deve-se buscar uma explicação para tal discrepância.³⁹ Antes de supor um equívoco da sabedoria popular convém questionar até que ponto esta distinção elite/povo tem a ver com a percepção sociológica dos torcedores. Creio se tratar de uma diferença forjada pelos próprios torcedores num

³⁹ Os dados se referem ao perfil dos porto-alegrenses, mas não existe razão para acreditar que, na Grande Porto Alegre ou no interior do Rio Grande do Sul, esta tendência venha a ser alterada.

determinado período histórico, de maneira que a percepção sócio-antropológica foi determinante, e sendo constantemente atualizada, inclusive no presente, como um traço diacrítico constitutivo do “ser gremista” e do “ser colorado”. Sendo assim, resta-me explicitar em que período, como e por quem a diferença foi instituída e como vem sendo atualizada. Os subcapítulos seguintes não se limitam à explicitação destas questões, embora elas sejam o pano de fundo.

3.2. A cidade polarizada

3.2.1. A chegada dos *meetings* e *clubs* a Porto Alegre

No início do século XX, Porto Alegre contava com uma população de aproximadamente 73.000 habitantes (Anuário Estatístico do Brasil 1930/40) e uma razoável infra-estrutura para a prática esportiva. A corrida de cavalos, diversão predileta dos gaúchos campeiros, era praticada, simultaneamente, em vários pontos da cidade e desde os tempos mais remotos.

As corridas de cavalos eram para o rio-grandense a diversão mais apreciada antes da “importação” do futebol. Era a cancha reta que, com o bolicho e a tava (jogo do osso), formavam o núcleo básico onde o gaúcho gastava o seu tempo livre, na vizinhança da cidade, na vila e no cruzamento da estrada (Macedo, 1982:58).

Tais corridas, também chamadas de “carreiras em cancha reta”, foram perdendo espaço e interesse quando surgiram os primeiros hipódromos na capital, a partir das duas últimas décadas do século passado. Com o impulso da elite nativa, os hipódromos se proliferaram com tamanha rapidez que Franco (1992) afirma ter ocorrido, na década de noventa, “o auge do turfe porto-alegrense”.⁴⁰

⁴⁰ Eram quatro os prados porto-alegrenses na virada do século: o Prado Boa Vista, 1880-1907, ficava no atual bairro Santana; o Rio-Grandense, 1881 -1909, no Menino Deus; o Prado Navegantes, 1891-1906, no bairro homônimo; e o Prado Independência, fundado em 1894, onde atualmente encontra-se o Parque Moinhos de Vento. O Prado da Independência monopolizou a turfe porto-alegrense a partir de 1909, tendo-se transformado em Associação Protetora do Turf e, mais tarde, no Jockey Club do Rio Grande do Sul. As razões para a decadência do turfe constituem uma incógnita até mesmo para o historiador porto-alegrense Sérgio da Costa Franco (1988:207-10). Coincidência ou não, a decadência do turfe e também do ciclismo ocorreram paralelamente à ascensão do futebol, o que não implica que o público tenha, simplesmente, migrado de um esporte para outro. De qualquer forma, tanto o turfe quanto o ciclismo foram muito populares em Porto Alegre, tendo o primeiro se “elitizado” consideravelmente e o segundo praticamente desaparecido ao longo do tempo.

De outra parte havia o ciclismo, o remo, a ginástica e outras modalidades menos cotadas como o bolão e o tiro. A disseminação destas práticas era obra dos imigrantes alemães, chegados ao Rio Grande do Sul a partir de 1824. Segundo Hofmeister (1978), “a introdução do esporte do remo no Rio Grande do Sul deveu-se à iniciativa eminentemente germânica” (:11). Antes mesmo da fundação do Ruder-Club Porto Alegre (*runder* é remo em alemão), já eram praticadas regatas nas águas do Guaíba, como em 1865, quando foi realizada a “Regata Imperial” - vencida pela “guarnição dos hamburgueses” - para homenagear a passagem do Imperador Pedro II em Porto Alegre (idem). A ginástica e seus “quatro efes”, *frisch* (saudável), *fromm* (devoto), *froh* (alegre) e *frei* (livre), também foi introduzida no Estado pelos teutos e o mesmo se passou com o ciclismo (Oliveira, 1996:158-64).

Já o futebol, antes de 1903, era completamente desconhecido dos porto-alegrenses e até mesmo dos teuto-gaúchos. Ao contrário da capital, existiam na cidade de Rio Grande, neste mesmo ano, pelo menos cinco clubes que se dedicavam ao esporte bretão. O impulso inicial fora dado, em 19 de julho de 1900, por um grupo liderado por ingleses e alemães que, sob o pretexto de homenagear o aniversariante Johannes Moritz, fundaram o Sport Club Rio Grande, atualmente o mais antigo clube de futebol em atividade no Brasil (Dienstmann, 1987:51-2).

Desde sua fundação, o Rio Grande realizara várias exibições de *foot-ball* em outras cidades, como Pelotas e Bagé. Como era de praxe, em cada cidade por onde passasse o Rio Grande fundava-se imediatamente um novo clube e, sendo assim, o futebol se disseminava rapidamente na região sul do estado, especialmente na fronteira que contava também com a influência dos uruguaiois, pois o futebol havia chegado àquele país havia três décadas, mais precisamente, em 1870.

Faltava Porto Alegre e, provavelmente, um “Charles Miller” ou um “Oscar Cox”, responsáveis pela introdução do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro, respectivamente. Em 1903 surgiu, enfim, Oscar Canteiro. Passando por Rio Grande, em seu regresso da Capital Federal, aceitou a incumbência dos diretores do clube daquela cidade para organizar um *meeting* em Porto Alegre. Impressionado com o frenesi causado pelo futebol no Rio de Janeiro e tendo bom trânsito no turfe, no ciclismo e no remo, não foi difícil a Oscar Canteiro organizar a recepção. O primeiro procedimento foi visitar o jornal Correio do Povo para divulgar o evento e convocar os presidentes dos principais clubes da capital para compor a Comissão Organizadora. Foi prontamente atendido por Alberto Bins, representante do Ruder-Clube Porto Alegre; João Krahe, da

Sociedade Germânia; Capitão Gaspar Frois, do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré; Capitão Amadeu Massot, da União Velocipédica; Otto Niemeyer, da Rodforvier Verein Blitz; e J. Mink, da Sociedade Turnerbund, que, em conjunto com o próprio Oscar Canteiro, delegado do S. C. Rio Grande, compuseram a referida Comissão (Almanaque Esportivo do RS, 1944).

Depois de organizado o cerimonial, marcado para o dia 7 de setembro, foram distribuídos nos principais pontos comerciais da capital boletins com o roteiro do evento, estampado também no Correio do Povo.

No domingo, 6 de setembro de 1903, a população amanheceu num ambiente de grande alegria e curiosidade. É que deveria chegar a Porto Alegre a caravana do Sport Club Rio Grande, portadora de conhecimentos esportivos que vinham servindo de tema a todas as palestras. Às 7 horas da manhã, partiu do trapiche do Lloyd Brasileiro os vapores Porto Alegre e Garibaldi, transportando grande massa popular que desejava homenagear a embaixada visitante. Na lancha "Nenê" embarcou a Comissão dirigente e um grupo de senhoritas da nossa melhor sociedade, encarregadas de presentear as senhoritas e senhoras que acompanhavam a missão riograndina com lindos bouquets e corbeilles de flores naturais. Duas horas depois, na altura de Pedras Brancas, foi avistado o vapor "Aimoré" que transportava os excursionistas. O navio vinha embandeirado em arco e logo que foi visto do Porto Alegre e do Garibaldi soltaram foguetes e rojões, enquanto bandas de música executavam festivas marchas. Pouco depois, defronte ao Cristal, o "Aimoré" parou para receber a visita da polícia marítima e das autoridades alfandegárias, ocasião em que pessoas que iam na lancha "Nenê", passaram-se também para seu bordo, onde foram recebidos com champanhe e discursos.

(...) Enorme multidão se acotovelava nas proximidades da Praça XV de Novembro. No edifício Malakoff, o maior da cidade, em todas as casas vizinhas e nos torreões do Mercado, centenas de pessoas se debruçavam às janelas para apreciar melhor os festejos da recepção. Do local do desembarque até muito além, achavam-se postados, formando alas, um grande número de ciclistas, ginastas, remadores, etc, todos uniformizados. Quando o "Aimoré" atracou, uma uníssona salva de palmas partiu da multidão.

(...) Puxado por uma banda de música da Brigada Militar, o cortejo partiu, contornando a Praça XV e subindo a Rua Marechal Floriano, onde, ao passar defronte à sede da Associação dos Empregados do Comércio, senhoritas das janelas cobriam os visitantes com pétalas de rosas. Depois, a marcha seguiu pela Rua dos Andradas, até a Rua 7 de Setembro, onde deveria ser dissolvida defronte a sede do Clube do Comércio, depois do pronunciamento do orador oficial das sociedades esportivas de Porto Alegre, Caldas Jr., [também diretor do Correio do Povo] (Amaro Jr., in: Almanaque Esportivo do RS, 1944).

Os chefes da delegação de Rio Grande almoçaram ali mesmo, no Clube do Comércio, em parceria da Comissão Organizadora. Os demais visitantes seguiram para o Hotel Brasil. Às 14 horas, encontraram-se todos para a inauguração do recém fundado Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré. Mais discursos, champanhe e cinco pares de regatas em “honra aos visitantes”. À noite, no Teatro São Pedro, a Sociedade Luso-Brasileira ofereceu um espetáculo de gala: “O Grito da Consciência”. À meia noite, a peça ainda estava na metade quando foi interrompida pelo Tenente-Coronel Aurélio de Bittencourt que, de um camarote de primeira classe, “deu vivas à independência”. Quem não foi ao São Pedro pôde assistir a uma demonstração nas barras e trapézios dos ginastas da Turnerbund.

No dia seguinte, feriado de 7 de setembro, pontualmente às 9 horas da manhã, os *players* de Rio Grande juntaram-se a uma banda de música na sede da União Velocipédica - que mais tarde cederia espaço ao antigo Instituto Parobé - e seguiram até a Várzea da Redenção - mais ou menos onde atualmente encontra-se o Instituto de Educação Flores da Cunha - onde o primeiro *macht* foi realizado. Jogaram durante duas horas para o deleite dos porto-alegrenses, hilariados com o tal de *foot-ball*. Não marcaram nenhum gol e, à tarde, depois de presenciarem alguns páreos ciclísticos, retornaram à Várzea para mais uma apresentação que, segundo o Correio do Povo (8/9/1903), contou com um público em torno de 5.000 pessoas. Na multidão encontravam-se muitas famílias da alta sociedade que se fizeram conduzir ao local em suas carruagens descobertas para melhor apreciar o espetáculo. As festividades encerraram-se com um baile na Sociedade Germânia e, na tarde do dia seguinte, a “Embaixada” do S. C. Rio Grande retornou a sua cidade. Estava dado o pontapé inicial do futebol em Porto Alegre.

Fica evidente, a partir das festividades que marcaram a chegada do futebol na cidade, que Porto Alegre já dispunha de uma razoável organização e infra-estrutura na esfera do lazer e dos esportes. Está claro também que os ideais associacionistas e a própria noção de pertencimento clubístico já estavam amplamente disseminados, como se pode inferir pela mobilização das entidades que organizaram a recepção e dos dirigentes, atletas e público em geral que participaram dos festejos. O fato de constarem, entre os delegados locais, vários dirigentes que mais tarde teriam participação efetiva na vida política da cidade, como é o caso de Alberto Bins - sócio-fundador do Ruder-Club Porto Alegre, da Blitz, do Fuss-Ball e, mais tarde, prefeito da cidade -, revela o status das instituições que representavam. E estas, por seu turno,

deixam transparecer, no próprio nome, a forte influência germânica na inculcação do *habitus* esportivo entre os porto-alegrenses. A Rodforvier Verein Blitz, a Turnerbund e a Sociedade Germânia eram apenas algumas das muitas “sociedades” forjadas por teuto-brasileiros que contribuíram para a incrementação dos esportes em geral e, a partir de 1903, do futebol em especial (cf. tb. Silveira, s/d: 636-47).

O fato de ter sido um clube de Rio Grande o difusor do futebol na capital e em outras cidades do interior não implica que, diferentemente do que ocorreu no centro do país e em outras partes do mundo, aqui no sul o futebol tenha se desenvolvido da periferia para o centro. Ocorre que, entre os *players* rio-grandinos, a esmagadora maioria era de origem inglesa ou alemã.⁴¹ Ou seja, a introdução do futebol em Porto Alegre contou com a influência decisiva de imigrantes europeus, a quem, via de regra, era imputado este papel.

Talvez a popularidade do turfe e do ciclismo tenham contribuído para ofuscar, em parte, a rápida expansão do futebol na cidade. O certo é que, nos anos seguintes, constam apenas os *matches* disputados entre o Grêmio de Foot-Ball Porto Alegrense e o Fuss-Ball Club Porto Alegre. Os co-irmãos foram fundados no mesmo dia, mais precisamente em 15 de setembro de 1903, uma semana após a passagem da delegação de Rio Grande.

Segundo Amaro Jr. (in: Almanaque Esportivo do RS, 1944), o Fuss-Ball (futebol em alemão) foi fundado por um grupo de ciclistas da Rodforvier Verein Blitz, ou simplesmente, Sociedade Blitz, e contou, desde logo, com um *ground* na Dr. Timóteo. Já o Grêmio, na versão aceita oficialmente pelo próprio clube (História do Grêmio, nº 1), foi gestado numa “república” na Rua Dr. Flores. Lá moravam vários jovens empregados do comércio, entre os quais Cândido Dias, um paulista que possuía, entre seus pertences, uma bola. No domingo, dia 13, realizaram um *picnic* na Glória - o arrabalde foi escolhido propositadamente pois os jovens entusiastas do *foot-ball* não

⁴¹ É o que se pode deduzir observando a composição dos quadros rio-grandinos que participaram da tal exibição em Porto Alegre. A equipe “Cores” formou com: C. Bornhorst, R. Heidtmann, F. Dietiker, M. Bornhorst, A. C. Lawson, L. Timm, G. Pook Junior, H. Minemann, O. Schmidt, E. Storni e C. Wigg. Os “Branco” tinham: R. Volckers, A. Legeren, O. Robinson, A. Bowen, A. Müller, C. Miehhele, R. A. Rabe, A. F. Algayer e C. Cramer (Almanaque Esportivo do RS, 1944). A inscrição do prenome antes do sobrenome dos jogadores do S. C. Rio Grande não é mero casuismo. Trata-se, segundo Leite Lopes (1995), de um “critério simbólico” instituído pelos clubes ingleses de *cricket* para diferenciar os amadores dos profissionais - que grafavam o prenome depois do sobrenome - e, por extensão, a elite do proletariado (cf. tb. Cap. I desta dissertação). Uma rápida consulta no “Correio do Povo” e na “História do Grêmio” (nº 1) indica que os prenomes precederam os sobrenomes até os anos 10. Nos anos seguintes, o que se observa é a simples supressão do prenome. Os “apelidos”, tão frequentes na atualidade, surgiram lentamente ao longo das décadas de dez, vinte e trinta, quando os clubes passaram a admitir jogadores oriundos das classes trabalhadoras.

dispunham da indumentária adequada e, sendo assim, tiveram de utilizar “trajes menores” - e dois dias depois, já com uma lista de 32 sócios, fundaram o Grêmio.

Meses depois, os dirigentes do Grêmio e do Fuss-Ball entrariam em acordo para aquele que seria o primeiro jogo oficial entre os porto-alegrenses. O *match* foi disputado no *field* do Fuss-Ball, ao lado do Velódromo da Blitz, na Dr. Timóteo, valendo o troféu Wanderpreis, muito cobiçado entre os clubes de remo e mais tarde extensivo ao futebol. A programação, distribuída nos primeiros dias de março de 1904, foi impressa em duas colunas: uma redigida em português e a outra em alemão (História do Grêmio, nº 1).⁴²

A conotação germânica do evento, expressa na programação bilingüe, revela, mais uma vez, a forte influência destes imigrantes na propagação dos esportes coletivos. Além da “tradição associacionista” - segundo o historiador Renê Gertz, *um traço característico da comunidade teuto-brasileira*⁴³ -, outros fatores, como a rápida ascensão econômica e a proximidade geográfica em relação à Capital, contribuíram, direta ou indiretamente, para que os teuto-gaúchos se tornassem os principais difusores do *habitus* esportivo em Porto Alegre. Por fim, a comunicação permanente com a pátria-mãe mantinha-os atualizados em relação ao que de novo estava ocorrendo na Europa. Neste particular, a imigração alemã no Rio Grande do Sul difere, substancialmente, da italiana, ocorrida mais tardiamente e para a zona rural, e da açoriana, chegada muito antes dos esportes terem se popularizado na Europa.

Poder-se-ia acrescentar ainda, segundo Pesavento (1994), a inserção dos alemães e seus descendentes no

binômio modernização-modernidade (...) como agentes de um processo de transformação econômico-social capitalista, expresso no desenvolvimento do grande comércio, da indústria, dos bancos, da renovação urbana. Executores de um processo de modernização, os alemães propiciaram as condições para que a experiência histórica da modernidade se generalizasse e se difundisse entre os consumidores

⁴² Naquela ocasião, foram realizados dois *matches*; o primeiro denominado Wanderpreis e o segundo Vereinpreiss. Para o Wanderpreis o Fuss-Ball formou com: R. Schoeler (capitão), O. Matte, A. Matte, W. Trein, O. Schmidt, O. Schaitza, A. Becker, O. Becker, O. Heuser, T. Kraemer e E. Becker. E o Grêmio jogou com: O. Siebel (capitão), A. Knewitz, C. Faedrich, G. Uhrig, P. Huch, A. Seibel, A. Schwarz, A. Cattaneo, P. Cleres, J. Knewitz e J. Stelczyk. Reproduzir os times que disputaram, na sequência, o Vereinpreiss, seria um preciosismo, à medida que os sobrenomes seguem indicando a proeminência de teuto-brasileiros. É interessante notar, na mesma linha do que foi dito na nota anterior, que os capitães eram escolhidos não de acordo com a supremacia técnica mas segundo a influência política. Por esta razão O. Siebel, no Wanderpreis, e A. Koch, no Vereinpreiss, foram designados capitães do Grêmio. O primeiro era, na época, o presidente do clube e o segundo, vice.

⁴³ Para diferenciar os depoimentos orais das fontes escritas, os primeiros serão grafados em itálico enquanto os segundos virão acompanhados de aspas.

Auf (Equipe Sempre Avante), extinto Departamento de Futebol da Turnerbund (atual Sogipa).

Aliás, o Frisch Auf fora criado em 1909 pelo “professor” Jorge Black, um ex-atleta gremista. Este fato releva, por si só, uma certa influência exercida pelo Grêmio desde que o futebol passou a ser praticado em Porto Alegre e, verdade seja dita, até 1909 pouca coisa havia mudado. O Grêmio, por exemplo, jogara ao todo 19 partidas, 17 delas contra o Fuss-Ball. A rotina dos Wanderpreis e Vereinpreiss, disputados entre os co-irmãos, só seria quebrada no ano de 1910, com a fundação da primeira Liga Porto Alegrense de Futebol; iniciativa dos dirigentes do Grêmio, é claro.

Ocorre que, no ano anterior, segundo expressão bem humorada de Túlio de Rose (Folha da Tarde, 15/6/67), começaram a surgir clubes de futebol como “cogumelos em manhã de outono”. Além do Frisch Auf, surgiram o Militar, o Sete de Setembro, o Nacional e, o mais prestigiado de todos, o Sport Club Internacional.

A fundação destes clubes deu novo alento ao futebol porto-alegrense. Tanto é verdade que os gremistas aceitaram de “bom grado” o convite para estreiar, oficialmente, o *team* colorado. Só não concordaram em deixar que os jovens desafiantes patrocinassem o coquetel comemorativo; não era justo comprometer a receita do novo clube e, além do mais, por uma questão de honra, caberia aos gremistas retribuir o prestigioso convite bancando a conta (Coimbra & Noronha, 1994:8-10).

Tanta generosidade de ambas as partes põe algumas interrogações aos inúmeros “mitos de origem” veiculados pelos colorados acerca dos motivos pelos quais foi fundado o Internacional. Via de regra, todos se referem ao Inter como um “clube do povo” e, para justificar este predicativo, criam narrativas em que a imagem do Grêmio aparece, invariavelmente, associada a uma elite segregadora. Já ao Inter atribuem-se uma série de conotações “populares” e de “massa” que, embora procedentes, só haveriam de se configurar nas décadas de trinta e quarenta. Em resumo, nem o Inter e muito menos o Grêmio foram forjados a partir da “mobilização popular” mas, de acordo com o contexto futebolístico da época, ambos são tributários de pessoas e grupos que, competindo entre si, buscavam se afirmar dentro de um mesmo universo sócio-cultural.

Dentre as tantas versões veiculadas pelos colorados, uma em particular exemplifica a importância e a licenciosidade narrativa em torno do “mito de origem”. A primeira vez que ouvi um colorado justificar seu apreço ao “clube do coração” em razão do próprio nome - “Internacional” - e das cores - especialmente a vermelha - com

as quais o Inter é identificado, tratei logo de investigar se, de fato, este clube teria algum vínculo com a “Internacional Socialista”, como me havia sido assegurado.⁴⁵ Havia certa coerência nesta e noutras tantas justificativas ouvidas de torcedores colorados e, simultaneamente, militantes ou simpatizantes de partidos de esquerda. Afinal, os Poppe, que tomaram a iniciativa de fundar o Inter eram descendentes de italianos, trabalhavam no comércio e vinham de São Paulo; em outras palavras, eram potencialmente militantes socialistas ou, quem sabe, anarquistas. Além do mais, o Inter, mais jovem e modesto, contrariamente ao elitista e conservador Grêmio, sempre foi considerado “clube do povo”.

De acordo com a versão oficial veiculada pelo próprio Inter (Beira Rio: 25 Anos, 1994), o clube foi criado por um grupo não superior a 40 pessoas, sem referência a qualquer vínculo político-partidário individual ou coletivo. Muitos dos que assinaram a ata de fundação da *novel* associação, em 4 de abril de 1909, compareceram, no domingo seguinte, à casa de José Leopoldo Seferin, na Avenida Redenção - que em breve se chamaria João Pessoa - para proceder à escolha do nome e das cores do novo clube. O nome foi sugerido pelos irmãos Poppe - José, Luiz e Henrique - chegados de São Paulo no ano anterior para trabalhar no comércio porto-alegrense: Internacional⁴⁶ era o nome do clube onde os Poppe jogavam futebol em São Paulo que, por seu turno, se parecia com um grande clube de Milão, na Itália, o Internazionale; cidade de onde emigrara o pai dos Poppe. Eles também queriam que as cores fossem vermelha, preta e branca, alusivas à bandeira de São Paulo; o que seria um exagero, em se tratando de um clube com pretensões de conquistar os gaúchos. Prevaleceu, então, o vermelho e branco, da Sociedade Veneziana, uma entidade carnavalesca de notável prestígio na cidade e que, na referida reunião, contava com mais simpatizantes que a co-irmã, a Sociedade Esmeralda, identificada com o verde e branco.

Os irmãos Poppe realmente foram barrados no Grêmio, por razões bem compreensíveis se levarmos em conta o processo de admissão de novos sócios na época. Como outros clubes de natureza associativa e, como tal, imbuídos na preservação da identidade entre seus membros, os gremistas usavam critérios rígidos

⁴⁵ “ (...) Não sei como começou esta atração pelo Inter. Talvez tenham sido as cores da bandeira, vermelha e branca. Ou o nome Internacional, que tanto significado tem para todos nós. O certo é que desde aquele tempo gostoso das peladas em São Luiz [Gonzaga] eu acompanho o Internacional, mais pelo rádio e jornal do que no campo, como gostaria”. (Olivio Dutra (PT), prefeito de Porto Alegre 1989-93 e conselheiro do Inter em depoimento a Revista do Sport Club Internacional, 1989:43).

⁴⁶ Sport Club Internacional, cisão do Germânia, já referido no Cap. II.

para admitir novos associados. Os neófitos necessitavam de uma espécie de “ficha corrida” que atestasse a boa índole dos mesmos e, para tanto, dependiam da indicação de sócios mais antigos. Assim, antes de participar da sociabilidade no interior dos clubes, um indivíduo deveria, obrigatoriamente, ingressar em redes paralelas a fim de viabilizar seu projeto. Os Poppe, recém chegados a Porto Alegre, “não tinham nenhuma indicação nem conhecidos ilustres na cidade” e, portanto, não foram aceitos pelo “melhor *team* da Capital” (Coimbra & Noronha:8).

Seja como for, narrativas que aproximam o Sport Club Internacional da Internacional Socialista e do “povão” são constantemente evocadas e reelaboradas. Pouco importa se existe uma espécie de desconsideração histórica, no caso dos militantes de esquerda, ou uma apreensão parcial da realidade social, por parte dos que acreditam ser o Inter o clube dos negros, dos grupos populares, enfim, dos excluídos em geral. Interessa, isto sim, notar como os clubes são constantemente recriados e lapidados no imaginário dos próprios torcedores visando adequar a predileção clubística a outros valores nem sempre compatíveis.

Qualquer que tenha sido a origem do Inter, o certo é que seus idealizadores se propuseram, desde logo, a desafiar o Grêmio. Isto fica claro numa célebre frase de Carlos Kluwe - médico, pecuarista e atleta colorado - proferida dois anos depois da fundação do Inter e logo após o clube ter sofrido sua segunda goleada “histórica” em grenais: “só deixo essa coisa de futebol depois de uma vitória sobre o tal de Grêmio” (Coimbra & Noronha:17). Questão de honra para os colorados; bom para os gremistas que, enfim, encontravam um contendor arrojado, e ainda melhor para o futebol porto-alegrense. Gre-Nal ainda não era Gre-Nal, mas a rivalidade que se iniciava, algo fundamental em se tratando de futebol, foi um marco importante para o desenvolvimento deste esporte, mais até do que a Liga Porto-Alegrense de Foot-Ball, fundada em 1910. Ocorre que, neste mesmo ano, registrou-se o “primeiro sururu em campos de futebol da cidade” e, como não poderia ser diferente, tudo teve início quando Volkmann, do Internacional, agrediu Booth, do Grêmio (História do Grêmio, nº 2:4). O futebol deixava, paulatinamente, de ser um simples atestado de que a modernidade havia chegado a Porto Alegre para se incorporar ao cotidiano de seus habitantes.

3.2.2. Itinerários das paixões

No início do século, o Moinhos de Vento ainda não era o metro quadrado mais valorizado da capital, os moinhos que deram origem ao nome do bairro já haviam sido demolidos - ainda em 1836, segundo Macedo (1973:195) - e o bairro só receberia a atual designação depois de 1910. Entretanto, o final da Mostardeiro, que na época se chamava Schetzverein Platz, já era um dos locais preferidos para os *picnics* da elite porto-alegrense. Cenário bucólico, não tão distante do centro da cidade, no *ground* da Baixada estava situado o Prado Independência, onde era realizada a Protetora do Turfe - principal evento hípico da cidade - e o Schetzverein, ou Tiro Alemão, atualmente Clube dos Caixeiros Viajantes.

Augusto Koch, sócio-fundador e presidente honorário, não apenas pensava que o Grêmio, como um clube distinto, deveria ter sede própria, mas também, que a Baixada era o local apropriado. O Major Koch, freqüentador das “melhores rodas”, não teve grandes dificuldades para juntar os dez contos de réis exigidos pela família Mostardeiro, proprietária do terreno. Assim, menos de um ano após sua fundação, o Grêmio já tinha “casa própria” e, de certa forma, um considerável patrimônio. Nem tanto pelo *field*, nem pela cerca que impedia o gado de disputar o espaço com os *players* e tampouco pela “borboleta” que disciplinava a entrada dos associados. Isso tudo, incluindo o “pavilhão social”, construído para as autoridades, causava boa impressão, com ares de ordem e progresso. Porém, o mais importante, aquilo que tornava o Grêmio um clube respeitável, era o status daqueles que cruzavam a borboleta e, principalmente, dos que tinham acesso ao pequeno pavilhão. Dr. José Montauray, intendente municipal e apaixonado pelo ciclismo, era apenas um dos tantos notáveis presentes na inauguração da Baixada (Revista do Grêmio, nº 1).

Já o Internacional, desde sempre autoproclamado “clube do povo”, não era propriamente aberto a adesões indiscriminadas, embora seus critérios fossem menos rígidos que aqueles praticados na Baixada. Pequenos comerciantes, comerciários, funcionários públicos e estudantes em geral, via de regra, ainda jovens e, portanto, em busca de afirmação social, compunham a base dos freqüentadores do clube. O Capitão Graciliano Ortiz, por exemplo, sogro de um dos Poppe - “eleito presidente honorário por ser o de mais idade entre os colorados” (Beira Rio - 25 Anos, 1994:5) -, era diretor

do Departamento Municipal de Limpeza Pública. Podia ocupar uma posição prestigiosa entre os jovens colorados e ser respeitado pelos seus comandados no serviço público mas nada que se pudesse comparar ao Major Koch, presidente-honorário do Grêmio.

Estas pequenas diferenças, desaparecidas mais tarde e atualmente irrelevantes à medida que tanto o Inter quanto o Grêmio contam com representantes “ilustres” em seus conselhos deliberativos - espécie de parlamento dos clubes -, é mais notória se tomarmos como parâmetro comparativo o patrimônio das agremiações. O resultado do primeiro Gre-Nal, vencido pelo Grêmio por 10 a 0, pode ser creditado ao fato do Internacional estar iniciando suas atividades futebolísticas enquanto o “outro” já era uma instituição “tradicional”, mas revela também, com certo exagero, é verdade, a distância entre a bucólica baixada da Mostardeiro e o alagadiço terreno da Rua Arlindo - atual Praça Sport Club Internacional -, na Azenha, onde os colorados realizaram seus preparativos para o *match* inaugural.

Além dos transbordamentos esporádicos do Arroio Dilúvio, no inverno frio e chuvoso, o campo improvisado em local cedido pela prefeitura - graças à intervenção de Graciliano Ortiz - passava boa parte do tempo impróprio à prática do futebol. Assim, os colorados passaram a treinar na Volta do Cordeiro, mais ou menos onde está o Hospital de Pronto Socorro atualmente. As goleiras, de madeira, tinham de ser removidas após os treinos e guardadas no armazém do Sr. Cordeiro; do contrário seriam queimadas juntamente com outros entulhos pelos indigentes (Coimbra & Noronha:9).

Tamanhas atribulações parecem ter diminuído em 1912, quando o então presidente, Júlio Seelig, alugou um terreno na Chácara dos Eucaliptos - área atualmente ocupada pela Secretaria de Agricultura do Estado. Na tal chácara não existiam problemas com as cheias e o fim da linha do bonde Menino Deus facilitava o acesso dos torcedores. Ainda assim, estava aquém do Fortim da Baixada. Pior mesmo para os colorados seria perder aquele espaço; se as arquibancadas pregadas nos eucaliptos indicavam que o Inter era um clube humilde, atestavam também que ele era freqüentado por um bom número de torcedores e, sendo assim, com grandes possibilidades de expansão.

De qualquer modo, antes de consolidar sua primeira “casa própria”, o Estádio dos Eucaliptos, na Rua Silveiro, o Inter esteve, em pelo menos duas oportunidades, à beira da extinção. A primeira, em 1911, antes de alugar a Chácara dos Eucaliptos, o Inter sofreria sua terceira goleada diante do Grêmio, 10 a 1, com gol de “charles” de Edwin Cox - irmão de Oscar, o que fundou o Fluminense no Rio de Janeiro. Foi depois

desta partida que Carlos Kluwe sentenciou aquela frase referida anteriormente - “só deixo essa coisa de futebol quando (...)” - e, graças à sua persistência e de outros associados, o Inter perseverou. Quatro anos mais tarde, pela decisão do campeonato metropolitano, o Inter bateu o Grêmio por 4 a 1 e conquistou seu primeiro título: “Está quebrado o lacre! Está quebrado o lacre! Demorou seis anos!” berrava Antenor Lemos”, então presidente colorado (Coimbra & Noronha:23).

Quando surgiu a segunda crise, em 1928, o Inter já havia conquistado, inclusive, seu primeiro título regional, o campeonato Gaúcho de 1927.⁴⁷ Desde o início do século, o futebol porto-alegrense já havia sofrido inúmeras modificações. Já se cobrava ingresso nos estádios, disputava-se um certame regional e amistosos com equipes de outros estados e do exterior, ampliava-se o espaço do futebol na imprensa, discutiam-se os problemas acarretados pelo “profissionalismo marrom” e, de mais a mais, Grêmio *versus* Internacional já era Gre-Nal.⁴⁸ A supremacia gremista, contudo, permanecia inabalável; embora, vez por outra, perdesse um campeonato metropolitano ou regional.

Neste contexto, o Internacional necessitava de atitudes mais ousadas indispensáveis a sua própria sobrevivência, entre elas, a conquista de um espaço próprio. Quando os gestores do Asilo da Providência anunciaram a venda do local onde estava situada a Chácara dos Eucaliptos, houve calorosas discussões entre os dirigentes colorados, culminando com a deserção de alguns deles. Antenor Lemos, pelotense e maragato, que havia presidido o clube em cinco oportunidades, manifestou-se contrário à aquisição do terreno; 40 mil contos era um absurdo. O jornalista esportivo Arquimedes Fortini também achou o valor excessivo mas tranquilizou-se quando lhe asseguraram que o Inter teria a preferência de compra. Mobilizou o apoio dos Chaves Barcellos, dispostos a emprestar a quantia exigida pelo Asilo da Providência sem prazo para ressarcimento, mas não convenceu a turma do fanático Antenor Lemos. Para este ortodoxo defensor do amadorismo, o Internacional deveria “sobreviver de conquistas esportivas, não de glórias materiais” (Coimbra & Noronha:36).

⁴⁷ “Aquele primeiro título gaúcho, porém, não ajuda o Inter a se orgulhar do seu divulgado liberalismo. Durante décadas ele foi chamado, por exemplo, de “clube dos negrinhos”. Os campeões de 1927, porém, eram todos brancos” (Dienstmann, 1987:25).

⁴⁸ Como no Rio de Janeiro já havia se popularizado o Fla-Flu, Flamengo *versus* Fluminense, o jornalista Ivo dos Santos Martins pensou em fazer o mesmo em relação à dupla porto-alegrense. “Inicialmente, propôs Inter-Gre, mas, como bom gremista, não queria colocar o Internacional na frente. Decidiu então por Gre-Nal. Escreveu a palavra várias vezes na mesa do Café Colombo e pediu aos amigos que ajudassem a divulgá-la. Não publicou a nova expressão no Correio do Povo, onde era redator de esportes, por temer que o secretário de redação, colorado, a proibisse. (...) A divulgação deu resultado e aos poucos, os torcedores foram assimilando o termo, até que, em 1933, quando Martins já havia abandonado o jornalismo, o Correio estampou “o ‘Gre-Nal’” (Coimbra & Noronha:32).

Com argumentos desta natureza, muitos clubes acabaram extintos assim que o profissionalismo foi efetivado, e o Inter por pouco não foi um deles.

Sem sede, sem campo, o Internacional foi arrefecendo até tornar-se moribundo. Foi então que surgiu a mão do salvador. O jovem engenheiro Ildo Meneghetti [descendente de italianos e mais tarde governador do Estado] suprimiu horas de trabalho da Dahne, Conceição & Cia, da qual era funcionário, e liderou uma vigorosa campanha de arrecadação de fundos a fim de construir um novo estádio para o Colorado. Com a venda de bônus no valor de 500 mil réis, Meneghetti levantou a importância suficiente para construir o Estádio dos Eucaliptos, na rua Silveiro, em 1931 (Coimbra & Noronha:36).

O Gre-Nal inaugural do Eucaliptos, vencido pelo Inter, criou uma expectativa que não haveria de se confirmar, pois o Grêmio permaneceria soberano durante a década de trinta. Independente dos resultados dentro de campo, o novo estádio mexeu com o sentimento dos torcedores de ambos os lados. Enquanto os gremistas inauguravam, quatro meses depois, os refletores da Baixada - “uma novidade até na esfera nacional” (História do Grêmio, nº 3) - os colorados se orgulhavam, pois sua “casa” era capaz de abrigar mais público do que a rival. Mais que isto, o Eucaliptos representava um marco na história colorada, como desabafa Carlos Lopes dos Santos:

Uma agremiação, um rico patrimônio e uma diretoria. Assim passou a se apresentar o Internacional no cenário esportivo do Brasil. Um presidente, Ildo Meneghetti (....).

Que consolo foi se ter a certeza de que o destino do Internacional havia se materializado com a construção do Eucaliptos, à rua Silveiro, em pleno arrabalde do Menino Deus! (Santos, 1975:62-3)

Finalmente, depois de vários percalços, o Inter se constituía numa agremiação; tinha “um presidente”, “um rico patrimônio” e em breve um grande time do qual ainda hoje os colorados se orgulham: o “Rolo Compressor”. Por vários motivos que precisam ser explicitados, o “velho Estádio dos Eucaliptos” traz boas recordações aos colorados, especialmente aos mais antigos. Ocorre que o Eucaliptos foi o palco do Rolo Compressor; um time que, além das indiscutíveis qualidades técnicas, tinha vários negros no elenco.

Se, até os anos trinta, a rivalidade patrimonial favorecera ao Grêmio, assim como os resultados de campo o faziam, com o Eucaliptos, o Inter equilibrara a disputa. Faltava-lhe, no entanto, equilibrar a rivalidade propriamente futebolística. Este equilíbrio era fundamental, inclusive do ponto de vista simbólico. A trajetória por terrenos alagadiços ou alugados respaldava, em parte, o “mito de origem” do “clubes do

povo”. Digo em parte, pois faltava ao “clube do povo” abrir suas portas aos negros e, o mais importante, sair-se vencedor com eles. Até então, o “clube do povo” era, antes de tudo, uma pecha, um motivo de zombaria dos gremistas. Foram os negros, na década de quarenta, no Eucaliptos, que tornaram o “mito de origem” um orgulho para os colorados.

3.3. Gre-Nal em preto e branco

Se a crença de que o Inter é o “mais querido” entre as classes menos favorecidas não se confirma estatisticamente, como mostram os dados apresentados no início deste capítulo - ver especialmente Tabela 3.9 -, o mesmo não se pode afirmar em relação à questão da “raça”. Na verdade, não existem dados empíricos para corroborar e tampouco refutar a percepçãoêmica de que o Inter é o “clube dos negros”, de forma que qualquer hipótese a este respeito corre um sério risco de ser desmentida.⁴⁹ Todavia, se a identificação do Inter como “clube do povo” persiste apesar da equidade estatística em termos de classe social, pode-se supor o mesmo em relação à questão do negro. O que estou afirmando, e isto me foi útil para escrever este capítulo, é que os dados estatísticos possuem, no que tange às representações das identidades clubísticas, um valor periférico. Ou seja, as diferenças instituídas pelos próprios torcedores são de natureza preponderantemente simbólica e, portanto, um tanto alheias aos aspectos sócio-econômicos; ainda que estes não devam ser simplesmente ignorados.

Como afirmei no segundo capítulo, a “temporalidade da tradição”, ou caso se prefira, como os torcedores, simplesmente “tradição”, possui um papel determinante na construção da imagem dos clubes e da identidade de seus torcedores. Ainda que este seja um processo ininterrupto e suscetível às mais diversas reelaborações, não é de todo aleatório. As diferenças instituídas ou, seguindo Hobsbawm (1984), as “tradições inventadas”, podem ser situadas num determinado momento histórico ao qual corresponde um contexto sócio-cultural específico. Sendo assim, a identificação do

⁴⁹ Mais como ilustração do qualquer outra coisa, apliquei um questionário simples, entre os que aguardavam na fila para entrar no “sambódromo” na terça-feira do Carnaval de 1998. Considerando-se que o desfile das Escolas de Samba de Porto Alegre é tido como uma manifestação da comunidade negra (Silva, 1993), fiz duas perguntas aos meus entrevistados: “Qual é o seu clube (de futebol) do coração” e “Qual é a sua Escola (de samba) do coração”. Em relação à primeira pergunta, dos 112 entrevistados, 59 responderam o Inter (52,67%), 51 apontaram o Grêmio (45,54%) e apenas 2 (1,78%) indicaram outros clubes. Embora não possam ser generalizados, estes dados apontam para uma tendência do Inter ser o clube preferido entre a comunidade negra porto-alegrense. De qualquer forma, a diferença não é tão expressiva quanto sugerem as recorrentes afirmações de que o Inter é o “clube dos negros”.

Inter com o “povo” e, particularmente, com os “negros”, tem sua razão de existir, mesmo que as estatísticas atuais não confirmem.

O “Gre-Nal em preto em branco” trata justamente destas questões. Como e por que o Inter é tido como “clube do povo”? Por que os torcedores elegeram a “questão do negro” como um dos principais elementos da rivalidade Gre-Nal? Em que momento histórico e qual o contexto que deu origem a esta rivalidade no interior de outra já existente, aquela propriamente futebolística? Para aprofundar estas questões é que se justifica este sub-capítulo, um espécie de parêntese inserido na rivalidade patrimonial. Trata-se de uma história em três tempos, com o negro assumindo, em cada um deles, papéis bem diferenciados.

3.3.1. A Liga dos Canelas Pretas

A existência, por si só, da Liga dos Canelas Pretas, revela que o processo de inserção do negro na sociedade porto-alegrense foi tão ou mais conturbado daquele verificado noutras cidades brasileiras. Pelo menos em relação ao futebol, a tese de Oliveira Viana acerca da “democracia sulina” - segundo a qual, no Rio Grande do Sul, a “vida dos escravos era amena quando comparada com a existente em outros lugares” (in: Oliven:52) - deve ser repensada. Inclusive a adjetivação colorada, como “clube do povo”, nascida junto com o próprio clube, poderia ser questionada, a menos que do “povo” se excluam, automaticamente, os negros.

Não fossem os depoimentos de Lupicínio Rodrigues justificando porque ele, mulato, boêmio, nascido e criado na Travessa Batista, coração da Ilhota, era gremista, os “canelas pretas” provavelmente teriam desaparecido por completo da história do futebol porto-alegrense e, por extensão, da própria cidade. As poucas referências escritas,⁵⁰ somadas às entrevistas de Lupicínio⁵¹ e alguns relatos orais - restritos,

⁵⁰ Dienstmann (“História do negro no futebol gaúcho”, in: Zero Hora, 13/5/1987); Amaro Jr. (“As festas do 13 de maio e um conselho ao prefeito”, in: Folha da Tarde, 14-5/5/1977); e, “O leitor afirma: o primeiro negro do Inter foi Dorval” (in: Jornal do Inter, 1-15/8/1975). A estas publicações poderiam ser acrescidas inúmeras referências breves ou indiretas sobre a Liga dos Canelas Pretas, mas praticamente todas elas tendo como referência os artigos acima mencionados.

⁵¹ “Lupicínio Rodrigues, um apaixonado pelo futebol” (in: Correio do Povo, 30/9/1979) e “Porque sou gremista” (in: Última Hora, 6/4/1963). A propósito, Lupicínio justifica seu pertencimento ao Grêmio e sua intensa dedicação ao clube - tendo sido, inclusive, sócio honorário e autor da letra do hino do cinquentenário, mais tarde transformado em hino oficial - a partir das influências de seu pai, Francisco Rodrigues. Este, por seu turno, teria se tornado gremista como represália ao Internacional que, através de seus dirigentes, vetou a participação do Riograndense, clube de negros presidido pelo pai de Lupicínio, na

basicamente, à confirmação da existência da referida liga e dos principais locais onde eram realizados os jogos - fornecem uma vaga idéia de onde e porque os negros disputavam um campeonato paralelo à prestigiada Liga Metropolitana.

Na verdade, a Liga dos Canelas Pretas, como era popularmente conhecida, chamava-se Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense e dela participavam várias agremiações, todas elas formadas por jogadores negros e mulatos. Bento Gonçalves e Riograndense eram os dois clubes de maior destaque entre os “canelas pretas”; talvez porque seus quadros fossem tecnicamente equilibrados e notadamente superiores aos demais. Porém, pelo depoimento de Genésio Martins dos Santos, constata-se uma rivalidade de ordem extra-campo, motivada por uma espécie de racismo segmentado: o Rio-Grandense sendo o representante dos mulatos - “racista entre nós, negros, pois que só admitia mulatos e mulatas como torcedores, [sendo que] o mais ferrenho racista era justamente Francisco Rodrigues, pai do Lupicínio” (Jornal do Inter, 1975) - e o Bento Gonçalves, identificado com e pelos negros; o que lhe rendeu, inclusive, a distinção de ser o primeiro clube da “raça” a excursionar pelo interior do Estado (idem). Enquanto o primeiro - encarnado, verde e amarelo, como a bandeira do Rio Grande do Sul - era formado por funcionários públicos e de hotéis, o “Bento” - identificado nas cores azul e vermelha, referência ao Grêmio e ao Internacional, respectivamente - arregimentava seus quadros entre os engraxates e outros profissionais considerados de baixo status mesmo entre a comunidade negra. Mas havia também o Primavera, com campo na Gonçalves Dias; o 1º de Novembro, formado pelos funcionários do Forno do Lixão; o 8 de Setembro, verde e amarelo, representante da Colônia Africana, entre outros.

Tão difícil quanto inferir detalhes sobre este que se constituía num espaço de intensa sociabilidade, mais ou menos restrito à Colônia Africana⁵² e à Ilhota,⁵³ é

Liga Metropolitana. Esta também seria uma das motivações que levaram à criação da Liga dos Canelas Pretas.

⁵² “Área da cidade em que se estabeleceram, em torno da época da abolição, numerosas famílias negras. Compreendia os altos do atual Bairro Rio Branco, ou, mais precisamente, das ruas Castro Alves, Casemiro de Abreu, Vasco da Gama, Cabral e Liberdade” (Franco:118). Vários clubes, entre eles o Ruy Barbosa, Cruzeiro e Americano - estes dois últimos chegaram a conquistar, na década de vinte, cada qual um Campeonato Gaúcho - cujos campos eram situados onde atualmente se encontra o Hospital de Clínicas, no início da Protásio Alves - mantinham forte vínculo com a Colônia. Na verdade, estes clubes foram surgindo a partir da segunda metade da década de dez e se incorporaram à Liga Metropolitana, absorvendo, na década seguinte, parte dos negros que até então participavam, com seus clubes segregados, da Liga dos Canelas Pretas. O Ruy Barbosa foi extinto na década de trinta com o advento do profissionalismo e o Americano, mais ou menos pelos mesmos motivos, desapareceu depois de uma fusão mal sucedida com os alunos do colégio homônimo. Já o Cruzeiro, ainda em atividade, mudou-se do início para o final da Protásio, na periferia da cidade e mantém-se no amadorismo.

⁵³ “Área que desapareceu da geografia urbana em razão da canalização do Arroio Dilúvio, perdendo inteiramente suas características depois da execução do Projeto Renascença, que resultou na

precisar cronologicamente o surgimento e o esvaziamento da referida liga. De qualquer forma, pode-se afirmar, tendo como parâmetro fontes indiretas, que a “Liga dos Canelas Pretas” deve ter sido constituída depois de 1912 e atingido seu ápice nos primeiros anos da década de vinte. Sabe-se, por exemplo, que o local onde a maioria dos jogos eram disputados, no campo da Rua Arlindo, havia sido a primeira sede futebolística do Internacional, abandonada, tempos depois, em virtude dos constantes alagamentos. Sendo assim, é correto supor que o Rio-Grandense e seus co-irmãos só passaram a utilizar aquele campo depois que o Inter se mudou para a Várzea da Redenção e, finalmente, para a Chácara dos Eucaliptos, ou seja, de 1912 em diante.

Qualquer tentativa de obter informações mais detalhadas esbarra no esquecimento ao qual os “canelas pretas” parecem estar condenados. Dada a época em que existiu a referida liga, torna-se inócua a procura por pessoas - “velhos” - que dela tenham participado. Os relatos orais, de antigos moradores da Ilhota ou representantes da comunidade negra, geralmente não a mencionam ou o fazem apenas superficialmente. Alguns documentos que, segundo dizem, poderiam ser encontrados na Sociedade Satélite Prontidão, identificada com a comunidade negra, foram dizimados na enchente de 1941.

As poucas informações que obtive sobre os “canelas pretas” não correspondem ao esforço que empreendi nesta busca. Comecei entrevistando Oswaldo Rolla, o “Foguinho”, pouco antes de seu falecimento, em outubro de 1996. Segundo fontes seguras, confirmadas pelo próprio Foguinho, ele seria o único remanescente dos jogadores do final dos anos vinte e início da década seguinte. *Olha jovem, quando eu iniciei com essa coisa do futebol, a coisa mais importante da minha vida.... a liga dos canelas pretas já não existia mais!* - Foi tudo o que disse sobre o assunto. No Satélite Prontidão, quando me referi à existência da Liga, fui surpreendido: *não sei do que tu tá falando...* - respondeu-me um de seus diretores. Outro, entre os que se interessaram pelo assunto, arrematou: *acho que já ouvi falar... do que se trata mesmo?* Nos museus de Porto Alegre, escassas referências à topografia da Ilhota, menos ainda sobre seus antigos moradores e nada, absolutamente nada, acerca dos “canelas pretas”. Fiz-me entrevistar sobre o tema no programa “Show dos Esportes”, na Rádio Gaúcha, com o

abertura da Av. Érico Veríssimo e áreas que a circundam. Quando o Riacho, ou Arroio Dilúvio, ainda percorria o seu antigo leito, começava, ao atingir a Rua Arlindo e ao receber a vazão de seu afluente Cascatinha, a descrever extensos meandros, em terreno baixo e alagadiço (...)” (Franco:212). Para uma descrição mais detalhada sobre a Ilhota e a Cidade Baixa cf. “A Historiografia do Bairro”, in: Jardim (1991:68-90). Ver tb. “Cidade Baixa: Carnaval e Território Negro”, in: Silva (1993:153-196).

que obtive um único retorno e sobre algo que já era do meu conhecimento. Entre outras tantas investidas, obtive os artigos de jornais já referidos e, com Demóstenes Gonzalez, amigo de Lupicínio Rodrigues, alguns dados sobre localização, época, etc, que me foram extremamente úteis quando ainda estava iniciando a investigação.

Se os esforços empreendidos e os escassos resultados obtidos podem ser interpretados para além de uma “busca fracassada”, pode-se afirmar que os “canelas pretas” fazem parte de um passado que a cidade, o futebol e os próprios negros - me refiro especialmente aos que foram meus informantes - preferem esquecer. Há boas razões para tal, especialmente por parte destes últimos.

Memória seletiva à parte, pode-se aferir que o auge da Liga Nacional de Football Portoalegrense se deu no início da década de vinte. A evidencia mais clara a este respeito é a excursão do Bento Gonçalves a Cachoeira do Sul, em 1923 e, dois anos depois, a Pelotas e Rio Grande; cidades que enfrentavam em pé de igualdade os “grandes” clubes da capital.

A ascensão dos times identificados com a comunidade negra e de outros tantos, cuja base era formada por jogadores das classes baixas, adquiriu tamanha notoriedade nos anos 20 que a Liga Metropolitana achou por bem criar uma espécie de segunda divisão. Abria-se, desta forma, uma possibilidade de acesso para clubes e jogadores anteriormente discriminados sem perder de vista as vantagens que tal proximidade representava, especialmente para o Grêmio e o Internacional. Em outras palavras, os clubes menores serviam como celeiros de atletas que, tão logo se destacassem, eram levados por “olheiros” para jogar nos clubes de maior prestígio. Assim, a abertura da Liga Metropolitana representou o progressivo esfacelamento dos “canelas pretas”, tendo seus principais destaques migrado para clubes da “liga do sabão” - segunda divisão - e em menor número para a “liga dos sabonetes” - grupo de elite -, excetuando-se, claro, a dupla Gre-Nal.⁵⁴

A segregação racial no futebol porto-alegrense não pode ser explicada elencando-se uma ou duas razões quaisquer por mais convincentes que possam parecer. Trata-se, evidentemente, de motivações anteriores e, até certo ponto, alheias ao futebol. Em parte, a segregação racial no futebol deve ser tributada a um processo mais amplo, extensivo à própria construção da identidade gaúcha. Oliven (1996) demonstra como a exaltação da figura do gaúcho da Campanha, enquanto tipo representativo do Rio

⁵⁴ Foguinho e, mais tarde, Tupã e Tesourinha são exemplos de jogadores que se destacaram pela dupla Gre-Nal tendo iniciado suas carreiras na “liga do sabão”, jogando por clubes de menor expressão.

Grande do Sul, exclui a maior parte dos grupos sociais residentes no estado, sejam eles descendentes de italianos, alemães, negros, índios, entre outros. Em relação à presença e contribuição dos negros e índios na construção da identidade regional, nota-se um certo desconforto até mesmo por parte de alguns historiadores.

(...) Ao passo que em outros Estados do Brasil, como a Bahia, o negro comparece como um dos formadores da identidade, no Rio Grande do Sul sua imagem é relegada a um segundo plano. De fato, a historiografia gaúcha tradicional, apesar de reconhecer a existência generalizada do escravo no Estado, insistiu na sua pouca importância no processo de trabalho (:26).

Na esfera do futebol, é notória a desconfiança com que os negros eram percebidos pela elite local, bem exemplificada pelas retaliações sofridas por Tupã após a derrota do Inter no Gre-Nal de 1935, que decidiu o título da cidade, alusivo ao centenário da Revolução Farroupilha. Nem mesmo os dois títulos que Tupã havia ajudado a conquistar no ano anterior - citadino e estadual - foram suficientes para inocentá-lo.

(...) Foi acusado de estar vendido porque perdeu alguns gols estranhos. Ele foi obrigado a sair do clube e teria dito várias vezes o seguinte: "É, falaram de mim porque sou negro, mas também havia um branco vendido naquele jogo" (Carlos Lopes dos Santos, s/d; mineo).

Seja como for, a Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense constituiu-se numa primeira e particularíssima fase da trajetória do negro na capital gaúcha; um capítulo à parte, é verdade, mas nem por isso menos brioso daquele que viria a seguir.

Que o pessoal da "canela preta" não era de pernas de pau prova o resultado de uma partida efetuada antes de 30, quando (...) bateram-se as seleções de brancos e pretos na Chácara das Camélias. (...) Os "brancos" organizados pelo Felix Magno, então titular absoluto do Internacional, tendo na esquadra o que de melhor havia nos clubes principais da cidade, iniciaram o jogo um tanto displicentemente, facilmente marcando cinco a zero, resultado com o qual terminou o primeiro tempo. No período final os "negros" voltaram dispostos a mostrar o seu valor e colocaram seis bolas nas redes brancas, vencendo por 6 a 5 (Amaro Jr., in: Folha da Tarde, 14 e 15/5/77).

A segregação racial no futebol porto-alegrense seria paulatinamente esvaziada ao longo da década de trinta, impulsionada, entre outros fatores, pela emergência do profissionalismo e pela nova modalidade de público que acorria aos jogos. O futebol já havia perdido muito do seu ar aristocrático e a assistência dos jogos já não se limitava às distintas senhoras e senhoritas da "melhor sociedade", nem a seus pares de igual

procedência. Ter um público cativo, independente da condição social, credo ou cor se tornara um objetivo a ser perseguido por qualquer agremiação. Num contexto onde jogadores, sócios, dirigentes e torcedores já desempenhavam papéis bem diferenciados, não havia razões para e nem como impedir que negros e populares em geral se identificassem com este ou aquele clube. A redefinição e diferenciação dos papéis e o profissionalismo seriam os responsáveis pela “democratização funcional”, a partir da qual a elite passou para o controle e administração dos clubes e os jogadores passaram a ser valorizados pelas suas qualidades técnicas, possibilitando, assim, a ascensão de atletas anteriormente social e racialmente discriminados.

Se a elite aristocrática conserva seu poder na instância nacional dirigente como uma maneira de influenciar um esporte que ela contribuiu para criar, mas que sofre uma disseminação irreversível em direção às classes populares, ela não tem outro remédio senão se refugiar em outros esportes distintos. A tensão representada pela oposição entre amadorismo e profissionalismo se resolve em favor da democratização e da profissionalização” (Leite Lopes, 1995:153-4).

Torcer se tornava uma possibilidade em aberto à medida que os clubes, ganhando espaço nas rádios e nos jornais se aproximavam do grande público, bem diferente do que fora nos primeiros tempos quando apenas uma parcela restrita da população, aquela de maior poder aquisitivo, tinha acesso ao quadro social e aos estádios.

3.3.2. Os Diabos Rubros do Rolo Compressor

A década de quarenta representa, sob todos os aspectos, um novo panorama futebolístico em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul. Várias mudanças iniciadas na década de trinta são consignadas ou aceleradas, entre elas a opção definitiva pelo profissionalismo, a regionalização das disputas, o aumento do número de jogos, a constituição de um público “torcedor”, a expansão da mídia esportiva e, acima de tudo, a afirmação do negro no futebol regional. Gre-Nal já era Gre-Nal desde a década de vinte mas nos anos quarenta assumiria contornos até então restritos a uma disputa preponderantemente local.⁵⁵

⁵⁵ Creio desnecessário apresentar aqui uma tabela ou grade apontando o aumento progressivo do número de jogos numa mesma temporada e a regionalização, nacionalização e, por fim, internacionalização das disputas. De outra parte, posso assegurar ao leitor a procedência desta afirmação pois, para minha própria orientação, realizei este levantamento. A partir da “História do Grêmio”, nº 1-7, pode-se afirmar que, até a década de vinte, os jogos envolviam contendores preponderantemente locais. A partir de 1919 inicia o Campeonato Gaúcho, com o campeão de Porto Alegre enfrentando o campeão do interior, apenas

Mesmo que o Inter já estivesse no Eucaliptos, um estádio que não deixava nada a desejar em relação ao Fortim da Baixada, o Grêmio é quem detinha a supremacia local nos anos trinta. Os colorados tinham ganhado o campeonato metropolitano e estadual em 1934, mas isto pouco representava diante dos quatro títulos metropolitanos seguidos conquistados pelo arquirrival, entre 30 e 33, outros três entre 37 e 39, o bicampeonato estadual em 32 e 33 e, o mais festejado de todos, o título de Campeão Farroupilha em 35 - o Grêmio venceu a disputa na cidade, mas perdeu o estadual para o 9º Regimento de Pelotas, que, daquela data em diante, passou a se chamar Farroupilha.

Reverter este quadro tornara-se, mais uma vez, questão de honra. Certamente o Inter não estava à beira da extinção como estivera nos primeiros anos de sua fundação, depois que o Grêmio lhe imprimiu humilhantes goleadas, e tampouco esta crise se assemelhava àquela do final dos anos vinte, quando o clube ficou sem campo para treinar e disputar seus jogos. A diferença em relação às atribulações anteriores é que a solução estava mais próxima do que se poderia imaginar, principalmente em termos geográficos e financeiros. Com o “profissionalismo marrom” e, posteriormente, com o “profissionalismo oficial”, acordado em ata pelas duas direções (Revista do Sport Club Internacional:13), poucos eram os jogadores, como Foguinho, que insistiam em jogar pelo “amor à camisa”. Muito menos os negros. Em parte porque o futebol representava uma possibilidade real de ascensão econômica e, de outra, porque tão logo esta prerrogativa se viabilizou as cifras foram se avolumando e surgiram então os intermediários, também conhecidos como procuradores. Estes últimos, geralmente homens de negócios e não raro travestidos de dirigentes dos clubes, aproveitavam-se da suposta incapacidade dos jogadores em gerenciar seus contratos para oferecer seus serviços em troca de um percentual nas transações. Assim, mesmo que um jogador pretendesse seguir no amadorismo, não faltaria um “benfeitor” para convencer-lhe do contrário. Esta dimensão pecuniária foi decisiva para o fortalecimento do Inter nos anos quarenta pois, à medida que o Grêmio continuava segregando os negros, estes possuíam

em jogos de ida e volta. Este sistema é alterado no início dos anos quarenta, com o advento do profissionalismo, mas ainda assim, a dupla Gre-Nal enfrenta, preponderantemente, outros clubes da cidade e da região metropolitana; é quando os clubes da fronteira sul do Estado, que venceram vários campeonatos gaúchos entre 1919-1940 entram em decadência e cedem espaço para os clubes da “colônia italiana”. A regionalização se intensifica nas décadas de 50 e 60 até que, no final desta década, Grêmio, Internacional e, esporadicamente, um ou outro clube do interior passam a participar dos certames nacionais. A valorização da Libertadores da América e do Mundial Interclubes, tanto do ponto de vista econômico quanto simbólico, ocorre, para a dupla Gre-Nal, a partir do final dos anos setenta e se intensifica nas décadas seguintes. Cf. tb. Dienstmann (1987) e a série “País do futebol” (in: Folha de São Paulo, 24/1 a 6/3/97).

um valor inferior no mercado futebolístico. Um jogador qualquer, com condições de ser aproveitado pela dupla Gre-Nal, poderia ser adquirido por um valor "x", se fosse negro mas, sendo branco, valia "2x", em razão da concorrência. Como resume Salin Nigri, *se era branco valia o dobro porque havia concorrência, se era preto, o Inter comprava pagando o preço que desejava*.

Os “canelas pretas”, embora dispersos pelos clubes de menor expressão da capital, ainda mantinham um forte vínculo com a Ilhota e, dali até o Eucaliptos, nem precisavam tomar o bonde. Nem mesmo o episódio que culminou com a deserção de Tupã, em 35, impediu a contratação de outros negros pelo Internacional. Não eram casos isolados como os de Dorval e Dirceu Alves, mulatos que passaram pelo clube nas décadas de dez e vinte, respectivamente, pois no time de Tupã também jogava Darcy Encarnação, um emérito driblador revelado no São Paulo de Rio Grande.

Já em 1939, chegou Tesourinha, tirado do Ferroviário, um clube de menor expressão cujo campo se situava na José de Alencar, a poucas quadras do Eucaliptos. Vieram, uns antes, outros depois, também Assis, o “Parobé”, nome do bar onde o uruguaianense bebia compulsivamente; Carlitos, do Tristezense, clube da zona sul da cidade; Rui, o “Motorzinho”, buscado em Alegrete; Russinho, “doutor” David Russowsky, convencido pelo irmão a trocar a Baixada pelo Eucaliptos e, segundo Coimbra & Noronha (:49), o único de família abastada entre os atletas colorados. Mais tarde chegariam Vilalba, goleador argentino; Alfeu, ex-jogador do clube com passagem pelo Santos - SP e pelo Grêmio Santanense; e Ávila, o “King Kong”, vindo de Pelotas portando sífilis para ser o rei do Cabaré do Galo, na rua Cabo Rocha.

Destes, nem todos estavam presentes no Gre-Nal amistoso que marcava a despedida de Luis Carvalho, “El Maestro”, um dos maiores jogadores da história tricolor. Nem a data, véspera de finados, e muito menos o adversário, o Inter, chegavam a impressionar os gremistas; tudo se encaminhava para mais uma vitória, uma constante nos últimos anos. O Correio do Povo anunciava o enfrentamento da “técnica tricolor” e do “sangue colorado”, sugerindo, quem sabe, a superioridade dos gremistas. Não foi o que se viu em campo; o jogo foi vencido por 6 a 0 pelos colorados e o Inter só não devolveu os 10 a 0 do primeiro Gre-Nal graças à intervenção do árbitro - “era muito gol para um Gre-Nal, doutor”, foi como Álvaro Silveira justificou para Ildo Meneghetti a anulação de pelo menos quatro gols legítimos do Inter (:46). No dia seguinte, o mesmo Correio (2/11/39) anunciou, com destaque, a vitória dos “diabos rubros”.

Era apenas um prelúdio daquilo que haveria de se confirmar na década seguinte. A “década” colorada iniciou justamente no ano de 1940 e se estendeu até 1955. A partir de 1942, por iniciativa de Vicente Rao, consagrado Rei Momo da cidade (1950-72) e, reconhecidamente, o primeiro chefe de Torcida Organizada no Sul do Brasil, aquele Inter entraria para a história com o apelido de “rolo compressor”. Os colorados passariam a discutir, anos mais tarde, qual das formações do “rolo” foi a mais eloquente, quando atingiu o auge e assim por diante. Discussões típicas do futebol, retórica pura, pois o “rolo” foi e ainda é um consenso, independente deste ou daquele jogador que entra ou sai da equipe segundo a preferência dos colorados daquela época.

Mas não era apenas o futebol - a técnica, a força, a ousadia, etc - que impressionava os torcedores dos vários lugares por onde o “rolo” andava. Nem tanto no Nordeste brasileiro ou no centro do País, mas principalmente no interior do Estado, a exuberância de Assis, Ávila e Abigail - os três ases que mais tarde seriam imortalizados no Hino Oficial do Inter, “Celeiro de Ases”-, somados a Nena, Alfeu e Tesourinha, todos negros, simbolizavam também o fim da segregação racial e a afirmação do profissionalismo. Raça, condição social e estilo de vida já não eram critérios para inclusão/exclusão de atletas, pelo menos no Internacional. Como diria Abelardo Jaques Noronha, um dos presidentes do Inter na década de quarenta e recentemente falecido: “Era negro? Era bom? Era nosso!” (Coimbra & Noronha:47).

Acontece que o Grêmio, mesmo humilhado pelos títulos do arquirrival, ainda insistia com o preconceito que o havia notabilizado desde sua fundação. Mais preocupante que as derrotas dentro de campo eram os incômodos que a pecha de racista e germanófilo impunha ao clube. Não era o único a não admitir negros em seu quadro social mas, diferentemente do Fluminense do Rio de Janeiro e do Náutico do Recife, igualmente “aristocráticos”, o Grêmio não admitia negros no time. Antes de mais nada, tal atitude representava um contra-senso diante da nova realidade do futebol. Afinal, os clubes que insistiram com restrições desta natureza, características do amadorismo, acabaram sucumbindo, como foi o caso do Paulistano, em São Paulo, e tantos outros espalhados pelo Brasil. Se clubes tradicionais como o Palmeiras, o Cruzeiro e o Coritiba até mudaram de nome - antes se chamavam Palestra Itália - atendendo às designações do Estado Novo, não estava na hora do Grêmio também rever seus “narcisismos”?

O Grêmio perdia títulos e, principalmente, adesão popular. Aquele ar aristocrático, de superioridade, era contestado até por alguns torcedores, preocupados

com o “envelhecimento” da torcida. É verdade que aqueles que se tornaram gremistas nas décadas de vinte e trinta, quando o time esteve “por cima”, mantinham-se fiéis ao clube; conforme a regra subjacente a esta modalidade de vínculo. Entretanto, negros, jovens e populares em geral inclinavam-se ao colorado em proporções que comprometiam, ainda mais, o prestígio do clube da Baixada. Aliás, prestígio já se tornara um valor de ordem quantitativa. Em outros termos, a credibilidade e a grandeza de toda e qualquer agremiação futebolística já não era aferida apenas pela distinção de seus partícipes mas, cada vez mais, pela quantidade de pessoas que declaravam e atestavam seu pertencimento, independente de credo, cor, status ou seja lá o que for. Neste aspecto, a intransigência e a soberba da Baixada perdiam adeptos para o “clube do povo”, um atributo que os “diabos rubros do rolo compressor” e o contraste nas arquibancadas acabaria perpetuando. O “rolo” se esvaziaria mais tarde e o Inter voltaria a enfrentar dificuldades. Porém, as façanhas daquele time, identificado com o Eucaliptos, e a empolgação da torcida, comandada por Vicente Rao, marcariam para sempre a história do futebol Gaúcho. O “rolo” não era apenas um time de negros, senão que de negros vencedores.

3.3.3. Tesourinha: do Areal da Baronesa à unanimidade

3.3.3.1. Ao Internacional: o futebol

Quando nasceu Osmar Fortes Barcelos, o Tesourinha, em 1921, a Liga dos Canelas Pretas estava prestes a atingir seu ápice que, paradoxalmente, decretaria sua extinção, como foi explicitado anteriormente. De acordo com Endler (1984) o menino Osmar, órfão de pai aos três anos, “cresceu na rua”. Não por descuido da mãe, nem do padrasto. É que na Lobo da Costa, bem como em toda a Ilhota, os meninos tinham esta liberdade e, de mais a mais, havia vários campos de várzea que até bem pouco tempo tinham servido aos “canelas pretas”. Arredio aos estudos, Osmar foi se especializando no trato da bola; fazer “embaixadas” era uma de suas especialidades. As “peladas” foram como uma escola e nelas ele foi o primeiro da turma. Aprovado com distinção, passou a integrar os times das cercanias, especialmente aqueles arranjados de improviso para jogar em outras várzeas da cidade, até chegar ao Ferroviário. E dali, num golpe de mestre dos “olheiros” colorados, foi levado para o Eucaliptos.

Ainda segundo Endler (1984), Osmar aprendera a admirar Darci Encarnação, que jogava no Inter no início da década de trinta e, principalmente, Tupã, o “bailarino”, aquele que fora execrado do Inter depois da derrota no Gre-Nal Farroupilha. Mas não era só o futebol de Tupã que impressionava Osmar; despertava-lhe admiração também o prestígio com que o “bailarino” era percebido na Ilhota. Ocorre que, ao longo dos anos 20 e 30, a Ilhota deixara de ser um reduto de ex-escravos para se tornar um dos locais mais festivos da cidade. A Ilhota tinha bares, bordéis e carnaval de rua. As composições de Lupicínio Rodrigues, nascido na Travessa Batista, faziam sucesso em outros bares de Porto Alegre mas ele permanecia fiel ao seu local de nascimento (Gonzalez, 1986). Era amigo do padrasto de Osmar, Seu Fausto, sócio-fundador do bloco “Os Tesouras”. O apelido veio daí: os filhos adotivos de Seu Fausto participavam do bloco, “o mais velho, Ademar, gostava de dar saltos ornamentais, é remelexo. Logo, fica conhecido como o ‘Tesoura’. Osmar, mais moço e franzino, é o ‘Tesourinha’” (Endler:20).

Se, como afirma Leite Lopes (1992), o estilo de Garrincha tem muito a ver com sua infância e adolescência passadas na vila operária de Pau Grande (ver cap. II), o estilo de Tesourinha, arredio à marcação, de dribles rápidos e desconcertantes e de intensa movimentação pelo ataque (“O gênio unânime”, in: ZH 18/5/96), tinha muito da sua socialização nas “ruas” da Ilhota e quiçá, uma herança dos “canelas pretas”. Embora tivesse uma vida regrada fora de campo - o que lhe valeu o apelido de “fósforo nacional” (o que só risca na caixa) junto a seus colegas do Rolo Compressor; o que equivaleria, nos dias de hoje, ser taxado de “careta” -, Tesourinha foi vitimado, tal qual Garrincha, pelas constantes infiltrações nos joelhos. Quando um deles “estourou”, teve de submetê-lo a uma artroscopia e, como isto ocorreu no início de 1950, Tesourinha acabou não participando da Copa. Esta pequena tragédia pessoal - se comparada à comoção nacional que foi a derrota de 50 - talvez tenha sido determinante para que Tesourinha raramente seja lembrado como um craque nacional, embora tenha sido eleito o Craque Melhoral em 1948 com quase quatro milhões de votos. Em termos regionais, porém, seu lugar está assegurado entre os 10 maiores jogadores de todos os tempos, segundo pesquisa realizada entre dirigentes, cronistas e ex-atletas da dupla Gre-Nal (“Mitos do Futebol Gaúcho”, in: ZH, 26/4 a 6/6/96).

A performance futebolística de Tesourinha foi fundamental para o Inter nos anos quarenta. Não é menos verdade, porém, que seu êxito se deveu, em grande parte, ao Inter daquela década. Diferentemente do que ocorrera nos anos trinta, quando os

primeiros negros chegaram ao Eucaliptos, o Inter dos anos quarenta foi praticamente imbatível. Em outras palavras, o sucesso de Tesourinha esteve vinculado não apenas ao fim da segregação racial mas, principalmente, às inúmeras conquistas do Rolo Compressor. É justamente em razão destas conquistas que “o time dos negrinhos”, como era chamado, pejorativamente, o Inter dos anos 30, tornou-se motivo de orgulho para os colorados a partir da década seguinte. E Tesourinha, símbolo daquele time, conquistou, então, um lugar cativo na memória dos colorados mais antigos.

3.3.3.2. Ao Grêmio: a cor

Na biografia de Tesourinha consta uma façanha que nenhum outro jogador jamais alcançou: ser ídolo de gremistas e colorados. A segunda parte da sua trajetória corresponde a uma espécie de montagem cênica, há muito anunciada mas nunca exibida por faltar o ator talhado para o papel principal. O ator era Tesourinha que, mais uma vez, estava no lugar certo, na hora exata.

Em 1952, ele estava no Rio de Janeiro, no Vasco da Gama, quase em final de carreira. O Grêmio (...)

(...) há muito tempo que queria botar um negro no time mas havia muita dificuldade. Tu não podia, por exemplo, num time só de brancos - não tem negro e tem essa turma racista - contratar um... Jacaré da vida, um... jogador desses aí, esse Marcos Paulo, não sei se é branco ou preto mas acho que é branco, mas vamos dizer que seja preto e tá jogando mal; então tu bota um negro ruim no Grêmio... pô, aí matam o presidente, o negro, matam todo mundo. Então precisava um cara com nome e o nome era o Tesourinha.

O Tesourinha tinha jogado dez anos no Internacional, nos encheu de gols e coisa (...). E aí a história que eu sei, entre todas, (...) é que o Aparício ligou para o Vanzelotti conversando sobre outros assuntos e diz o Aparício como quem não quer nada:

- Sabe que eu tô... tô com um problema aí. O Tesourinha veio do Rio, quer voltar prá Porto Alegre e o Internacional não quer - porque o Internacional tinha o Luizinho, que era um bom ponta direita (...) - e agora eu não sei o que eu vou fazê com o Tesourinha.

Diz o Vanzelotti:

- Quanto é que custa o Tesourinha?

- Eu faço dele cem mil.

- Então tu me traz ele aqui, vem aqui prá nós combinarmos que eu quero comprar.

Diz o Aparício... o Aparício contava esta história!

- Mas... Escuta! Tu não entendeu o que eu falei? Não sabe quem é o jogador... [risos] eu tô falando do Tesourinha!

Diz ele:

- Eu sei! O Tesourinha...

- Mas o Tesourinha é negro pô!!!

- Pois é, eu quero...

- Tu tá falando sério?

- Tô falando sério!

E aí foi lá e acertou a compra do Tesourinha por cem mil cruzeiros (...). Pegou uma folha de papel almaço, fez uma lista entre os conhecidos (...). Em vinte quatro ou quarenta e oito horas ele estava com os cem mil na mão. Eu me lembro que eu tinha uma turma de amigos ali e cada um deu mil. Era uma turma... todos amigos do Vanzelotti! (Salin Nigri, 70 anos, com passagem, como colaborador, por vários departamentos do Grêmio).

Assim, em 4/3/1952 o Correio do Povo noticiava a mais recente aquisição do tricolor com a seguinte manchete: “O Vasco cedeu Tesourinha ao Grêmio”.

Desnecessário se torna encarecer a importância que a contratação de Tesourinha pelo Grêmio representa para o esporte bretão em nossa terra, pois, sobre constituir, inegavelmente, um grande reforço para o plantel, vem quebrar uma velha tradição tricolor, a qual, embora sem caráter de discriminação racial, já que em seus estatutos nada consta a respeito, vinha porém, sendo seguida desde a fundação do glorioso clube.

No dia seguinte, o mesmo jornal, sob “Tesourinha corta uma tradição de meio século”, reproduz, em linha gerais, o mesmo texto do dia anterior acrescido pela foto do jogador - de “reconhecida qualidade técnica e cavalheirismo, em suma, de verdadeiro desportista” (CP, 5/3/1952) - e uma menção aos aplausos dos torcedores que manifestaram simpatia à iniciativa de Vanzelotti.

A repercussão dado pelo Correio do Povo, embora destacando a ruptura de “uma tradição”, não se diferenciou, significativamente, da forma como são anunciadas outras tantas “contratações de impacto” na atualidade. Neste particular, inédita mesmo foi a nota publicada, “apedido”, pelo presidente Saturnino Vanzelotti no dia subsequente: “Ao mundo esportivo do Rio grande do Sul e à família tricolor”. Nesta manifestação pública, que se pretendia representativa do sentimento de todos os gremistas, ficava evidenciado o caráter extraordinário da chegada de Tesourinha.

(...) As épocas mudaram e daquele amadorismo sadio de então nos transportamos, como sinal dos tempos, para a realidade de hoje, muito mais diversa e arrebatadora, onde todas as energias são convocadas para as permanentes porfias que constituem a situação normal em todos os setores de atividade.

(...) A agremiação desportiva vive em função de seus feitos, projetando mais ou menos o seu prestígio, na razão direta das vitórias que obtém, dos galardões que conquista.

(...)Temos a convicção de que, acima de tudo, estamos prestando mais um serviço ao nosso Grêmio porque, como sempre, procuramos torná-lo mais pujante, mais glorioso, mais respeitado e "mais vezes campeão".[Decreta-se, então, o fim] do hediondo, impecado e intolerável preconceito (CP, 6/3/1952).

Nem mesmo a justificativa utilitarista dada pelo presidente - no fundo, o Grêmio necessita mesmo é de "vitórias" e "galardões" - aplacou o ânimo de alguns gremistas. Dois dias depois o Correio estampava novo "apedido", desta vez mandado publicar por "ex-associados e simpatizantes descontentes", dando a exata dimensão do impacto causado pela chegada de Tesourinha e, acima de tudo, revelando a "outra face" do clube. Um "Grêmio" que o próprio Grêmio preferiria ocultar; se isto fosse possível, é óbvio.

A nota iniciava em tom irônico, "Confissão Oficial'...", e, em maiúsculas, sentenciava: "A direção do Grêmio agiu arbitrariamente":

(...) A atitude da direção do clube da Baixada, de tão controvertidas opiniões, veio dar, incontestavelmente, NOVOS RUMOS À VIDA DA GLORIOSA AGREMIÇÃO e isto reconhece, na mencionada nota, a própria presidência. Acontece, entretanto, que o art. 91, inciso 1º, letra E dos estatutos, reza o seguinte: "COMPETE AO CONSELHO DELIBERATIVO RESOLVER SOBRE MATÉRIA QUE ENTENDA DIRETAMENTE COM A EXISTÊNCIA DO GRÊMIO" e, no entanto, foi, simplesmente, a Diretoria, que, "por decisão unânime", resolveu "tornar insubsistente" a norma que vinha sendo seguida.

(...) O caso não era rotineiro, não se tratava de "uma simples contratação de jogador", como asseverou a Presidência, quando da reunião com os associados descontentes (...)

(...) São atitudes arbitrárias como essa, gerando discórdia numa agremiação, que a tornam "menos pujante", "menos gloriosa", "menos respeitada" e "menos vezes campeã" (CP, 8/3/54).

A "norma que vinha sendo seguida" não consta nos estatutos do clube embora haja indícios e depoimentos indicando que, pelo menos nas atas do Conselho Deliberativo, há restrições claras à participação dos negros no quadro social e no time propriamente dito.⁵⁶ Mas, que diferença faz se tal "norma" consta ou não em dado

⁵⁶Um conselheiro do Grêmio, pedindo para não ser identificado - o que, por si só, revela o quanto este tema é controverso - afirma constar nas atas e noutros documentos de interesse interno as ditas "normas" coibindo a participação dos negros no clube e no time. Outra "justificativa", credita a segregação a uma *cláusula contratual, imposta pela família Mostardeiro, desde quando o terreno da Baixada foi cedido ao Grêmio*. Só que o referido terreno não foi cedido e sim comprado! Seja como for, fiz duas tentativas para acessar tais atas e, ambas as vezes, vi minhas estratégias frustradas. Na segunda, principalmente, tentei dissimular o máximo, mas esbarrei numa alegação que me pareceu, ao mesmo tempo, convincente e reveladora: *as atas são documentos restritos ao interesse do próprio clube, estão*

impresso ou manuscrito se, no fundo, é uma “tradição” que se quer ver rompida ou continuada? Obviamente, pelo menos para o Grêmio e, em particular para os salvaguardas de sua memória “oficial”, a inexistência ou a simples ocultação das supostas “escrituras” pode servir para atenuar certos procedimentos do passado. Para eles, portanto, os documentos escritos têm muito valor à medida que se constituem em signos da história nem sempre “gloriosa” e “pujante” do clube e de alguns de seus “vigilantes” associados, como se denominaram os que publicaram o “apedido” contestando a contratação de Tesourinha.

De outra parte, do ponto de vista dos torcedores, tais “provas” possuem apenas um valor periférico. A discursividade futebolística procede de modo diverso daquele dos tribunais onde o princípio da não-contradição e da acusação seguida de prova documental são seguidos à risca. Sendo assim, a ocultação das atas, se é que de fato elas têm algo a denunciar, não impede que a pecha de “racista” seja seguidamente atribuída ao Grêmio. Até porque, para muitos de seus torcedores, o Inter continua sendo o “time da negrada”, como terei a oportunidade de explicitar mais adiante.

Tesourinha deixou o Grêmio no final de 1954, sem ter conquistado nenhum título. Apesar de ter saído vitorioso em alguns grenais, jamais anotou um gol contra seu ex-clube. Em dada oportunidade, ofertaram-lhe uma cobrança de pênalti para que, enfim, o tabu fosse quebrado, mas ele recusou. “Talvez se sentisse diminuído tendo que marcar o primeiro gol servindo-se de um favor. Ou, talvez, não suportasse a situação-limite que é cobrar um pênalti contra o clube do coração” (Endler:83). E, gostaria de acrescentar, caso desperdiçasse a cobrança, o que diriam dele os gremistas? O mesmo que disseram os colorados a respeito de Tupã, em 35? Qualquer que tenha sido o motivo da recusa, o certo é que Tesourinha nunca escondeu que seu “clube do coração” era mesmo o Inter, mas nem por isso os gremistas lhe foram ingratos - como em geral tendem a proceder os torcedores diante desses casos limites. Como lembra Salin Nigri, recuperando uma frase que se popularizou à época, *Tesourinha emprestou seu futebol ao Inter e sua cor ao Grêmio!*

À exceção dos “gremistas vigilantes”, o fim da segregação racial deu novo alento aos torcedores gremistas (voltarei a este assunto no próximo capítulo). O resgate da *imagem* do clube impulsionou a “campanha do cimento” e em menos de dois anos o

guardadas em cofre e para acessá-las apenas com a autorização do Conselho. Nelas constam muitas picuinhas internas e, aquilo que poderia e deveria ser externado já o foi, inclusive publicado. (Seu Bordin e D^a Ema, responsáveis pelo Museu do Grêmio).

Grêmio trocava a Baixada pelo Estádio Olímpico.⁵⁷ Contando com a participação dos consules do interior, de dirigentes “ilustres”, torcedores “anônimos” e até do prefeito Ildo Meneghetti - em campanha para governador - a primeira parte do Olímpico pôde ser concluída em 1954, na semana do 51º aniversário do clube. Em 1957, o Grêmio iniciaria uma série de 12 conquistas regionais num período de 13 anos. Chegava ao fim a pior crise de toda a história do clube que, apesar dos contratempos, saiu fortalecido dentro e fora de campo. De “casa nova” e “mentalidade nova”, o Grêmio dos “doze anos em treze” receberia a adesão de muitos torcedores, reequilibrando a disputa local que, nas duas décadas anteriores, havia sido francamente favorável aos colorados, inclusive nas arquibancadas.

Os anos quarenta ficariam marcados para sempre na memória dos torcedores porto-alegrenses. Não há como compreender as razões pelas quais “raça” e “classe social” são as categorias êmicas mais recorrentes na rivalidade Gre-Nal, se essa década não for revisitada. Ela marcou certas diferenças já existentes e o fez de forma tão contundente que, ainda hoje, quando as estatísticas indicam que gremistas e colorados estão distribuídos equanimemente em relação às classes sociais, persiste a imagem do Inter como o “clube do povo” e do Grêmio como sendo “da elite”.

Embora a vinculação do Inter com “o povo” seja anterior à década de quarenta, o fim da segregação dos negros, por ter ocorrido com alguns anos de antecedência em relação ao Grêmio, consolidou, definitivamente, a imagem do “clube do povo”. De mais a mais, a entrada dos negros no futebol “oficial” de Porto Alegre foi posterior ao processo análogo verificado em outras capitais brasileiras, como é o caso do Rio de Janeiro - meados da década de vinte - e de São Paulo - meados da década de dez (Rufino dos Santos, 1981). Isto se deve, em parte, à disseminação tardia do futebol em Porto Alegre e ao segregacionismo dos grandes clubes, mas também a outras variáveis sócio-culturais que nortearam a exclusão/inclusão dos negros em outras esferas da sociabilidade porto-alegrense; como no carnaval, por exemplo.

Nos festejos de rua da cidade de Porto Alegre, comparativamente a outros centros urbanos como o Rio de Janeiro e São Paulo, os negros

⁵⁷ Levando-se em consideração que a contratação de Tesourinha foi anunciada em 4 de março de 1952, apenas dois meses depois do início das obras de terraplanagem para a construção do Olímpico e um ano antes do início da edificação propriamente dita - 24/4/1953 -, pode-se afirmar que o fim da segregação serviu como estratégia publicitária. No dia 15/3/52, véspera da estréia de Tesourinha no Grêmio, o Jornal Correio do Povo publicou matéria paga com o seguinte título: “Nova tômbola para as obras do estádio tricolor”. Era a “Família Tricolor Lagoense” parabenizando a atitude do presidente Vanzelotti e comunicando a adesão dos “abaixo-assinados” na campanha do cimento; cada assinatura - em torno de trinta - equivalendo a uma saca.

começaram a participar mais tardiamente. Ao que tudo indica, foi através dos cordões e blocos da década de vinte que os negros de Porto Alegre, de forma organizada, começaram a sair às ruas para participar da folia. Antes percorriam as ruas com o rosto oculto sob uma máscara ou, eventualmente, participavam do *entrudo*, que na primeira década deste século ainda era jogado em alguns arrabaldes (Silva, 1991:82).

Seria interessante proceder uma comparação *tête-à-tête* entre a ascensão dos negros no futebol e a participação deles no carnaval de rua porto-alegrense. Isto foge aos interesses mais imediatos desta dissertação mas, de qualquer forma, pode-se adiantar, as coincidências entre um e outro processo são muitas e não se limitam ao período histórico. Aliás, o *entrudo* se parece muito com os *meetings* e os “cordões e blocos organizados”, aos quais Silva se refere, com a Liga dos Canelas Pretas.

3.4. Olímpico e Beira-Rio: materializando as diferenças

3.4.1. A simbólica dos estádios

Paulo César, um dos executivos recentemente contratados pelo Grêmio para atuar na área de administração de finanças e de pessoal, definiu sua atividade, incluindo a de outros profissionais com funções próximas às suas, como *uma tentativa de racionalizar um segmento movido pelas paixões*. Para exemplificar sua asserção, evocou a *questão da administração dos estádios*, mais precisamente do Olímpico e do Beira Rio, pertencentes a Grêmio e Internacional, respectivamente. Mesmo sem revelar cifras, atitude que de resto se constitui num padrão idêntico ao gerenciamento de empresas de capital privado, Paulo César deixou claro que a manutenção dos estádios despense gastos excessivos que, se por um lado, não chegam a comprometer as finanças do clube, por outro, poderiam ser remediados com uma administração mais “racional” de um espaço considerado ocioso na maior parte do tempo. Afirmou, inclusive, que Porto Alegre não comporta dois estádios tão próximos, em áreas extremamente valorizadas pelo mercado imobiliário e nas dimensões do Olímpico e do Beira Rio.

Provavelmente, os dirigentes que idealizaram estes empreendimentos e os torcedores que os viabilizaram economicamente, atendendo às inúmeras campanhas publicitárias desencadeadas para tal finalidade, acreditavam no aumento ilimitado da população urbana, na afluência desta aos estádios e não contavam, ainda, com a

possibilidade de televisionamento dos jogos.⁵⁸ Seja como for, a paixão pelos clubes e a rivalidade entre eles não deixa qualquer dúvida acerca dos motivos pelos quais gremistas e colorados empenharam-se com tamanho afínco na materialização de uma noção de grandiloquência que ainda hoje é motivo de orgulho, comparativamente a torcedores de outros grandes clubes brasileiros e de anedotas entre si.

Embora não exista qualquer iniciativa em curso visando alterações substanciais na finalidade do Olímpico ou do Beira Rio, o que implicaria, necessariamente, num rearranjo arquitetônico e redefinição do espaço destinado aos torcedores, e, talvez, numa perspectiva mais arrojada, culminando com a extinção de uma ou outra praça futebolística, pode-se antever as inúmeras polêmicas em torno de um projeto desta natureza. Ainda segundo Paulo César, cedo ou tarde este problema haverá de ser enfrentado em benefício dos próprios clubes mesmo que, para tanto, uma série de resistências, definidas como *questão de mentalidade*, tenham de ser superadas.

O que o executivo gremista denomina “questão de mentalidade” pode ser entendida, numa perspectiva antropológica, a partir dos aspectos simbólicos que permeiam a relação dos torcedores com seus respectivos estádios e vice-versa. Diferentemente do que ocorre com a maioria dos chamados “grandes clubes” do futebol brasileiro, Grêmio e Internacional podem sediar jogos importantes em seus próprios estádios. Trata-se de uma espécie de atestado de “propriedade” que, por si só, é motivo de orgulho e distinção para os torcedores da dupla Gre-Nal (ver Tabela 3.10, na sequência).

Ter estádio próprio é como possuir casa própria, com todas as conotações práticas e simbólicas que poderiam ser elencadas a partir da diferença entre “ser proprietário” e “ser inquilino”. Se é certo que todo inquilino pode moldar seu *habitat*

⁵⁸ Tinham boas razões para estas projeções, especialmente se se considerar que a troca da Baixada para o Olímpico foi iniciada na década de quarenta e a passagem do Eucaliptos para o Beira Rio foi concluída em 1969. Nesse período de aproximadamente trinta anos, a população de Porto Alegre triplicou - passando de 270.000, em 1940, para 880.000 habitantes, em 1970, segundo dados (arredondados) do IBGE - e seguiu crescendo à taxa 2,5% ao ano na década de setenta, quando o Olímpico teve, finalmente, fechado o seu “anel superior”. A crença de que os clubes necessitariam ampliar, periodicamente, a capacidade de seus estádios, pode ser deduzida a partir da “Nova concepção arquitetônica do Olímpico”, cuja pretensão era elevar para 140 mil a capacidade do Estádio, inicialmente projetado para 80 mil e que na época, como ainda não havia sido concluído, podia receber em torno de 40 mil torcedores (Revista do Grêmio, Março/Abril 1968). Já as transmissões televisivas, “ao vivo”, de jogos de futebol foram iniciadas, no Brasil, em 1970, por ocasião da Copa do Mundo do México. Antes disso, como na Copa do Chile, em 1962, os jogos eram filmados em Super 8 e depois convertidos em filmes, de forma que os espectadores acessavam às imagens com alguma defasagem; geralmente no dia seguinte à realização das partidas. De outra parte, tanto o Grêmio quanto o Inter contaram, além do apoio popular, com verbas públicas para a construção do Olímpico e do Beira Rio. Cf. Revista do Grêmio (nº 42, ano XVIII) e Revista do Sport Club Internacional (Edição Especial).

de acordo com sua própria subjetividade, e de fato o faz, também é verdade que os torcedores de clubes que não possuem um estádio particular procuram demarcar o espaço que lhes é destinado, mesmo que por um breve período de tempo, entre a chegada e a saída do estádio. Demarcam-no com suas presenças, em menor ou maior quantidade; através das cores, bandeiras, faixas; enfim, emblemas e símbolos com os quais se identificam “entre si” - compondo grupos geralmente definidos como “família”, “nação” ou “galera” - e contrastam com os “outros”; e também, por meio de cânticos, xingamentos, coreografias, em suma, diferentes formas de expressar e partilhar o sentimento de pertença. Contudo, tal qual o inquilino, não dispõem, a rigor, de autoridade para engendrar qualquer alteração substancial na concepção arquitetura do imóvel.

Tabela 3.10

Os clubes de maior torcida e seus respectivos estádios

Clube*	Estádio	Capacidade do Estádio**
Flamengo	Gávea	8.000
Corinthians	Fazendinha	15.000
São Paulo	Morumbi	80.000
Vasco	São Januário	35.000
Fluminense	Laranjeiras	8.000
Palmeiras	Parque Antártica	32.000
Botafogo	Caio Martins	12.000
Atlético -MG	não possui	-
Cruzeiro	não possui	-
Santos	Vila Belmiro	30.000
Internacional	Beira Rio	85.000
Grêmio	Olímpico	60.000
Bahia	não possui	-
Sport	Ilha do Retiro	60.000
Santa Cruz	Arruda	80.000

* Clubes em ordem decrescente de posição no ranking das torcidas (Fonte: Placar nº 1088)

** Capacidade oficial dos Estádios (Fonte: Placar nº 1127-A)

É evidente que tal comparação tem seus limites mas pode, ainda assim, ser útil para diferenciar a relação que colorados e gremistas estabelecem com seus respectivos estádios comparativamente a outros torcedores cujos clubes não dispõem de “casa própria”. A frequência com que Olímpico e Beira-Rio aparecem como objeto de anedotas e jocosidades, em geral, revela o quanto a questão do patrimônio é relevante

para ambas as torcidas. Embora seja difícil estabelecer uma comparação mais detalhada com outras rivalidades regionais - eixo Rio-São Paulo, por exemplo - esta recorrência parece implicar uma peculiaridade da rivalidade Gre-Nal.⁵⁹

Existe ainda um segundo elemento de distinção - se considerarmos como primeiro as noções de prestígio e grandiosidade associadas aos “proprietários” - entre os clubes que possuem estádio particular e outros que não os têm, geralmente identificado como “fator local”. Num contexto em que os jogos simulam um enfrentamento bélico - “cada time é ‘dono’ de cada metade do campo (...). Cabe-lhe avançar, preencher os vazios, ocupar espaços, atacar, atirar, invadir os ‘últimos redutos’ do adversário e fazer cair sua ‘cidadela’” (...) (Soares, 1979:13) -, jogar “em casa” seria como guerrear em território próprio. Assim, espera-se do “time da casa” a iniciativa de atacar primeiro o adversário, metaforicamente, um forasteiro que espreita, à distância, o comportamento do contendor na expectativa de que este cometa, individual ou coletivamente, um erro estratégico ou de execução para então fulminá-lo no contra-ataque. O domínio do espaço e o controle territorial do jogo constituem-se, via de regra, numa atribuição e não raro numa obrigatoriedade da equipe local. Esta, além de contar com a torcida a seu favor, dispõe de outras prerrogativas como, por exemplo, o conhecimento prévio do próprio campo - as dimensões exatas de sua extensão, eventuais falhas no gramado, defeitos de luminosidade, pontos de referência fixados fora do campo propriamente dito, entre outras - e, principalmente, o domínio de um espaço oculto, do vestiário, da concentração, enfim, de setores nos quais os torcedores não têm acesso e tampouco visibilidade, mas acreditam decisivos. Esses espaços, verdadeiras trincheiras, são também associados ao contingente e não raro ao sobrenatural, componentes ao mesmo tempo temidos e desejados especialmente em se tratando do futebol brasileiro. O subsolo, o que está “em baixo”, “invisível”, é considerado um espaço cujo controle é atribuído à equipe local, ela tem a noção exata dos lugares ocupados pelo visitante enquanto a recíproca nem sempre é verdadeira.

Nesta perspectiva, o clube local e em especial o “proprietário” dispõe de todas as vantagens possíveis e imagináveis, desde aquelas eminentemente práticas - é comum ocorrer sabotagens como o corte de energia elétrica antes, no intervalo ou no final dos

⁵⁹ Nenhum dos inúmeros xingamentos listados e interpretados por Toledo (1995:79-94), tendo os torcedores dos “grandes clubes” de São Paulo como universo privilegiado, se refere à questão do patrimônio. Antes de supor um lapso do etnógrafo, é preferível considerar tal ausência como um indicativo de que, entre os rivais paulistas, a questão do patrimônio apresenta-se como secundária ou irrelevante, sendo preterida em relação a outros símbolos com os quais os clubes são identificados.

jogos; hostilidades por parte dos funcionários do clube mandante e restrições de espaço - até outras, de caráter intimidativo e emotivo nas quais poder-se-ia incluir desde os “despachos”, freqüentemente colocados no vestiário adversário, até noções de confiança, hombridade, superação e sorte. Quando os gremistas, depois de derrotados e hostilizados pela Portuguesa e seus respectivos torcedores no Morumbi, em São Paulo, no primeiro jogo da final do Campeonato Brasileiro de 1996, se confortavam dizendo que *no Olímpico o furo é mais embaixo (...), lá as coisas serão diferentes (...), ainda temos o jogo de volta (...)*, e assim por diante, expressavam todo o simbolismo subjacente ao domínio territorial. Observa-se, através destas manifestações, como o componente local aparece como determinante, deixando antever que o time, por si só, talvez não reunisse qualidades suficientes para reverter o placar adverso do jogo de ida.

Neste aspecto, tanto o Grêmio quanto o Inter se representam como beneficiários do “fator local”, inclusive quando jogam entre si. Ao contrário do Pacaembu, Mineirão e Maracanã e até mesmo do Morumbi, considerados “neutros”, até mesmo para equipes visitantes, Olímpico e Beira-Rio são parciais, pertencem e, como tal, são fator de desequilíbrio favorável a gremistas e colorados, respectivamente.

Um terceiro componente da simbólica dos estádios e aquele que desperta maior interesse no âmbito desta dissertação, refere-se às diferenças entre o Olímpico e o Beira-Rio em termos da distribuição dos espaços destinados aos torcedores. Parto do pressuposto de que a organização espacial não se limita a uma comodidade técnica mas, como escreve Leroi-Gourhan, também constitui, “a mesmo título do que a linguagem, a expressão simbólica de um comportamento globalmente humano” (1965:131). Assim, os estádios da dupla Gre-Nal, como qualquer *habitat* humano, correspondem a uma “tripla necessidade: a de criar um meio tecnicamente eficaz, a de assegurar um enquadramento ao sistema social, e a de ordenar, a partir de um ponto, o universo circundante” (:131). Mais que isto, tanto o Olímpico quanto o Beira-Rio são a “casa” de seus torcedores e, como tal, revelam aspectos importantes de como cada um dos clubes pensa, distribui e hierarquiza seus espaços e, por extensão, aqueles que os ocupam.

O Estádio Olímpico Monumental, com capacidade estimada em 60.000 espectadores, foi iniciado nos primeiros anos da década de cinquenta. Uma intensa campanha para arrecadação de fundos, consistindo, basicamente, na doação do valor correspondente a uma saca de cimento, mobilizou os torcedores de vários pontos do Estado e, em pouco tempo, a Vila Caiu do Céu se transformou no Largo dos Campeões nº 1, o endereço oficial do Grêmio. Coincidência ou não, as obras foram iniciadas na

gestão do presidente Saturnino Vanzelotti, o mesmo que contratou Tesourinha, ou seja, num período de profundas alterações na vida política do clube. Quando a primeira parte do estádio foi concluída, em 1954, o futebol gaúcho permanecia sob o domínio colorado. Em grande parte devido à mobilização de seus torcedores, o Grêmio conseguiu, em pouco tempo, atualizar-se patrimonialmente e reverter um quadro desfavorável em termos futebolísticos. Grosso modo, isto se repetiria no final dos anos 70. Enquanto o Inter sagrava-se octacampeão regional e tricampeão brasileiro, Hélio Dourado decidia pela continuidade das obras do Olímpico. Portanto, só no início dos anos oitenta, também caracterizada como a “década gremista”, é que o Grêmio tem seu estádio concluído e seus títulos mais importantes conquistados - Campeão Brasileiro, da Libertadores de América e do Mundial Interclubes. Novas alterações substanciais só ocorreriam no início dos anos noventa, quando as arquibancadas superiores vibravam com tamanha intensidade que o Olímpico se tornou alvo fácil para os colorados: *Hi, hi, hi, chiqueiro vai cá!* A interdição imposta pela prefeitura foi sustada depois de algumas reformas. Cadeiras foram colocadas no lugar das referidas arquibancadas de cimento e, assim sendo, todo o anel superior foi tomado por cadeiras e, conseqüentemente, a capacidade do Olímpico foi reduzida.⁶⁰ Pouco depois desta reordenação do espaço, o Grêmio “caiu” para a segunda divisão Nacional, de onde “ressurgiria”, no ano seguinte, para repetir, no período subsequente, os mesmo feitos da década de oitenta - exceto o Mundial Interclubes.

Enquanto o Grêmio, no início dos anos cinquenta, trocava o bairro Moinhos de Vento por uma zona limítrofe entre o bairro Azenha e o Medianeira, especialmente este último, com um perfil proletário e, portanto, sem o status da antiga Baixada, o Inter acumulava títulos regionais e vitórias em grenais como em nenhum outro período de sua história. O Rolo Compressor e, depois, o Rolinho⁶¹ eternizaram o Eucaliptos, cujas ruínas ainda são motivo de discussões entre a direção colorada e a Prefeitura de Porto Alegre.⁶² Ainda em meados da década de cinquenta, por iniciativa do então vereador e

⁶⁰ Em 1981, pelas semifinais do Campeonato Brasileiro, contra a Ponte Preta, o Olímpico foi tomado por 88.000 pagantes, registrando o maior público de toda sua história (Placar, nº 1088).

⁶¹ Apelido da equipe colorada, na década de cinquenta, sucessora do Rolo Compressor.

⁶² Na verdade, tanto o Grêmio quanto o Inter possuem áreas públicas ocupadas indevidamente. Recentemente, a Prefeitura, através de seu vice-prefeito, José Fortunatti, tomou a iniciativa de procurar os clubes para entrar em acordo, como mostra a série de reportagens publicadas pelo Correio do Povo: “Prefeitura investiga dupla Gre-Nal: Clubes são acusados de invadir área pública. Fortunatti descobre que o Grêmio estaria negociando a venda de terreno doado” (13/1/97); “Prefeitura já tem projeto para área invadida/ Campos de treinos do Inter instalados em área pública” (14/1/97); “Capim, galinhas e até cobras tomam conta do que um dia foi o Eucaliptos/O estádio dos Eucaliptos: parte da história do Inter está sepultada neste local” (15/1/97); e, “O Grêmio e o shopping” (16/1/97).

mais tarde presidente do Inter, Ephraim Pinheiro Cabral, o clube obteve uma concessão para aterrar sete hectares do rio Guaíba. As obras só tiveram início anos mais tarde e se estenderam até 1969. Durante este período, o Grêmio assumiria a hegemonia do futebol no Estado enquanto os colorados, *torcendo pelos pedreiros*, além da “flauta” habitual, motivada pelos péssimos resultados em campo, eram importunados pelos gremistas com um trocadilho irônico que entraria para a história desta rivalidade. Para arrecadar fundos e dar continuidade às obras, o Inter, colocou à venda, antecipadamente, “cadeiras cativas” ou “bóias cativas”, como se popularizaram, por intermédio dos tricolores, as futuras instalações do Beira Rio.

Poucos acreditavam que a obra seria levada a bom termo, até mesmo alguns colorados. Entretanto não esmoreceram, mas, pelo contrário, empenharam-se com mais vigor a partir das ironias gremistas e, através de doações, em espécie ou em mercadorias, cimento e tijolos foram se acumulando e dando forma ao atual Beira-Rio. Dois meses depois da inauguração, o Inter conquistaria seu primeiro título da “era Beira-Rio”, um fato que haveria de ser repetido inúmeras vezes ao longo dos anos setenta.

Este breve panorama, resgatando os principais momentos da trajetória Gre-Nal desde a década de cinquenta, evidencia a estreita correspondência entre os investimentos patrimoniais e a performance futebolística de cada agremiação em particular. A alternância de posições, seja ela mediada pelos resultados ou pelas obras, demonstra, mais uma vez, a competitividade subjacente a esta rivalidade e reforça a idéia de que o Grêmio e o Inter constituem uma totalidade indissociável. Esta noção de totalidade pode ser melhor visualizada através das diferenças que especificam e opõem os dois clubes a partir dos espaços que cada qual destina para seus torcedores.

3.4.2 *Coréia e camarotes: os espaços diacríticos*

Lancei uma hipótese, quase no final do segundo capítulo, de que os clubes se constituem, para os torcedores, em categorias do entendimento, não apenas porque os clubes são muitos e o futebol é popular no Brasil mas, principalmente, porque os clubes estão vinculados às noções de “raça” e “classe social”, como é o caso particular do Grêmio (elite/branco) e do Internacional (povo/negro). Neste capítulo, demonstrei estatisticamente que esta diferença inexistente, pelo menos em relação à classe social, e passei a descrevê-la como “inventada” e posteriormente reforçada num contexto

histórico bem específico. De mais a mais, apesar de rivais, Grêmio e Inter têm muito mais coisas em comum do que se poderia esperar, inclusive em termos patrimoniais. Todavia, o Olímpico e o Beira Rio apresentam certos contrastes que reforçam as diferenças entre elite/popular. E o que é mais importante, esta mesma distinção é recorrente se tomado um ou outro estádio isoladamente. Ou seja, “clube do povo” sim, desde que o “povo” permaneça no seu devido lugar.

As razões pelas quais tais diferenças persistem podem ser melhor compreendidas fazendo uso da noção de “sinais diacríticos”, embora este conceito tenha sido forjado a partir da problemática da etnicidade (Carneiro da Cunha, 1986). A escolha e o uso das noções de “raça” e de “classe social” para diferenciar o Grêmio do Inter certamente não são aleatórias e, mesmo podendo situá-las historicamente, é impossível prever até quando serão eficazes; como já advertiu Lévi-Strauss em relação às questões gerais envolvendo identidades sociais. De qualquer forma, “raça” e “classe social” são noções notadamente presentes no cotidiano da rivalidade Gre-Nal, como se pode perceber através das diferentes segmentações dos espaços e dos torcedores nos estádios.

Tanto o Olímpico (Figura 3.1, a seguir) quanto o Beira-Rio (Figura 3.2, *idem*), diferentemente da Baixada e dos Eucaliptos, possuem várias segmentações espaciais. O valor do ingresso é apenas um dos elementos que estabelece, de antemão, a diferença e a hierarquia entre os torcedores de um mesmo clube. A cada espaço corresponde uma visão diferenciada do espetáculo e, simultaneamente, formas distintas de manifestar apreço ou discordância em relação ao desempenho da equipe. Tomando o Olímpico como exemplo, pode-se perceber a nítida fragmentação dos olhares e a multiplicidade de gestos, atitudes e comportamentos.

Figura 3.1
Estádio Olímpico Monumental

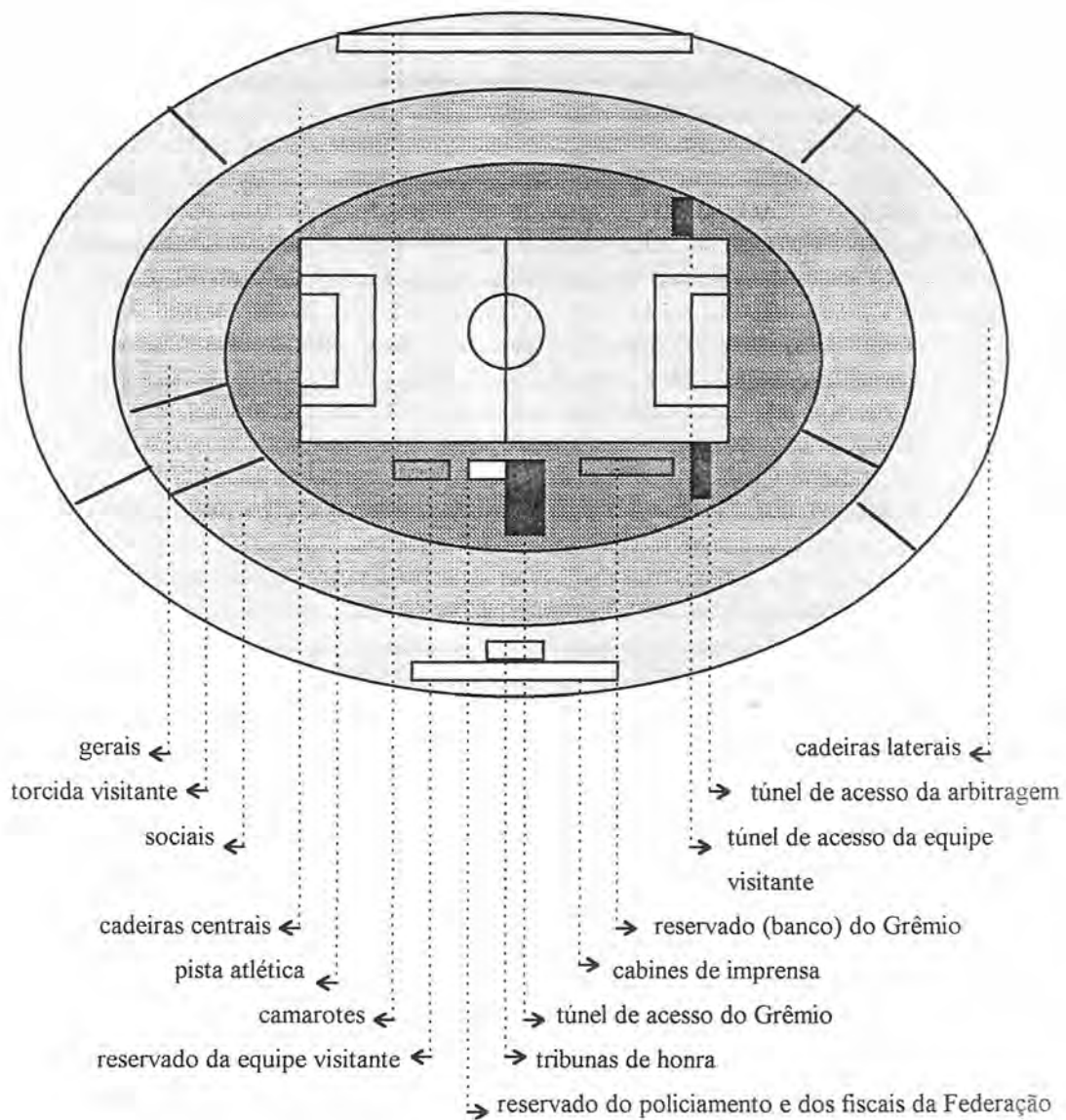
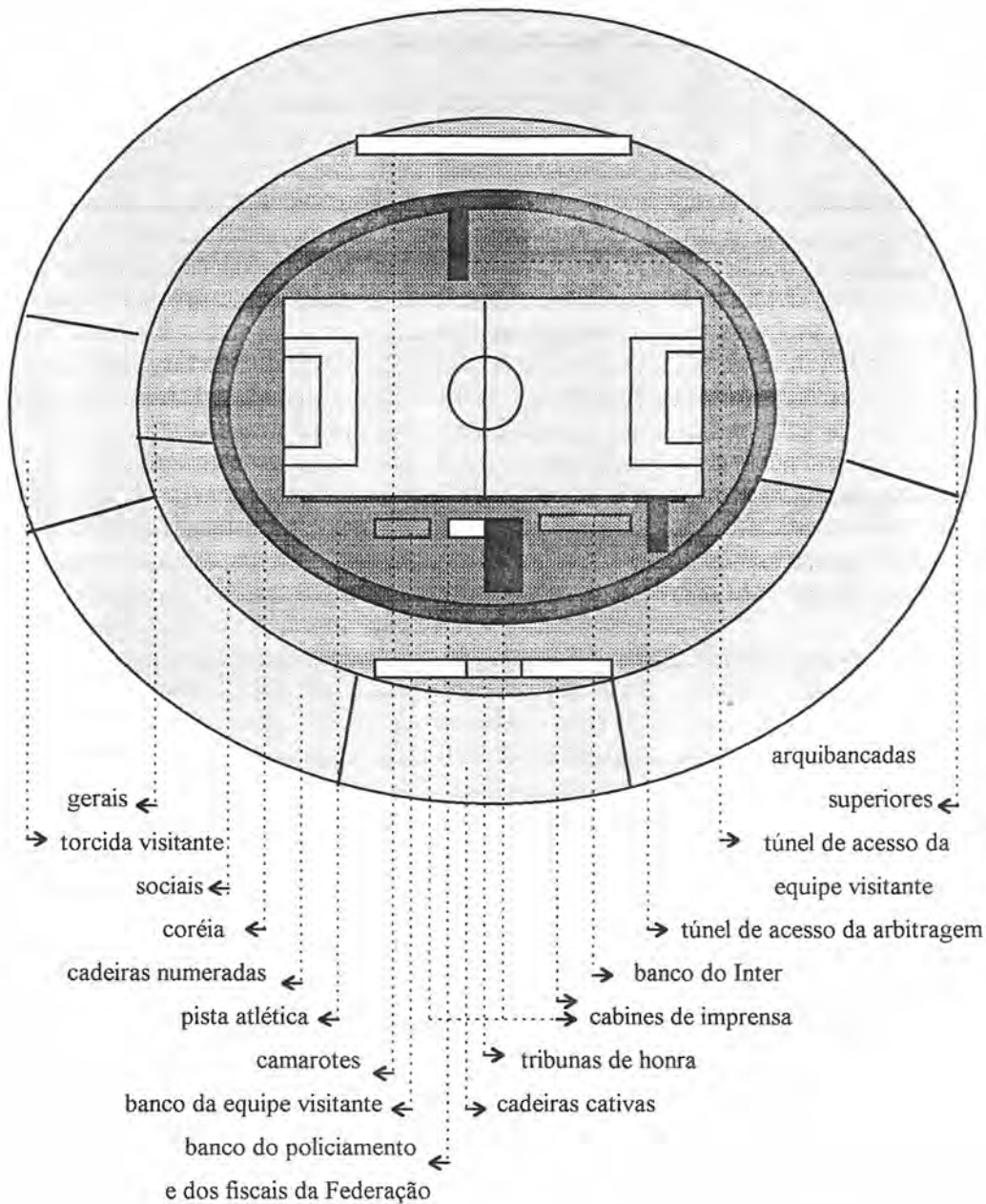


Figura 3.2
Gigante da Beira Rio



A partir da última reforma geral, em 1992/93, o estádio do Grêmio passou a ter seu anel superior completamente tomado por cadeiras. As chamadas cadeiras numeradas (cativas) estão situadas de frente para o gramado tendo seus proprietários ou

locatários uma visão panorâmica do jogo; a vista “superior” permite a apreensão mais acurada das manobras táticas das equipes e, conseqüentemente, subsídios para uma interpretação diferenciada, “racionalizada”, da dinâmica do embate. Numa linha imaginária projetada a partir do centro do gramado se encontram as tribunas de honra, destinadas aos dirigentes, convidados e conselheiros ilustres e, acima delas, apenas as cabines de imprensa. Como os lugares são valorizados partindo-se da periferia para o centro e de baixo para cima, esta configuração pressupõe gradientes diferenciados de legitimidade sobre a interpretação do jogo. Quem vê do alto e do centro vê “coisas” que quem está em baixo e na periferia não vê, à medida que perde-se a noção de profundidade, dizem os comentaristas esportivos em geral. E, a partir disso, como afirma Soares (1979),

Tentam oferecer a sua versão como verdadeira, buscando reduzir a pluralidade das percepções do jogo à sua visão onipotente. E, através dos “comentários”, procuram conjugar o acaso, domesticar o arbitrário próprio dos jogos, impondo a posteriori um princípio de causalidade “natural”, submetendo os fatos heteróclitos à ordem tautológica (no caso) da determinação e da necessidade (:12).

No lado oposto, onde antigamente se encontravam as arquibancadas superiores agora estão as cadeiras centrais e, acima delas, os camarotes. Estas cadeiras não são numeradas e tampouco nomeadas, como as cativas e, portanto, a cada jogo, seu público varia significativamente. Enquanto os freqüentadores das cativas e dos camarotes - locados por período determinado - se conhecem uns aos outros à medida que ocupam lugares fixos, preestabelecidos e assegurados, o público das centrais é formado *ad hoc*. O sol escaldante e o poente às vezes ofusca a visão de quem se encontra nas centrais e, talvez por isso, as cativas e as tribunas estejam do lado oposto.

De qualquer modo, as cadeiras em geral, mesmo aquelas situadas atrás das goleiras, demarcam com precisão o espaço destinado a cada torcedor. Nada de disputas e acotovelamentos, como ocorre no anel inferior. Ali, das cadeiras, cada torcedor tem seu lugar assegurado; poderá freqüentar o bar e os sanitários sem correr riscos de ver seu espaço usurpado. Em geral, a distância em relação ao campo e ao torcedor do lado, determina um comportamento mais contemplativo, distanciado e individualizado, bem diverso do que ocorre no andar de baixo.

Não é mera contingência que as torcidas organizadas do Grêmio ocupem as arquibancadas inferiores ou, simplesmente, gerais. Elas são, por iniciativa própria ou por atribuição consensual, responsáveis pelo “agito”; palavras de ordem, xingamentos e

coreografias. Delas partem, em geral, as manifestações de apoio ao time, seguidas, nesta ordem, pelos demais ocupantes das gerais, das sociais e, por fim, pelos do andar de cima. A “ola” - o feito dominó produzido pelo contraste concatenado entre sentar/pôr-se em pé -, por exemplo, sempre inicia com os torcedores das gerais e nem sempre se completa com os torcedores das cadeiras, fato este passível de protesto. As “organizadas”, tendo suas próprias coreografias, dificilmente iniciam a “ola” e dela nem sempre participam ou, quando a Super Raça o faz a Jovem não, e vice-versa. Só quando a “ola pega”, e isto requer uma certa insistência, é que as “organizadas” aderem. Trata-se de uma espécie de “narcisismo das pequenas diferenças”, às vezes levado às últimas consequências.

Quando as vaías partem ou são endossadas pelo público das cativas e, em menor escala pelo da social, supostamente os mais identificados com o clube, é indício de que a relação gremistas-Grêmio-dirigentes-comissão técnica-jogadores está conturbada. Os torcedores das gerais, têm maior liberdade e legitimidade para vaiar; segundo dizem os dirigentes, pois *aí estão os que sacrificam seu dinheirinho prá vir ao estádio e, portanto, a vaia é um direito deles*. Contudo, não se deve entender tal permissividade como dádiva ou concessão. Nas entrelinhas, especialmente os dirigentes, fazem crer que este é o *típico torcedor apaixonado*, uma caracterização que objetiva desqualificar a referida manifestação. A lógica bastante simplista sugere que, quem vê das gerais não pode mesmo entender a dinâmica do jogo e, por extensão, as dificuldades oferecidas pelo adversário. *Povão quer ver gol e ponto final*, dizem alguns dirigentes e até mesmo alguns comentaristas esportivos que, não raro, usam esses “torcedores” para veicular suas opiniões - mais ou menos como o uso do “povo” pelos políticos. Porém, a vaia das sociais é considerada como um protesto que vem de “dentro”, de iguais, de gremistas para gremistas. Se o público das cativas também adere aos protestos é motivo para mudanças na comissão técnica e até dos dirigentes ligados ao futebol.

As “organizadas” também não vão o time do Grêmio, ou não são orientadas para tal; a resignação parece constituir o ônus do acesso subsidiado pelo clube. São delas porém, que partem, freqüentemente, os cânticos e xingamentos mais insultantes; como esses, a seguir, quando o adversário é o Inter.⁶³

Atirei um pau no Inter

⁶³ Quando ocorre Gre-Nal, o espaço destinado à torcida visitante é ampliado, seja no Olímpico ou no Beira Rio. Cadeiras cativas, sociais e camarotes não mudam, mas o restante dos espaços são, em geral, divididos meio a meio, até mesmo para evitar que torcedores rivais fiquem sobrepostos, impedindo que objetos sejam arremessados de cima para baixo.

*E o Inter se fudeu
Macacada, filha da puta
Chupa rola e dá o cu
Hei, Inter
Vai tomá no cu!
Olê Grêmio! Olê Grêmio!*⁶⁴
(Na melodia de "Another brick in the wall", Pink Floyd.)

*Explode chiqueirão
Prá soltá, a macacada
Eu vô chamá o Ibama
Prá dá banana prá torcida colorada!
Explode (...)*
(Na melodia de "Explode Coração", samba-enredo da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, 1989. É cantado em grenais no Beira Rio.)

*Adeus colorado
Feliz gauchão
Que tudo se realize
No âmbito regional
Mas nunca se esqueça, macaco
Eu sô campeão mundial!*
(Na melodia de "Adeus ano velho/Feliz ano novo". Cântico recorrente nos anos oitenta, segundo depoimento de Edson, colorado, ex-integrante da Camisa Doze do Inter.)

*Colorado, favelado, ladrão,
Dá o cu pra um gremistão!*
(Xingamento)

É difícil precisar a razão pela qual esses cânticos - só listei aqueles que são dirigidos especificamente aos colorados - hostis e permeados de "palavrões" partam, quase sempre, das "organizadas" do Grêmio e não raro fiquem restritos a elas. Talvez porque os torcedores que participam das organizadas sintam-se mais protegidos - dificilmente alguém se atreverá a contestá-los - e assim possam servir como porta-vozes para os demais torcedores, especialmente para os do andar de cima, onde raramente se

⁶⁴ O termo "macaco" tem cunho notadamente racista; um eufemismo para substituir "negro", "negrada" e assim por diante. É difícil precisar quando foi inventado mas acredito que desde os anos quarenta os colorados sejam assim referidos. De qualquer forma, no final dos anos sessenta o termo já era de domínio popular, como indica um dos versos de "Desafio Gre-Nal", uma trova gravada por Teixeira e Méri Terezinha mais ou menos nessa época. "(...) Faz um velho ficar novo/Vocês prá nós é barbada/Teu time é perna de pau/São uns frio não joga nada/Dez minutos bate a sede/O Grêmio é uma parede/Põe cinco golos na rede/termina com a macacada."

ouve um xingamento nos termos citados.⁶⁵ É também das “organizadas” do Inter que surgiu, recentemente, uma tentativa de assimilar o racismo, mas isto necessita ser melhor contextualizado e o momento mais apropriado será o último capítulo.

A rigor, o que foi dito sobre o Estádio Olímpico poderia, em linhas gerais, ser estendido ao Beira-Rio. Como o objetivo aqui não é uma comparação *tête-à-tête*, convém fixar uma diferença que, por ser contrastiva, acaba prevalecendo sobre as demais. Até no que se refere aos cuidados para proteger do sol os torcedores mais ilustres, Grêmio e Inter estão empatados. Porém, enquanto o primeiro se orgulha das tribunas e camarotes, incluindo o serviço de copa considerado um dos melhores do Brasil, o segundo se exhibe por ter em seu estádio um espaço popularmente conhecido como “coréia”; embora os bilhetes de acesso a definam como “popular”, para, quem sabe, salvaguardá-la das menções pejorativas a ela associadas, extensivas também a seus frequentadores.

Com capacidade estimada para 15.000 torcedores - “com 5.570 metros lineares ocupados, na média de 2.69 espectadores por metro (...)” (Beira Rio 25 Anos:13) - a “coréia” circunda a pista atlética, adjacente ao gramado, e dela é separada por um fosso e uma cerca de arame farpado para impedir as invasões de campo. Também existe uma murada seguida de arame para impedir que os “coreanos” saltem para as arquibancadas inferiores, estratégia de muitos adolescentes e que se constitui numa espécie de espetáculo à parte, antes do início dos jogos. Há quem vá para a “coréia” pelo prazer da aventura, para burlar os policiais e assistir de um local mais privilegiado pagando o mínimo possível. *Se quisesse podia ir até de superior, mas gosto mesmo é da aventura...* me confessou um adolescente cujo nome não tive tempo para perguntar; quando pensei em fazê-lo já não o tinha ao meu lado, mas dependurado na tal cerca. Há outros mais resignados e até mesmo convictos do lugar que ocupam, como um jovem que se negou a saltar com o grupo do qual fazia parte, afirmando que tinha orgulho de ser popular e, portanto, iria permanecer onde estava.

⁶⁵ Em geral, esses cânticos e xingamentos mais hostis limitam-se ao espaço dos estádios. Em meio à efervescência, até mesmo os gremistas negros ou de origem proletária se juntam ao coro. Fora dos estádios, porém, onde os sentimentos de pertença são mais frágeis, podem gerar constrangimentos. Numa viagem a São Paulo, por exemplo, os torcedores da Super Raça recolheram o lixo do ônibus e alguém arremessou os sacos pela janela, no meio do caminho. Entre trocas de acusação, alguém sugeriu que aquilo “só podia ser coisa de macaco (negro)”. Não sei quem foi este “alguém”, pois não estava nesse mas no outro ônibus que transportava os torcedores. Fiquei sabendo do ocorrido por intermédio de Donato, 16 anos, que lamentou o episódio: *isso é baixaria, é racismo... tão dizendo que fui eu que toquei o saco de lixo pela janela só porque só negro!*

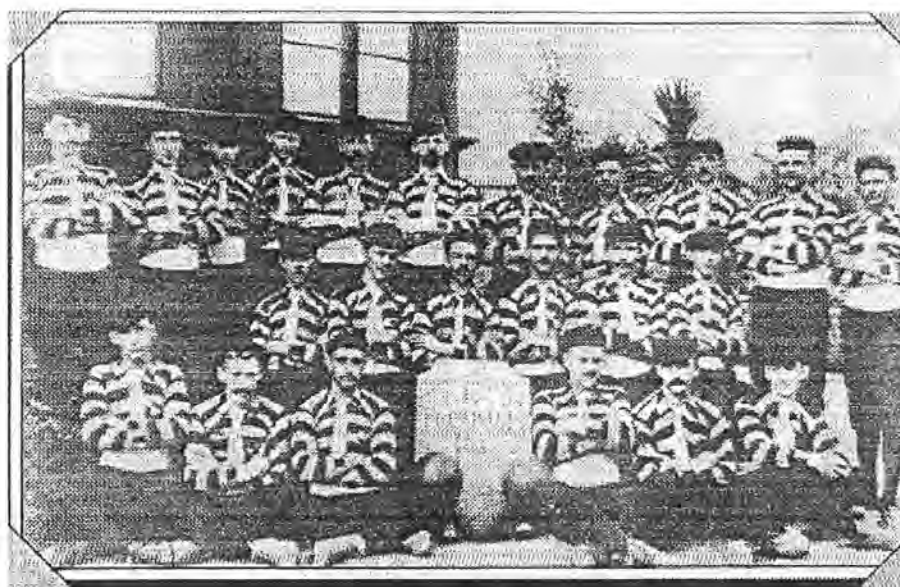
Se da “coréia” não se tem noção de profundidade, pois se está no mesmo nível do campo, em compensação, pode-se xingar ou incentivar os jogadores, “bandeirinhas” e comissão técnica pois, com certeza, o interlocutor estará ouvindo. Por esta e outras razões, a “coréia” sugere uma apreensão do jogo extremamente fragmentada e, assim sendo, tida como suscetível às reações emotivas. De fato, aqueles torcedores em pé, grudados uns nos outros, muitas vezes ouvindo em duplas ou em trios as transmissões pelo rádio ou, de outro modo, com aparelhos diferentes sintonizados em emissoras igualmente diversas, contrasta com os *walkmans* e as cadeiras numeradas. Parece haver um acordo tácito entre os torcedores da “coréia”; eles partilham algo mais do que o apreço pelo seu clube, partilham também uma determinada condição de classe, atitudes e comportamentos. Quando o gol do time acontece, a etiqueta não sugere gestos contidos, sorrisos largos ou murros para o alto; na “coréia”, se urra, se corre, se salta. Talvez ali, empregado e empregador pudessem comemorar abraçados, se este último não estivesse lá no alto e, de lá, irônica e contemplativamente, a regozijar-se pela festa que se faz cá embaixo.

Por tudo isso, a “coréia” é diferente e, enquanto existir, os colorados terão respaldo para afirmar, como sugere o hino do clube, que pertencem ao “clube do povo do Rio Grande do Sul”. Nem mesmo a construção dos 19 camarotes no segundo semestre de 1997 parece desmentir esta crença. É que o Inter é o único clube brasileiro com estádio privado que mantém sua “popular”.

Por fim, é preciso colocar algumas dúvidas acerca de uma versão amplamente aceita, segundo a qual, no estádio desaparecem as diferenças e os preconceitos em detrimento de um sentimento lúdico e festivo. Se existem momentos de intensa sociabilidade, em que o sentido de pertença faz desaparecer, temporariamente, noções *a priori* de status e hierarquia, não é menos verdade que a distribuição espacial recompõe, num momento subsequente, as categorias que aparentemente haviam sido suplantadas. A crença de que patrão e empregado alegram-se ou entristecem-se abraçados constitui-se numa ficção, até certo ponto romântica, pois embora ambos possam torcer para um mesmo clube e freqüentar um mesmo jogo, provavelmente, ocuparão espaços diferenciados, o primeiro, no andar de cima e o “outro”, no andar de baixo. E isto vale tanto para gremistas quanto para colorados.

Assim que concluir a leitura deste parágrafo, o leitor poderá retomar a epígrafe do capítulo e reencontrar-se com o preto e o branco discutindo o “ranca”. Não quero sugerir com isso que eu tenha percorrido uma circunferência e, finalmente, chegado ao

ponto de onde parti. Tampouco que o que foi dito aqui esteja condensado no texto de Verissimo. Ou talvez esteja, e por isso mesmo foi citado em epígrafe. Seja como for, o Gre-Nal está em pauta há quase noventa anos e, por mais discutido que tenha sido, ainda se está distante de saber quem é o melhor, se o Inter ou o Grêmio. Por isso o preto e branco seguirão discutindo e deles poder-se-ia dizer muitas coisas além das que foram ditas sobre gremistas e colorados ao longo deste capítulo. O que não se pode dizer, contudo, é que o “ranca” é “coisa do futebol”. Não, o “ranca”, ou melhor, o duelo verbal acerca do Gre-Nal é, antes de tudo, uma forma de manifestar, publicamente, o que se pensa sobre si mesmo e sobre os outros. E tanto melhor que o Gre-Nal exista, pois assim pode-se expressar mais abertamente determinados valores, atitudes e sentimentos primordiais e, portanto, “muito sérios”, como se fossem futilidades; “coisas do futebol”, da “rivalidade Gre-Nal”.



O team gremista, em 1904, em pose encomendada pelo Intendente Municipal Dr. José Montaury para exibi-la na Exposição Internacional de Saint Louis, nos Estados Unidos como símbolo da modernidade porto-alegrense (in: História do Grêmio, nº 1).

No alto: Alberto Knewitz, Alfredo Cattaneo, José Mussnich, Guilherme Kallfelz, João Knewitz, Augusto Koch, Carlos Bohre, Otto Mussnich, Fernando Strehlau, Oswaldo Siebel e Pedro Cleres;
no centro: João Geske, Pedro Schuck, Joaquim Ribeiro, A. Becker, Jacob Molter e Leopoldo Diefenthaler;
sentados, Guilherme Kraemer, Guilherme Uhrig, Alvaro Brachado, Alberto Siebel, João Stelczyck e Frederico Panitz.

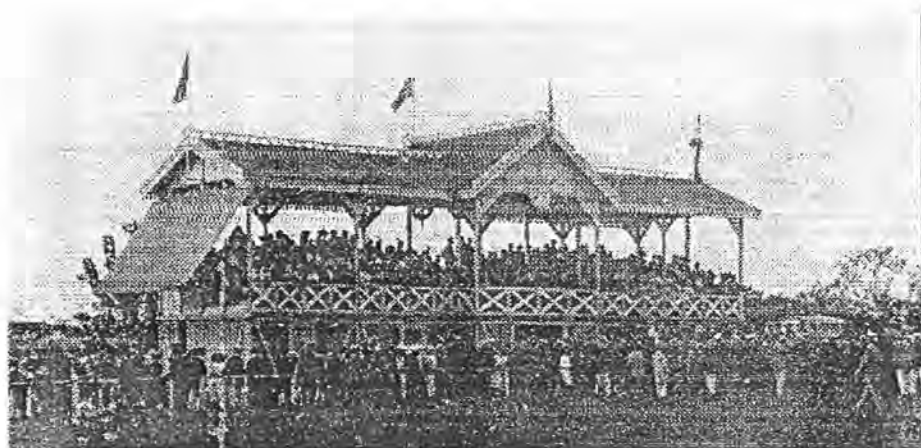


Frederico Panitz (ajoelhado), sócio-fundador e *player* gremista, com seus amigos, no bucólico matagal da Mostardeiro, em 1906 (in: História do Grêmio, nº 1).



A influência do remo e dos teuto-brasileiros no futebol e no Grêmio: acima, os atletas do Sport Club Germânia, elite do futebol paulista no princípio do século (in: História do Clube Pinheiros). Abaixo, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, tricampeão do Wanderpreis, 1904-6 (in: História do Grêmio; nº 1).





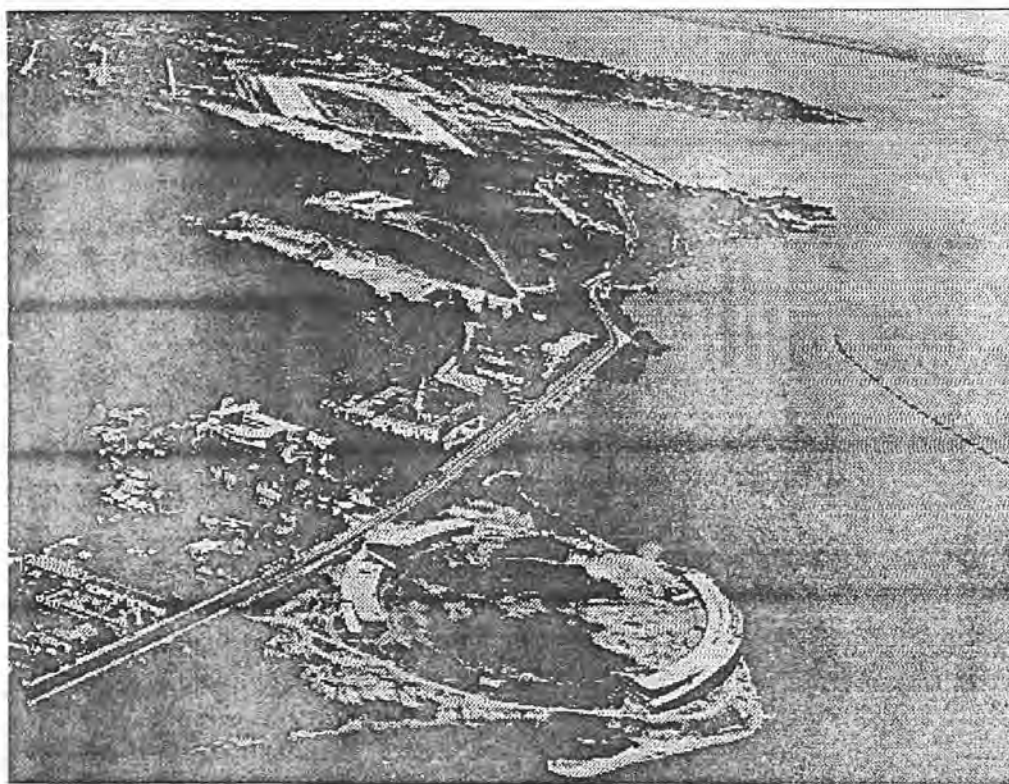
O primeiro pavilhão social, construído em 1904: sinal de “ordem e progresso” da família gremista (in: História do Grêmio, nº 1).



Jogadores e torcedores do Inter na Chácara do Eucaliptos (in: Revista do Sport Club Internacional, edição especial)



O Rolo Compressor em 1948.
 Em pé: Ivo, Alfeu, Ilmo, Nena, Viana e Abigail;
 agachados: Tesourinha, Vilalba, Adãozinho, Fandinho e Carlitos
 (in: Revista do Sport Club Internacional, edição especial).



“Bóia cativa”: o Beira-Rio em julho de 1965
 (in: Beira Rio 25 anos).

Sampaulo



Sampaolo



Sampaolo



ARCO AURÉLIO



MARCO AURÉLIO



Gre-Nal também é bom para se divertir: quando os gremistas pedem a reeleição do presidente do "outro", acima/esquerda (in: ZH, 12/12/96); quando o papai-noel tem de se adequar-se à rivalidade acima/direita (in: ZH, 17/12/96); chimarreando, centro/esquerda (in: ZH, 16/12/96); com a festa dos "outros", centro/direita (in: ZH, 17/12/96); e até quando o governador Britto é fustigado pela oposição, abaixo (in: ZH, 2/1/97).



GREMISTAS

Em tempo de vacas magras no Beira-Rio, até treinador de futebol troca o cargo de alto risco pela tribuna de uma câmara municipal.

Jorge Antônio Carpes, mais conhecido como **CASSIÁ**, deixou de treinar o Internacional para concorrer a vereador pelo PTB.

Cassiá Nº 14.620

O time do Zambiási dá mais segurança.

Acima: Panfleto distribuído pelos correligionários de Cassiá, ex-atleta gremista, ex-treinador do Internacional e candidato a vereador em 1996 (não se elegeu).

Abaixo/esquerda: Raul Pont (colorado) e José Fortunatti (gremista), atuais prefeito e vice de Porto Alegre, participando de um Gre-Nal entre os militantes petistas durante a campanha eleitoral/96 (in:ZH, 22/9/96).



Abaixo/direita: Lupicínio Rodrigues Filho, valendo-se da herança paterna ao longo da campanha para vereador/1996 (também não foi eleito).

Até a pé nos iremos
Para o que der e vier
Mas o certo é que nós estaremos
Com o GRÊMIO onde o GRÊMIO estiver

Noventa anos de glória,
tens imortal tricolor
Os feitos da tua História
Canta o Rio Grande com amor

Até a pé nos iremos.....

Nós somos bons torcedores
Sem hesitarmos sequer
Aplaudiremos o GRÊMIO
Aonde o GRÊMIO estiver

Até a pé nós iremos.....

Lara o craque imortal
Soube o teu nome elevar
Hoje com o mesmo ideal
Nós saberemos te honrar

Até a pé nós iremos.....

LUPICÍNIO FILHO
VEREADOR - PDT

VOTE
12.607

VOTA
NÃO
FALT
VOTE



A reinvenção das tradições: acima, o *slogan* e o mascote, criados em 1946 (in: Grêmio 70). Ao lado, Lupicínio Rodrigues, autor do Hino do Cinquentenário (in: Nação Tricolor, ano 1; nº 1). Abaixo, uma espécie de *mea culpa*, com um manequim preto exposto no Museu do Grêmio.





Acima: passagem pelo centro de Porto Alegre da comitiva gremista campeã da Libertadores da América/95, chegada de Cáli/Colômbia e dirigindo-se para o Olímpico.

Ao lado: pai e filha em frente ao Palácio Piratini, onde a delegação campeã da América foi recebida pelo governador (set/95).





Ao lado: viagem de retorno de São Paulo (Palmeiras *versus* Grêmio) das Torcidas Organizadas (dez/96).

À direita: Super Raça com o "Grêmio onde o Grêmio estiver" (dez/96).



À esquerda: não é apenas o "amor ao clube" que mobiliza certas torcedoras, especialmente as *tietes* (murada interior das sociais do Olímpico, dez/96)



Acima: dístico do Grêmio pintado na Rua José do Patrocínio, centro de Porto Alegre, após a conquista do Campeonato Brasileiro/96 (in: ZH, 17/12/96).

Ao lado, foto-montagem das correspondências enviadas ao Grêmio - todas elas superior a 20 metros de comprimento.





O Grêmio, o Rio Grande do Sul e o Brasil. Ao lado, no pátio e, abaixo, nas sociais do Estádio Olímpico. Comemorações pela conquista da Copa do Brasil/97 (maio/97).





Acima: gremistas pousam junto ao símbolo de Porto Alegre, após a conquista da Copa do Brasil/97 (in: ZH, 24/5/97). À esquerda: adesivo forjado na esteira de Ah! Eu sô gaúcho! (nov/97). Abaixo: gremismo e gauchismo; a parceria que rendeu títulos, alegrias e muitos adesivos (nov/97).



SEMANA FARROUPILHA

Sampaulo



Sampaulo



Nada como uma semana após outra: acima/esquerda, em 7 e 8/9/97, quando se aproximava a Semana Farroupilha, Juventude, Internacional e Grêmio venceram América-RN, Botafogo e Vasco, respectivamente. No final de semana seguinte, acima/direita, os três representantes gaúchos foram mal no Campeonato Brasileiro. O Grêmio empatou, em casa, diante do Bahia; o Inter perdeu para o Sport, em Recife; e o Juventude perdeu para o Atlético-PR, em Curitiba (in: ZH, 8 e 15/9/97).

E o mesmo pode-se dizer do motivo abaixo: O misto de metáfora alimentar/sexual embalou os sonhos do mosqueteiro antes do jogo contra a Portuguesa de Desportos, pelas finais do brasileirão/96, à esquerda. Mas, no meio da semana, o coloradíssimo Sampaulo, como "bom secador", não deixou passar em branco a inesperada derrota gremista, à direita (in: ZH, 9 e 13/12/96).

Sampaulo





CAPÍTULO IV

NAÇÃO GREMISTA

Eu não sei como dizer!
Ser gremista é experimentar todas as emoções.
Ser gremista é ter orgulho de sê-lo!

(Bianca Pinheiro Machado, “uma pessoa que ama o Grêmio”. Aluna da 6ª série do Colégio Santa Inês e 2ª colocada no I Concurso de Redação/1997 promovido pelo Consulado Escolar do Grêmio.)

4.1. Comunidade de sentimento e nação-clubes de futebol

O futebol em geral e os clubes em especial têm se notabilizado, desde longa data, pela facilidade com que conseguem mobilizar extenso contingente de pessoas. O que mais impressiona, contudo, não é a quantidade mas a diversidade desse público e, talvez por isso, seja difícil defini-lo adequadamente.

A sociologia da década de setenta e oitenta, na esteira dos frankfurtianos, usava o termo *massa*; uma categoria acadêmica contestada, mais tarde, no âmbito da própria disciplina e cujo emprego no contexto do futebol produziu uma espécie de discurso tautológico, cujo objetivo se resumia a afirmar, de modos diversos, a mesma premissa. Ou seja, a alienação generalizada das *massas* e a manipulação do povo pela elite; de onde surgiu a conhecida “tese” do futebol como “ópio do povo”.⁶⁶ Porém, admitindo-se a inadequação desta categoria, que outra haveria de ser proposta? A categoria êmica,

⁶⁶A bibliografia que empregou as noções frankfurtianas – tais como *massa*, *alienação*, *repressão*, entre outras –, para explicar o fenômeno esportivo em geral e o futebol em especial é extensa. Um dos expoentes teóricos deste movimento contestatório em âmbito internacional foi o sociólogo Jean-Marie Bronm, muito citado, inclusive, pela literatura brasileira sobre o tema. Uma coletânea de seus escritos pode ser encontrada em “Deporte, cultura y represión” (1972). Seguindo o mesmo arcabouço teórico, poder-se-ia citar Sebreli (1981) e Ramos (1984); sendo o primeiro mais voltado ao contexto argentino e o segundo enfocando o Brasil. Os trabalhos mais recentes acerca do fenômeno esportivo, especialmente no caso brasileiro, parecem ter, simplesmente, deixado de lado o discurso contestatório das décadas de setenta e oitenta, sem proceder uma crítica mais acurada. De qualquer modo, para uma crítica à “tese” do “futebol como ópio do povo”, sugiro DaMatta (1982).

talvez? Mas, não se estaria, neste caso, assumindo o discurso nativo e, portanto, adotando um procedimento contestado do ponto de vista antropológico?

No âmbito do futebol e do pertencimento clubístico, pode-se observar o uso freqüente do termo êmico “nação” para se referir à totalidade dos que torcem para um determinado clube. O Grêmio, em parceria com a Editora Escala, por exemplo, publica uma revista, com distribuição nacional, chamada “Nação Tricolor”. A Torcida Organizada Super Raça conclui uma retrospectiva de seus 15 anos de existência afirmando ser ela, “ontem, hoje e sempre a ‘VOZ DA NAÇÃO TRICOLOR’” (Informativo Super Raça Gremista, nº 1; nov/96). O editorial de “Colorado: o jornal do Inter” (ano I, nº 1), faz um apelo nos seguintes termos: “O POVÃO COLORADO - verdadeira nação - precisa confiar no trabalho da atual diretoria”. Manchetes de jornais do tipo, “A nação tricolor está em festa”, são muito freqüentes. Nos *sites* dos clubes, na internet, o termo nação é recorrente, assim como no cotidiano dos clubes. Quanto à auto-representação, portanto, não resta a menor dúvida: a categoria “nação” encontra-se amplamente disseminada.

O comportamento dos torcedores em relação aos símbolos que os identificam com os clubes e à estrutura política-administrativa dos mesmos, sugerem um paralelo entre a representação êmica e a categoria analítica nações-Estado. Veja-se o caso do Grêmio, por exemplo. Seu presidente, que centraliza as decisões mais importantes, tem mandato de dois anos e é eleito pelo Conselho Deliberativo. Este, por seu turno, atua como uma espécie de parlamento e é renovado, em 1/3, de quatro em quatro anos pelo voto dos associados. O Grêmio tem ainda o Departamento Consular, em atividade desde a década de quarenta e, recentemente, instituiu o Consulado Escolar; possui um “território”, o Estádio Olímpico; um “exército”, com alguns “soldados” formados no próprio clube - “nas categorias de base” e outros trazidos “de fora”; museu, sala de troféus e, principalmente, um extenso contingente de gremistas.

Poder-se-ia seguir, indefinidamente, neste paralelo entre nações-Estado e nações-clube de futebol; elementos empíricos não faltam. Contudo, se a comparação fosse levada às últimas consequências, logo surgiria uma série de contrastes e um número tão grande de retificações e adendos teriam de ser introduzidos a ponto de torná-la injustificada. Do contrário, permanecendo-se no campo das analogias, ou seja, mantendo-se a aproximação tão genérica quanto possível, perde-se qualquer possibilidade de delimitação conceitual.

Uma saída para o impasse pode ser encontrada retomando-se a própria definição de nação que, segundo Weber (1974), constitui-se, em termos genéricos, numa “comunidade de sentimento” (:207). Embora tendendo à constituição de um Estado próprio, com fins específicos de auto-proteção - integridade física, cultural, fronteiras, etc -, há outros aspectos da noção weberiana que, uma vez deslocados do Estado propriamente dito, justificam a apropriação. O conceito de nação,

num certo sentido, (...) significa, acima de tudo, que podemos arrancar de certos grupos de homens um sentimento específico de solidariedade frente a outros grupos. Assim, o conceito pertence à esfera dos valores. Não obstante, não há acordo sobre como esses grupos devem ser delimitados ou sobre que ação concertada deve resultar dessa solidariedade (Weber, 1974:202).

A partir deste alargamento conceitual, é possível identificar pelo menos quatro premissas genéricas que podem ser remetidas ao contexto futebolístico, quais sejam: a idéia de solidariedade grupal em torno de um sentimento específico (pertencimento clubístico); a incerteza em relação às ações decorrentes desta solidariedade (violência física/violência simbólica); a segmentação e fluidez grupal (Torcidas Organizadas/“outros” torcedores); e, finalmente, as disputas em torno de valores (“raça”, “classe social”, etc).

Um exemplo claro de como essas quatro premissas estão articuladas na “comunidade de sentimento” e no contexto do pertencimento clubístico, pode ser encontrado nos enfrentamentos simbólicos e, não raro, corpo-a-corpo, de torcedores identificados com clubes rivais ou ainda, entre torcedores e cidadãos não-torcedores.

Com freqüência os indivíduos, na pessoa de torcedores, hostilizam os indivíduos *não-torcedores*, cidadãos alheios à totalidade imposta pela *vontade geral* instituída pelos torcedores (na torcida vale o todo e não o indivíduo). Não é raro não-torcedores serem execrados (como perdedores) por grupos torcedores, como se não tivessem a opção individual de não pertencerem a nenhuma associação de torcedores, à estrutura segmentar, hierárquica e relacional estabelecida pela estrutura do jogo. Este fato explica porque as abordagens e hostilidades geralmente ocorrem entre grupos de torcedores contra indivíduos isolados. Quando torcedores se encontram sozinhos a caminho dos estádios, é raro configurar-se este estado de ânimo *alterado* observado quando estão em grupo. Sozinhos, rompem o sentimento de *pertença* e retornam ao anonimato da individualidade. Cessam os xingamentos e as provocações (Toledo, 1993:26-7).

A passagem de indivíduo à pessoa instaura a “comunidade de sentimento”, um estado de ânimo alterado, como sugere Toledo, a partir do qual um indivíduo passa a

indivíduos de diferentes níveis cultural e sócio-econômico, de diferentes regiões, com graus de envolvimento emocional e material diferentes, e assim por diante. No entanto, elas não deixam de ser concebidas como uma unidade ou uma totalidade única em si próprias. (:45)

Especialmente no que se refere à relação espaço-tempo, a noção de “comunidade imaginada” vai ao encontro da posição de Schutz (1979), para quem, do ponto de vista de um determinado indivíduo (pessoa), existem diferentes formas de vivenciar a realidade social; pois

(...) um homem vivencia seus semelhantes mesmo quando estes últimos não estão presentes fisicamente. Ele tem conhecimento não somente de seus consócios diretamente vivenciados, mas também de seus contemporâneos mais distantes. Dispõe ainda de informações empíricas sobre seus predecessores históricos. Acha-se cercado por objetos que lhe dizem claramente que foram produzidos por outras pessoas; não apenas objetos materiais, mas todos os tipos de sistemas de signos, lingüísticos e outros (...) (:166).⁶⁷

Consócios, contemporâneos, predecessores e sucessores são categorias analíticas muito úteis para se pensar diferentes formas de interação social em geral e, particularmente, o contexto das nações-Clube de futebol. Identidades clubísticas podem coexistir sem a necessidade de partilhar o espaço, já que os torcedores encontram-se dispersos em diferentes pontos geográficos, desconhecem a existência real uns dos outros e, ainda assim, cultuam as mesmas cores, emblemas, cânticos, xingamentos, mitos, ídolos e assim por diante. Se, por exemplo, os integrantes da Super Raça configuram-se em tipos *sui generis* de consócios, a “nação gremista imaginada” extrapola, e muito, os limites geográficos de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul e até mesmo do Brasil.

Por fim, convém explicitar uma última premissa, tomada de empréstimo de Hobsbawm (1990), acerca do “elemento do artefato, da invenção e da engenharia social

⁶⁷ Resumidamente, “consócios são indivíduos que partilham embora breve ou superficialmente, de uma comunidade não apenas no tempo, mas também no espaço. [Enquanto os] contemporâneos são pessoas que partilham uma comunidade no tempo, mas não no espaço: (...) eles se ligam não através de uma interação social direta, mas através de um conjunto generalizado de pressupostos formulados simbolicamente (...) sobre os modos típicos de comportamento um do outro” (Geertz, 1989:230-1). Já os predecessores e os sucessores, com algumas diferenças, constituem modalidades de interação assimétricas no que diz respeito à variável tempo. Se os predecessores são aqueles que nos antecederam e com os quais obtemos contato através de relatos de terceiros ou pela tradição, os sucessores são aqueles que haverão de habitar o nosso espaço no futuro e com os quais estamos impossibilitados de manter qualquer tipo de relacionamento real, embora, virtualmente, possamos atestar suas presenças pela projeção de algumas de nossas ações no tempo, motivados pela suposição de que o mundo não desaparecerá depois que deixarmos de existir fisicamente.

que entra na formação das nações” (:19). Isto implica que “o nacionalismo vem antes das nações” e, assim sendo, “as nações não formam os Estados e os nacionalismos, mas sim o oposto” (:19). Admitindo-se uma analogia *ad hoc*, segundo a qual os clubes e o pertencimento clubístico estão para os Estados e o nacionalismo assim como as nações-clubes de futebol estão para as nações-Estado, pode-se atestar, no contexto gremista, a procedência da formulação hobsbawmiana. De fato, a fundação do Grêmio e os ideais associacionistas precedem, historicamente, a estima e a adesão popular que o clube foi adquirindo ao longo de sua trajetória. Já a auto-representação dos gremistas, enquanto pertencentes a uma “nação”, pode ser considerada um corolário deste processo e os contornos que o mesmo apresenta na atualidade.

A partir das considerações preliminares, o restante deste capítulo está subdividido em três partes distintas e com objetivos igualmente diversos. A primeira trata justamente do “elemento do artefato, da invenção” da nação-clubes de futebol, no caso específico, da “nação gremista”. Não me refiro ao contexto de fundação do clube, já explicitado no capítulo anterior, mas de um processo de profundas mudanças desencadeadas ao longo das décadas de quarenta e cinquenta, notadamente ligadas à consolidação do profissionalismo e ao fim da segregação racial. Embora já tenha me reportado ao Grêmio daquelas décadas, em “Gre-Nal em preto e branco” (cap. III), urge, agora, detalhar este processo no que se refere aos esforços empreendidos, pelos seus dirigentes e torcedores, para impedir que o futebol fosse extinto do clube.

A segunda parte contempla o presente etnográfico. Descrevo alguns jogos, sob a perspectiva da mobilização dos torcedores, evidenciando aqueles aspectos que tornam denso um ritual disjuntivo. Também descrevo uma das viagens realizadas com as Organizadas do clube, para São Paulo. Por fim, procuro traduzir um pouco do que foi a festa pela conquista da Copa do Brasil, edição 1997, do ponto de vista dos que ficaram em Porto Alegre enquanto o time jogava no Rio de Janeiro.

Na última parte, transito pelo cotidiano do Grêmio, acompanhando, de um lado, o trabalho dos consules e, de outro, o dia-a-dia de Dona Ema e Tia Dalva, a primeira na casa (museu) e a segunda na rua (no pátio) do Estádio Olímpico. As três partes têm um objetivo em comum, qual seja, descrever as múltiplas possibilidades de pertencer ao Grêmio e, por extensão, a uma nação-Clubes de Futebol.

4.2. Crise de identidade e reinvenção das tradições

4.2.1. A derrocada do amadorismo no Grêmio

Surgido como um clube-equipe, o Grêmio se constituiu, rapidamente, num clube de elite. Além de ter-se consolidado patrimonialmente desde seus primeiros anos de existência, o clube da Baixada da Mostardeiro notabilizava-se pela seleção criteriosa de seus associados e pela convicção de que, para se constituir num *club* respeitável, o Grêmio não poderia se descuidar da formação do caráter de seus associados. O futebol pode ter sido a principal razão da existência do Grêmio - “criado da bola e para a bola” (Nação Tricolor, ano 1, nº 1:12) - mas está longe de ser sua única preocupação.⁶⁸

Numa das primeiras publicações do Grêmio destinada a seus associados, a “Revista do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense”, constam as “11 máximas para jogadores”; uma orientação de como deveriam se portar os gremistas em relação ao clube, aos demais atletas, adversários e até mesmo diante do juiz.

- 1) Onde representares o Grêmio, apresenta-te bem e mostra boa conduta, pois por esta se julgará o club.
- 3) Comparece ao jogo com boa disposição corporal, o que garantirá a resistência até o fim; pois muitas vezes numa pugna os últimos minutos são decisivos.
- 6) Cuida bem o teu fardamento, afim de honrares as tuas cores.
- 7) Fala pouco e pensa muito durante o jogo e aprende do adversário o que de bom ele tiver que tu ignorares.
- 9) Se um adversário jogar “foul”, não faças o mesmo, pois se um é grosseiro, não é necessário que também o sejas.
- 11) Cumpre em todas as ocasiões, como um sportman bem educado, às ordens do juiz, pois ele é uma pessoa que trabalha pelo Sport merecendo por isto estimação e respeito (ano 1 (1916), nº 3).

As “11 máximas” constituem-se num verdadeiro manual de *civilité*, só que com uma grande diferença em relação ao *De civilitate morum puerilium* de Erasmo de Rotterdam (cf. Elias, 1994). Enquanto este último tratava, fundamentalmente, do

⁶⁸ A sociabilidade intensa no interior do Grêmio resultou em vários casamentos. Bruno Schuback, por exemplo, já conhecia muito bem o futebol quando chegou ao Brasil e logo se incorporou ao Grêmio. Era primo de Walter Schuback, que integrou a primeira equipe do Fluminense e este, por seu turno, era concunhado de Oscar e Edwin Cox (que foi capitão do Grêmio no início dos da década de 10), fundadores do clube carioca. Bruno, que formou dupla de zaga com Mohrdieck, também imigrante alemão, acabou se casando com uma das filhas de John Day, um próspero comerciante da época e pai de Alfredo, que também jogava no Grêmio. Carlos Mostardeiro, conhecido como *Chirú*, era descendente de tradicional família porto-alegrense, a mesma que cedeu o terreno para a construção do primeiro estádio do Grêmio. Consócio de Mohrdieck e Alfredo, casou-se com a outra filha de John Day e, sendo assim, tornou-se concunhado de Bruno.

comportamento à mesa e, portanto, do uso correto das mãos, as “11 máximas” se referem, basicamente, às boas maneiras de se portar num campo de futebol, onde sobressai o uso dos pés.

As “máximas” não se limitam, contudo, à indicação de como deve se comportar um atleta, mas sugere, também, “respeito” e “estimação” ao juiz e ao adversário, enfim, o mínimo necessário para que um jogador pudesse ser chamado de *sportman*. Poder-se-ia pensar que isto é, antes de tudo, um sinal dos tempos, ou seja, que o futebol era assim naquela época e, portanto, as “máximas” não seriam uma orientação endereçada unicamente aos atletas gremistas. Podem não ter sido uma exclusividade do Grêmio mas também não são representativas dos procedimentos da grande maioria dos clubes daquela época, à exceção dos clubes de elite, evidentemente.⁶⁹

A propósito, o Grêmio se parecia muito com esses clubes de elite que, como no caso do São Paulo Athletic Club - cujos estatutos serviram de modelo para o Grêmio - e do Germânia - de quem foi copiado um dos primeiros uniformes - abandonaram o futebol tão logo as classes trabalhadoras dele se apropriaram. É bem provável que nem todos os primeiros gremistas pertenciam à alta sociedade porto-alegrense mas, os ares aristocráticos sopravam na Baixada. Na mesma revista em que aparecem as “11 máximas para os jogadores”, constam também “10 irônicos mandamentos para sócios insaciáveis” (ver anexos) e, entre eles, o 6º merece ser destacado: “Fala mal do teu club para os estranhos, porém acautela-te de fazê-lo no recinto do mesmo”.

O “6º mandamento” nada mais é do que a versão da época para o popularíssimo “roupa suja se lava em casa” dos dias atuais. No Grêmio, um ou outro, pouco importa, é seguido à risca por seus dirigentes, como uma “tradição” do clube, inclusive, para diferenciá-lo do arquirrival. Por isso, é difícil acessar as atas, encontrar alguém que se disponha a falar abertamente sobre o problema da segregação racial ou, mais recentemente, de uma gestão deficitária, cujo então presidente levou o clube para a segunda divisão nacional e, da noite para o dia, “herdou de uma tia-avó” considerável fortuna. Estes e outros temas polêmicos são considerados “assunto de economia interna” e, portanto, dizem respeito à “família gremista”.

⁶⁹ No Rio de Janeiro, por exemplo, já havia se instituído, muito antes, o “ganha mas não leva”, uma forma que os clubes menores encontraram para burlar o *fair-play*. Como escreveu Mário Filho, quando a decisão era no subúrbio, “o clube da cidade podia ganhar o jogo. A taça, porém, ficava com o clube local” (:21). Há outros exemplos do “ganha mas não leva”, como aquele já referido no segundo capítulo, em que o São Paulo Athletic Club abandonou o futebol alegando que a “bagunça” se tornara insuportável.

O que entendiam por “família” e “tradição” os gremistas, especialmente seus dirigentes, está claro nos depoimento orais e letrados veiculados a partir da crise dos anos quarenta, e isto se deve a duas razões principais. De um lado, ao surgimento de publicações sistemáticas, como “Mosqueteiro”, um tablóide surgido em 1946, que mais tarde deu origem à “Revista do Grêmio”, publicada entre 1956 e 1963. De outro lado, os anos quarenta se constituem no período mais intenso da crise de resultados e esta, por seu turno, desencadeia uma série de discussões onde o passado “glorioso” da “família gremista” passa a ser questionado.

É difícil precisar o início da crise e, diga-se de passagem, isto tem importância relativa. O Grêmio perdeu o campeonato gaúcho de 1940, mas isto por si só não era motivo para transtornos. Contudo, seguiu perdedor nos anos seguintes até que, em 1945, o Rolo Compressor chegou ao hexacampeonato, uma conquista inédita no futebol local. O então presidente José Gerbase, numa atitude inusitada, viajou ao Rio de Janeiro e trouxe do Vasco três reforços e solucionou, temporariamente, o problema do Grêmio: com Jorge, Cordeiro e Hélio o clube rompeu com a série de títulos do arquirrival. Foi uma solução parcial, pois o “outro” seria novamente campeão por dois anos consecutivos e venceria, com longa margem, os grenais do período. Veladamente, os próprios gremistas admitiam que a segregação estava custando-lhes um preço excessivo, inclusive em termos financeiros. Porém, aboli-la ainda não estava nos planos de seus dirigentes, pois, do contrário não haveria necessidade de importar jogadores de outros estados.

Antes disso, em 1942 o Departamento de Futebol esteve por ser fechado. Segundo o Dr. Renato Souza, que na época já integrava a diretoria do clube e mais tarde viria a ser presidente (Dr. Renato, como é conhecido no Grêmio, é pai do atual Ministro da Educação Paulo Renato Souza; delegado de polícia aposentado, foi também deputado estadual pelo PTB e teve seu mandato cassado na época da ditadura), o clube só não fechou graças à intervenção do Dr. Py (ver adiante), chamado às pressas para aplacar os ânimos dos demais dirigentes. Ainda de acordo com o depoimento do Dr. Renato, o clube tinha dificuldades para se adequar às novas exigências do profissionalismo, especialmente no que se refere às questões econômicas, salário dos jogadores e comissão técnica, compra e/ou aluguel do “passe” dos atletas, despesas com treinamentos, viagens e, até mesmo o Fortim da Baixada, orgulho dos primeiros gremistas, precisava ser substituído.

O fim do amadorismo impunha certas exigências com as quais o Grêmio não concordava, entre as quais, a admissão de negros no time. *Eram pessoas de bem, como o Dr. Fulano,⁷⁰ amigo meu, incapaz de negar atendimento médico a um pobre ou um negro que não tivesse dinheiro (...) mas não queria negro no Grêmio* (Dr. Renato).

O foco de resistência, usava a “tradição” como argumento para barrar os negros. Para romper com a “tradição” era preciso que o Conselho Deliberativo se manifestasse favoravelmente e, sendo o Conselho o portador da “tradição”, a segregação persistia. Os conselheiros, ou melhor, o foco de resistência que dele fazia parte, alegava a existência de uma “cláusula” imposta pela família Mostardeiro, de quem o Grêmio adquirira o terreno da Baixada. Tal cláusula nunca chegou ao domínio público e é bem provável que jamais tenha existido e se era apenas um “acordo de cavalheiro” poderia ter sido renegociado. Seja como for, o certo é que os trâmites burocráticos para que a “ruptura da antiga tradição” fosse efetivada tinham que passar pelo conselho e este era terminantemente avesso às reformas.

Porém, quando os interesses convergiram, nada impediu que se reformulasse prontamente os estatutos. Sendo assim, em 1946, talvez o período mais intenso da crise de resultados vivida pelo clube até então,

coube ao egrégio Conselho Deliberativo a nobre tarefa de submeter a aprovação (...) uma alteração nos Estatutos (...), calorosa e unanimemente aprovada, com o seguinte teor: “ARTIGO 161 - O GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE, além das categorias de sócio constantes do artigo 4º de seus Estatutos, terá mais a de “PATRONO DO GRÊMIO”, cujo título somente será conferido a um associado. § único - Como homenagem especial e em atenção aos serviços excepcionais prestados ao GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE, é conferido ao Professor Dr. AURÉLIO DE LIMA PY o título de PATRONO. O PATRONO tem o direito de comparecer às sessões de diretoria, propondo, discutindo e votando (Grêmio 70, “Edição Especial”:153).

É evidente que a escolha do Dr. Py para ocupar o cargo de patrono, a própria criação deste posto e as atribuições da época indicam não se tratar de uma simples homenagem prestada ao ex-presidente do clube, fundador e presidente por longo período do Conselho Deliberativo. Longe de ser um cargo decorativo, o monarca gremista era dotado de poderes que lhe permitiam intervir em todas as esferas do clube,

⁷⁰ Omito o nome a pedido da fonte.

sempre que julgasse pertinente e enquanto tivesse disposição para tal.⁷¹ Do ponto de vista político, a nomeação do Dr. Py pode ser interpretada como uma tentativa de arrefecer as disputas internas e possíveis desavenças entre a administração - executivo - e o conselho - legislativo - do clube.

Entre o cargo recém criado e seu primeiro ocupante, havia uma identidade tal a ponto de não se poder desvincular um do outro. Em outras palavras, o patronato era uma função tão talhada ao Dr. Py que foi criado a sua imagem e semelhança. Neste particular, tanto o Dr. Renato quanto Seu Bordin (historiador do clube), são unânimes em relação à presença conciliadora, aglutinadora e ponderada do Dr. Py. Tanto é verdade que, desde a morte do Dr. Py, em 1949, apenas um outro conselheiro foi homologado patrono do clube e, segundo informações de Seu Bordin, já se votou, inclusive, a supressão do artigo 161. Com a morte do segundo patrono, Dr. Fernando Kroeff, ocorrida em agosto de 1997, o cargo foi definitivamente extinto, e as razões são compreensíveis: criou-se dentro do Conselho uma disputa tão acirrada entre os postulantes à patronagem que desvirtuou-se a própria razão de sua existência.

A aclamação unânime do Dr. Py revela, por um lado, como deveria ser processada a escolha do patrono e, de outro, atesta o prestígio daquele que havia presidido o clube em nove oportunidades, entre 1912 e 1930, e o Conselho Deliberativo de 1937 a 1943. Ilustre entre os ilustres, Dr. Py também se destacou como primeiro presidente da Federação Rio-Grandense de Desportos, Diretor da Faculdade de Medicina, reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul entre 1937-39, e três vezes deputado estadual (1925, 30 e 34) pelo Partido Republicano, de inspiração positivista. Entre tantas credencias incluía-se o forte vínculo afetivo que ele e outros membros de sua família - Jorge Py, seu irmão mais moço fora jogador do Grêmio na década de vinte - nutriam pelo Grêmio e, acima de tudo, a clareza das convicções que norteavam sua atuação no clube e na esfera mais ampla da sociedade. A manifestação mais eloqüente do modo como pensava o Grêmio ocorreu no seu discurso de posse que, por orientação do então presidente José Gerbase, foi reproduzido na íntegra no livro de atas e posteriormente reeditado em várias publicações do clube.

Penso que todos os clubes deviam tomar como lema a máxima da filosofia comteana que reza: “AMOR POR PRINCÍPIO, ORDEM POR BASE E PROGRESSO POR FIM”. Isso, aplicado ao esporte,

⁷¹ Segundo a Folha da Tarde (10/12/46) um dos propósitos do Dr. Py era promover a fusão entre o Grêmio, a Sogipa e o Club Canottieri Duca Degli Abruzzi, ou Cruzeiro, como passou a se chamar a partir do Estado Novo. Já o Dr. Renato, desmente, veementemente, esta informação que, segundo ele, não passa de *boato do jornal*.

seria: “Apresentação pública de um padrão de dignidade esportiva servida por insofismável cordialidade, sinceridade de atitudes, lealdade e fraternidade, o que integraria o AMOR por princípio. Procurar o engrandecimento e a prosperidade de seus clubes, o que seria a base construtora e ordem, a disciplina e a obediência por base, e o engrandecimento e a prosperidade que seria o objetivo ou fim do postulado.

E é sob a égide desse princípio que eu formulo o CREDO DO BOM GREMISTA:

CREIO no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense porque sempre foi, é e será um propugnador leal e honesto do esporte integralmente pelos esportes e para o esporte, com a finalidade bendita do aprimoramento físico e moral dos seus associados moços.

CREIO no Grêmio porque ele é um dos baluartes da grandeza esportiva do nosso querido Rio Grande do Sul.

CREIO no Grêmio porque ele é um centro de brasilidade de nossa mocidade.

CREIO no Grêmio porque ele foi, é e será forte nas horas alegres como nas tristes.

CREIO no Grêmio porque propicia aos moços associados as bases de uma educação física, preparando uma geração sã e forte para o engrandecimento de nossa Pátria.

CREIO no Grêmio porque sempre defende as boas causas da mocidade.

CREIO no Grêmio porque é um centro de educação e luta da virtude contra o vício.

CREIO no Grêmio porque, procurando integrar a fórmula do MENS SANA IN CORPORE SANO, ele batalha para a formação física e mental do homem para as lutas da vida.

CREIO no Grêmio porque ele é, a um só tempo, um centro de irradiação esportiva e de educação moral.

CREIO no Grêmio porque, trabalhando pelo aprimoramento da raça, colabora na formação de uma raça eugênica para o nosso futuro.

CREIO no Grêmio porque a tradição mantém a família gremista unida, forte e entusiasta.

CREIO no Grêmio porque ele cultua a tradição dos seus feitos através de várias gerações.

CREIO no Grêmio pela vibração de alma que esse culto realça.

CREIO no Grêmio pela continuidade de suas vitórias glorificadoras.

CREIO no Grêmio por tudo isso, e mais, pelo destemor de suas atitudes na defesa do bom nome esportivo da nossa amada gleba.

CREIO, por fim, no Grêmio, com o entusiasmo que faz milagres, pelo bem de todo gremista sincero.

Peço perdão a família gremista pelo pouco que aqui fica dito em face do muito que mereceria ser dito. (Mosqueteiro, nº 1; ano I:2)

O “credo do bom gremista” se notabilizou como a “oração do Dr. Py”. Embora pensado e proferido num contexto muito peculiar, não há qualquer indício de que a

“oração” traga elementos novos ou contraditórios com a atuação do Dr. Py em diferentes esferas diretivas do Grêmio.

Numa perspectiva mais ampla, os vínculos do Positivismo com o esporte e a Educação Física são bem conhecidos. Para um clube como o Grêmio que viveu intensamente a ascensão e derrocada do amadorismo no futebol, a presença de noções comteanas não deve causar estranhamento. Outros clubes, e o esporte como um todo, encontraram no pensamento médico-higienista e, por extensão, no Positivismo, um suporte teórico adequado.⁷²

De outro modo, o discurso do Dr. Py apenas ratifica determinadas filiações cuja procedência poderia ser detectada indiretamente. Se as premissas positivistas foram determinantes para o sucesso do Grêmio, especialmente até a década de quarenta, a recíproca também é verdadeira. Em outras palavras, a disciplina, a organização e as conquistas do Grêmio, invariavelmente atribuídas ao trabalho perseverante e à dedicação de seus atletas, dirigentes e associados, criaram um terreno apropriado para a disseminação de tais idéias.

Além de se constituir numa importante prova documental, o “credo do bom gremista” impressiona pela clareza e contundência das manifestações ali expressas mas, é forçoso admitir, a trajetória do Grêmio independe de sua existência, embora não se possa dizer o mesmo a respeito do Dr. Py. Sua nomeação como patrono e todas as manifestações daí decorrentes adquirem maior relevância quando cotejadas a partir do contexto gremista da época. Como já frisei anteriormente, o clube estava mergulhado numa verdadeira crise de identidade agravada pelos resultados negativos do time, se bem que, estes últimos, antes de serem a causa constituíam-se num sintoma daquilo que se passava nos bastidores.

Sem a retórica dissimulativa que notabiliza os dirigentes de clubes, Oswaldo Rola daria, anos mais tarde, um depoimento contundente e preciso do Grêmio daquela época.

O Grêmio estava muito mal, o Noronha - seu maior jogador - voltando da Seleção Brasileira e rebelando-se contra os dirigentes, o clube falindo, muitos associados até querendo que fechasse (...). E o Inter, ainda por cima, com um time que era muito bom (...). O Grêmio não tinha nem jogadores suficientes para fazer o time, de modo que tivemos [Foguinho era o técnico na época] até que colocar o “Seu”

⁷² Cf. Soares (1994), especialmente “Em nome da saúde do corpo social” e “A educação Física no Brasil: saúde, higiene, raça e moral”.

Gomes. (...) Acontece que no Grêmio ele era apenas “marrecão” (gandula)” (in: Dienstman, 1987:17).

Se este episódio tivesse se passado em um clube de segunda linha, ele seria apenas cômico. Como ocorreu no Grêmio, deve-se interpretá-lo como indicativo do caos político, administrativo e financeiro da época. Em razão desse contexto, os discursos de posse dos presidentes da década de quarenta - boa parte deles sequer conseguiu completar o mandato⁷³ - evocavam, invariavelmente, o “passado glorioso” e a necessidade de resgatar a “tradição” do clube. Nesta linha, a nomeação do Dr. Py e o poder que lhe fora outorgado tinham como objetivo reconduzir o clube ao trilho do qual se distanciara; ele era a pessoa-símbolo das “tradições” e das “glórias da família tricolor”. Se pairasse qualquer dúvida acerca disso ela seria redimida anos depois, mais precisamente em 1957, através de um pronunciamento de Martim Aranha.

Povo que não tem tradição não é povo, é um aglomerado passageiro. Assim, meus senhores e minhas senhoras, se hoje não tivéssemos, aqui, em plena Semana Tricolor, comemorando o 54º aniversário do glorioso Grêmio lembrando seu passado de glórias, evocando a memória dos que já nos deixaram e saboreando os feitos que enobrecem nossa gente, por certo, não justificaríamos a nossa razão de ser, nem tampouco teríamos mais alma ou força para gritar, a todo pulmão, dois símbolos de nossas tradições: Aurélio Py e Eurico Lara (Revista do Grêmio, nº11; ano II:9).

Pelo menos naquele 1946, a nomeação do patrono e a conseqüente mobilização extracampo, somada aos reforços trazidos do Rio de Janeiro, surtiram o efeito desejado e o Grêmio impediu o heptacampeonato gaúcho do arquirrival. Porém, no ano seguinte, seria novamente massacrado pelo Rolo Compressor e a crise se intensificaria outra vez. José Antônio Casa, eleito presidente no final de 1947, faz uma análise taxativa sobre a conjuntura política e administrativa do clube, algo não muito corriqueiro em se tratando do Grêmio.

(...) para afligir mais os inevitáveis problemas que se apresentam num Clube da projeção como o nosso, concorre também a constante ingerência prejudicial, direta ou indiretamente, de elementos

⁷³ A instabilidade administrativa era mais um dos sintomas mais evidentes da crise. No Grêmio havia uma “tradição” de continuidade nos postos políticos mais importantes, entre os quais o de presidente. Embora os mandatos fossem de apenas um ano, o próprio Dr. Py fora presidente em 9 oportunidades, e o Major Augusto Koch em outras 5, entre 1903 e 1930. Entre 1931 e 39, o Grêmio teve cinco presidentes diferentes. No mesmo espaço de tempo, entre 1940 e 1948, quando a crise foi mais intensa, nada menos de 11 nomes diferentes assumiram o Grêmio e, posteriormente, quando os problemas foram superados, entre 1949 e 57, apenas Saturnino Vanzelotti e Ary Delgado ocuparam o posto máximo. Nos anos mais intensos da crise, em 1942, por exemplo, 3 nomes diferentes passaram pela presidência e o mesmo iria se passar entre 1947 e 48 (História do Grêmio, nº 1-5).

desagregadores, os chamados “gremistas de fachada”, que se intitulam “próceres”, sem excluir também certos beneméritos que não honram a formação espiritual e esportiva que conseguiram no seio confortador da gloriosa família tricolor, e cuja eliminação se impõem imediatamente, a bem da ética e disciplina desportiva.

É constrangedor declarar que nos últimos anos, houve descuido e negligência - permaneceu-se no cômodo “laissez-faire” e não foram estruturadas as bases econômicas do nosso clube.

Penso portanto, que já se torna inadiável uma reação, mediante uma completa transformação em nossos velhos métodos (...) (Mosqueteiro, nº 5; ano I:2).

Romper com “nossos velhos métodos”? Quais deles, afinal? Polida e indiretamente, o novo presidente mostra-se cômico das contradições enfrentadas pelo clube.

Entendo que as conseqüências do profissionalismo transformou inteiramente o modo de se estabelecerem as relações, não só entre os clubes e os jogadores de futebol, como dos próprios clubes entre si, visto que são negócios a efetuar, deixando de haver cabimento para preocupações sentimentais ou para atitudes inspiradas em meros caprichos (idem).

Os caprichos e sentimentalismos aos quais José Casa se refere como causadores dos problemas do Grêmio não estão explícitos, mas pode-se deduzi-los facilmente. A segregação racial era um dos “caprichos” mas não o único dos “velhos métodos” que necessitavam ser urgentemente repensados. A “tradição” tornar-se-ia, daí por diante, o campo de batalha entre os conservadores e os reformistas. Para os primeiros, a noção de tradição englobava todo o passado do clube, suas conquistas dentro de campo, os procedimentos administrativos e os princípios morais que lhes davam suporte. Para os reformistas, muito mais pragmáticos, importava resgatar a hegemonia futebolística mesmo que para tanto fosse necessário extirpar alguns “sentimentalismos” considerados ultrapassados, dentre eles a crença nos valores do amadorismo.

Quando o Dr. Py justificou seu credo, ele simultaneamente definiu quem era o Grêmio.⁷⁴ Ao proceder desta forma, deixou claras algumas orientações seguidas pelo

⁷⁴ O “credo do bom gremista” pode ser lido como um texto clássico de asserção e razão: a primeira afirma - “creio no Grêmio” - e a segunda justifica - “porque...”. Com pequenos arranjos de ordem sintática, sem contudo provocar qualquer alteração de natureza semântica, pode-se abstrair de cada frase a) uma definição sobre o ser no qual se depositavam as crenças, neste caso o Grêmio e b) a afirmação de princípios que subsistiam independente da entidade a qual estavam associadas. Por exemplo, a frase “creio no Grêmio porque ele é um dos baluartes da grandeza esportiva do nosso querido Rio Grande do Sul” poderia ser decomposta em: a) O Grêmio é um dos baluartes da grandeza esportiva do (...) Rio Grande do Sul; e b) Creio na grandeza esportiva do Rio Grande do Sul. Para os propósitos deste trabalho e da

clube entre as quais devem ser destacadas a segregação racial - “(creio no) [o] Grêmio (porque), trabalhando pelo aprimoramento da raça, colabora na formação de uma raça eugênica para o nosso futuro - e a profissão de fé no amadorismo - “(creio no) [o] Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (porque) sempre foi, é e será um propugnador leal e honesto do esporte integralmente pelos esportes e para o esporte, com a finalidade bendita do aprimoramento físico e moral dos seus associados moços”.

Se o “credo do bom gremista” não era apenas um discurso oportunista, mas uma espécie de carta de princípios só formulada tardiamente mas desde muito vigente no Grêmio, e não há indícios para crer no contrário, pode-se afirmar que a nomeação do Dr. Py como patrono serviu apenas para protelar a crise. O hiato entre as novas exigências do profissionalismo e a crença reiterada no amadorismo apontavam um futuro pouco promissor para o clube. A necessidade de intercâmbio com agremiações de outros estados e o incremento dos negócios exigiam maior competitividade dos clubes e um dinamismo administrativo com os quais o Grêmio não estava habituado. Além de fechar suas portas para os negros, exigia de seus jogadores apego e dedicação. Só que o “amor ao clube”, a exemplo de Lara, Foguinho, Luis Carvalho e outros tantos já não era mais o mesmo. Os tempos eram outros, e o dinheiro tornara-se um mediador da relação jogador/clube, sendo o próprio “amor ao clube” proporcional ao valor dos salários. Criava-se um ambiente de desconfiança generalizada dos torcedores e dirigentes, especialmente destes últimos, em relação aos jogadores profissionais à medida que permaneciam enraizadas as noções do amadorismo, “do esporte pelo e para o esporte” e do *fair-play*. O verdadeiro desportista era alguém cujas atitudes se pautavam pela abnegação, entrega e superação; virtuosismos que, para os gremistas, eram incompatíveis com o dinheiro.

Embora o Grêmio não se reduzisse a um grupo restrito de dirigentes enredados em seus próprios egos, o rumo das discussões tornava-se cada vez mais preocupante, com o clube correndo sérios riscos de tornar-se moribundo. Como a trajetória do Grêmio e o próprio futebol haviam se consolidado no imaginário popular, esta hipótese era bastante remota. Se os “velhos métodos” e as antigas tradições contribuíam para aprofundar a crise ao invés de arrefecê-la, já estava na hora de produzir algo novo. As glórias do passado haveriam de ser lembradas, mas era necessário reinventar o Grêmio, atualizá-lo e, principalmente, popularizá-lo. Motivados pelos lucros de distinção e,

afirmação que exigiu esta nota interessa-me a decomposição “a”, ou seja, aquela que define o Grêmio da época, na perspectiva do Dr. Py e daqueles que o aclamaram patrono.

portanto, mais sensíveis à performance do clube, os “notáveis” foram se afastando, gradativamente, à medida que a crise de resultados se intensificava e o prestígio do Grêmio agonizava. O que, diga-se de passagem, não foi de todo ruim para o clube, antes pelo contrário. Já os torcedores, evidenciando um dos aspectos mais instigantes do pertencimento clubístico, davam mostras da intensidade da paixão pelo Grêmio mesmo em meio a crise.

4.2.2. A mobilização dos torcedores e o fim da crise

Com a chegada de Vanzelotti à presidência, definido por Dr. Renato Souza *como o grande presidente da história do Grêmio*, os ares do profissionalismo começaram a soprar mais forte na velha Baixada e, se me permitem uma ironia, quase puseram-na abaixo. Sabendo que os “caprichos da tradição” eram os grandes responsáveis pela crise de resultados, Vanzelotti tratou de extirpá-los de forma lenta e gradativa, “para não causar muito impacto” (Coimbra & Noronha, 1994:67).

A mudança da Baixada para a Azenha, com a construção do Estádio Olímpico, era uma medida admitida e saudada por todos e, sendo assim, o Conselho não se opunha. Já o fim da segregação racial teve de ser imposto, em 1952, à revelia dos ilustres conselheiros (ver “Grenal em preto e branco”, Cap. III). Antes disso, porém, o Grêmio haveria de protagonizar um dos episódios mais bizarros e deploráveis de sua história: a versão gremista do “pó de arroz”.⁷⁵

Aquele 1949 representou a primeira gestão de Saturnino Vanzelotti como presidente do Grêmio. Era o início de um doloroso processo (...) cujo objetivo principal era acabar com a norma dos estatutos que impedia o clube de incluir em sua equipe de futebol *atletas de cor*. (...) Mas o bem intencionado presidente sabia que não conseguiria derrubá-la com um chute de primeira, porque parte do conselho ainda mantinha fortemente enraizado o preconceito racial. Optou pela tática do “tanto bate até que fura” e aos poucos foi amorenando o time. O meio-campista Hermes, por exemplo, campeão naquele 49, era negro

⁷⁵ Foi como ficou conhecido o mulato Carlos Alberto e, em função dele, o próprio Fluminense do Rio de Janeiro. Para driblar os olhares obtusos da aristocrática torcida do Fluminense, Carlos Alberto usava pó de arroz no rosto e no cabelo. Flagrado pela torcida do seu ex-clube, o América, foi ridicularizado e, desde então, com ou sem Carlos Alberto, o Fluminense passou a ser “saudado” pelos torcedores rivais como “o clube do pó de arroz” (Mário Filho, 1965:42). É bom frisar ainda, que o episódio envolvendo o atleta do Fluminense ocorreu no ano de 1914, muito antes, portanto, do “pó-de-arroz” gremista.

e, por isso, vivia uma situação constrangedora. Os colorados que cruzavam por ele nas ruas perguntavam:

- O que você está fazendo no Grêmio, traidor da raça?

Hermes agüentava calado. Precisava de dinheiro para sobreviver e, além disso, gostava muito do clube. Sua atitude, inicialmente criticada e considerada submissa na verdade foi decisiva para que Vanzelotti pudesse aos poucos dobrar os mais preconceituosos de seus conselheiros. Estes, diante do fato inegável que era a presença de Hermes como ponta-de-lança titular, diziam que o jogador tomava muito sol e era, isto sim, *bronzeado* (Coimbra & Noronha:66-70).

Coincidência ou não, o “amorenamento” teve início no mesmo ano em que faleceu o Dr. Py. Não quero crer que tenha sido ele o único responsável pela insistência com a segregação mas, se não era contrário à inclusão dos negros, por que não se manifestou a respeito? Seja como for, o fim da segregação tornara-se irremediável, bem como a substituição das “antigas tradições”. Para tanto, era necessário que, além dos dirigentes, também os torcedores se mobilizassem e isto de fato ocorreu.

Neste processo de mobilização dos torcedores, que culminou com a reinvenção de algumas “tradições”, o hino do Grêmio ocupa um lugar de destaque. Nota-se o apreço que os torcedores têm por ele pela frequência e pelo entusiasmo com que é cantado. A letra e a música são maravilhosas dizem os torcedores; foram compostas por Lupicínio Rodrigues e, afinal, trata-se do hino do “clube do coração”. Tudo isto é verdade, só que os torcedores de outros clubes também exaltam a beleza de seus hinos e, no caso dos clubes do Rio de Janeiro, foi ninguém menos que Lamartine Babo quem os compôs. Então, como compreender as razões pelas quais os gremistas têm um apreço diferenciado pelo hino do seu clube? Onde reside esta particularidade?⁷⁶

Todos os chamados grandes clubes do futebol brasileiro possuem, além das cores que caracterizam seus uniformes, uma série de símbolos com os quais podem ser identificados, dentre os quais se destacam os hinos, as bandeiras, distintivos, totens, entre outros.⁷⁷ Embora constantemente remodelados, os uniformes preservam as mesmas cores desde a fundação dos clubes e o mesmo se pode afirmar acerca das

⁷⁶ São perguntas difíceis de serem respondidas à medida que envolvem juízos de valores. Demonstrar o apreço dos gremistas é tarefa relativamente simples mas o mesmo não se pode dizer quando se afirma que eles apreciam mais seu hino que outros torcedores os seus. Se esta constatação é procedente, então deve-se tentar justificá-la. Minhas impressões de campo são decorrentes da comparação inevitável entre os torcedores gremistas e colorados e são partilhadas por jornalistas do centro do país cujo universo comparativo é bem mais amplo.

⁷⁷ A respeito da manipulação destes símbolos por parte das Torcidas Organizadas, especialmente dos animais que são operacionalizados como totens, ver “As marcas distintivas” (Toledo, 1996a:52-61).

bandeiras.⁷⁸ Os totens - animais, personagens de revistas em quadrinhos, santos, etc - são mais recentes e, alheios à tutela dos conselheiros, são inventados pelos próprios torcedores. Já os hinos datam do final dos anos quarenta e início da década seguinte. Em geral foram escolhidos através de concurso, como o do Internacional ou, no caso do Rio de Janeiro, Lamartine Babo os compôs em série - embora fosse flamenguista.

No caso do Grêmio, as datas coincidem, mas o processo foi bem diverso e talvez isto explique, em parte, o apreço diferenciado que os gremistas têm por ele. Poder-se-ia dizer que o Hino do Cinquentenário se impôs ao “oficial”, escolhido em concurso público no Cine Teatro Carlos Gomes, e as razões pelas quais isto ocorreu devem-se a verossimilhança entre a letra de Lupicínio e o contexto da época. Trata-se de uma espécie de invenção coletiva, tendo Lupicínio o mérito de ter juntado, em 1953, vários fragmentos que estavam na memória dos torcedores e combiná-los adequadamente.

Tudo começou muito antes, em plena crise de resultados, o que não implica, necessariamente, crise de pertencimento, como recorda Salin Nigri, na época bibliotecário e assessor de contabilidade do Grêmio.

Uma vez levamos dezoito vagões de trem lotados de torcedores a Novo Hamburgo (...).

Se conseguíssemos uns cinquenta ou sessenta torcedores, a Viação Férrea levaria toda a delegação de trem. Num iriam os jogadores, a direção, aquela coisa toda e se eu conseguisse uns cinquenta torcedores iria outro vagão. Aí, na segunda-feira eu saí com uma folha de papel almaço: - Arlei, vamos, vamos, não vamos; ah, então tá, eu vou! Bota aí: Arlei não sei das quantas. (...) Quando chegou na sexta-feira, tchê, começou a fazer fila lá na sede⁷⁹ do Grêmio prá comprá passagens prá ir a Novo Hamburgo (...). Prá te encurtar a história, tchê, de hora em hora eu telefonava pro cara da Viação e dizia: olha, mais um vagão (...) e a fila não acabava nunca. Foram dezoito vagões, com gente sentada e em pé às pampas. (...) Acho que foram mais de duas mil pessoas!

⁷⁸ No caso do Grêmio, o primeiro uniforme foi azul, havana e branco mas durou apenas um ano. Com dificuldades de encontrar havana no mercado local, este foi substituído pelo preto, mantendo-se as três cores que caracterizavam o “estilo inglês”. Neste aspecto, o Grêmio seguia um padrão adotado por outros clubes “de elite” do futebol brasileiro, dentre os quais, o Fluminense e o São Paulo. Após sucessivas mudanças, em que o Grêmio copiou o iniforme dos remadores, adotou, em 1929, as três listras verticais que ainda hoje identificam o clube; o que mudou de lá para cá foram o *design*, constantemente atualizado, e os chamados fardamentos reservas. Em relação às bandeiras, o Grêmio teve quatro, incluindo a atual. Exceto a segunda, que imitava a brasileira - veio à tona depois que o Grêmio venceu a Seleção do Uruguai em 1916 e teve de ser substituída, em 1944, por ordem do Conselho de Segurança Nacional - as demais não sugerem alusões a outras instituições. Cf. Nação Tricolor (Ano I, nº 1:14,36-7).

⁷⁹ Tanto o Grêmio quanto o Inter mantiveram, até os anos sessenta, sedes no centro de Porto Alegre. Era onde os associados se reuniam para discutir futebol, praticar jogos de salão, pagar as mensalidades e outras atividades afins. A sede do Grêmio ficava na Rua da Praia, esquina com a Caldas Jr., no edifício onde atualmente está o Correio do Povo.

O jogo amistoso foi realizado no início de junho de 1945, ano em que o “outro” chegaria ao hexacampeonato. Marcava a estréia de Beresi, um argentino buscado pelo Grêmio no Rio de Janeiro e isto explica, em parte, a mobilização dos torcedores. O sucesso da excursão, independente da vitória de 2 a 1 sobre o Floriano, representou o início de um processo de mobilização dos torcedores.

Na época com 19 anos, Salin saiu-se tão bem neste episódio que passou a reivindicar mais espaço e autonomia para organizar os torcedores. Segundo ele, o Grêmio se ressentia por não ter alguém como Vicente Rao, popularíssimo antes mesmo de ter sido eleito Rei Momo e chefe da torcida dos “outros”. Os dirigentes gremistas não se opuseram, embora tivessem ressalvas quanto às conseqüências de se entregar para uma pessoa tão jovem um cargo que exigia tanta responsabilidade. Armando Ciaglia, responsável pelo quadro social decidiu então efetivar Salin como chefe dos torcedores e Francisco Maineri, chefe de Salin;

(...) um cara que tinha uns quarenta anos, gordo, barrigudo (...) e eu logo vi que a intenção dele - Ciaglia - era pro cara esse me controlar, me cortar alguma bobagem que eu quisesse fazer. Aí eu comecei a fazer faixa no campo, papel picado, soltar foguete (...).

Querendo ou não, o Grêmio estava se popularizando e não era porque sua torcida ganhasse novos adeptos, mas pela forma inusitada com que passara a se comportar nos jogos. Muitos gremistas ilustres criticaram e outros tantos mostraram-se céticos quanto ao futuro carnavalesco da torcida. Para eles, aquilo era coisa da torcida do “outro”; o Grêmio era diferente, sem tanto estardalhaço. Prova disso é que o termo “torcedor” é pouco freqüente nas fontes letradas mais antigas do Grêmio, onde, em geral, aparece “associados e simpatizantes” ao invés de “torcedores”, como na atualidade. De outra parte, são freqüentes referências às “torcedoras”, como se coubesse a estas o papel de co-participação, agitação, enfim, aquilo que, nos dias de hoje, está a cargo das Organizadas.

Contrariando as expectativas, as faixas e foguetes tiveram grande aceitação do público e tornar-se-iam indispensáveis daí por diante. Atento, Vicente Rao percebeu a guinada gremista e, em tom sarcástico, confeccionou uma enorme faixa com a seguinte mensagem: “Imitando crioulo, hein?” (Revista Beira Rio 25 Anos, 1984:36).

Se a popularização era salutar, a comparação nem tanto; pior ainda era a acusação de “imitação”. Como sempre fora e permanece sendo, haveria de se orquestrar a diferença, por menor que fosse.

Ela surgiu mais por causa desse jogo do Beresi, dessa excursão de irem. Todo mundo falava, todo mundo comentava que a torcida do Grêmio era formidável: onde o Grêmio vai, a torcida vai junto. Naquela época não havia essas excursões de ônibus pelo interior e então era aquele negócio, todo mundo dizia: onde o Grêmio vai, a torcida vai junto, a torcida do Grêmio vai com o Grêmio onde o Grêmio for e tal (...). Daí é que estava caindo de maduro a faixa: "Com o Grêmio Onde estiver o Grêmio" (Salin Nigri).

A estréia da faixa não foi muito animadora. Ocorreu no jogo de abertura do Campeonato Gaúcho de 1946 contra o Renner, cujo campo se localizava no final da Avenida Sertório, próximo à fábrica de A. J. Renner. O Grêmio perdeu por 4 a 2 com faixa e mosqueteiro juntos.⁸⁰ De qualquer modo, a faixa e o mascote acompanharam os torcedores durante todo o campeonato e, graças à conquista do Grêmio, acabaram sendo incorporados como ícones do clube. Em agosto daquele ano, o Grêmio voltaria a editar uma revista, como já o fizera na década de dez. A idéia não era nova mas o nome da revista - "Mosqueteiro" - comprovava o prestígio do mascote tricolor.

O mesmo ocorreu com a faixa, cujo êxito pode ser atestado nas controvérsias que se seguiram. Sua paternidade é disputada até hoje entre Salin Nigri e a família Obino. Um episódio de campo ilustra muito bem esta disputa e revela detalhes importantes sobre a relação torcedor-dirigente. Ao me despedir de Salin Nigri, no dia em que conversamos sobre a invenção do *slogan* gremista, este me solicitou, emocionado, para que eu confirmasse em meu trabalho que "Com o Grêmio/Onde estiver o Grêmio" era de sua autoria. Faço-o aqui não apenas como um gesto de reciprocidade, mas também porque outros gremistas daquela época confirmam a versão precedente.⁸¹

⁸⁰ Segundo Salin, o mosqueteiro foi mesmo invenção do chargista Pompeu, da Folha da Tarde/Correio do Povo. Antes mesmo de iniciar o Campeonato Gaúcho de 1946, disputado apenas pelos clubes de Porto Alegre, a Folha da Tarde já anunciava que, às terças e sextas-feiras, seriam publicadas as charges do Pompeu e fazia uma breve explanação sobre o enredo e o perfil dos personagens. Resumidamente, "O Casamento da Rosinha" era uma metáfora sexual na qual a Rosinha, "moça esbelta e vaidosa", simbolizava o campeonato e, seus pretendentes, os clubes. Tinha o Zé Marmita, representando os colorados - "democrata cem por cento/quando surge o povo grita/Salve o Dr. Marmita"-, o Mosqueteiro, gremista - "esgrimista das palavras e da pelota" - e outros como o Seu Dindim, do Força e Luz - clube ligado à Companhia Carris, responsável pelos bondes - e o Seu Sertório, do Renner - um dos últimos "clubes de fábrica" do futebol gaúcho e também o último a vencer um campeonato estadual antes que a dupla Gre-Nal polarizasse a disputa; depois de 1954 apenas os dois "grandes" da capital saíam vencedores. O flerte da semana seguia de acordo com os resultados do domingo e, a medida que se aproximava o final do campeonato, a Rosinha voltava suas atenções apenas para Zé Marmita e Mosqueteiro, tendo, este último, seduzido a moça. Cf. Folha da Tarde entre 18/5/1946 e 1/10/1946.

⁸¹ A paternidade do *slogan* poderia ser até negligenciada não fosse motivo de disputas e controvérsias. A versão de Coimbra & Noronha (1994) converge com a minha e isto se deve, em grande parte, ao fato de termos consultado a mesma fonte. Salin Nigri não nega a contribuição de Alfredo Obino - e não Flávio, seu sobrinho, como aparece em Coimbra & Noronha:64 - mas deixa claro que (...) *eu criei*

A consagração definitiva do *slogan* viria alguns anos depois, mais precisamente em 1953. Era domingo, 19 de abril e o Grêmio jogava à tarde contra o Força e Luz, na Timbaúva, bairro Santana. Lupicínio Rodrigues e um grupo de gremistas aguardavam a passagem do bonde que os levaria até o local do jogo, no Copacabana - um bar/restaurante situado na esquina das atuais avenidas Getúlio Vargas e Aureliano de Figueiredo Pinto, na Cidade Baixa, mas que há época ainda pertencia à Ilhota e era muito freqüentado por boêmios. Os bondes estavam em greve mas, “como bons torcedores”, deveriam seguir o *slogan* e estar “Com o Grêmio/Onde estiver o Grêmio”. Segundo Lupicínio Rodrigues Filho, Salin Nigri e outros tantos, o grupo começou a se impacientar até que alguém sugeriu que fossem todos a pé. Ato contínuo, Lupicínio tomou um papel qualquer e, sentado à mesa do Copacabana, deu forma aos fragmentos. Rumaram então para o Timbaúva cantando: “Até a pé nós iremos/para o que der e vier/mas o certo é que nós estaremos/com o Grêmio onde o Grêmio estiver.”

Gravado por João Dias, no ritmo da época, a “Marcha do Cinquentenário” acabou substituindo uma antiga partitura para piano, cuja existência até mesmo os gremistas mais antigos desconhecem, e se transformou no Hino Oficial do Clube. É interessante notar como em seu refrão não há qualquer exaltação do clube, mas, antes, à fidelidade e ao desprendimento dos torcedores. Ao contrário da maioria dos hinos dos “grandes” do futebol brasileiro, em que aparece, logo no início, uma exaltação ao clube,⁸² no caso do hino do Grêmio, as dádivas são dirigidas aos torcedores; o “nós” aparece duas vezes no refrão do hino. Há uma certa dramaticidade em “até a pé nós iremos” e “mas o certo é que nós estaremos”, que nada mais é do que uma prova de

e alguns dizem, não sei se é verdade, que no Rio este slogan já era usado pela torcida do América. Mas aqui no Grêmio a idéia foi minha e o Alfredo Obino só autorizou a compra da faixa; fui eu mesmo que escrevi e levei prá aquele jogo contra o Renner. Já Dienstmann (1987) afirma que a frase “foi instituída pelo dirigente Alfredo Obino (...) que mandou pessoalmente pintar a primeira faixa com o letreiro” (81). Nesta versão, Salin figura como uma espécie de “porta-faixa”, um papel secundário e até certo ponto decorativo muito diferente daquele por ele reivindicado. Mais desconcertante ainda é a versão “oficial” do clube, publicada na História Ilustrada do Grêmio: “Alfredo Obino, entre outras iniciativas nas quais empregou a sua capacidade de trabalho, teve a seu favor a idéia de criar o *slogan* e mandar confeccionar a primeira faixa com os dizeres: ‘COM O GRÊMIO ONDE ESTIVER O GRÊMIO’, destinada a congregar a torcida gremista, missão confiada ao diretor desse departamento, Francisco Maineri (...) (nº 4:27). Como se percebe, Salin sequer é mencionado e isto lhe causa ressentimento; especialmente agora que, em razão de sua deficiência visual, só vivencia o Grêmio pelo rádio.

⁸² No caso do Inter, por exemplo, toda a primeira estrofe é de exaltação ao próprio clube. “Glória do desporto nacional/Oh Internacional/Que eu vivo a exaltar/Levas a plagas distantes/Feitos relevantes/Vives a brilhar. /Correm os anos, surge o amanhã/Radioso de luz, varonil. /Segue tua senda de vitórias/ Colorado é das glórias/ Orgulho do Brasil (...). O hino do Corinthians segue a mesma linha. “Salve o Corinthians/ O campeão dos campeões (...)”; e o mesmo ocorre com o hino do São Paulo: “Salve o tricolor paulista (...)”. Já no hino do Grêmio, a menção ao clube fica restrita a uma das estrofes, enquanto nas demais e no refrão, exalta-se a pessoa do torcedor.

fidelidade ao clube, mesmo que as vezes esta paixão não seja correspondida, como no caso do Grêmio daquela época. Porém, nada pode ser mais expressivo daqueles tempos difíceis do que “para o que der e vier”, a rigor, a única frase que Lupicínio inseriu por conta própria no refrão. Nem precisava fazer mais e, diga-se de passagem, dificilmente alguém teria feito melhor do que o “poeta da *dor-de-cotovelo*” (Jardim, 1991:85-90). Como afirma Leite Lopes, “o sofrimento, tema comum ao amor a ao ato de ‘torcer’ por um time, acaba sendo uma ponte entre a música popular que canta a dor do amor e do futebol” (1994:83).

Paradoxalmente, o clube identificado com a Baixada da Mostardeiro, no Moinhos de Vento, estava, na véspera de seu cinquentenário, às voltas com a Ilhota, reduto negro e berço de seu rival. Não bastasse a contratação de Tesourinha, no ano anterior, o hino alusivo ao meio século de sua fundação havia sido composto num bar da antiga comunidade africana e por um de seus mais ilustres representantes.

Tanto Tesourinha como Lupicínio contribuíram decisivamente para reabilitar a *imagem* do Grêmio arranhada pelas acusações de racista e elitista. O primeiro tornou-se símbolo da derrocada dos “antigos caprichos”. Dentro de campo, a contribuição de Tesourinha foi apenas regular mas, do ponto de vista simbólico, a “cor que ele deu ao Grêmio” serviu como uma espécie de divisor de águas na história do clube. Embora não tendo o mesmo impacto de Tesourinha, a paixão de Lupicínio serviu como prova de que o Grêmio tinha inserção popular e, acima de tudo, de que em se tratando de racismo nem o rival era inocente. Tanto é verdade que os depoimentos de Lupicínio justificando seu pertencimento acabaram num dos painéis do Museu gremista.

Com o fim da segregação dos negros, a construção do novo estádio e a reinvenção das tradições, cujo hino ocupa um lugar central, que no Grêmio se processou, um tanto tardia e atribuladamente, a passagem do amadorismo para o profissionalismo e recriaram a idéia de clube no imaginário dos torcedores. Claro que os primeiros anos dos clubes, seus modelos administrativos, seus procedimentos para inclusão/exclusão de associados e simpatizantes e os padrões éticos e estéticos foram decisivos na construção de uma *imagem*, de uma identidade que, condensada na e pela tradição, são ainda hoje objeto de discussão. O que mudou, fundamentalmente, foi a noção de pertencimento clubístico. Enquanto nos primórdios esta noção se configurava através de relações face a face, tendo os clubes uma existência real, concreta, moldada à imagem e semelhança de seus partícipes, já na década de quarenta os clubes passaram a ter uma existência virtual cuja *imagem* passou a ser constituída, simultaneamente, em

espaços e tempos não necessariamente conectados e por pessoas e grupos não raro alheios à existência uns dos outros. A crise do Grêmio nos anos quarenta deveu-se, portanto, à intransigência de seus dirigentes para com as transformações no âmbito do próprio futebol.

A idéia de “família”, por exemplo, sofreu uma transformação radical, embora seja difícil precisar em que momento isto ocorreu, mas creio que foi ao longo dos anos cinquenta e sessenta. “Família” ainda é uma expressão muito presente no cotidiano do clube, só que não mais para representar a totalidade dos “sócios e simpatizantes”, como fora até o final da década de quarenta, mas restrita aos conselheiros. No funeral do Dr. Fernando Kroeff, por exemplo, Dr. Paulo Odone Ribeiro (presidente do Grêmio no final da década de oitenta e, atualmente, deputado estadual pelo PMDB), fez inúmeras referências aos *ensinamentos deixados pelo Fernando à família tricolor*. A simples supressão do “Dr.” indica uma forma diferenciada de tratamento entre pessoas de status equiparado e atesta a atualidade da idéia de “família”. Mas repito, trata-se de uma noção restrita, em geral limitada aos membros do Conselho. De qualquer forma, uma noção laica da família burguesa, moderna, nuclear, cujos indivíduos e, neste caso pessoas, “se aproximam por sua semelhança moral e pela identidade de gênero de vida” e, portanto, constitutiva de um “corpo social único” bem distinto da diversidade do mundo social (Ariès, 1981:178). Ou por outra, a “família” e sua “tradição” divergem, substancialmente, da heterogeneidade da nação-Grêmio. A tarefa de definir o Grêmio deixou de ser exclusividade de pessoas como o Dr. Py e o pertencimento clubístico é hoje professado em vários lugares, por grupos distintos e das mais variadas formas.

4.3. Pertencimento e êxtase coletivos

Embora o pertencimento clubístico seja “eterno” e os torcedores se reconheçam enquanto comunidade mesmo que dispersos no tempo e no espaço, este sentimento precisa ser atualizado de tempos em tempos. Para isto existem os jogos ou, se se preferir, os rituais disjuntivos, momentos de intensa sociabilidade através dos quais se reforça a coesão e o sentimento de pertença à nação, já não mais virtual ou imaginada, mas real e concreta. Como escreve Guibernau (1997), em relação aos rituais do nacionalismo,

nesses momentos, o indivíduo esquece de si mesmo e o sentimento de pertencer ao grupo ocupa a primeira posição. A vida coletiva da comunidade coloca-se acima do indivíduo. Através de simbolismo e

ritual, os indivíduos podem sentir uma emoção de intensidade incomum, que provém de sua identificação com uma entidade - a nação - que os transcende, e de que eles ativamente se sentem parte. Nessas ocasiões (...) ganham força e adaptabilidade, e são capazes de se empenhar em atos heróicos, bem como bárbaros (...) (:94).

Só que nem todo o jogo encerra estas características, o que equivale a dizer que nem todo o ritual é absorvente em sua plenitude. A propósito, o que faz um jogo ser absorvente? É difícil precisar e talvez a etnografia preste um grande auxílio.

4.3.1, “Para o que der e vier”: Grêmio *versus* Palmeiras

O Grêmio iniciou, em 1994, com a conquista da Copa do Brasil, uma fase de recuperação do prestígio que havia perdido três anos antes quando o clube foi rebaixado para a segunda divisão nacional. Na verdade, a conquista de 1994 foi importantíssima, pois reconduziu o Grêmio à disputa da Libertadores da América e serviu para afirmar uma política de renovação do time, dando preferência aos jogadores formados nas categorias de base do próprio clube. A “solução caseira” foi idealizada pelo então presidente Fábio Koff e seus acessores, objetivando a redução dos custos na montagem da equipe e, principalmente, privilegiando atletas identificados com a “camisa” do Grêmio. Esta estratégia sofreu alguns percalços no princípio mas, a médio prazo, produziu os resultados esperados. Embora taxado de “violento” pela imprensa do centro do país, o Grêmio foi acumulando títulos importantes na esfera regional, nacional e continental, impondo-se perante os adversários.

A cada conquista, o Grêmio reforçava um paradoxo - ao invés de diluí-lo - inerente ao próprio êxito. As vitórias eram explicadas, desde a comissão técnica até os torcedores, em função de atributos como o “amor à camisa”, a “solução caseira” e a “pegada”.⁸³ Isto pressupunha, nas entrelinhas, uma espécie de retomada da “tradição” e das “origens” do futebol gaúcho e, por conseguinte, do regionalismo e do passado (voltarei ao assunto no capítulo seguinte). O contraponto era o Palmeiras, representante da modernidade ou talvez, da pós-modernidade do futebol brasileiro. Em co-gestão com uma multinacional, a Parmalat, o clube paulista formou uma equipe “milionária”,

⁸³ O termo “pegada” denota certas características de ordem moral de uma equipe, entre elas: a solidariedade grupal; a persistência do princípio ao fim; a valorização do resultado acima do espetáculo; enfim, o coletivo sobrepondo-se ao individual e a busca da vitória quase que a qualquer preço - isto implica noções de sacrifício, perseverança, superação e outras tantas que, às vezes, vão de encontro ao *fair-play*.

contratando jogadores formados por outros clubes e que compunham a base do selecionado brasileiro. Os resultados foram imediatos embora circunscritos à esfera regional e nacional. A “academia palmeirense”, comparada aos tempos de Ademir da Guia e Leivinha, era comandada por Wanderley Luxemburgo e seus métodos de auto-ajuda e psicologia aplicada; as “últimas” do futebol brasileiro. Luiz Felipe, técnico do Grêmio, não estava menos preocupado com a “cabeça” de seus comandados, embora, para muitos, se valesse da velha e eficaz “pedagogia do grito”, bem de acordo com o legado de suas origens: a colônia italiana da serra gaúcha.

Esta breve resenha é suficiente para se entender por que Grêmio *versus* Palmeiras tornou-se, em 1995 e 96, um jogo absorvente; uma rivalidade até então inexistente ou menos densa e de natureza bem diversa do Gre-Nal. Transcendendo os limites do embate propriamente dito, Grêmio e Palmeiras passaram a mobilizar e confrontar uma gama extensa de valores éticos e estéticos e isto explica, em parte, a ansiedade e a exacerbação dos ânimos que marcaram a história recente deste enfrentamento. O jogo “de volta”, valendo vaga às finais da Copa do Brasil de 1996, foi um deles.

Foi uma semana “cheia” para os gremistas. Na terça-feira, o Grêmio enfrentou o América de Cáli, da Colômbia, no jogo “de ida” pelas semifinais da Libertadores da América; na sexta da mesma semana, o jogo “de volta” contra o Palmeiras, pela Copa do Brasil. A mobilização dos torcedores por parte dos dirigentes gremistas começou ainda na semana anterior e intensificou-se no domingo. Em programas das rádios e TVs locais, Zélio Ocksmann e Dênis Abraão se revezavam nos apelos tentando lotar o Olímpico nas duas partidas. A prioridade era o jogo contra o América pois, segundo eles, a Libertadores era mais importante que tudo o mais naquele momento e, supondo que os torcedores pensassem da mesma forma, a diretoria providenciou a redução no valor dos ingressos para o jogo contra o Palmeiras. A própria derrota por 3 a 1 no jogo “de ida” e um certo consenso diante da superioridade técnica dos paulistas fez crer, nos dirigentes, que esta era uma “guerra perdida” e, nesta perspectiva, a “batalha” não passava de um irremediável protocolo. A arguição financeira e utilitarista dos dirigentes tentava persuadir os torcedores sobre os lucros de se chegar às finais de uma Libertadores e a possibilidade de voltar a Tóquio, a “Meca” dos gremistas. Desconsideraram, porém, os elementos simbólicos subjacentes aos respectivos enfrentamentos.

Se pairasse alguma dúvida sobre o equívoco estratégico dos dirigentes e de alguns setores da imprensa, mais tarde repassados aos torcedores - *porque não seguiram a nossa orientação, o Grêmio acabou eliminado de ambas as disputas, quando deveria ter optado por uma delas, a Libertadores* - esta seria redimida já no jogo de terça-feira. A vitória por escore mínimo, quando se esperava goleada, foi apenas uma das frustrações daquela noite fatídica. Dentro de campo, o time deixava a desejar, errava passes e sequer parecia o Grêmio de outras jornadas, um time de “raça” e de “pegada”. Nas arquibancadas, menos de vinte mil espectadores, um terço do esperado, assistiu, literalmente, ao fraco desempenho do time.

A sexta, porém, foi memorável; não um jogo, mas uma batalha. Eu, que havia renunciado o equívoco da direção - valendo-me, para tal, do *feeling* antropológico agregado ao de torcedor - e decidira ir aos dois jogos para comprová-lo, não cheguei a me surpreender com o ânimo alterado dos torcedores que aguardavam o jogo entre Grêmio e Palmeiras; era simplesmente o oposto do que havia presenciado na terça. O estádio estava lotado, especialmente as gerais e, sendo assim, entrei nas cadeiras laterais, embora meu ingresso fosse para as arquibancadas. Mesmo nas cadeiras o público estava inquieto e isto se explicava, em parte, pelo expressivo contingente de torcedores habituados às gerais que para lá foram deslocados. Não se importando com a precariedade das acomodações, alguns foram tomando os espaços dos corredores verticais e outros tantos permaneceram em pé, no corredor horizontal acima das cadeiras.

O foguetório anunciou a entrada do time em campo e, quando este silenciou, pôde-se ouvir, em uníssono, os gritos de *Grêmio, Grêmio, Grêmio*. A entrada ritualística dos jogadores e a saudação habitual foi seguida pelo incentivo individual a cada atleta: *Danrlei, Danrlei, Danrlei* (...) gritavam os torcedores até que este se voltasse, com os braços elevados ou com os punhos cerrados, retribuindo a confiança dos torcedores. Do goleiro ao ponta-esquerda, passando pelo técnico e, naquele dia, até o presidente, todos foram ovacionados. Seguiram-se as vaias ao Palmeiras, os gritos de *ta-ra-do!* dirigidos a Luxemburgo - que há poucos dias havia sido denunciado por assédio sexual - e de *Djalminha, viaaado!*, o “eleito” naquela oportunidade.

O juiz, que já havia sido notificado, *ah, ah, ah, se roubá vai apanhá*, deu início ao jogo e este transcorreu como era previsto: uma enérgica disputa pelo espaço e pela bola, jogadas ásperas e lances de gol de parte a parte. Para os gremistas, que necessitavam da vitória por 2 a 0, o empate do primeiro tempo constituía-se num

péssimo resultado e seria ainda pior quando, logo no início da etapa complementar, um chute de longa distância que se encaminhava para as mãos de Danrlei, desviou, acidentalmente, num atacante palmeirense e a bola entrou mansamente no canto oposto. Fez-se um silêncio fúnebre; agora o Grêmio precisava fazer quatro e não apenas dois! Se em aproximadamente 150 minutos fizera apenas um, como poderia, nos 30 restantes, fazer quatro? A “guerra” parecia perdida mas a “batalha” ainda não, empatar e virar o jogo tornara-se questão de honra e isto ficou claro quando o silêncio deu lugar, não à temida vaia, mas ao coro de *olê, olê, olê, olê, Grêmio, Grêmio!*

A torcida pôs-se em pé e assim haveria de permanecer o restante do jogo. A bola foi posta no centro e, daí por diante, o time se desvencilhou daquilo que havia sido combinado nos treinamentos e no vestiário, lançando-se ao ataque de forma até certo ponto suicida. Parecia agora, atender às orientações da arquibancada. A estratégia deu resultado e, dez minutos depois, Jardel empatou a partida. Se alguém duvidasse da co-participação dos torcedores e da transferência de ânimo das arquibancadas para o campo, teria encontrado ali a prova em contrário. As advertências do tipo *senta! e olha o mijo!*, dirigidas àqueles torcedores que põem-se em pé equivocadamente ou tardam a sentar depois de um lance perigoso, quando todos levantam, deram lugar a outras como *vamo que dá!, vamo pegá junto! e a hora é agora!* Em pé, os torcedores pediam *mais um, mais um, mais um!* e, diga-se de passagem, foram atendidos.

Nova explosão nas arquibancadas e o que parecia impossível se tornara viável; nem era preciso ser muito entendedor para perceber que o time do Palmeiras estava completamente perturbado, os jogadores erravam passes óbvios e cediam espaço para os gremistas. A “batalha” estava ganha, não restava qualquer dúvida e a “guerra” poderia ser vencida, era questão de tempo. Fazer dois gols era quase impossível, mas com apenas um a classificação seria decidida nos tiros livres e ninguém apostaria num fracasso do Grêmio; a tranquilidade e a autoconfiança, fundamentais nesta modalidade de decisão, favoreciam os atletas tricolores.

O gol tão aguardado foi anotado e, com ele, a alegria desmedida, uma festa indiscriminável que, ato contínuo, transformar-se-ia em ira. O auxiliar, ao invés de correr para o centro do campo permaneceu estático, com a bandeira levantada, indicando impedimento. O árbitro, que já se voltara em direção ao círculo central, mudou sua trajetória, confabulou com o auxiliar e invalidou o gol. Os dirigentes e jogadores tentaram pressionar mas de nada adiantou e, o que é pior, não havia a quem e nem como recorrer da sentença. Nas arquibancadas, a euforia deu lugar à inconformidade e,

como neste caso o poder de uma pessoa sobrepõe-se ao desejo da multidão, não restava outra alternativa senão xingar: o juiz, a mãe dele, os jogadores do Palmeiras, os paulistas em geral, os que inventaram o impedimento, enfim, alguém deveria ser culpado. Um torcedor ao meu lado, percebendo que eu havia recolocado os fones de ouvido - com o volume máximo para poder ouvir alguma coisa - interpelou-me para ter certeza de que sua impressão não lhe havia traído. Quando lhe informei: *é, realmente tão dizendo que o gol foi legítimo*, tratou de comunicar aos seus parceiros a informação recebida e, lacrimejando, incorporou-se ao uníssono de *filho da puta, filho da puta (...)*.

Ainda restavam uns poucos minutos para serem jogados mas nada mais poderia ser mudado. O Grêmio “ganhou mas não levou”, frase antiga no futebol, e a revolta se estendeu com invasões de campo, agressões aos jogadores do Palmeiras, tentativas de linchamento do árbitro e de seus auxiliares, confrontos com a polícia e assim por diante. Além de assimilar a desclassificação havia o erro da arbitragem, uma dupla decepção que, dadas as circunstâncias, serviu para reforçar a coesão entre os torcedores e o pertencimento ao Grêmio.

A disjunção promovida pelo embate e, neste caso, a parcialidade da arbitragem - o video-tape confirmou que o gol foi mal anulado - serviram como pretextos para a exacerbação de opiniões mais genéricas, até certo ponto alheias ao futebol. A idéia de que “nós”, da periferia, não apenas os gremistas, mas os gaúchos como um todo, “fomos, estamos e seremos sempre roubados” poderia ser ouvida da boca de qualquer torcedor. Até o presidente Koff, tido como um *homem ponderado*, presidente do “Clube dos 13”, deu a entender que havia uma conspiração orquestrada para prejudicar o Grêmio. Chegou, inclusive, a conclamar o arquirrival para uma cruzada contra a *cartolagem* do centro do país, contra o poder econômico, a intromissão das multinacionais e assim por diante.

Se me perguntassem como foi o jogo, diria que foi absorvente. Acrescentaria, talvez, que não foi um jogo mas, reeditando uma metáfora, diria que foi uma “batalha” simulada. Aquela dimensão vertical da temporalidade enfatizada por Bachelard (1988), a descontinuidade que diferencia o ritual do cotidiano pôde ser vivenciada intensamente naquele jogo. A riqueza simbólica de Grêmio vs. Palmeiras, a experiência do êxito e do fracasso, do possível e do imaginável, noções primordiais de hombridade e lealdade e, acima de tudo, o poder e a fragilidade do coletivo - apoiando o time e sendo vítima do equívoco da arbitragem, respectivamente - transcenderam o jogo propriamente dito.

Nessas circunstâncias o futebol pode ser considerado mero pretexto e o pertencimento clubístico uma forma particular de vivenciar a alteridade. O “outro” pode ser o torcedor adversário, aquele que se alegra com a “nossa” desgraça, mas pode também ser o torcedor ao lado, que se revela mais ou menos agressivo ou indignado do que se pressupunha. O coletivo, seu poder coercitivo e a legitimidade que empresta a atitudes individuais muitas vezes impensadas fora deste contexto - xingamentos, agressões, etc - afloram sentimentos que podem causar estranhamento ao próprio sujeito que as manifesta.

4.3.2. “Com o Grêmio onde o Grêmio estiver”: Palmeiras *versus* Grêmio

Só em 1996, Grêmio e Palmeiras se enfrentaram em seis oportunidades. No início da temporada, em jogo amistoso no Parque Antártica; nos jogos “de ida e volta” pelas semifinais da Copa do Brasil - um dos quais foi descrito anteriormente; outro pela fase classificatória do Campeonato Brasileiro, no Olímpico e, finalmente, outros dois pelas quartas-de-finais deste mesmo certame.⁸⁴ No primeiro jogo, em Porto Alegre, o Grêmio venceu de virada por 3 a 1 e, de acordo com o regulamento, poderia perder por escore mínimo no jogo em São Paulo que ainda assim passaria à fase seguinte da competição. Apesar do risco - ninguém duvidava que o Palmeiras pudesse vencer por dois ou mais gols de diferença o jogo “da volta” - os gremistas lotaram cinco ônibus, com torcedores “organizados” e alguns “independentes”, para acompanhar o time na capital paulista.

A saída do Estádio Olímpico, em ônibus fretado, estava marcada para as 17 horas mas acabou atrasando em mais de três. Os contratemplos ocorreram com a torcida Super Raça, com a qual eu havia acordado minha inclusão. Quando cheguei ao local combinado, fui informado que dois ônibus, com a Torcida Jovem, haviam partido há um bom tempo; outro, com torcedores de várias facções que não dispunham integrantes suficientes para ter exclusividade - Máquina Tricolor, Força Azul e Garra Tricolor -

⁸⁴ Ao todo foram três vitórias palmeirenses, todas em São Paulo, e, no Olímpico, um empate e duas vitórias tricolores. O Palmeiras eliminou o Grêmio da Copa do Brasil, no primeiro semestre e, no segundo, sucedeu o contrário. Na somatória, o Grêmio anotou oito gols e o Palmeiras nove. Já em 1995, ocorreram sete confrontos tendo havido três empates, os paulistas venceram três e os gaúchos apenas um jogo. O Grêmio marcou dez e sofreu treze gols. Apesar da nítida superioridade estatística, a combinação de resultados acabou favorecendo os gremistas que eliminaram os palmeirenses, em confrontos diretos, da Copa do Brasil e da Libertadores da América daquele ano. Em 1997 houve apenas um jogo, pelo campeonato brasileiro, vencido pelo Palmeiras por 5 a 1.

estavam embarcados e, finalmente, os torcedores da Super Raça, estavam *empenhados*, pois um dos ônibus contratados não apresentava condições de enfrentar a longa viagem. Delmar e Gil, presidente e vice da Raça, já tinham decidido que com aquela *porcaria* não viajariam de forma alguma: ou a agente que o contratou providenciava a troca ou parte dos torcedores teriam que desistir da excursão, uma situação dramática que acabou se resolvendo de forma satisfatória.

Em meio à indignação e à ansiedade, críticas contundentes eram dirigidas à direção gremista, em especial ao diretor do Departamento Eurico Lara, ao qual as Organizadas são vinculadas.⁸⁵ Para Gil, que mais tarde ratificaria estas críticas, o Sr. Paulo estava aconchavado com Nilson, presidente da Jovem, e isto era evidente, segundo ele, à medida que os ônibus destinados aos “outros”, *como sempre, eram os melhores*. De mais a mais, o Diretor que *deveria ser o último a embarcar, depois de tudo conferido e organizado, foi um dos primeiros a sair*. Após solicitar que eu e Alexandre Pretsel, repórter da Rádio Gaúcha, averiguássemos o tal ônibus para testemunhar seu péssimo estado, fez um extenso relato de outros episódios nos quais a Raça havia sido preterida.

É sempre assim - dizia ele. A Jovem sempre é favorecida por este sujeito que não tem gabarito para o cargo que ocupa. Me respondam: este ônibus tem condições de chegar em São Paulo? Não, não chega nem até a ponte do Rio Mampituba, na divisa com Santa Catarina (...). Ele devia estar aqui mas, ao invés disso, está bem longe, tomando seu whiskynho numa boa (...). A Raça sempre é prejudicada, eles têm ciúmes da gente (...) eles não conseguem admitir que a Raça é a melhor, que bota mais gente no estádio, que vota prá presidente (...). Na próxima reunião com a diretoria vou botar os podres prá fora; vocês são testemunhas - dirigindo-se a mim, ao repórter e a outros torcedores que não faziam parte da Raça. Este cara vai ter que se explicar pro Miguelão! [Secretário-Geral do grêmio, tido com um homem “sem meias palavras”] (Gil, 40 anos, atual presidente da Super Raça é carioca, vascaíno no Rio e militar).

As divergências entre as Organizadas, neste caso a oposição entre a Raça e a Jovem, apenas reafirmava uma constatação já observada através do comportamento destas durante os jogos. A segmentação das diferenças e a produção de identidades

⁸⁵ Uma das diferenças fundamentais entre as Organizadas de São Paulo e as de Porto Alegre é que enquanto lá as Torcidas possuíam autonomia, antes de serem proibidas de frequentar os jogos, aqui elas são vinculadas aos clubes, sendo inclusive subsidiadas por eles. O desconto no preço dos ingressos é uma prerrogativa que nenhuma das Torcidas do Grêmio quer perder. Em contrapartida, o Clube tem legitimidade para intervir sempre que julgar necessário evitando, à medida do possível, a polícia e, por extensão, a presença do Estado. Assim, o Grêmio pode exercer um controle rigoroso determinando o que é certo e errado, instituindo punições e, acima de tudo, preservando sua *imagem*.

contrastivas segue uma lógica mais ampla, endêmica ao próprio futebol. À medida que se formam grupos de torcedores a partir da totalidade que os engloba, certas marcas diacríticas vão perdendo sua capacidade de distinção e outras tantas tendem a ser engendradas. “Nós, os gremistas” por oposição aos “outros”, sejam eles pertencentes a outras “nações” ou simplesmente alheios às predileções clubísticas, perde sua eficácia distintiva pois, no âmbito das Organizadas do Grêmio, “todos somos gremistas”. Nem mesmo as diferenças entre “nós, das Organizadas” e os “outros, que não são” é suficiente para demarcar a identidade desses grupos de torcedores. “Nós, da Raça”, ao contrário “deles, da Jovem”, é apenas mais uma segmentação que, a rigor, é seguida por “nós, da Raça que viajamos com o Grêmio” e os “outros, da Raça, que não viajam”. Estas segmentações de natureza estrutural podem ser ilimitadas, mobilizando códigos e pertencimentos até certo ponto aleatórios - de bairro, colégio, gosto musical, e outras tantas afinidades exógenas ao clube do coração e ao futebol.⁸⁶

Para provar que a Raça era, efetivamente, diferente da Jovem, Gil foi intransigente com um dos torcedores que pretendia viajar com a torcida embora não pertencesse a ela. Tão logo os torcedores do primeiro ônibus da Raça foram embarcados, Gil fez-lhes uma breve e contundente preleção sobre como deveriam se comportar: pediu respeito para com aqueles que não pertenciam à Organizada e, portanto, não quisessem participar das brincadeiras; solicitou que se evitassem os *palavrões*, depredações do ônibus e, principalmente, *nada de bebida alcoólica ou baseado*. *A Raça é uma família e devemos mostrar nossa educação, até porque tem jornalistas - eu seria um deles - e outras pessoas viajando com a gente - no outro ônibus, chefiado por Delmar, iriam apenas componentes da Raça.*

Meia hora depois, se tanto, enquanto aguardávamos a substituição do tal ônibus, um murmúrio transformou-se em algazarra: *Báh, tem um bebum no bus do Gil! Ih, o cara vai se ferrá, o Gil vai botá ele prá fora!* Realmente, João Luis bebera, em parceria com alguns integrantes da Raça, meio litro de Natu Nobillis e adormecera, a esta altura com o rosto coberto de creme dental. Gil entrou, despertou João Luis e o fez desembarcar. Devolveu-lhe o dinheiro da passagem e sentenciou: *tu não viaja mais com a Raça! Eu tinha avisado (...)*. De nada adiantaram os apelos desesperados de João Luis - *eu só quero ver o meu Grêmio!* -, suas reiteradas desculpas e o lobby que tentou organizar. Gil não retificou sua decisão e, quando já estávamos saindo da cidade, ainda

⁸⁶ Cf. tb. Toledo (1996a).

vimos João Luis nos ultrapassar em um táxi que, supostamente, o levaria à rodoviária; foi uma espécie de despedida, com acenos de parte a parte. Muitos se solidarizaram com o transgressor mas ninguém ousou contestar a decisão do chefe da delegação. Este, apesar da intransigência no episódio João Luis, mostrar-se-ia um líder carismático entoando os cânticos de guerra da Raça e o hino do Grêmio assim que tudo foi resolvido. Estávamos a caminho de São Paulo.

De hora em hora, até a madrugada, Pretzel entrava na programação da Rádio Gaúcha indicando o lugar onde nos encontrávamos e colocando os torcedores “no ar”. Sossego só ao amanhecer. Um breve repouso depois que os jovens torcedores foram tomados pela exaustão e, por volta das duas horas da tarde, estávamos chegando à metrópole paulistana; para a maioria, desconhecida e misteriosa: *que tamanho não devem ter os shoppings?* Em cada janela esvoaçavam bandeiras ou camisas do Grêmio, em outras, braços acenavam aos transeuntes e os mais atrevidos expunham-se da cintura para cima. *Fora porco imundo/o tricolor é campeão do mundo!* - era o coro predileto.⁸⁷ À medida que nos aproximávamos do Morumbi, a comunicação com os que estavam na rua se intensificava. Muitos, provavelmente corinthianos, santistas ou são-paulinos, retribuía os acenos com gestos de solidariedade, enquanto outros, certamente palmeirenses, dirigiam-nos obscenidades; e havia ainda os indiferentes, com seus olhares desdenhosos.

Mesmo os que conheciam razoavelmente São Paulo não tinham a noção precisa de como se chegava ao local do jogo, de tal forma que acabamos surpreendidos pelo bombardeio de paus e pedras em meio à sirene da polícia e aos gritos de *uh, vai morrê! Uh, vai morrê!*. Tínhamos chegado. Dentro do ônibus, os xingamentos deram lugar ao medo, à insegurança e à indignação; sentimentos que se intensificaram quando, conduzidos até uma rua cercada por muros e residências - uma espécie de curral - onde se encontravam os demais ônibus que integravam o comboio. Quase todos haviam sido hostilizados e um ônibus só não foi tombado graças à ação repressiva da tropa de choque.

⁸⁷ Popularizado pelos torcedores adversários em razão do comportamento agressivo da Mancha Verde, a mais numerosa Organizada do Palmeiras, o porco foi incorporado - “domesticado” - aos símbolos do clube na tentativa de neutralizar as alusões indesejadas. Na verdade, *fora porco imundo/o tricolor é campeão do mundo* trata-se de um xingamento instituído pelos são-paulinos, tricolores e campeões mundiais assim como os gremistas. Ao enunciá-lo os gremistas estavam, simultaneamente, 1) “agredindo” os palmeirenses; 2) regozijando-se de uma conquista que “eles” não têm; e, o mais importante 3) incitando uma rivalidade local.

Antes mesmo de desembarcarmos, um dos comandantes do policiamento anunciou que ninguém poderia entrar no estádio com emblemas que identificassem as Organizadas, qualquer que fosse; máquinas fotográficas, rojões e assim por diante. *Não haverá separação entre as torcidas e, portanto, tratem de não fazer provocações; não nos responsabilizamos pela integridade de vocês!* O pânico foi geral, especialmente entre aqueles que não pertenciam às Organizadas: *onde é que eu fui me metê? Tivessem me avisado teria ficado em casa, o jogo vai dar na TV! A polícia não pode tratá a gente assim (...). Estes paulistas são uns selvagens, só tem marginal e depois dizem que nós é que somos mal educados!*

Os integrantes das Organizadas partilhavam o desabafo embora fizessem questão de dissimular o medo; alguns, inclusive, entre a valentia e o despropósito, ensaiaram um contra-ataque verbal mas foram imediatamente repreendidos pela maioria. Na verdade, os membros da Raça, da Jovem e das outras Torcidas ressentiam-se do golpe duplo pois, além de serem impedidos de se manifestar verbalmente, a proibição das vestimentas características de cada subgrupo como que destituiu-lhes a máscara. Abruptamente, todos haviam se tornado gremistas ou melhor, apenas gremistas.

A caminho do Estádio, escoltados pela polícia, cada qual tratou de se proteger dos objetos arremessados pelos palmeirenses. Não foram muitos, porque a PM reprimiu com veemência o mínimo flagrante e isto era, paradoxalmente, reconfortante. A PM não estava assim tão alheia às hostilidades dos palmeirenses, mas, para quem tem por hábito xingar os policiais, era até certo ponto constrangedor sentir-se protegido por eles. “Pente fino” na entrada e finalmente nos dirigimos às arquibancadas e, por determinação da PM ou não, nos posicionamos rente a uma das quatro divisórias do anel superior do Morumbi. Não havia como reivindicar melhores acomodações e, embora acossados, estávamos protegidos, à esquerda, por uma cerca e, à direita, não mais que três ou quatro PMs observavam, de cacete em punho, a aproximação dos palmeirenses.

Como os xingamentos não se constituem apenas numa modalidade de manifestação mas numa espécie de necessidade a ser expressa a qualquer custo, os gremistas, impossibilitados de hostilizar os palmeirenses, passaram a xingar os colorados. Havia sim um torcedor ostentando, ao longe, uma camisa vermelha e isto foi o pretexto para, metonimicamente, suscitar a idéia de uma “nação” rival que, mesmo à

distância, deveria estar se locupletando com “nossa” angústia. A noção de comunidade imaginária tinha ali uma prova incontestável.

Se os colorados estavam presentes virtualmente, os palmeirenses constituíam-se numa ameaça real e isto ficou claro lá pela metade do primeiro tempo. O Grêmio controlou o ímpeto inicial do Palmeiras e passou a contra-atacar. Num desses lances, a bola chutada por um atacante gremista desviou num zagueiro palmeirense e foi em direção à linha de fundo. O goleiro Veloso tentou evitar o escanteio mas não pode fazê-lo a tempo; o bandeira assinalou o tiro-de-canto e o goleiro protestou, atitude que lhe rendeu uma advertência. Os gremistas se empolgaram e iniciaram o coro tradicional: *Veloooso, viaado!* A resposta foi imediata, primeiro um murmúrio generalizado que logo se transformou em *uh, vai morrê! Uh, vai morrê!* Os palmeirenses se puseram em pé e houve uma tentativa de nos encurralar mas a PM os conteve. Os gremistas se repreenderam uns aos outros e dali por diante jamais voltariam a incitar o time, jogadores ou torcedores adversários.

O jogo terminou 1 a 0 e desta vez foi o Palmeiras quem “venceu mas não levou”. O estádio foi esvaziado, primeiro os palmeirense e só então os gremistas. Na saída muitos torcedores cumprimentaram a atuação da PM com rasgados elogios e até apertos de mão. Foram retribuídos com sorrisos agradecidos embora se pudesse perceber um certo cinismo neste gesto. Fomos novamente xingados na rua: *uh, uh, uh, gremista (gaúcho) é pau no cu! Óla, óla óla, no sul só tem boiola! Uta, uta, uta, em Porto Alegre só tem puta!* Nenhuma reação, a única preocupação era sair, o mais rápido possível, do território inimigo.

Contrariando a chegada festiva e provocativa, a saída de São Paulo foi apreensiva e silenciosa; vitimados pelo estresse físico e psíquico, a maioria adormeceu e somente algumas horas depois, num posto de gasolina é que a tranquilidade foi recobrada. Quem pôde ligou para casa avisando que estava a salvo - embora os familiares sequer imaginassem as adversidades enfrentadas - e saber quais as imagens dos torcedores gremistas haviam sido editadas pela TV, qual rede e quem podia ser identificado.

A noite foi calma e apenas na manhã seguinte é que se iniciaram as narrativas e a reconstituição detalhada dos episódios. As proezas pessoais, sempre muito valorizadas no grupo, praticamente inexisteram e, assim sendo, logo se passou à leitura dos jornais adquiridos no caminho. Atenção centrada no noticiário esportivo, no futebol, nas fotos, manchetes e, principalmente naquelas cujos torcedores fossem o alvo da reportagem.

Primeiro veio a indignação com os jornais de São Paulo, a “Folha” e o “Estadão” - diziam que o time de pior campanha na fase classificatória, o Grêmio, havia passado adiante, uma injustiça (...) -, depois com “A Notícia”, um jornal de Joinville que, devido ao padrão *standard* foi confundido com a Folha de São Paulo. Finalmente pôde-se comprar o Zero Hora - *agora me sinto em casa* dizia Irene, uma senhora de meia idade que acompanhava o filho de 12 anos - e com ele nova frustração: apesar dos elogios à façanha do time, sequer uma linha sobre os contratempos enfrentados pelos torcedores. Apenas uma reportagem sobre o assessor do presidente que fora agredido e tivera a clavícula fraturada; *é, dos almofadinha eles falam! Alguém já viu esse cara na torcida?*

Porto Alegre nos recebeu indiferente na tarde de segunda-feira. Os porto-alegrenses tinham mais o que fazer para se preocupar com as vozes roucas, quase emudecidas, que buscavam não apenas manifestar seus pertencimentos mas um gesto, qualquer que fosse, de reciprocidade à aventura, ao heroísmo daqueles que estiveram com o Grêmio onde esteve o Grêmio.

Nem só de paixão clubística vivem esses torcedores. O gosto pela aventura e a possibilidade de conhecer outros lugares, outras pessoas, por mais hostis ou indiferentes que elas se pareçam, torna esta experiência ainda mais excitante. Rafael, 14 anos, boy, o mais franzino dos que não estavam acompanhados pelos pais é um exemplo deste espírito ousado e despreendido. Ele viaja, *sei lá! Porque é legal! Dá prá conhecê um monte de coisa a fudê. Bagunça com a galera, entendeu? É tri!*

O “estar lá”, “para o que der e vier”, como diz o hino do Grêmio, além de se constituir numa experiência peculiar, torna esses torcedores diferentes dos demais, dos que “ficam aqui” e principalmente dos que, mesmo torcendo por um clube, jamais perdem a noção da realidade e do cotidiano. Além da visibilidade e do prestígio que se adquire, vai-se construindo uma história, uma biografia pública que, embora circunscrita à Organizada - quando muito extensiva ao clube e, em caos excepcionais, ao futebol - nem por isso deixa de ser valorizada. Participar das Organizadas é ir à sede da Torcida, ao Estádio, às excursões; é partilhar determinados códigos - verbais, gestuais, visuais, etc -, marcas que atestam a diferença; pichar muros, namorar, formar novas amizades. Trata-se, antes de mais nada, de uma forma de sociabilidade concreta, no presente, de relações face a face. Por um lado, pouco se difere de outras tantas redes de pertencimento. De outro, recria uma idéia de associacionismo, *gremiu* ou *club*, intrínseca a emergência do futebol mas que foi se transformando ao longo de sua

popularização e de outras tantas transformações na esfera mais ampla da sociedade. Neste particular, as Organizadas e outros grupos de menor visibilidade - desde a reunião de amigos que, a cerveja e churrasco, assistem o jogo pela TV, até o botequim lotado, pelos mesmos motivos - constituem-se numa espécie de contraponto à noção de comunidade imaginada, dispersa no tempo e no espaço.

4.3.3. “Ao vencedor as batatas”: Flamengo *versus* Grêmio - parte I

Grêmio e Flamengo criaram uma forte rivalidade ao longo dos anos oitenta. Ambos acrescentaram, aos respeitáveis cartéis regionais, títulos nacionais, continentais e intercontinentais. Enfrentaram-se inúmeras vezes tendo, inclusive, disputado a final do Campeonato Brasileiro de 1982, vencida pelo Flamengo em pleno Estádio Olímpico.

Este “clássico” sempre despertou interesse por confrontar dois estilos de jogo tidos como diametralmente opostos. De um lado, o Flamengo, caracterizado pelo toque de bola e por jogadores habilidosos, “malandros”, no melhor “estilo carioca”. De outro, o Grêmio, um time guerreiro e de muito vigor físico, representando os gaúchos que, para uns se aproxima do estilo europeu e, para outros, dos uruguaios e argentinos (ver próximo capítulo). Sendo que, para cada diferença existem várias explicações, muitas delas calcadas na formação étnica e na “índole” de gaúchos e cariocas, Grêmio e Flamengo, quando se confrontam, põem em jogo noções que transcendem o tempo e o espaço do futebol.

Foi o que ocorreu na última decisão da Copa do Brasil, em 23 de maio de 1997. No primeiro jogo, no Olímpico, houve empate sem gols e a decisão ficou para o Maracanã, dois dias depois. Desta vez permaneci em Porto Alegre; assisti ao jogo pela TV, na Casa de Estudantes das Faculdades de Agronomia e Veterinária, periferia da cidade e depois percorri as principais ruas onde, costumeiramente, ocorrem as comemorações. O jogo foi tenso e apresentou inversões no placar, favorecendo, ora o Grêmio, ora o Flamengo. A cada gol, a vibração era intensa: primeiro dos gremistas depois, em duas oportunidades dos colorados - naquela ocasião *flamenguistas desde pequeninhos* - e, finalmente, outras duas explosões tricolores: no gol de empate e no apito final. O Grêmio conquistava, num breve espaço de seis meses, seu segundo título nacional - em dezembro de 1996 vencera o Campeonato Brasileiro.

A cidade foi tomada pelas cores azul, preta e branca. Em sinaleiras e congestionamentos, o *buzinaço* e o *foguetório* punha os habitantes das cercanias às janelas de seus apartamentos; nas avenidas menos movimentadas jovens tresloucados dirigiam em alta velocidade. Em quase todos os cruzamentos e bares, uma pequena multidão completava o cenário festivo. Os carros buzonavam e as pessoas retribuía com acenos, ou vice-versa, independente de idade, cor, credo ou filiação político-partidária. Bastava não ser colorado para partilhar a festa.

À frente de casas noturnas freqüentadas por jovens de camadas médias, como é o caso do Opinião e do Dado Bier, a movimentação era intensa. Muitos de seus freqüentadores, que haviam assistido ao jogo num “telão”, permaneceram no local, enquanto outros tantos rumaram para a Avenida Goethe. Se a festa tinha um centro, um lugar preestabelecido para o qual os gremistas deveriam se dirigir caso conquistassem o título, este lugar era a Goethe e adjacências. Lá a comemoração não tinha hora para acabar. Os acessos estavam congestionados e as ruas e canteiros centrais tomadas por gremistas, jovens e adolescentes na grande maioria. Alguns eufóricos, de caras pintadas ou enrolados na bandeira do clube auxiliavam a compor o espetáculo, enquanto outros acompanhavam à distância, como se ali estivessem para presenciar as performances pessoais e coletivas. Em meio aos gritos de *Éh! Tri-cam-peão!* e do refrão do hino do Grêmio, havia uma novidade: adaptando *Ah! Eu tô maluco!* dos *funkeiros* cariocas Claudinho e Bochecha, que logo tomou conta dos estádios brasileiros, os gremistas gritavam: *Ah! Eu sô gaúcho!*

Os gremistas na rua revelavam os vínculos indissociáveis entre o pertencimento clubístico e a vida pública. Deve-se destacar o fato de, nas comemorações, mesmo não havendo qualquer tipo de orientação para tal, as pessoas serem como que impelidas para fora de suas casas subvertendo as noções habituais de espaço e tempo. Até mesmo o estádio deixa de ser, temporariamente, o “pedaço” dos futebolistas, à medida que estes tomam conta dos bares, ruas, praças e assim por diante. A madrugada, geralmente tida como o tempo do repouso e do silêncio transforma-se em algazarra e agitação. Claro que nem todos participam da festa mas isto não implica que esta perca legitimidade. Hoje ela é dos gremistas, amanhã será dos colorados e quem não se enquadrar em nenhuma destas “nações” não terá outra alternativa senão a resignação diante dos eventuais transtornos. Quem vence passa de englobado a englobante e a cidade dos porto-alegrenses é, durante algum tempo, dos gremistas ou colorados. Não satisfeitos com as carreatas e confraternizações imediatamente após às conquistas,

pintam o meio fio, o distico do clube no meio da rua e vestem o Laçador, símbolo da cidade, com as cores dos clubes. Nem todas estas manifestações são bem vistas, embora seus contestadores raramente encontrem motivação para tal. Seria, antes de mais nada, admitir publicamente o ressentimento e isto contraria uma regra, segundo a qual, a experiência exitosa deve ser partilhada - ela se completa na coletividade - enquanto a derrota, a desilusão e o sofrimento são sentimentos para serem vivenciados, preferencialmente, na esfera privada.

O centro das manifestações torna-se também o da cidade, dos acontecimentos e das atenções. Aqueles que desejarem exhibir adereços exóticos, serem filmados ou entrevistados quando o Grêmio conquistar seu próximo campeonato devem se dirigir à Goethe; ela se tornou um ponto de referência das confraternizações tricolores. As razões desta escolha podem ser creditadas à concentração de bares que existe naquele local. Pode mas não deve ser tomada como a única justificativa, pois existem, na cidade, outros locais com características similares. Como os bares da Goethe atraem jovens de camadas médias e altas e, o Grêmio, supõe-se, possui forte inserção entre elas, a escolha estaria pautada pelo denominador econômico; refletiria também, uma faceta elitista dos torcedores gremistas. Não é uma hipótese despropositada; a primeira asserção é verdadeira embora a segunda seja desmentida pelos dados estatísticos. Indagar aos torcedores de pouco adianta e quando o fiz obtive respostas óbvias: *é pra cá que vem a galera (...), é aqui que a galera se junta (...), aqui a festa vai até tarde (...)*. Soma-se a estas justificativas certa aleatoriedade na primeira escolha que, em virtude do sucesso, teria se transformado em "tradição". No entanto, o fato do Grêmio ter jogado meio século no Fortim da Baixada, onde hoje é o Parcão e cuja Goethe é seu limite à leste, constitui-se num dado no mínimo curioso. Os poucos que conhecem o passado do Clube parecem não dar a esta coincidência muita importância e ninguém soube me responder quem foi Luiz Carvalho, ídolo gremista nos anos trinta e cujo busto está no cruzamento da Mostardeiro com a Goethe. De qualquer modo convém registrar que, o atual centro das festividades gremistas foi, até a década de cinquenta, a "casa" do Grêmio.

Os gremistas eram maioria esmagadora também em outros pontos da cidade, como no Cavanha's uma lancheria da Perimetral, no limite do centro com o bairro Cidade Baixa. Só que, ali, a dinâmica era outra. Havia um clima de euforia entre os freqüentadores mas nada que pudesse ser comparado à Goethe. Enquanto garrafas vazias se acumulavam sobre as mesas, discutia-se os principais lances do jogo, a

performance individual e coletiva das equipes, as táticas empregadas pelos treinadores e outros temas ligados ao futebol. A conquista era manifesta verbalmente, através de enunciados que sugeriam pequenas teses. O público de meia idade e o fato do Cavanha'a ser freqüentado por muitos funcionários públicos, bancários e universitários explica, em parte, o gosto pelas abstrações e a discursividade como forma de sociabilidade criadas pelo futebol.

Na manhã seguinte, muitos torcedores foram receber a delegação no aeroporto Salgado Filho. Tão logo o Boeing 737 taxiou, já se observava a bandeira do Grêmio, empunhada por Paulo Nunes, tremulando por uma das janelas da cabina do comandante. O capitão Mauro Galvão foi o primeiro a descer exibindo o troféu conquistado e, enquanto a delegação gremista desembarcava pela frente, os demais passageiros faziam-no pelo fundo. Raul Pont, prefeito de Porto Alegre, entregou ao presidente do clube as chaves da cidade e, em seguida, a comitiva se dirigiu ao carro de bombeiros que os conduziria até o Olímpico. O cortejo rumou para o centro e, como acontecera dois anos antes, quando o Grêmio conquistou a Libertadores da América, o trânsito ficou completamente congestionado. A caminho do Estádio, sem passar pelo palácio Piratini como acontecera em 1995 - agora o governador estava às voltas com uma greve do magistério e outras polêmicas -, os jogadores e dirigentes eram saudados com papel picado e gritos de *Ah! Eu sô gaúcho!* No Olímpico, aproximadamente oito mil pessoas, segundo levantamento do Correio do Povo (24/05/97), saudaram a entrada do carro de bombeiros. Era o reencontro dos jogadores com a torcida, a cidade e o lar: o Estádio Olímpico.

Antes de se recolherem à concentração, lugar de onde haviam partido três dias antes, os jogadores ainda fizeram a "volta olímpica", a última cena do reencontro. Tão logo foi concluída, os torcedores iniciaram a dispersão - exceto a *tietagem* - e as reportagens "ao vivo", que tomaram conta das duas principais emissoras de rádio-jornalismo da capital, a Gaúcha e a Guaíba, deram lugar à programação normal. Era como se a festa estivesse chegado ao seu final e com ela a idéia de temporalidade cíclica. O time iniciaria em breve a participação em outras competições, os torcedores voltariam para o cotidiano e a cidade, enfim, tinha sua ordem restabelecida. Concluía-

se, com a volta olímpica dos jogadores e a exibição do troféu, o ritual festivo que suscitara uma ruptura no tempo.⁸⁸

4.4. Nos bastidores do Grêmio

Enquanto para a maioria dos torcedores o clube se constitui numa entidade virtual, para outros, ele faz parte do cotidiano. Não me refiro aos funcionários, uns identificados com o clube outros não, mas sim àqueles que mesmo não exercendo cargos remunerados prestam serviços à instituição. Nesta categoria se enquadram os dirigentes e conselheiros que desempenham funções político-administrativas; os consules,⁸⁹ representantes do clube no interior do Estado, em diferentes cidades do Brasil e do exterior; os consules escolares,⁹⁰ com atuação mais restrita a seus respectivos colégios; os chefes de Torcidas Organizadas e outros tantos *gremistas atuantes*. Alguns têm seus direitos e deveres previstos no estatuto enquanto outros atuam de acordo com seus próprios critérios. Entre os que têm ou não legitimidade para se manifestar *em nome do clube* há um limite tênue e isto tende a gerar muitas controvérsias.

A diferença entre os *gremistas anônimos* e os *gremistas ilustres* - como sugere o vídeo "Grêmio: coração e raça", dirigido pelo cineasta gaúcho Carlos Gerbase, filho do ex-presidente José Gerbase - cria uma "fronteira simbólica" (Velho, 1981:16) dentro da própria nação-Grêmio. Ocorre que, para passar de indivíduo a pessoa é relativamente simples, à medida que torcer por um clube de futebol está ao alcance de todos, no caso brasileiro, praticamente se nasce com esta *máscara*. Porém, como a nação-Clube de futebol é extremamente heterogênea, estabelecem-se hierarquias por *grupos de status* cujo objetivo principal é a produção de diferenças. Sendo assim, para agregar status à noção de pessoa, que nada mais é do que a passagem de *gremista* à *Dr. (gremista)*

⁸⁸ A festa teve também um saldo trágico com o assassinato de dois torcedores gremistas em circunstâncias confusas: um deles foi baleado na rua, sem que o autor dos disparos tenha sido identificado, e outro foi morto por um vigilante numa festa com futebol e *rock* realizada no SESC (ZH, 25/5/97).

⁸⁹ O cargo de consul foi instituído pelo presidente Albino Ermida em 1944. Atualmente o Grêmio possui em torno de 350 representantes no interior do Estado, 50 em outras cidades brasileiras e outros 50 no exterior.

⁹⁰ Os consules escolares, em menor número, concentram-se em Porto Alegre e nas cidades próximas. Em geral, estão vinculados a escolas particulares, como atesta o Iº Concurso de Redação - "Como é bom ser gremista" - organizado pelo Consulado Escolar: apenas colégios particulares participaram da promoção.

Fulano de tal, existem certas exigências que demandam um esforço considerável, especialmente se esta passagem for galgada no interior do próprio clube.⁹¹

Em geral, os *ilustres* são indivíduos com prestígio reconhecido em outras esferas da sociedade, especialmente na política e na economia e, portanto, são aproximados do clube, não raro por terceiros, em virtude daquilo que podem oferecer à instituição. Eles emprestam dinheiro, legitimidade, poder e dedicação, alguns mais, outros menos, em troca de mais status e visibilidade do que já possuem.

4.4.1. Os consules gremistas

Os consules gremistas constituem casos paradigmáticos para se entender a passagem do anonimato à condição de ilustre, à medida que se encontram a meio caminho. Podem ocupar uma posição de destaque na cidade onde representam o Grêmio, especialmente nas pequenas e médias. Entretanto, estão “em baixa” na cotação da diretoria do clube pois, até bem pouco tempo, tinham livre acesso às cadeiras numeradas mas, recentemente, foram literalmente rebaixados para as sociais, sob protestos, evidentemente.

De acordo com as “normas para funcionamento da ‘representação consular’” os consules e vice-consules “são lídios representantes do Clube entre os adeptos e sócios em suas cidades”. Além de organizar excursões à capital em jogos importantes eles promovem jantares de confraternização - para os quais o clube faz-se representar por algum membro da diretoria e dois ou três jogadores -, organizam carreatas, telões e outras atividades. O Consulado Pradense, de Antônio Prado, por exemplo, arrecadou mais de seis mil peças na campanha do agasalho em 1996 e elegeu, com mais de três mil votos, o jornalista Paulo Sant’ana como o gremista “nota 10”. Todavia, a realização do concurso Garota Tricolor é dentre todas, a atividade que mais tem mobilizado os consules.⁹²

⁹¹ Este rápido enquadre para explicar a diferença entre *gremistas anônimos* e *gremistas ilustres*, a partir de categorias mais amplas, não tem a pretensão de seguir, *pari passu*, o modelo dumontiano (1992) explicitado pela oposição hierarquia/individualismo, nem mesmo sua reelaboração para o contexto das “sociedades complexas”, como aquele forjado por Duarte (1986). Um estudo detalhado no contexto das nações-clubes de futebol a partir da teoria de Dumont exigiria uma etnografia específica, o que foge aos objetivos deste sub-capítulo. De qualquer forma, devo deixar claro que a leitura de Dumont, Duarte, e outros que abordam o mesmo tema, foi extremamente útil na organização dos dados etnográficos que dizem respeito ao “cotidiano do Grêmio”.

⁹² A final da IIª edição do Garota Tricolor reuniu trinta representantes de diversos municípios do interior e da região metropolitana. A disputa realizou-se por etapas com seletivas locais e micro-regionais

Para Seu Paiva, chefe do Departamento Consular, 73 anos, militar da reserva e sócio-proprietário desde 1946, a IIª Edição da Garota Tricolor realizada em 1996 *serviu para mostrar a diferença entre os cônsules atuantes e aqueles que só estão interessados no título*. Seu Paiva admite que o Departamento estava desorganizado até dois anos atrás, *quando fui chamado para pôr ordem na casa*. Segundo ele, *de lá para cá muita coisa mudou mas a estrutura ainda é precária (...). O maior problema até nem está no Departamento em si mas na impossibilidade do Clube fiscalizar a atuação dos cônsules no interior*. Para o Cônsul de Bento Gonçalves,

o clube deveria dedicar mais tempo e atenção aos Cônsules. O potencial do Grêmio no interior é fantástico. O torcedor do interior se entrega de corpo e alma ao clube. É preciso aproveitar melhor este entusiasmo todo.

Parece-me que são poucos os cônsules que se dedicam realmente. Há que haver maior participação de todos. Não basta ser Cônsul, é preciso merecer tal distinção.

No Concurso Garota Tricolor, por exemplo, houve pequena adesão de Cônsules, pelo que o referido concurso não teve o desempenho e o brilho que merecia (...) (Paulo João Nichetti, 48 anos, economista e cônsul há 28 anos).

Valdecir de Moraes Laus, *fui Patrão de CTG em diversas cidades, radialista - comentarista esportivo -, coordenador de campanha política [PMDB], gerente de banco, etc*, segue o mesmo raciocínio. Segundo ele, os cônsules deveriam passar por

uma seletividade maior, com melhor avaliação, escolhendo pessoas que queiram ajudar sem interesses ou vaidades e sejam integrantes da comunidade.

Ser Cônsul do Grêmio, acima de tudo, significa um gremismo intenso, sólido, participativo, voluntário e desejoso de ajudar a diretoria (Empresário, 54 anos; foi indicado pelo Cônsul de Restinga Seca em 1975 e exerceu o cargo em outras cidades como Barros Cassal, Arroio do Tigre, Silveira Martins, Sertão, entre outras).

O gremismo ao qual se refere Valdecir não implica dedicação ao clube sem o devido retorno. De acordo com o princípio da reciprocidade, ser cônsul do Grêmio

(...) é uma honra. Uma grande distinção. A família se orgulha muito e a comunidade respeita a posição do Cônsul, especialmente os gremistas que vêem no Cônsul o legítimo representante do Grêmio e até como símbolo de gremista (João Paulo Nichetti).

até se chegar à final realizada em novembro de 1996. Foi vencida por Janaina Krug, representante de Dois Irmãos.

Guido Spengler, 47 anos, industrial, primeiramente cônsul em Santa Rosa e atualmente em São Leopoldo, observa que, enquanto a família o vê como um gremista distinto, as comunidades reconhecem nele um *líder esportivo* - em seu *curriculum* inclui-se a participação na Campanha do Cimento para a qual os gremistas de Santa Rosa doaram o valor equivalente a mil sacas do produto visando a conclusão do Olímpico, em 1978. Luiz Carlos de Araújo, do Consulado Pradense, representante comercial, 42 anos e no cargo há 4, vai mais longe. Ser cônsul, para ele, *significa a honra de representar o Clube do meu coração, não só na minha cidade mas em qualquer parte do mundo.*

Além dos lucros de distinção alguns cônsules se beneficiam economicamente, de forma indireta, do título que ostentam. Lino Bruschi, bancário aposentado e vice-cônsul em Santa Maria desde 1995, afirma que o Cônsul daquela cidade, proprietário de uma loja de móveis, (...) *é favorecido até na atividade comercial. A pessoa se torna conhecida; por ocasião de jogos importantes a televisão procura para dar entrevistas (...). A loja também se torna um ponto de encontro dos gremistas e acaba vendendo mais.* João Paulo Nichetti também uniu o útil ao agradável e, no ano passado em parceria com o irmão, inaugurou a “Tudo Azul Artigos Esportivos Ltda”, *uma loja voltada para a venda exclusivamente de artigos com a marca Grêmio.* Através dela, continua, *temos prestado muitos serviços ao torcedor daqui de Bento e da região.*

Todos os anos ocorre, próximo ao aniversário do clube, 15 de setembro, a Convenção do Conselho Consular, que, no ano de 1997, contou com a participação de 130 representantes de várias cidades do interior do Rio Grande do Sul, do Brasil e até do Exterior. Na abertura dos trabalhos foi cantado o hino do Grêmio e, na sequência, foi composta a mesa diretiva, com a participação de vários dirigentes, estes sim, pessoas importantes. Dr. Dênis Abraão, vice-presidente de Assuntos Extraordinários, abriu a Convenção e depois de uma breve explanação - tinha compromissos particulares - sobre a fase atual do time, que estava de mal a pior, abriu espaço para perguntas; *só perguntas, vamos tentar ser objetivos.*

D^a Ivone, vice-consulesa de Uruguaiana, foi a primeira a ocupar o microfone e fez uso dele em várias outras oportunidades. Trazia consigo um roteiro de sugestões, relatos e indagações, *uma pesquisa corpo-a-corpo com os torcedores de Uruguaiana* e, sem muito constrangimento, foi logo questionando o trabalho da diretoria, como a

venda de jogadores importantes, a condescendência diante das fracas atuações dos jogadores Zé Alcino e Rivarola, entre outros.

Seguiram-se outros depoimentos, questionando por que não eram destituídos os cônsules *não-atuantes*; pedidos de desculpas pela não participação no concurso Garota Tricolor, do Cônsul de Santa Cruz; relatos de ocorrências, como fez o vice-cônsul de Gravataí, exigindo explicações por que os jogadores não foram na seletiva da Garota Tricolor, enfim, uma série de protestos, relatos e até exibicionismos.

O mais prestigiado de todos os cônsules foi Max Powarczuk, residente em Portland, Oregon, e saudado como o “cônsul do Grêmio nos EUA”. Gaúcho de Erechim, vive nos EUA desde 1965 e afirma que, mesmo não sendo o futebol um esporte muito popular naquele país, com as credenciais de cônsul participa de *várias atividades importantes como convidado*. De mais a mais, *ser cônsul ajuda nos negócios, as pessoas olham pro cara de outro jeito, com mais respeito*.

A convenção, que tinha término previsto para o meio-dia, acabou se estendendo até as duas da tarde e, do Salão Nobre do Conselho, os cônsules seguiram para um almoço de confraternização nas dependências do próprio Olímpico. Embora os cônsules não desfrutem do mesmo status dos dirigentes, estes sim, verdadeiros ilustres, o título que lhes é conferido permite uma distinção clara em relação aos demais torcedores. De qualquer forma, ascender nas hierarquias internas do clube é muito dispendioso, tanto é verdade que apenas uns poucos conseguem chegar ao posto de conselheiros, à “verdadeira família gremista”.

4.4.2. Tia Dalva e Dona Ema

Elas não são consulesas, mas o status que adquiriram no Grêmio e através dele certamente inveja muitos cônsules *atuantes*. Cada qual a seu modo e, diga-se de passagem, ocupando posições distintas, ambas se tornaram conhecidas de quase todos os que freqüentam o dia-a-dia do Olímpico, sendo recompensadas por isso. Enquanto os cônsules aproximam o Grêmio de outras cidades, deslocando-o no espaço, Tia Dalva e D^a Ema contribuem para fixar a idéia de que o clube tem uma sede; elas não apenas vivem o Grêmio como o fazem no próprio clube. Esta noção de “viver” no clube, de fazer dele a segunda casa, contrasta com a noção de “representar”, muito presente entre os cônsules.

D^a Ema, formada em Administração de Empresas e ex-diretora do Departamento Municipal de Limpeza Urbana, frequenta os jogos do Grêmio desde os tempos de solteira, nos primeiros anos do Olímpico. Chegou a participar dos “Chás das Senhoras Gremistas”, um grupo de mulheres cujos maridos exerciam cargos diretivos. *Meu amor ao Grêmio era tanto que este tipo de reunião não me satisfazia, eu tinha vontade de fazer mais por ele (...), algo concreto, entende?* Como voluntária, começou organizando a lavanderia: *tinha muito desperdício por falta de racionalização das máquinas (...) e a relação custo/benefício acabava trazendo prejuízos; aproveitei minha experiência administrativa e os resultados foram excelentes.* Contudo, não era bem este o tipo de contribuição ao qual D^a Ema pretendia se dedicar. Afastou-se durante algum tempo e retornou quando o Grêmio sagrou-se Campeão da Libertadores em 1983.

Os torcedores vinham aqui prá ver o troféu, alguns vinham de longe, só prá isso. Só que no Grêmio ninguém sabia dizer onde ele estava e quando sabia nem sempre os torcedores podiam chegar até lá, na sala do presidente, do conselho, etc. Então tive a idéia de criar uma sala para exposição, juntar outros troféus que estavam atirados por aí, sem conservação, alguns no almoxarifado e os mais bonitos ou importantes nas salas dos vice-presidentes; tinha até briga prá ver quem ficava com eles. Expliquei minha intenção prá alguns diretores e eles concordaram. O Dr. Bittencourt, o Tio Bitenca, como nós chamamos, por exemplo, há muito tempo tinha idéia de formar uma biblioteca, como o Grêmio tinha antigamente no centro da cidade (...).

Comecei praticamente sozinha, tirando pó, lustrando, etiquetando, colocando em ordem e enviando alguns prá conserto. (...) Quando viram que a coisa era prá valer, contrataram uma estagiária que entendia do assunto e mandaram mais funcionários prá ajudar no trabalho braçal (...). Tu não imaginas minha satisfação quando a Sala de Troféus ficou pronta! Eu queria mais, queria botar fotos antigas, quadros, tem verdadeiras relíquias por aí (...). Não deu, faltava espaço e tal. Meu trabalho foi muito elogiado e a sala era muito visitada (...). Daí, em 1989, na época do Paulo Odone na presidência, esta segunda parte foi inaugurada.

Eu quero mais espaço porque não tem mais onde colocar os troféus, tá tudo empilhado (...), cada vez que precisa tirar o pó é uma trabalhadeira danada e na ora de colocar de volta eles acabam ficando fora de ordem. Às vezes vem gente querendo ver um troféu desses mais antigos e nós temos dificuldades de encontrar. Só que o museu não tem verba. Todos dizem que ele é o cartão de visitas do Grêmio - diz isso visivelmente emocionada - só que quando precisa alguma coisa, uma reforma, um ar condicionado e tal, tenho que sair por aí implorando (...). Eu entendo que o futebol é a coisa mais importante do clube mas eles - referindo-se aos dirigentes - poderiam ser mais atenciosos. Se a lojinha Grêmio Mania, aqui do lado, tem ar

condicionado, por que aqui também não pode ter? Tenho pena de quem trabalha aqui no verão (...).

O trabalho de Dona Ema redundou, entre outras distinções, em sua indicação para o Conselho Deliberativo. Ela é uma das três mulheres que fazem parte deste seleto grupo de gremistas. Diz que não se interessa muito pela política interna e faz questão de se ater ao espaço do Museu.

Não gosto nem de subir lá pra cima - setor administrativo -; sempre tem fofoca. É uma ciumenta danada, tem coisas que eu prefiro nem ficar sabendo (...). Gostaria que as coisas fossem diferentes mas acho que é assim em todo o lugar. O Grêmio que eu aprendi a gostar é outro, um sentimento quem vem de dentro, então eu prefiro ficar no meu canto e simplesmente ignorar essas picuinhas.

Diz também que não percebe retaliações pelo fato de ocupar espaços importantes num universo dominado pelos homens. Evoca sua experiência nos tempos da prefeitura, onde ocupou cargos de chefia, e afirma que isto se tornou uma constante em sua trajetória. Admite, no entanto, que no Grêmio sempre desempenhou funções tidas como tipicamente femininas. Foi secretária do Conselho, organizou a lavanderia e, a própria administração do museu, segundo ela, não afronta o predomínio masculino e a mantém distante das finanças, do patrimônio e do futebol, a mais importante e cobiçada de todas as vice-presidências.

Entre uma viagem à Europa e outra aos Estados Unidos, a ordem do museu não chega a ser abalada, embora a ausência de D^a Ema seja muito sentida. Ela e o museu são praticamente indissociáveis e, a partir desta constatação, perguntei-lhe se não teme que no futuro isto possa resultar na interrupção dos trabalhos em razão de um afastamento mais prolongado ou definitivo. Responde-me que esta é uma possibilidade remota, ao menos por enquanto, e seus inúmeros projetos são prova disso.

Que o Museu é sua segunda casa não resta a menor dúvida. Eu mesmo almocei várias vezes em sua companhia na mesa que, no horário de expediente, havia utilizado para manusear documentos, fazer registros e atividades afins. Quando lhe falta tempo e acumula tarefas, leva-as para casa. O fato de um quadro estar fixado naquele e não noutro lugar pode ter sido idéia de Melissa, Fernanda, Michele, Edson, Bira - a equipe do museu - e até do Seu Bordin - jornalista aposentado e historiador do Grêmio -, mas certamente foi D^a Ema quem deu a palavra final. Revistas ou documentos importantes até podem ser emprestados ou consultados, desde que D^a Ema autorize. Isto

evidentemente lhe dá poder, especialmente de uns tempos para cá, quando o museu passou a ser ponto de referência para quem deseja obter informações sobre o passado do clube; jornalistas do centro do País e até do exterior, eu mesmo e muitos curiosos dependemos dos arquivos e da disponibilidade de D^a Ema.

Não creio, contudo, que sua dedicação e sua busca tenha como única finalidade o poder do qual desfruta; nada que possa ser comparado a um vice-de-futebol, por exemplo, embora não deva ser menosprezado pois, com a mesma disposição que “abre portas”, pode fechá-las. Desde meu primeiro contato fiquei impressionado com o resultado de seu trabalho - especialmente se comparado ao museu colorado -, entusiasmo e acima de tudo, por ter-me dito que aquilo era fruto de seu amor pelo Grêmio. Com a convivência, fui percebendo o retorno deste empenho através do prestígio que ela desfruta. Mas isto não é tudo. O fato de se manter em atividade e exercer influências subverte sua condição de aposentada, de alguém que deveria abandonar a vida pública. Nesta perspectiva, se não estivesse militando no Grêmio provavelmente estaria noutra instituição, numa entidade beneficente qualquer. Contudo, ela própria admite, só o Grêmio pode lhe proporcionar a justa recompensa pela sua dedicação; um retorno calcado na subjetividade e na emoção de quem se satisfaz mais com o tanto que pode oferecer sem se preocupar com o pouco que muitas vezes recebe em troca, uma das tantas facetas do pertencimento clubístico.

Já Tia Dalva, embora aposentada, não desfruta das mesmas prerrogativas que a condição econômica permite a Dona Ema. Mora na periferia e, não fosse o passe livre para os idosos, provavelmente não estaria quase todos os dias no Olímpico. Seu traje simples, a fala e o próprio corpo atestam sua origem proletária e estabelecem diferenças incontestáveis em relação a Dona Ema. Enquanto indivíduos são muito diferentes mas, como torcedoras, podem ser aproximadas. Se Dona Ema faz do Museu sua segunda casa, Tia Dalva faz o mesmo do pátio do Estádio Olímpico; a primeira tornou-se conselheira em razão de sua dedicação ao clube, enquanto a segunda, pelas mesmas razões, conquistou uma “cadeira cativa”, o que lhe permite ver o jogo lá de cima e não mais das arquibancadas, como nos tempos em que participava da Super Raça, para *ganhar o ingresso*. Tia Dalva não tem placa alusiva por serviços prestados ao Grêmio mas freqüentemente é procurada pela mídia como uma espécie de torcedora-símbolo.

Conheci Tia Dalva no museu, numa tarde em que ela se preparava para posar, junto a sua coleção de camisas presenteadas e autografadas pelos jogadores, para a revista Nação Tricolor. Cada camisa tinha uma história, havia sido conquistada em

circunstâncias diferentes e doada por atletas e ex-atletas do clube, em sua maioria ídolos entre os torcedores. Tia Dalva exibia-as com orgulho e isto se acentuava à medida que muitas crianças e adolescentes, em visita ao museu, faziam-lhe perguntas e se mostravam admiradas diante da sua condição de torcedora privilegiada.

Presenciei a seção de fotos, no gramado do Olímpico e, tempos depois, soube que a Revista não as tinha publicado. Marcelo, um dos editores da Nação Tricolor, disse-me que as fotos não foram bem feitas e por esta razão não puderam ser editadas. Tia Dalva que havia, inclusive, comprado a revista, estava desapontada. Tinham criado expectativas e agora restava-lhe a frustração. Aproveitei a circunstância para agendar a “entrevista” que já havíamos combinado em outras oportunidades: deveria ser em sua residência para que eu pudesse conhecer o restante da sua coleção de artigos do Grêmio.

No dia e hora marcados, fui até sua casa, mas, alegando problemas de doença na família, disse-se que não estava em condições de conversar. Nos encontramos outras vezes no pátio do Olímpico e, em determinada oportunidade, ela ofereceu-se para atender minha antiga solicitação. Marcamos outra data mas, novamente, ela não apareceu. Entre estes e outros tantos desencontros, ouvi Tia Dalva ser entrevistada no rádio e a vi na TV. Pensei então que seu comportamento arredo derivava da diferença entre o retorno do rádio e da TV e aquele que eu poderia lhe proporcionar. O fato de não atender outras solicitações suas, muito freqüentes, mesmo que indiretas, como por exemplo, *ajudazinha prá comprá rancho e conseguir um emprego pro filho*, contribuíram para que a tal “conversa” jamais se realizasse. Compreendi que o comportamento dela com relação a mim não diferia da relação paternalista e até certo ponto interesseira que estabelecia com outros torcedores e mesmo com jogadores e dirigentes do Grêmio.

Revisei meus procedimentos de campo e as estratégias que vinha utilizando. Por fim, decidi que não mais insistiria na tal “entrevista”, supondo, antes de mais nada, que Tia Dalva não estava disposta a concedê-la; não seria o primeiro e nem o último despiste de pessoas das quais tentara me aproximar. Se havia sido conivente com a justificativa de alguns dirigentes - em geral, falta-lhes “tempo” - por que haveria de insistir com Tia Dalva? Além do mais, outro torcedor que freqüenta os treinos e a conhece de longa data fez-me perceber, nas entrelinhas, que eu estava sendo ingenuamente ludibriado. Entre outras coisas, não via razão alguma para Tia Dalva

despertar interesse, especialmente *porque todo mundo tá de saco cheio dela por aqui* (F., 20 anos, assíduo freqüentador do Olímpico).

Sabia que ela xingara uma criança que entrou no museu com a camisa do Inter; que os vigilantes estavam impacientes com seu vaivém em espaços interditos aos torcedores e de uma discussão que teve com outro torcedor. Entretanto, não poderia imaginar que sua presença se tornara tão inconveniente a ponto de ser espancada.

Tão incompreensível quanto a agressão sofrida por Tia Dalva - vitimada por um sujeito corpulento e fujão - foi constatar que boa parte daqueles que presenciaram o episódio pouco se importaram com o mesmo. Depois de socorrê-la, tentei investigar como e por que tal fato ocorrera. Tia Dalva, aos prantos, afirmava nunca ter visto aquele sujeito - *nem mais gordo nem mais magro!* -, que se dirigira até ele para vender algumas camisas de sua coleção e fora agredida sem qualquer justificativa. As vendedoras ambulantes que presenciaram a cena *não viram direito*, nada sabiam a respeito do agressor e assim por diante. Disseram também que *a velha já estava avisada e que mais dia menos dia isto ia acontecer*. Como o episódio se deu na rua, os seguranças apenas reforçaram a opinião das ambulantes: *não temos nada a ver com isso (...), ela táva procurando sarna prá se coçá*. De torcedora-símbolo a vítima de violência, Tia Dalva deixou cabisbaixa o Olímpico, ressentida não apenas pela agressão sofrida mas pela *traição dessa gente que se diz amiga*, especialmente das vendedoras de rua, das quais esperava solidariedade.

Em dia de jogo, dificilmente a agressão teria se consumado ou, caso contrário, teria gerado represálias por parte de outros torcedores gremistas. Nestas circunstâncias, os supostos xingamentos de Tia Dalva teriam o respaldo da *nação* e, sendo assim, ela estaria a salvo. Mas ela escolheu o dia errado ou não percebeu o limite, muitas vezes tênue, entre o tempo e o espaço do jogo e do cotidiano.

Retomando a distinção entre indivíduo e pessoa, enunciada no início deste capítulo, pode-se afirmar que a agressão à Tia Dalva se caracteriza pela assimetria em relação às circunstâncias usuais que geram conflitos entre torcedores ou entre estes e os simples cidadãos. Foi em razão de comportar-se como torcedora em tempo integral e, não raro, expressando seu pertencimento em lugares impróprios, que Tia Dalva se tornou inconveniente e alvo de hostilidades, tanto do sujeito que a agrediu quanto dos demais que se mostraram indiferentes ao episódio. A cristalização do papel-símbolo de torcedora não serviu apenas para incitar a violência, mas acabou comprometendo sua condição prestigiosa galgada com ousadia e persistência. O episódio se passou quando

minhas visitas ao Olímpico se tornaram mais esporádicas, à medida que meu trabalho de campo estava quase concluído. Retornei outras vezes ao pátio do Estádio, em dias de jogos ou treinos, sem jamais ter cruzado com Tia Dalva; ela simplesmente desapareceu.

Embora a escolha do “clube do coração” ocorra muito cedo, ainda na infância ou, quando muito, na adolescência, e tende a ser preservada indefinidamente, é necessário, contudo, atualizá-la de tempos em tempos. Alguns o fazem permanentemente, participando de Torcidas Organizadas, viajando com elas, visitando suas sedes, freqüentando quase todos os jogos, trabalhando pelo clube ou dele se apropriando para os mais variados fins, inclusive materiais. Outros o fazem esporadicamente; vão apenas aos jogos decisivos, ou simplesmente ouvem e vêem seu clube pelo rádio e pela TV. Entre os ilustres, existem os mais ilustres e, entre os anônimos, os mais anônimos. Há os que se satisfazem com a máscara que lhes é imposta e outros que procuram dar a ela um contorno diferenciado, tornam-se então torcedores-símbolos. Pertencer a um clube implica compor uma rede de sociabilidade ampla - a “nação gremista”, por exemplo -, e simultaneamente, restrita à família, aos amigos, aos vizinhos, enfim, àqueles com os quais se vai ao estádio ou se reúne para assistir ao “clube do coração”. Pode-se até abdicar da presença real de terceiros e ainda assim não se estará só, pois, “a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação” (Hobsbawm, 1994:171).

CAPÍTULO V

AH! EU SÔ GAÚCHO!

O NACIONAL E O REGIONAL NO FUTEBOL BRASILEIRO

À moda antiga: tiremos o chapéu pro Grêmio. Silenciar 100 mil pessoas no Maracanã, francamente, não é pra qualquer um. Muito menos quando se encara a torcida delirante do Flamengo. (...) Ao ver o Grêmio fazer murchar a multidão rubro-negra, revê a cena daquela tarde sinistra de 1950, em que a seleção uruguaia deixou a multidão prostrada. Sem ânimo, sequer, pra ir embora do estádio, levando pra casa sua esperança morta (Armando Nogueira, in: “Silêncio no Maracanã”, OESP, 25/5/97).

Em 1996 os argentinos ganharam tudo: o Campeonato Mundial Sub-20, a Libertadores, o Mundial Interclubes, a Supercopa e até o Campeonato Brasileiro (Cláudio Besserman Vianna, “Bussunda”, humorista do Casseta & Planeta, in: “Cartão Verde/TV Cultura”).

5.1. Futebol e “futebóis”: estilo brasileiro e diversidades regionais

A tese de que o futebol dramatiza os dilemas sociais, especialmente no caso brasileiro, não é nova e, talvez, tenha sido DaMatta (1982) um dos primeiros a lhe dar um contorno antropológico. Segundo este autor, o futebol promoveria a coesão nacional à medida que permitiria a expressão e o reconhecimento de quem somos e do que somos em detrimento dos outros, dos ingleses - e por extensão, dos europeus - dos quais apropriamos este esporte, e até mesmo dos nossos vizinhos sul-americanos, simultaneamente tão próximos e tão distantes. Noutra perspectiva, o futebol permitiria uma espécie de auto-reflexão. Num país tão extenso geograficamente, diversificado social e culturalmente, o futebol expressaria, de um lado, as hierarquias sócio-econômicas e, de outro, as diferenças regionais. De acordo com esta segunda

perspectiva, já não se poderia mais falar em futebol, no singular, mas em “futebóis”, no plural, ou, se se preferir, em estilos de jogo, de futebol e assim por diante.

Num País que se diz existirem 160 milhões de treinadores, cada qual se julgando *expert*, a ponto da crônica especializada ter que imprimir esforços consideráveis para se distanciar dos “leigos” e impor sua legitimidade, definir estilos de futebol é deveras complexo. Ao contrário das discussões entre os torcedores, para os quais esta noção permanece implícita, sem que isto acarrete num debate anacrônico, do ponto de vista acadêmico, urge precisar, antes de mais nada, o significado que se está atribuindo ao termo “estilo” para, num segundo momento, associá-lo ao futebol.

Definir estilo parece uma tarefa relativamente simples, bastando, para tanto, consultar um dicionário, um autor ou um livro sobre o tema. Ao proceder desta forma se verá que, ao contrário do que se pensava, a palavra estilo não tem um único significado e, na maioria das vezes, é usada licenciosamente sem qualquer preocupação com delimitações mais precisas. Ewen (1991) relata sua experiência desconcertante, até certo ponto frustrante, ao se dar conta que o termo estilo, tema de sua investigação, estava em todos - revistas esportivas, de música, moda, arquitetura, etc - e ao mesmo tempo em nenhum lugar - no fichário da biblioteca as escassas referências eram genéricas ou indiretas.

Estilo era definitivamente algo más que una cuestión de modas en la ropa o la expresión literaria. Era parte de um éter, una sensibilidad general que tocaba incontables esferas de la vida cotidiana, pero que no estaba limitada por ninguna de ellas. Era algo intangible pero importante, en todas partes y ninguna, incipiente (:17).

Inicialmente vinculada à arquitetura, à literatura e às artes plásticas e, portanto, objeto de discussão e exclusividade do “gosto dominante”, a noção de estilo se encontra atualmente disseminada em todas as esferas da sociedade.

La idea de que el estilo es una manera a través de la cual valores, estructuras y supuestos humanos en una sociedad determinada son expresados y recibidos estéticamente, parece una reflexión convincente. (...) A pesar de que sus nociones con frecuencia están vinculadas aún con el prestigio, hoy el estilo es una preocupación de casi todos los sectores de la sociedad. Extrae su inspiración de cualquier parte, y el variado surtido de estilos que pasan ante nuestros ojos parece ser cualquier cosa menos una expresión unificada (:18).

Tomado em sua acepção mais ampla, “como un dispositivo por medio del cual las personas buscan fortalecer un frágil equilibrio con el mundo” (:46), um estilo, qualquer que seja, está permeado por discussões, incoerências e vulnerabilidades, como

tantas outras categorias construídas socialmente e, portanto, permeada por interesses variados. E o que é mais importante, o estilo existe para ser gasto pois “parte de su significación es que perderá significación (:72).

Esta idéia de volatilidade e polissemia, apontada por Ewen como endêmica à própria definição do termo, é central para a compreensão das razões pelas quais, em se tratando de estilos de futebol, as discussões parecem não ter fim. Em parte porque tais discussões operam a lógica do dissenso e, acima de tudo, porque cada torcedor tem sua própria visão futebolística. Assim, as discussões sobre determinados estilos - de jogadores, técnicos, times, etc - transformam-se em um estilo de discursividade. É por esta e outras razões que o estilo brasileiro de se jogar futebol e, principalmente, os estilos regionais nunca saem de pauta.

5.1.1. A invenção do estilo brasileiro

Subjacente ao estilo, qualquer que seja, está a noção de ruptura. Ele serve para demarcar e, não raro, opor determinadas visões de mundo, períodos históricos e posições sociais. No caso do futebol brasileiro, esta função é clara e reveladora. Logo que o futebol foi trazido da Europa, como símbolo da modernidade, os esforços se concentraram na apreensão da prática e de todos os códigos e valores a ela associadas. O importante não era apenas jogar, mas jogar de uma determinada forma, como os ingleses; vestir, torcer, falar, tudo como os ingleses; via de regra, a autenticidade era diretamente proporcional à imitação.

Porém, o gosto pela imitação foi cedendo lugar à criatividade e, paulatinamente, foram sendo produzidas diferenças não apenas na forma de jogar mas também no torcer. Os contrastes, apesar de evidentes, eram difíceis de serem definidos e, acompanhando o relato de Mário Filho (1964), pode-se observar como as diferenças foram percebidos tendo o “estilo inglês” como referência. Se era impossível caracterizar o novo a partir dele mesmo, pelo menos havia uma certeza: não era inglês. Os *matches* internacionais e, a partir de 1930, as Copas do Mundo acentuaram ainda mais esta diferença. Em 38, na França, o Brasil sequer chegou às finais, mas Leônidas da Silva, artilheiro daquela Copa, “barbarizou” (Cabral e Ostermann, s/d). Os europeus já sabiam da força do futebol sul-americano - o Uruguai já havia conquistado duas medalhas Olímpicas no futebol e a Copa de 30 - mas nunca tinham visto nada parecido.

O Brasil de Leônidas era algo novo, peculiar, tinha uma maneira de jogar que se destacava de todos os demais; um estilo próprio, brasileiro. Talvez o distanciamento e o inusitado tenham feito com que os europeus percebessem algo que para os brasileiros ainda era um tanto confuso, embora as diferenças já estivessem sendo elaboradas.

5.1.1.1. A contribuição fundante de Gilberto Freyre

Para explicar a rápida e bem sucedida ascensão do futebol no Brasil, Gilberto Freyre contrasta Domingos da Guia e Leônidas da Silva; o primeiro mais clássico, apolíneo e europeu, enquanto o segundo estaria mais afeito ao romântico, dionisíaco e tropical.

A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que de um jogador um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar mas quase sem floreios - os floreios barrocos tão ao gosto brasileiro - (...) Mário Filho pôde dizer que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis para a nossa literatura, isto é, na situação de uma espécie de inglês desgarrado entre tropicais. Em moderna linguagem sociológica, na situação de um *apolíneo* entre *dionisíacos*. O que não quer dizer que deixe de haver alguma coisa concentradamente brasileiro no jogo de Domingos como existe alguma coisa de concentradamente brasileiro na literatura de Machado de Assis. Apenas há num e noutro um domínio sobre si mesmos que só os clássicos - que são, por definição, apolíneos - possuem de modo absoluto ou quase absoluto, em contraste com os românticos mais criadores. Mas vá alguém estudar o fundo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará, decerto, nas raízes de cada um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca. Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é. A dança dançada baianamente por um Leônidas; e por um Domingos, com uma impassibilidade que talvez acuse sugestões ou influências ameríndias sobre sua personalidade ou sua formação. Mas, de qualquer modo, dança (in: "Prefácio da 1ª edição" de O negro no futebol brasileiro, Rodrigues Filho, 1964[1947]).

A atualidade deste fragmento é impressionante e, acrescentando-se, ele foi escrito há cinquenta anos atrás, antes, portanto, do Brasil ter conquistado as quatro Copas do Mundo e outros tantos torneios que o colocaram numa posição singular em relação aos demais países em termos de futebol. O reconhecimento de um estilo brasileiro, peculiar

e associado a certos “tipos regionais”, tornaram esta interpretação original e fundante da sociologia, antropologia e até mesmo de muitos discursos não acadêmicos sobre o futebol no Brasil.

Em primeiro lugar, deve-se destacar que a identidade do futebol brasileiro é representada a partir de uma série de oposições tendo como pano de fundo os europeus; nem poderia ser diferente. Entretanto, ao buscar a autenticidade brasileira, Freyre evoca a molecagem baiana, a capoeiragem pernambucana e a malandragem carioca, desconsiderando, por assim dizer, outros “tipos regionais” que contribuíram para dar ao futebol os contornos de brasilidade. Este recorte é extremamente significativo não apenas porque ignora paulistas, gaúchos, mineiros e outros tantos “tipos regionais”, mas porque há neste esquecimento certa intencionalidade. Poder-se-ia argumentar que, ao destacar apenas a contribuição da molecagem, malandragem e capoeiragem, a análise de Freyre é superficial e politicamente tendenciosa, para não dizer incorreta.⁹³ Em contrapartida, a menção de todos os “tipos regionais” exigiria um estudo mais aprofundado; algo despropositado para um prefácio de livro e, sendo assim, Freire estaria desde logo aquém das contestações. Seja como for, há de se lançar uma indagação acerca de como resultaria o caráter “genuinamente” brasileiro se fossem consideradas as contribuições daqueles “tipos” esquecidos por Freyre. E, a par das discussões atuais, por que é que eles ainda não foram lembrados? Ou então, se foram, por que esta questão permanece em debate, em aberto?

Se os excluídos fossem integrados - esta é antes de mais nada uma especulação - provavelmente Freire seria obrigado a reconhecer o viés apolíneo do futebol brasileiro ou, então, admitir que certos “tipos regionais” são mais originais que outros.⁹⁴ Esta segunda hipótese me parece implícita em sua análise, certamente influenciada pela

⁹³ Se meus informantes, especialmente aqueles que advogam a marginalização dos gaúchos, soubessem da importância de Gilberto Freyre na formação da *intelligentsia* brasileira e de sua contribuição para a compreensão do nosso futebol, certamente não hesitariam: *tá vendo, ele nos deixou de fora!*

⁹⁴ Ao abordar a questão da formação do Estado Nacional e das diversidades regionais, em “Unidade e diversidade, Nação e Região”, Freyre (1971) deixa transparecer alguns pontos de vista que me parecem, estão conformes a noção de brasilidade expressa no prefácio de “O negro no futebol brasileiro”. Em determinado momento, afirma que os Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, “desenvolveram-se em alguma coisa semelhante a partidos políticos, com prejuízos para a unidade e para o desenvolvimento harmônico do Brasil” (:89). Logo abaixo, critica a demasiada autonomia política destas unidades federativas, em virtude da qual, por ocasião de uma viagem a Minas Gerais - o mesmo equivalendo para São Paulo e para o Rio Grande do Sul -, havia ficado com a “impressão de ter estado numa Prússia brasileira” (:89). Para Freyre, portanto, “os brasileiros do Nordeste - das zonas áridas e semi-áridas dessa região ou sub-região - são como os primeiros paulistas, tipicamente caboclos, ou indígenas, e mais teluricamente e tradicionalmente brasileiros pelo espírito e pela conduta do que qualquer outro tipo regional” (:94).

versão de Mário Filho, em “O negro no futebol brasileiro”, e amplamente disseminada no universo futebolístico. Apesar de preponderante, ela é também muito contestada. Trata-se, antes de mais nada, de um ponto de partida para infindáveis discussões que atestam, simultaneamente, a presença de diferenças regionais atualizadas no e pelo futebol e também os pontos de intersecção entre a elaboração acadêmica, midiática e popular.

Em segundo lugar e não por acaso, os residuais ao quais Freyre se refere como determinantes do estilo brasileiro - capazes, inclusive, de contagiar o apolíneo Ademir da Guia - estão ligados à irracionalidade e às influências ameríndias. Freire toma estes traços como constitutivos do caráter brasileiro e, diferentemente do que o fizeram os evolucionistas do princípio do século ou os modernistas da primeira fase do movimento de 1922, eleva-os à condição de uma arte barroca. Os regionalismos - nem todos, é verdade - bem como os negros e os índios são valorizados e trazidos da periferia para o centro. Eles se tornam, por assim dizer, os portadores daquilo que há de mais genuíno e puro no Brasil, são os símbolos do que mais tarde se convencionou como futebol-arte.

Daquelas poucas linhas contendo diversas oposições, muito nítidas apesar de genéricas, produziram-se outras tantas que podem ser melhor apreciadas no quadro a seguir.

futebol brasileiro	futebol europeu
artístico	competitivo
espetáculo	eficiência
dionisíaco	apolíneo
barroco	clássico
intuitivo	racional
natureza	cultura
dom	aprendizado
rua	clube/escola
jogo	esporte
individual	coletivo
agilidade	rigidez
habilidade	força
malandro	caxias
candomblé/umbandismo	catolicismo/protestantismo
futebol-arte	futebol-força

O quadro poderia ser mais extenso e, diga-se de passagem, permanece em aberto. Isto se deve, em grande parte, ao fato do futebol estar vinculado às questões

estéticas, às idéias de valor, à subjetividade e, portanto, por mais que se discuta, sempre se estará sujeito a uma certa intangibilidade que faz com que o tema seja inesgotável. Deve-se notar também, como estas categorias, não raro estereotipadas, circunscrevem-se à dialética das oposições e, o que mais impressiona, é como elas são atuais. Tanto é verdade que, de tempos em tempos, o futebol-arte é questionado, em geral a partir do modelo europeu.⁹⁵

5.1.1.2. Idas e vindas do futebol-arte

O bom e o belo, diziam os gregos, devem andar juntos; eles são, a rigor, dois lados de uma mesma moeda. Já no futebol, o bom e o belo nem sempre estão de acordo com os ideais gregos. O bom é vencer, não resta a menor dúvida e, nos últimos tempos, com o incremento mercadológico, vencer se tornou o principal objetivo dos dirigentes, jogadores e até dos torcedores. O belo, que para os ingleses passava pelo *fair-play* e para os brasileiros, segundo Gilberto Freire e outros tantos, está ligado à arte da malandragem (à negação do *fair-play*), tornou-se uma espécie de ideal secundário. Embora esta seja a tendência predominante, há controvérsias a respeito.

Provavelmente esta questão tenha atingido seu ápice nos meses que antecederam a Copa da Suécia, em 1958. As qualidades técnicas do selecionado eram indiscutíveis mas, paradoxalmente, isto vinha nos prejudicando. Era senso comum afirmar que tínhamos arte demais e objetividade de menos, o oposto dos europeus e principalmente dos soviéticos que pensava-se, haviam sido treinados na Sibéria com todos os métodos modernos que impressionavam o mundo durante a Guerra Fria.⁹⁶

⁹⁵ Explicar as razões deste dualismo é deveras complexo, pois envolve questões alheias ao futebol. Entretanto, do ponto de vista deste esporte, deve-se ter em conta, em primeiro lugar, a própria lógica dual dos embates; em segundo, o fato da tradição européia e sul-americana preponderarem internacionalmente. Talvez algum dia se possa inserir uma nova coluna com o estilo africano, asiático e caribenho, entre outros.

⁹⁶ Num jogo amistoso contra a Fiorentina, antes da Copa, a “molecagem” de Garrincha, símbolo do futebol-arte, quase lhe custou a desconvocação. Aos trinta minutos do segundo tempo, quando o Brasil já vencia por 3 a 0, ele driblou praticamente toda a defesa da Fiorentina, inclusive o goleiro e, “com o gol vazio, Garrincha poderia ter chutado, mas Robotti conseguira voltar para combatê-lo. Garrincha tirou-o da jogada com um drible de corpo e Robotti teve de segurar-se na trave para não cair. Garrincha, então, apenas caminhou com a bola até dentro do gol. Já no fundo das redes, deu-lhe um peteleco para pegá-la com as mãos, enfiou-a debaixo do braço e começou a voltar, frio, devagar e mudo, para o centro do campo. Não houve pirâmide humana sobre Garrincha. (...) Apenas gritos dos outros jogadores contra ele. (...) Os italianos estupefatos pelo gol (...) [enquanto] quase todo o time estava fulo com ele. (...) Tinham medo de que, em plena Copa, quando fosse para valer, brincadeiras como essa fizessem o Brasil perder um jogo (Castro, 1995:143). Sobre os preparativos do Brasil para aquela Copa - “até as superstições eram

Nelson Rodrigues, por exemplo, afirmou, numa crônica publicada dias antes da Copa, que os brasileiros padeciam do “complexo de vira-latas”, especialmente quando se tratava de futebol. Não acreditávamos no nosso potencial, colocando-nos, voluntariamente, em posição de inferioridade em relação ao resto do mundo.⁹⁷ A preparação meticulosa, uma verdadeira operação de guerra montada pela comissão técnica antes e durante aquela Copa, bem como a paranóia dos brasileiros em relação à União Soviética faz crer que o sarcasmo de Nelson Rodrigues tinha procedência (Cabral e Ostermann, s/d:67-75).

Contudo, bastou a conquista para que, da noite para o dia, se passasse a elogiar aqueles mesmos atributos que na véspera despertavam desconfiança e temeridade. O êxito bem poderia ter sido explicado a partir dos bem sucedidos métodos de preparação empregados naquela oportunidade, aliados à incontestável qualidade individual dos atletas brasileiros - Didi, Pelé, Garrincha, Nilton Santos, entre outros. Salvo algumas exceções, o que se fez foi a apologia das individualidades e de Pelé e Garrincha em especial. As qualidades técnicas de Garrincha, por exemplo, são descritas como instintivas, “todos nós dependemos do raciocínio (...) ao passo que Garrincha nunca precisou pensar, (...) tudo nele se resolve pelo instinto, pelo jato puro e irresistível do instinto”.⁹⁸

cumpridas com rigor científico” - e a temeridade diante do cientificismo soviético cf. “O Sputnik fulminado” (Castro:145-88).

⁹⁷ “Em Wembley [1954], por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na (...) vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol (...). É um problema de fê em si mesmo. (...) Insisto: para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão. (“Complexo de vira-latas” foi publicada na Manchete Esportiva em 31.5.58 e posteriormente reeditada (in: Rodrigues, 1993:51-2).

É interessante notar como a metáfora dos vira-latas - segundo o “Aurélio”, “cão de rua, sem raça determinada” - lembra as teses evolucionistas do princípio do século. Ao contrário de Gilberto Freire, que vê na miscigenação um dos aspectos positivos na formação do “caráter brasileiro”, Nelson Rodrigues, no fundo, culpabiliza-a pela nossa suposta frouxidão.

Sobre a derrota de 50 e a estigmatização dos jogadores negros ver, entre outros, Leite Lopes (1992:123-4).

⁹⁸ Cf. “Garrincha não pensa”, in: Rodrigues:62-4.

Creio importante destacar aqui a posição de Décio de Almeida Prado sobre a genialidade de Garrincha. Ele me parece uma voz quase isolada a este respeito, um dos poucos a lembrar da força muscular e da velocidade deste jogador. Sem desconsiderar o futebol-arte de Garrincha, Décio vai além da maioria das representações nas quais, invariavelmente, contrastam-se as pernas tornas com a genialidade intuitiva. “Como jogava Garrincha, por exemplo? (...) Ele ameaçava sair para um lado, para o outro numa sábia e medida dança de negaças. Quando sentia o marcador ligeiramente desequilibrado, apoiado na perna errada, partia com a bola como um raio (...). De pouco valia saber que ele investia quase certamente pela direita. A sua vantagem nesses lances era também de ordem física, a sua arma estava na prontidão da partida, no pique inicial, na capacidade de atingir o máximo da aceleração logo nas primeiras passadas (Prado, 1992:23). Ver tb. Leite Lopes (1992).

Anos depois, por ocasião do tricampeonato no México, a apologia do futebol-arte chegaria ao ponto mais elevado de sua escalada. E não era apenas em razão do ufanismo propagandista da ditadura militar. João Saldanha, o técnico que classificou o Brasil para a Copa afirmou - depois do tricampeonato, é verdade - que os jogadores brasileiros eram tão habilidosos que dispensavam a presença de um comandante.⁹⁹ Bastava escolher os melhores e dar-lhes liberdade de ação para o Brasil se tornar imbatível. Enquanto para os demais selecionados, o técnico exercia uma função primordial, fosse ele um estrategista ou disciplinador, para os brasileiros sua contribuição era escassa e, na maioria das vezes, prejudicial.

Passados quatro anos, todas as convicções foram abaladas diante da desclassificação do Brasil na Alemanha e do surgimento do “carrossel holandês”, “futebol total”, ou “laranja mecânica”, qualificativos atribuídos aos holandeses.

Zagallo se confundiu, pois achava que a Holanda mostrou “algo novo”, para depois afirmar que “não houve evolução no futebol europeu”, acabando, durante a Copa, por recair uma afirmativa evolucionista ao dizer que “a raça européia é superior”. Parreira acompanhou Zagallo em sua perturbação quando afirmou que “os germanos e eslavos são raças superiores”. (...) José Inácio Werneck, um influente defensor da modernização de nosso futebol, dizia que o “Brasil se esclerosou desde 1970” e Luís Fernando Veríssimo reconhecia que o Brasil vivia na pré-história do futebol, “quando a bola era quadrada” (Gil, 1994:105-6).

Até mesmo a propaganda militar foi abalada pela derrocada do futebol-arte. O bem sucedido *slogan* de quatro anos antes, “Prá frente Brasil/Salve a nossa seleção” e outros tantos que faziam crer ser este um país jovem, criativo, moderno e vencedor, foram sugados pelo fracasso futebolístico.

A própria forma de pensar nossa identidade a partir do futebol teve de ser redimensionada. Nesse “drama social”, em que todos os arquétipos, palavras e expressões são investigados e apreendidos à luz de novos sentidos, nossa “brasilidade futebolística” é que foi afetada. Aquele “mulatismo” passou a ser visto como um obstáculo para nossa inserção no primeiro mundo do esporte; aquela “malandragem e “irracionalidade” tão elogiadas tornaram-se empecilho ao progresso. Zagallo definiu esse impasse representacional em nosso imaginário dizendo que dificilmente acompanháramos o futebol solidário e

⁹⁹ Claro que esta opinião deve ser contemporizada à medida que, além de ser um exímio criador de frases pelo simples prazer de criá-las, João Saldanha havia sido destituído do cargo meses antes do embarque para o México, entre outros motivos, pela insubordinação aos militares que, pouco a pouco, se infiltravam no futebol. De qualquer modo, a contribuição de Zagallo como técnico em 70 segue até hoje sendo contestada. Cf. Máximo (1996:85-113).

dinâmico dos europeus, “já que o brasileiro é individualista e não pratica o futebol coletivo” (Gil:106).

Depois de 1974, as discussões se intensificaram à medida que o Brasil não vencias outras copas. Em 1978, na Argentina, o vilão foi o futebol burocrático e militarizado incentivado por Cláudio Coutinho; tinha força em demasia, mas faltava-lhe qualidade. Com Telê Santana, em 1982, fomos “campeões morais”; arte demais e competitividade de menos. Em 1986, fomos abatidos pelo “destino”, pela imponderabilidade dos penais. Já em 1990, na Itália, o vilão foi Lazaroni e sua fracassada tentativa de introduzir o “líbero” e, por extensão, um modelo “europeizado”.

O tetracampeonato amenizou, apenas em parte, a ansiedade dos cronistas e torcedores brasileiros; o Brasil venceu mas não convenceu. Dunga, um jogador gaúcho com passagem rápida por São Paulo e por vários clubes e países europeus - atualmente está no Japão - tornou-se o símbolo do futebol brasileiro nos anos noventa. Cultuado aqui no Sul, mas execrado no centro do País, Dunga condensou as mazelas da desclassificação na Itália, em 1990. O “estilo Dunga”, comedido, arrojado e fiel às orientações táticas dos treinadores, foi visto como um afronto ao futebol-arte. Poucos imaginavam que ele seria o capitão do tetra e muito menos que sua participação possa ser dada como certa no próximo mundial.

Ainda que breve, estas considerações acerca das elaborações éticas e estéticas do futebol brasileiro demonstram, antes de mais nada, que muitas representações forjadas no universo futebolístico estão intrinsecamente relacionadas a outras esferas da sociedade brasileira. O mais importante talvez, seja perceber que os dramas evocados pelo futebol não residem no futebol como um todo, mas num certo modelo ou estilo mais ou menos apreciado pelos brasileiros. Em si mesmo o futebol não é bom nem ruim. A menos que se esteja discutindo com um remador ou um tenista, por exemplo, ele é apenas uma das tantas práticas esportivas disseminadas pelo mundo todo. Mas, quando se agrega uma ou outra adjetivação, o futebol adquire contornos bem determinados. No caso brasileiro, pode-se afirmar que o futebol-arte é uma elaboração histórica, senão invenção, colada à própria construção da identidade nacional.

Nesta perspectiva, o futebol sugere, de um lado, uma certa vulnerabilidade desta identidade e, de outro, contradições endêmicas em cuja base residem as diversidades regionais, étnicas, raciais, etc. Enquanto no primeiro caso as atualizações ocorrem, em geral, de quatro em quatro anos, por ocasião das copas do mundo, no segundo elas são permanentes, desde que se confrontem clubes de regiões distintas em disputas

nacionais. Todavia, num e noutro caso, o futebol-arte serve de parâmetro encompassador das diferenças regionais, evocando juízos acerca das formações étnicas, políticas e históricas das unidades federativas. E, como tentarei explicitar a seguir, a partir das diferenças se reforçam e atualizam certos valores regionalistas, incorporando discursos que transcendem o futebol, mas, que só ele permite expressar de forma simultaneamente amistosa e contundente.

5.1.2. A invenção do estilo gaúcho

(...) Dezenove minutos da etapa complementar aqui em São Januário, no Rio de Janeiro, uma bola solta até onde está colocado Fabinho, Fabinho dominou, soltou atrás prá Edinho, Edinho de pé direito, levantou prá Leandro, Leandro tentou tornear de cabeça, cortou a zaga voltou prá Enciso, dominou, fora da área, tentou bater, bateu a bola prá Arilson, Arilson recolhe lá pela ponta esquerda, contra Caio, vai tentar envolvê-lo, ainda Arilson, passou, prá lá e prá cá, deu atrás, pro Fernando, Fernando divide a bola com o adversário que é Zé Roberto, tentou levar vantagem, sofreu falta, o árbitro marcou, ele próprio cobrou, rapidamente, pro Luiz Gustavo, dominou, fora da área, passou pelo marcador, ajeitou, vai prá bomba, atirou, goal; gooooooooooooooooool! Um gol ma-ra-vi-lho-so de Luiz Gustavo! Para explosão da FICO, da Camisa Doze, do contingente de torcedores colorados presentes aqui em São Januário, no Rio de Janeiro. Ele passou pelo marcador e desferiu uma bomba sen-sa-cional e meteu a bola na gaveta. Um golaço! Eu disse: o Inter depois de sofrer o gol tinha garra, tinha alma, o Inter era o Inter da sua história e da sua tradição e foi buscar o gol de empate e conseguiu. Só falta o da vitória agora. Esse gol acontece a vinte minutos da etapa complementar e como disse o Belmonte antes, ainda tem tempo, claro que tem tempo colorado. Rre-pi-ta comigo torcedor colorado: o nome do gol é Luiz Gustavo, Farid.

- Como diz uma das letras, uma das músicas mais bonitas do Rio Grande: não tá morto quem luta e quem peleia. E o colo (sic)

- Leandro, uma bomba, gooooooooooooooooooooooooool! Do In-ter-na-cional! Portugueses do Rio e de São Paulo, saiam definitivamente da vida colorada! Leandro, que é do Inter, que é do Valência, mas que ainda é do Inter e que ainda usa a camiseta colorada está fazendo um golaço. A Portuguesa nem tinha se acomodado do susto do golaço de Luiz Gustavo, Leandro pega uma bola, gira na frente do gol, mete lá na mesma gaveta. O Clemer, goleiro da Portuguesa, coitadinho, nem vê onde a bola entra. Sen-sa-cional, históóórica virada do Internacional! Eu disse: históóórica, inesquecível, virada colorada em São Januário. Quando apareceu a garra, a força, o sangue colorado, aí começaram os gols, aí começou a pressão, aí vieram os golaços e a vinte e um minutos Leandro está fazendo dois a um. Dois para o Inter, um para a Portuguesa! A confirmar este resultado até o final do jogo

esta será uma vitória inesquecível na vida de todos os colorados. Rrepi-ta comigo torcedor colorado: se, Luiz Gustavo fez o primeiro gol o nome do gol agora é Leandro. Conta tudo aí Farid.

- Eu dizia, como diz uma das músicas mais bonitas do Rio Grande: não tá morto quem luta e quem peleia. E o colorado de fé, o colorado que é o primeiro no ranking nacional do campeonato brasileiro (...).

Assim foi o Inter naquela vitória sobre a Portuguesa, num sábado à noite, feriado de 15 de novembro de 1996. O jogo era importante mas não valia título e, no estádio do Vasco - a Portuguesa tinha perdido o mando de campo e por esta razão o jogo foi no Rio e não em São Paulo - não havia mais que 600 torcedores. Mesmo assim, a narração de Pedro Ernesto foi empolgante. Tanto é verdade que, no dia seguinte, ela foi reproduzida inúmeras vezes ao longo da programação esportiva da Rádio Gaúcha, a pedido dos colorados, e muito elogiada pelos demais narradores, repórteres e comentaristas da referida emissora.

Pelo que se pode depreender na própria transcrição da locução dos gols colorados - lamentando o tanto que se perde neste processo de conversão da oralidade em escrita -, o problema do Inter não era de ordem tática ou técnica, mas de identidade, haja vista que, “quando apareceu a garra, a força, o sangue colorado, aí começaram os gols (...)”. A lembrança de Farid, repórter de campo, evocando uma música gauchesca de domínio popular, não apenas reforça a constatação precedente mas também denota que tipo de identidade o Inter havia resgatado quando os gols foram marcados.

Pouco importa se o problema do Inter era, efetivamente, de identidade. Se se pudesse reunir um número relativamente grande de colorados para analisar os defeitos do time naquela oportunidade, certamente haveria múltiplas explicações; de ordem tática, de orientação técnica, de diretoria, e assim por diante. Talvez mencionassem também a questão da identidade pois, no segundo semestre de 1996, de fato esse era um dos principais temas nas rodas coloradas. Todavia, se perguntados acerca de quais traços fazem do Inter o “Inter da sua história, da sua tradição”, certamente não haveria tanta multiplicidade de opiniões e tampouco discordâncias: garra, raça, determinação, força, pegada, etc.

Não por acaso, três das cinco Torcidas Organizadas do Grêmio fazem, no próprio nome, referência a estes mesmos atributos. A Super Raça, a Garra Tricolor e a Força Azul demonstram que os gremistas, apesar da rivalidade Gre-Nal, partilham determinados traços da identidade colorada e vice-versa. Nos enfrentamentos locais, estes traços tendem a ser sublimados à medida que, por serem partilhados, perdem seu

valor de distinção. Entretanto, nas disputas envolvendo clubes de outros estados, tais atributos são freqüentemente evocados, por ambas as torcidas. Dizem que eles *fazem parte da tradição do futebol gaúcho* e, portanto, são exclusividade dos times daqui. Se “outros” também os reivindicam, nada mais fazem do que reconhecer o valor do “nosso” estilo de jogar, torcer e pensar o futebol, a política, a economia, a autonomia, etc.

Em termos genéricos, o estilo do futebol gaúcho resulta, por um lado, da apropriação, por parte dos futebolistas - sejam eles torcedores, dirigentes, jogadores ou cronistas esportivos -, de um discurso preestabelecido de culto às tradições gaúchas. De outro, seguindo a mesma lógica das reivindicações regionalistas forjadas na esfera econômica, política e cultural, o futebol gaúcho é pensado por oposição ao futebol-arte, declinando desta, outras tantas oposições dentre as quais se destacam o “nós”/ “outros” ou “eles”, gaúcho/brasileiro e regional/nacional.

5.1.2.1. Do regionalismo ao gauchismo

Como as questões regionais ligadas ao futebol passam, necessariamente, pela referência a outros discursos sobre o mesmo objeto, abrirei uma espécie de parêntese enfocando alguns aspectos relativos à construção da identidade gaúcha. Trata-se de uma resenha breve, até certo ponto genérica, evidenciando as relações contraditórias do Rio Grande do Sul com o Brasil, a importância do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) na ideologização destas contradições e das próprias incongruências deste Movimento.

As representações que colocam o Rio Grande do Sul numa posição diferenciada em relação às demais unidades federativas e, até mesmo, em contraposição ao Brasil, são muito freqüentes. Elas podem ser encontradas na música, na literatura, no futebol, nas esporádicas e vulneráveis ondas separatistas e, não raro, até mesmo na historiografia. Em geral, tais representações buscam fundamentação numa série de elementos que permitem estabelecer o contraponto do Rio Grande do Sul em relação ao Brasil, “esquecendo-se” de outros tantos aspectos a partir dos quais a suposta disjunção desapareceria.

Neste rol de desencaixe são evocadas, com maior freqüência, a posição geográfica, a partir da qual se estabeleceriam intercâmbios múltiplos com os países do Prata e, portanto, diferentemente da população dos demais estados brasileiros, os

gaúchos teriam forte influência hispânica; a postura política e sua tradição de enfrentamento ao poder central; a presença maciça dos imigrantes europeus e, como corolário, as noções de “civilidade” e “progresso” trazidas por eles do “velho mundo”; e finalmente, a convivência permanente com os levantes armados. De todos estes e outros tantos traços formadores da identidade gaúcha, é justamente o último o mais freqüentemente evocado. Da Revolução Farroupilha (1835-45) à “Legalidade”, que deu sustentação a João Goulart após a renúncia de Jânio Quadros, em 1961; passando pela Revolução Federalista (1893-95), a Coluna Prestes e a Revolução de Trinta, somam-se outros confrontos internos ou fronteiriços em nome dos quais se afirma ser o gaúcho um “produto das guerras”.¹⁰⁰

Embora tais singularidades, especialmente esta última, tenham sido evidenciadas desde longa data, a partir dos anos cinquenta elas adquiriram maior visibilidade. Com o surgimento do MTG, elas passaram por um processo de ressemantização através do qual o gaúcho adquiriu uma valorização sem precedentes, algo comparável a transformação operada por Gilberto Freyre em relação à mestiçagem.¹⁰¹ Porém, no sentido inverso; para o MTG vale o autêntico, o genuíno, o puro.

Em 1947, os jovens que cavalgaram com a Chama Crioula chegaram a ser ridicularizados pela população porto-alegrense, diferentemente do que ocorreu em setembro último.¹⁰² O ritual foi praticamente o mesmo; mais pomposo, mais emocionante, talvez, e nem poderia ter sido diferente.

No pátio da escola, um enorme Galpão Crioulo atestava a valorização do tradicionalismo. No hall, dezenas de pessoas pilchadas esperavam para acender a Chama Crioula. A cerimônia foi simples. De mãos dadas, todos cantaram o Hino Rio-Grandense. Ao entoar o Hino Nacional, Paixão Côrtes chorou. O peso da tocha e da emoção faziam seu braço fraquejar. Se em 1947 Fernando Vieira salvou a honra do piquete, cinquenta anos depois foi a vez de seu filho. José Fernando se adiantou e ajudou Paixão a sustentar a tocha (“Arde a Chama Crioula”, in: Revista ZH, 14/9/1997).

¹⁰⁰ “O gaúcho é socialmente um produto do pampa, como politicamente é um produto da guerra” (Oliveira Vianna in Oliven, 1992:51).

¹⁰¹ Cf. “Da raça à cultura: a mestiçagem e o nacional”, in: Ortiz (1994:36-44).

¹⁰² “Há 50 anos, no dia 7 de setembro, oito estudantes do Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, se reuniram para formar o movimento tradicionalista gaúcho. O símbolo que promoveu o início do culto às tradições do Rio Grande do Sul foi a Chama Crioula, uma centelha retirada do fogo simbólico da Pátria e que permanece acesa, há meio século, de 7 a 20 de setembro” (ZH, 8/9/97).

Um dos cavalos escorregou no paralelepípedo e se pranchou (caiu de lado). Não fosse a presteza de Fernando Vieira a bandeira do Rio Grande do Sul teria se estatelado ao chão em companhia do cavalo e do cavaleiro que a conduzia.

A emoção de Paixão Côrtes é compreensível, dadas as proporções que o Tradicionalismo adquiriu ao longo deste meio século. A partir do impulso daquele grupo de estudantes secundaristas, com um pé na capital e outro no campo, criaram-se inúmeros Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) espelhados por todo o Estado, pelo Brasil e até no exterior. No princípio, os “intelectuais do MTG”, dentre eles Barbosa Lessa, Paixão Côrtes e Glauco Saraiva, estavam preocupados tão somente em recriar na cidade um espaço de sociabilidade capaz de arrefecer o saudosismo do mundo rural que haviam deixado para traz. Por mais fascinante que fosse o meio urbano, as ofertas da indústria cultural e as filosofias da moda, nada lhes proporcionava a segurança e o afago pampiano. O resgate da historiografia gaúcha, a invenção das tradições e do próprio “gaúcho” vieram depois, a ideologização - sem qualquer cunho pejorativo - também.

Mas gauchismo não é regionalismo e, para alguns, o MTG - fundado em 1961 - e, em especial, os GTGs, cultuam um passado idílico que jamais existiu e, como tal, seguem mascarando a “verdadeira” história do Rio Grande do Sul. Para Tau Golin (1983), talvez o mais algoz de seus críticos, o Tradicionalismo é machista, conservador e reacionário. Em última instância, nada mais é do que a junção entre a elite burguesa e latifundiária que, a partir do impasse conjuntural dos anos quarenta e cinquenta, teriam se colocado frente a frente e, “de braços dados, uniram-se na criação e fomento do mundo mítico e hipotético do Tradicionalismo” (:13).

Mesmo reconhecendo a importância e a influência do MTG no resgate da historiografia e seu sucesso na invenção de tradições, os trabalhos acadêmicos têm apontado inúmeras contradições em relação ao “modelo” de gaúcho veiculado pelo Movimento. Oliven (1996) demonstra como a exaltação da figura do gaúcho da Campanha, enquanto tipo representativo de todo o Rio Grande do Sul, exclui mais do que inclui à medida que ignora a contribuição dos índios, negros e imigrantes europeus na construção da identidade regional.¹⁰³ Apesar destas contradições, os CTGs se disseminaram na região Norte e Nordeste do Rio Grande do Sul, zonas povoadas por imigrantes europeus. Mais impressionante, ainda, é que os descendentes destes imigrantes, ao se deslocarem para outros estados - especialmente Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso -, construíram e seguem construindo GTGs.¹⁰⁴

¹⁰³ Acerca da construção imaginária da “figura do gaúcho” como tipo representativo de todos os “rio-grandenses do sul”, sugiro Maciel (1994a; 1994b).

¹⁰⁴ Cf. em “Anexos” a Tabela I contendo o número e a localização, por estado ou região, dos CTGs. Acrescentei também, o número de Cónsules gremistas distribuídos pelo interior do Rio Grande do

Detestado por uns e cultuado por outros, a legitimidade do MTG é inegável, à medida que conseguiu impor no imaginário dos gaúchos sua própria visão do gauchismo. Como isto se tornou possível? As razões são muitas, mas a principal delas se deve à condição de verossimilhança entre as representações do Rio Grande do Sul como um estado diferenciado dos demais - autônomo, isolado, discriminado, etc -, idéias estas anteriores ao MTG, e os símbolos e ideologias evocados por este último. De acordo com Oliven (1992),

faz parte dessa relação autonomia-isolamento utilizar um discurso que afirma que o Rio Grande do Sul está simultaneamente em situação calamitosa e de grande vitalidade. O que chama a atenção é como são recorrentes os temas que ocupam os gaúchos em períodos tão diversos. Há uma constante evocação e atualização das peculiaridades do estado e da fragilidade de sua relação com o resto do Brasil. O Rio Grande do Sul pode ser visto como um estado onde o regionalismo é constantemente reposto em situações históricas, econômicas e políticas novas. Mas, embora as conjunturas sejam novas e a roupagem dos discursos se modernize, o substrato básico sobre o qual estes discursos repousam é surpreendentemente semelhante. Nesse sentido, poder-se-ia afirmar que o gauchismo é um caso bem sucedido de regionalismo, na medida em que consegue veicular reivindicações políticas que seriam comuns a todo um estado. A continuidade e vigência desse discurso regionalista indicam que as significações produzidas por ele têm uma forte adequação às representações da identidade gaúcha” (:65).

Disseminado em quase todas as instituições gaúchas e perpetuado desde os primórdios do século passado, o regionalismo está presente também no futebol; seria um achado preciosíssimo qualquer indicio contrário a esta constatação. É evidente que existem torcedores, da dupla Gre-Nal ou de clubes do interior, menos suscetíveis ao discurso regionalista, embora este possa ser considerado hegemônico. O mais impressionante, porém, é que o modelo de gaúcho adotado pelos futebolistas é justamente aquele propagado pelo gauchismo, o que revela, mais uma vez, a força do Tradicionalismo. O gaúcho altivo, valente e destemido, o centauro dos pampas cujo mito se tornou ideologia com a atuação do MTG, é também o estereótipo que orienta, ao longe, as manifestações dos torcedores e, principalmente, os discursos midiáticos.¹⁰⁵

Sul, do Brasil e no exterior bem como as emissoras de rádio que retransmitem, em cadeia com a Gaúcha ou a Guaíba, os jogos da dupla Gre-Nal.

¹⁰⁵ Cf. “Violento não, pegador”, no decorrer deste capítulo.

5.1.2.2. O regionalismo no futebol

O regionalismo no futebol é, em grande parte, produto de um discurso englobante produzido em outras esferas da sociedade gaúcha. Contudo, constituiria um grande equívoco tomar a veiculação destas idéias como simples reprodução, alheia às peculiaridades do segmento futebolista que, por vezes é englobado, mas, em outras tantas, opera no sentido inverso. Partindo-se do pressuposto de que a legitimidade do gauchismo foi conquistada, entre outros fatores, pela sua capacidade de pinçar do processo histórico inúmeros episódios a partir dos quais o regionalismo pôde ser apresentado como verossímil - e quando não os encontra, os cria -, convém, agora, estender esta premissa ao universo futebolístico.¹⁰⁶

Tal como ocorre no gauchismo, o isolamento geográfico constitui-se num dos eixos centrais a partir do qual o futebol gaúcho estaria em situação desvantajosa em relação ao Brasil, especialmente ao eixo Rio-São Paulo. Para sustentar esta tese, são evocadas as grandes distâncias, as longas viagens e o desgaste físico aos quais os clubes daqui estariam submetidos quando necessitam jogar no Norte e Nordeste brasileiro. Outros fatores como o clima hostil - frio, chuvoso, etc - e, por extensão, os gramados enlameados do interior do Estado, exigiriam mais ênfase na preparação física dos jogadores em detrimento da técnica e, conseqüentemente, isto teria sido determinante para o estilo diferenciado do futebol gaúcho, mais europeu e portenho do que propriamente brasileiro.

O isolamento geográfico prejudicaria também os atletas que, ao permanecerem por seis meses disputando o regional, tornar-se-iam invisíveis ao técnico da seleção. Pouco importam os recentes avanços das telecomunicações ou mesmo as disputas nacionais durante o ano todo. Sempre que um jogador da dupla Gre-Nal se destaca, alguém e não raro a maioria dirá: *se jogasse por um clube carioca ou paulista já estaria na seleção!* Neste caso, acrescenta-se ao suposto isolamento uma série de razões políticas - ação dos lobistas, parcialidade dos dirigentes da CBF e até mesmo o fato

¹⁰⁶ Um empreendimento desta envergadura exigiria muito mais tempo e espaço do que disponho no momento. Isto porque, ao contrário do “futebol-arte”, o “futebol-força” que caracteriza o “estilo gaúcho” não teve seu Gilberto Freire. Existem, isto sim, muitos “gilbertos freires” dispersos dentro e fora do Rio Grande do Sul mas, à medida que seus discursos são fragmentados - uma crônica aqui, outra acolá - ou ligados à oralidade, fica difícil, senão impossível, identificar um ponto de partida comum ou um referencial partilhado. Neste caso é preciso evocar determinados dispositivos do “método”, como a saturação por repetição, mas que, num universo tão vasto podem deixar margem à contestação.

desta estar sediada no Rio de Janeiro - a partir das quais os clubes, jogadores e dirigentes gaúchos estariam permanentemente em situação desvantajosa.

No entanto, os próprios gaúchos esquecem-se, com frequência, que representaram o Brasil e conquistaram, em 1956, o II Campeonato Pan-americano realizado no México. A base desta representação era colorada, tal qual aquela que, vestindo amarelo, verde e azul foi à Olimpíada de Los Angeles, em 1984, e voltou com medalha de prata. Entre os tetracampeões estavam Taffarel, Gilmar, Branco e Dunga, todos gaúchos, e Márcio Santos, com passagem pelo Internacional; em 70, no México, Everaldo, lateral-esquerdo do Grêmio foi titular de Zagallo; e, Luiz Carvalho, centroavante gremista, só não foi à Copa de 34 porque declinou do convite alegando “inadiáveis compromissos profissionais” (História Ilustrada do Grêmio, nº 3:11).

Os mesmos gaúchos lembram-se, porém, que Falcão foi preterido por Cláudio Coutinho em 1978; que Leão, na época goleiro do Grêmio, não foi convocado por Telê Santana em 82 e, se isto não bastasse, Paulo Isidoro, também gremista, ficou no banco de reservas. Pior ainda foi em 86, quando o mesmo Telê, pouco antes do embarque para o México, desconvocou Renato, do Grêmio, por indisciplina.¹⁰⁷

Mas nada enrubesce tanto os brios gaúchos como as questões envolvendo arbitragem. Um episódio recente, envolvendo o árbitro Sidrack Marinho dos Santos, me parece bastante elucidativo a este respeito. Escalado para apitar Internacional vs. Flamengo, a contragosto dos colorados - segundo informações dos próprios dirigentes, ele teria sido vetado antes mesmo da escala ser confirmada por Ivens Mendes, na época diretor da CONAF - e mais tarde afastado devido às denúncias de corrupção -, foi submetido a uma série de pressões que resultaram, inclusive, em invasão de campo seguida de agressão ao árbitro por parte de um torcedor.

Haroldo de Souza, narrador da Rádio Guaíba, acredita que as pressões acabaram prejudicando a própria atuação dos jogadores, mais preocupados com o pênalti que Sidrack marcaria, com certeza, para beneficiar o Flamengo, do que com o jogo em si. Admite, também, a leviandade de certas acusações dirigidas ao árbitro; desde o fato dele ser sergipano - *não existe futebol naquele estado!* - até sua suposta parcialidade clubística - *debaixo do preto ele usa camiseta rubro-negra!*

¹⁰⁷ Indisciplina ou má vontade com os gaúchos? A polêmica em torno do episódio Renato rendeu, inclusive, dois processos judiciais impetrados por Telê contra Lauro Quadros, comentarista da Rádio Guaíba, e Marco Aurélio, chargista de ZH. Ambos chamaram o técnico de burro, cada qual a seu modo.

Renato Marsiglia, ex-árbitro e atualmente comentarista pela Gaúcha, bem que tentou demonstrar a incoerência e a inconveniência das acusações:

dizer que ele não pode apitar porque é sergipano é bairrismo puro; este tipo de pressão pode prejudicar o Inter; conheço Sidrack e nada me permite duvidar de sua idoneidade; e, se esta celeuma toda é porque ele teria pedido para ser presenteado com uma camiseta do Flamengo, então eu, que fui à Copa, também era corrompido: meus filhos têm uma grande coleção de camisas, inclusive de clubes do exterior, que eu trouxe para eles (Síntese da arguição de Marsiglia proferida no programa Sala de Redação, no dia do jogo, 17/4/97).

Marsiglia foi tripudiado por quase todos os demais integrantes do programa. Acusaram-no de *puxa-saco*, *advogado da CONAF*, *oficialista* e outros designativos do gênero.

Sidrack apitou um pênalti de cada lado e expulsou, quase no final do jogo, o meia Arilson por insinuar, com o gesto habitual, que estava sendo roubado. A jornada esportiva da Guaíba foi mais longa do que a normal à medida que uma unidade móvel acompanhou o árbitro na delegacia onde se dirigiu para registrar a agressão. Foi seguido também por um grupo de torcedores enfurecidos: *Uh, vai morrê! Uh, vai morrê!* Haroldo de Souza comandou a cobertura da perseguição, uma verdadeira operação de “guerra”, do posto da Guaíba no Beira Rio. Passado algum tempo, ele já não tem tanta convicção acerca dos procedimentos adotados naquela oportunidade. Entretanto,

(...) não só o Sidrack é um cobra-mandada, como a maioria dos árbitros brasileiros são cobra-mandadas (...), há exceção de uns três ou quatro. (...) Não sei se naquele dia ele tinha sido cobra-mandada, mas que a maioria das vezes, quando vai decidir um jogo de nacional que envolve principalmente o futebol carioca e o futebol do Rio Grande do Sul, o árbitro é procurado, ah isso é! Contra São Paulo não, Minas Gerais não, agora, quando colocam o futebol carioca em choque é a mesma coisa que uma decisão Rio-São Paulo, é a mesma coisa que uma decisão Rio-Belo Horizonte; sempre, sempre, vai ter algum problema com a arbitragem porque ela vem sob encomenda. [Apesar do futebol carioca estar em decadência], eles têm todo o poder na mão. Você não pode admitir hoje, se nós temos Brasília centralizando todas as decisões (...), por que a CBF é no Rio de Janeiro? (Haroldo é paranaense com passagem pela Rádio Itatiaia de Belo Horizonte, pela qual narrou a Copa de 1974, antes de se transferir para a Gaúcha e, desde 91, está na Guaíba. Filiou-se recentemente ao PTB pelo qual pretende se eleger deputado estadual.)

Ibsen Pinheiro, na época vice-presidente de futebol do Inter e um dos artífices da retórica anti-Sidrack, também reconhece que os resultados da “cruzada” não foram os esperados. Embora afirme desconhecer qualquer prova formal evidenciando a

manipulação das arbitragens, concorda com uma “tese”, de Paulo Sant’ana, segundo a qual, a margem de interpretação que excede as regras do futebol é administrada de acordo com a conveniência; na dúvida, apita-se favoravelmente ao mais influente.

É mais fácil errar contra o Grêmio ou o Internacional do que contra Flamengo ou Corinthians, é menos arriscado para a carreira de um árbitro. Então, veja bem: um árbitro subornável, se é que existe, ele pode servir tanto ao Grêmio quanto ao Flamengo, mas um árbitro influenciável, este vai servir muito mais ao Flamengo. Agora, isso é da natureza das coisas! O Rio de Janeiro tem mais influência que Porto Alegre. É como nós nos queixarmos quando o New York Times faz comentários desfavoráveis ao Brasil. Ora, nós também podemos fazer comentários desfavoráveis aos Estados Unidos só que não produz efeito lá, enquanto o comentário desfavorável do New York Times produz efeito aqui. (...) No futebol brasileiro, Rio e São Paulo são centrais, Porto Alegre e Belo Horizonte são periféricos. É natural que Rio e São Paulo preponderem na imprensa, na renda, na escolha da CBF, do juiz (...). Agora, denunciar isso é uma forma de tentar anular; até mesmo exagerando. E se você vai no interior, o que dizem os dirigentes do interior? Ah não, eles roubam prá dupla Gre-Nal! É mais fácil errar a favor da dupla Gre-Nal do que a favor de um clube do interior? Em termos. No confronto direto sim, mas na medida em que o confronto interessa ao outro grande, aí não pode errar a favor do grande contra o outro grande. Então, aqui, a rivalidade Gre-Nal compensa, de certa forma, possíveis equívocos em relação aos mais fracos (Ibsen Pinheiro, advogado e jornalista, foi deputado federal pelo PMDB por vários mandatos consecutivos até ser acusado de corrupção e, posteriormente, cassado. Integrou “os mandarins”¹⁰⁸ no início dos anos 70 e retornou ao Internacional em 1996. Afastou-se do clube no segundo semestre de 1996 e retornou em 1997).

É interessante notar como Ibsen “naturaliza” as diferenças regionais. Ao proceder desta forma legitima o uso de determinados dispositivos, inclusive os que considera exagerados, para equilibrar as disputas. O futebol gaúcho teria que lutar até mesmo contra a força da “natureza”, como se já não bastasse a força das circunstâncias.

¹⁰⁸ Os mandarins constituíram-se num grupo de aproximadamente uma dezena de jovens que, depois de intensas discussões, aproximaram-se da Comissão de Obras do Beira Rio com um projeto ousado. Sugeriam mudanças no estatuto para que a referida comissão exercesse um mandato tampão de três anos, afastando da direção do clube antigas facções de forma que, neste vácuo, suas idéias pudessem ser implementadas. Segundo Ibsen, os mandarins - foram batizados por Luis Fernando Veríssimo em alusão aos antigos mandarins chineses que “tudo sabiam, tudo faziam mas poder não tinham” - pretendiam inaugurar o Beira Rio com títulos e para tanto era preciso mudar a “mentalidade” que fizera o Inter perder doze dos treze títulos gaúchos disputados entre 1956 e 68. Conseguiram impor algumas idéias mas sucumbiram, quatro anos depois, em razão das disputas internas, da acusação de “gremismo”, de comunismo mas, acima de tudo, pela polêmica em torno de Bráulio, um jogador “técnico” mas barrado por não preencher dois dos três mandamentos dos mandarins: força e velocidade; o terceiro, habilidade, Bráulio tinha “em demasia”.

Surpreendentemente, no Rio Grande do Sul o ímpeto da “natureza” foi como que domesticado graças à contingência ou, porque não, a astúcia dos gaúchos que se definiram pela polarização Gre-Nal e, conseqüentemente, pela transparência inerente à competitividade.¹⁰⁹ Seja como for, excetuando a conquista do Renner em 1954, a dupla Gre-Nal detém a hegemonia regional desde 1940.

Nem os temas atuais como a economia de mercado e a globalização modificam o substrato regionalista. O Palmeiras, a partir da parceria com a Parmalat, primeiro modelo de co-gestão ou clube-empresa a se beneficiar com Lei de Diretrizes e Bases do Desporto, também conhecida como Lei Zico, entrou em rota de colisão com o Grêmio. A rivalidade instituída de 1995 para cá não se limita ao futebol. Enquanto para alguns, o Palmeiras representa o maior avanço do futebol brasileiro nos últimos tempos, outros tantos lamentam a derrocada do amadorismo ainda presente no pertencimento clubístico; agora teríamos não mais torcedores mas consumidores e propagandistas. Para os primeiros a co-gestão, administrada por empresários ao invés de “cartolas”, seria a salvação do nosso futebol, ao passo que os segundos, como Fábio Koff, ex-presidente do Grêmio, se insurgiram diante da provável perda de autonomia política dos associados, conselheiros e dirigentes de clubes.

Estas e outras tantas divergências estão presentes numa crônica de Paulo Sant’ana publicada após Grêmio vs. Palmeiras pelo Campeonato Brasileiro de 1996.

A grandeza da classificação do Grêmio ontem em São Paulo talvez seja imperceptível a muita gente. O Grêmio ganhou do grande Palmeiras da Parmalat, do Palmeiras globalizado, do Palmeiras privatizado, do Palmeiras neoliberalizado. O Grêmio ganhou do maior time do Brasil, com certeza do maior time da América, o Grêmio passou por uma prova de fogo na maior cidade da América do Sul, esta São Paulo de estuante progresso, que assistiu inteira ontem, juntamente com todo o Brasil, a uma verdade irrefutável: o Grêmio é com justiça e propriedade o maior time do Brasil, para orgulho de nós gaúchos, que temos assistido nos últimos anos a esta equipe estupenda do Grêmio encher de civismo todos os filhos da Província de São Pedro (Paulo Sant’ana é comentarista da RBS TV e Rádio Gaúcha, colunista de ZH há mais de 25 anos e, embora atualmente escreva sobre temas diversos, notabilizou-se através do futebol e, principalmente, como torcedor gremista. In: ZH, 2/12/96).

¹⁰⁹ Ao comentar a instalação da Ford no Rio Grande do Sul, anunciada recentemente, Lasier Martins, da Rádio Gaúcha, lembrou da “tradição” competitiva deste estado. Segundo ele, a chegada da Ford era salutar à medida que criaria uma rivalidade com a General Motors, anunciada no início de 1997, e, assim sendo, consolidaria uma tradição de bipolaridade que viria desde chimangos e maragatos, passando pelo PTB e UDN até o Gre-Nal. Para ele, esta bipolaridade seria um dos elementos que explicaria a lisura e a pujança dos gaúchos, na política, no futebol e agora também na economia (Gaúcha Repórter, 1/10/97).

Deve-se observar, em primeiro lugar, que Sant'ana se refere ao "Palmeiras da Parmalat" e não ao Palmeiras-Parmalat o que, nas entre-linhas, faz crer que a propalada co-gestão, segundo seu ponto de vista, não passe da apropriação do clube pela multinacional. E não se trata apenas de uma divergência de princípios. Se já não bastassem o isolamento geográfico, a desfavorável correlação de forças políticas e as contingências próprias do jogo, o Grêmio, "orgulho de nós gaúchos", estaria, agora, enfrentando os interesses econômicos decorrentes da globalização e do neoliberalismo. E o mais importante: venceu-os. Mas, o que ocorre quando se dá o inverso? Dir-se-á que existe uma conspiração, um "esquema Parmalat" orquestrado para beneficiar o Palmeiras, como afirmou Fábio Koff, em junho de 1996 depois daquela "tragédia" descrita no capítulo anterior ("Para o que der e vier": Grêmio *versus* Palmeiras).

Se, por um lado, tais declarações serviram para reconfortar os gremistas, de outro, geraram indignação.

Torço para o futebol. Bem jogado, limpo, sem violência e sem vulgaridade. Não suporto o "ganhar a qualquer preço". Não suporto o "vale até gol de mão". O futebol é um terreno propício a um grande número de declarações infelizes, grosseiras. Pouca gente sabe perder. E pouca gente sabe ganhar. Sim, saber perder é tão importante quanto saber ganhar. Pois bem. Desde que a Parmalat assumiu a co-gestão do Palmeiras, corre à boca pequena que existe o "esquema Parmalat", que dá ao Palmeiras títulos que normalmente ele não conseguiria. (...) Não fosse o "esquema", o velho Palestra não teria ganho nem sequer um título. Não sou escoteiro, não sou ingênuo para achar que não existe corrupção no futebol. É claro que existe, e existirá. Mas só um bobo ainda não se convenceu de que não existe o tal esquema. Vejamos. O Grêmio foi o grande prejudicado em Porto Alegre, certo? Errado. Quem assistiu ao jogo viu que deveriam ter sido expulsos três gremistas - Arce, que bateu à farta, Paulo Nunes, que chutou um palmeirense depois da correta expulsão de Sandro, e como já o definiu muito bem o nosso Matinas, o moleque poltrão Danrlei, que chutou Cafu. Não viu quem não quis. Mas, depois que o tira-teima da Globo mostrou que o terceiro gol do Grêmio foi bom, pronto! Foi o esquema Parmalat! Fico pensando por que só se fala em esquema Parmalat. Por que não se fala em esquema Renner? O Grêmio, no melhor estilo subdesenvolvido, faz o diabo no Olímpico, seu estádio não é interditado (...) (Pasquale Cipro Neto, 41, é professor apresentador do programa "Nossa Língua Portuguesa", da TV Cultura. "Esquema Parmalat é choro de mau perdedor", in: FSP, 21/6/96).

Este contraponto é muito elucidativo à medida que desconstrói os discursos que punham em suspensão a idoneidade da co-gestão. Embora inocente a Parmalat, Pasquale admite que existe corrupção no futebol mas, em última instância, ela estaria

para o *fair-play* tal qual a vulgaridade, a grosseria e a violência; marcas do “melhor estilo subdesenvolvido” adotado pelo Grêmio. É evidente que adjetivos desta natureza provocaram a ira dos gremistas e até dos colorados, à medida que, mais dia menos dia, serão eles que estarão evocando as diferenças regionais e sendo acusados de subdesenvolvidos. Porém, como é possível contestar tais adjetivações se o discurso regionalista reivindica sua própria marginalidade? Este me parece um paradoxo central para o entendimento de como opera o gauchismo no futebol.

Em primeiro lugar, é preciso ter claro que a exaltação do adversário, antes e depois do jogo, constitui-se numa estratégia dos jogadores, técnicos e dirigentes para valorizar a vitória ou justificar a derrota.¹¹⁰ Em outras palavras, valoriza-se a si mesmo enaltecendo o adversário. O gauchismo no futebol opera este princípio de maneira extremamente exitosa. Ele transforma cada conquista numa verdadeira epopéia emprestando ao futebol uma gama variada de elementos com forte apelo emocional. Neste caso, a tarefa dos mediadores - narradores, cronistas, etc - consiste em captar no gauchismo determinados residuais e adaptá-los às conquistas futebolísticas.

Milagre! Milagre! Milagre!

Depois de quase morto no Maracanã de 100 mil flamenguistas, ressuscitou a garra farrapa do Grêmio, ressurgiu a flama maragata e chimanga do Grêmio, a tradição gaúcha da força, garra, combatividade, a alma ancestral da bravura gaúcha foi mostrada e lavada no gramado do maior estádio do mundo. Que vitória, que título, que extraordinária demonstração de obstinação, de fé no destino de vitória, que danação incrível no corpo e no espírito diante da adversidade. Simbolizada numa atuação de leão, numa reação de fera do grande Otacílio em todo o gramado.

Fantástico Grêmio, que detém agora os dois títulos de abrangência nacional, é campeão brasileiro e campeão da Copa do Brasil, não dá mais para nenhum paulista, nenhum carioca, nenhum brasileiro contestar esta grandeza gigantesca de um time provinciano, que agora ganha o Brasil como já ganhou duas vezes a América e o Mundo (Paulo Sant’ana; “Grêmio Supercampeão!” In: ZH, 23/5/97).

Se o futebol, em si mesmo, “não transmite mensagem” - “é uma sequência de jogadas sem sentido em sua totalidade”, como afirma Gumbrecht (in: FSP, 24/9/97), então é preciso dotá-lo de algo que o transcenda. E assim procederam Paulo Sant’Ana

¹¹⁰ Pode-se perceber claramente esta “troca de gentilezas” na crônica de Paulo Sant’Ana, cujo fragmento foi reproduzido anteriormente. Já os torcedores me parecem um tanto alheios a este tipo de raciocínio. Claro que quando a vitória ocorre sobre um adversário qualificado o ufanismo é maior. Já na derrota, poucas ou raras vezes se percebe os méritos alheios e, é deste descompasso que surgem as vaias; manifestação pública de repúdio ao próprio time, uma prerrogativa da qual os dirigentes não dispõem pois sua ação, objetiva a preservação dos “interesses do clube” que são também os seus.

na crônica acima e Pedro Ernesto na narração dos gols colorados, reproduzida no início deste sub-capítulo.

Ganhar e perder podem ser consideradas contingências do jogo e, como tal, prestam-se apenas para tornar claro quem e o que se perde ou ganha. Trata-se de um gesto de reciprocidade do Grêmio, do Internacional e mais recentemente do Juventude, para com o gauchismo que lhes empresta sentido. Quando os clubes gaúchos vencem, o gauchismo também vence e, quer queiram quer não, ele se atualiza e se envaidece.

Então eu acho que quando um clube do Rio Grande do Sul ganha um campeonato nacional, não é porque ele é melhor que os outros, é porque ele é muito melhor que os outros. Agora, quando um clube do Rio-São Paulo ganha um campeonato brasileiro é porque ele é, eventualmente, pouca coisa melhor que a média. Ou, por outra, é possível um time medíocre como o Botafogo ganhar o campeonato brasileiro de 95. Para o Rio Grande do Sul é muito difícil isso acontecer com um time que não esteja num nível de excelência (Ibsen Pinheiro, colorado).

Se o Tradicionalismo empresta subsídios aos discursos enunciados no futebol, este último mostra-se generoso pela forma com que opera tal discursividade. Através do enfrentamento e, portanto, da disjunção, o futebol permite uma comparação entre “nós”, os gaúchos, e os “outros”, sejam eles cariocas, paulistas ou brasileiros em geral. Enquanto os CTGs, por exemplo, promovem uma espécie de culto à própria identidade, os times gaúchos possibilitam mostrar aos “outros” não apenas quem ou o que “somos” mas quão poderosos “nós somos”. E é nesta complementaridade que reside a força do regionalismo e, mais especificamente, da parceria gauchismo-futebol.

5.2. Encaixes e desencaixes do estilo gaúcho no futebol-arte

Afirmar na primeira parte deste capítulo que o Brasil não é propriamente o “país do futebol” mas “dos futebóis”, no plural, e isto não se deve exclusivamente ao fato de ser jogado em vários lugares e por pessoas e grupos igualmente distintos. Subjacente aos “futebóis”, existe uma noção estética que, manifesta no estilo, institui determinadas diferenças reconhecidas tanto pelos *experts* quanto pelo público torcedor.

Disse também que, mesmo contestado em determinadas circunstâncias, o futebol-arte tem servido como parâmetro comparativo aos demais estilos praticados e discutidos no Brasil. Enquanto sinônimo de brasilidade, ele permite expressar

inúmeros aspectos relativos ao caráter nacional ou, se se preferir, como DaMata (1982), o futebol-arte dramatiza a realidade brasileira.

Uma dessas realidades, a qual deverei me ater, envolve as questões regionais e, para compreendê-las, é preciso retomar “A contribuição fundante de Gilberto Freire” (5.1.1.1. deste capítulo). Além das considerações já suscitadas deve-se, como ponto de partida, reconhecer na referida “contribuição” um discurso de segunda ordem. Em outras palavras, Freire converte certos “traços das identidades regionais” em símbolos de brasilidade. Ao evidenciar a presença da malandragem, da molecagem e da capoeiragem no estilo brasileiro, ele opera um recorte na multiplicidade dos “futebóis”, deixando uma fratura que, como explicitarei a seguir, permanece exposta até os nossos dias.

Trata-se, na verdade, de uma tensão endêmica à construção da identidade e da memória nacional. Como demonstra Ortiz (1994:127-42), a integração dos valores populares e nacionais concretos em uma totalidade mais ampla, que os engloba e os transcende, se caracteriza como um processo inacabado, constantemente problematizado e atualizado. Nesta perspectiva, não é de se estranhar o fato do “futebol-arte” ser contestado de tempos em tempos; ele é uma construção de segunda ordem e, portanto, permeado de paradoxos. A realidade é o time do Grêmio, do Corinthians, do Bahia ou outro qualquer, enquanto o “futebol-arte” é uma “ficção” com pretensões à totalidade. Nesta perspectiva, padece de um “essencialismo” endêmico que, se por um lado, permite expressar de forma clara as diferenças em relação ao estilo europeu - igualmente reificado -, de outro, cria um mal-estar para os “futebóis” que não se percebem ou não são percebidos como portadores da malandragem, da capoeiragem e assim por diante.

5.2.1. O Grêmio e o mal-estar no futebol-arte

Se se pretendesse uma definição abrangente acerca do impacto das recentes conquistas do Grêmio no cenário nacional e continental, poder-se-ia afirmar que estas se caracterizaram como um mal-estar no futebol-arte.¹¹¹ Este mal-estar foi decorrente da eficácia de um estilo de jogo considerado diferente e, em determinados momentos, oposto ao brasileiro. Para os adeptos do “futebol-arte”, o dilema consistia em como e

¹¹¹ Sobre as recentes conquistas do Grêmio cf. Tabela II, em “Anexos”.

onde enquadrar o estilo adotado pelo Grêmio, já que este clube, sendo gaúcho, era brasileiro mas, paradoxalmente, afrontava uma concepção de futebol que é, em si mesma, sinônimo de brasilidade. Já os defensores do estilo gremista tinham a difícil tarefa de fazer crer aos primeiros que o Grêmio, apesar das diferenças, ainda era um time brasileiro. Mas, como reivindicar esta inclusão se eles próprios sugeriam a incompatibilidade das diferenças? Eis a razão das disputas e a seguir se verá como este jogo se processou nas arquibancadas e na mídia.¹¹²

5.2.1.1. O antiestilo

Em 1995, eu ainda não havia decidido qual seria o tema desta dissertação, embora já me inclinasse para o futebol. Mesmo assim, um fato ocorrido em um jogo entre Grêmio e São Paulo, pelas quartas-de-final da Copa do Brasil, me chamou atenção. Lá pela metade do segundo tempo, quando o Grêmio marcou o segundo gol, os torcedores da arquibancada se puseram em pé para, ao invés de reverenciar os jogadores gremistas, xingar os são-paulinos. Um pequeno grupo iniciou o coro: *Uh, uh, uh, paulista pau no cu!* Antes que este se tornasse uníssono, um torcedor tentou corrigir o que, inclusive para mim, se caracterizava num equívoco. *É são-paulino pau no cu e não paulista*, disse o anônimo torcedor, sem contudo ser atendido. Os demais não lhe deram ouvidos e, assim sendo, os paulistas e não apenas os jogadores, a comissão técnica e torcedores do São Paulo Futebol Clube, é que foram xingados naquela e em outras tantas oportunidades em que eu, mais atento, pude registrar daí em diante.

O xingamento não se constituía propriamente num equívoco consideradas as críticas que o Grêmio vinha sofrendo no centro do país, especialmente na mídia paulista. Era em razão destas opiniões adversas que os torcedores se insurgiam e não apenas contra o time do São Paulo. Mas havia também uma coincidência: Telê Santana, talvez o mais prestigiado dos técnicos brasileiros e um dos primeiros a

¹¹² Quando me refiro às arquibancadas, tenho em mente a torcida gremista, especialmente suas manifestações coletivas, sejam elas advindas das ruas, das excursões ou mesmo do Estádio Olímpico. Já em relação à "mídia" gostaria de fazer algumas considerações. Em primeiro lugar, devo deixar claro que parto do princípio de que os discursos no futebol se caracterizam por uma espécie de circularidade, de tal forma que dirigentes, cronistas e torcedores se comunicam entre si e, portanto, a atuação de uns e outros não pode ser dissociada. Em segundo lugar, devo advertir o leitor que tentarei evitar, ao máximo, o uso de termos genéricos como "imprensa gaúcha", "paulista", "opiniões do centro do país" e assim por diante. Quando isto não for possível, entenda-se, por "imprensa gaúcha": os jornais Zero Hora e Correio do Povo as rádios e Tvs Gaúcha, Guaíba e Bandeirantes. E, em relação à "imprensa paulista": "Folha de São Paulo" e, num segundo plano, "O Estado de São Paulo" e "Gazeta Esportiva"; programas "Apito Final", da Rede Bandeirantes e "Cartão Verde", TV Cultura.

contestar o estilo gremista, era o técnico do São Paulo naquela oportunidade e, como tal, tornara-se uma espécie alvo ao alcance dos xingamentos.

O Grêmio já tinha eliminado o Palmeiras num jogo tumultuado no Parque Antártica, em São Paulo; desclassificado o próprio São Paulo de Telê e o Flamengo, de Wanderley Luxemburgo, em dois jogos marcados por expulsões e incidentes extra-campo. Quando chegou às finais, diante do Corinthians, o Grêmio já tinha contra si uma opinião nada favorável.

A final da Copa do Brasil reveste-se de importância porque vale uma vaga para a Taça Libertadores, que nós, no São Paulo, já vencemos duas vezes. É a porta de abertura para um eventual título mundial. A decisão entre Corinthians e Grêmio, que tem gerado muitas discussões entre os aficionados pelo futebol, está virando uma “guerra”. Como eu defendo o futebol limpo, bem jogado, não posso concordar com um clima assim. (...) O Grêmio é um bom time, mas, em diversas ocasiões, torna-se violento. Tanto é verdade que, em quase toda a partida, algum jogador gremista é expulso (in: FSP, 18/6/95).

Se a acusação de violento dirigida a um atleta gera polêmica, muito mais controversa é a mesma acusação referindo-se a uma equipe. Foi justamente isto que fez de Telê Santana inimigo declarado dos gremistas, desde o vestiário até as arquibancadas. Nem um pouco preocupado com as objeções, culpabilizou o técnico Luiz Felipe, seu colega de profissão, pelo comportamento do time. Depois da decisão, vencida pelo Corinthians, Telê se manifestou da seguinte forma:

Continuo batendo na mesma tecla: futebol não se ganha fora de campo. Eu já havia dito que os gremistas iriam colocar seguranças no gramado, que haveria ameaças (...). Não seria bom para o futebol que eles ganhassem assim (...). Eles têm uma boa equipe, mas ela poderia ser melhor aproveitada. Jogando futebol, o Grêmio poderia ter tido melhor sorte. Quanto à arbitragem, acho que o juiz poderia ter sido mais rigoroso com o Grêmio. Houve pelo menos dois lances em que o time de Luiz Felipe bateu muito duro. Foram lances que poderiam e deveriam ter resultado em expulsões.

O time gaúcho é um reflexo do Luiz Felipe, seu treinador. Na época em que ele era jogador, sempre foi considerado um atleta violento. Tinha pouca técnica e fazia muitas jogadas agressivas. O Grêmio, em certas ocasiões, mostra-se uma equipe desleal (...) (in: FSP, 25/6/95).

Para legitimar sua posição, a esta altura muito contestada, pelos gremistas e pela mídia porto-alegrense, Telê evocou sua experiência e englobou, no rol dos violentos, o futebol gaúcho como um todo.

Futebol não é violência. Futebol é espetáculo. (...) Em 1977, quando fui trabalhar no Grêmio, encontrei o futebol gaúcho numa situação triste. Quando se enfrentavam, os jogadores de Grêmio e Internacional não se preocupavam em jogar, mas apenas em dar pontapés e em reclamar do árbitro. Consegui convencer meus jogadores a mudarem de atitude, mas os do Internacional continuaram com a mesma mentalidade. Por isso, naquele ano fomos campeões estaduais, interrompendo uma série de oito títulos do nosso rival (FSP, 30/7/95).

É interessante notar como a acusação de violência suscitada por Telê Santana segue uma espécie de “efeito dominó”. Ele inicialmente contesta os jogadores, mais tarde o técnico e os dirigentes e, por extensão o clube, até chegar ao futebol gaúcho. Ao evocar sua experiência em 1977, ele está, simultaneamente, sugerindo que os gaúchos sempre estiveram às voltas com o antijogo e colocando-se na posição de um moralizador exógeno, como se os gaúchos, por conta própria, fossem incapazes de perceber seus equívocos.

Na verdade, Telê não era o único a tripudiar o estilo gremista. Marcos Augusto Gonçalves, editor da “Folha”, tomou um depoimento de Luís Felipe veiculado no programa “Cartão Verde” - exibido pela TV Cultura em 27/8/95 - para exemplificar a competitividade exacerbada no universo futebolístico.

Queiram ou não seus fãs, entre os quais me incluo, o fato é que o futebol - o jogo em si e a rede de discursos e práticas que o envolve - vem se mostrando não uma metáfora, mas um verdadeiro prolongamento da guerra. A ideologia que cercou a atuação do Brasil (mas não só) na Copa de 94 é sintomática: não interessa o “romantismo” da técnica e da fantasia. Interessa o “hiper-realismo” da vitória, o esquema militarmente cumprido, o resultado final para o velhaco gozo nacionalista. Que ganhe meu país e meu time, não o futebol. No domingo, por exemplo, ouviu-se na TV o senhor que treina o Grêmio (time que se não vence por pontos vence por nocaute) dizer que o violento jogador Bernardo foi o artífice das recentes conquistas do Corinthians, não o requintado Marcelinho. É essa a cabeça vitoriosa do futebol atual. E é esse universo violentamente competitivo, sectário, machista e chauvinista que empresta máscaras para cobrir os rostos revoltados e sem identidade social dessa legião (...) que cresce nas franjas do admirável e cruel mundo novo em que vivemos (in: FSP, 31/8/95).

A condenação do “futebol atual” não chega a constituir novidade, tampouco a contundência da argumentação. Deve-se ressaltar, porém, o uso do depoimento de Luiz Felipe para exemplificar as práticas e discursos “hiper-realistas” que, segundo Marcos Augusto, seriam responsáveis pela onda de violência entre as Torcidas Organizadas em

São Paulo.¹¹³ Mesmo que sua apropriação seja legítima, é importante destacar o fato da crônica ter sido publicada exatamente no dia subsequente à conquista da Libertadores da América pelo Grêmio. Em outras palavras, a chamada da Rede Globo, “o Grêmio é o Brasil na Libertadores”, parece não ter tido boa receptividade, pelo menos para aqueles que, como Marcos Augusto, prefeririam ver outra “cabeça vitoriosa”. E, diga-se de passagem, eram muitos; se considerarmos a opinião de Paulo Renato Souza, Ministro da Educação.

Ao acompanhar jogos do Grêmio por rádios e TVs de São Paulo e do Rio, tenho a impressão de que estão se referindo a um time estrangeiro. Contra o Flamengo, o locutor de uma emissora de alcance nacional deixou escapar um “nossa sorte é que fulano (do time do Rio, claro) está bem na cobertura”. Nossa sorte, ora vejam! Agora, a mídia do centro do país elegeu a violência como o pior defeito do futebol do Sul. Ocorre que qualquer estatística sobre número de faltas ou jogadas perigosas prova o contrário: a dureza no jogo e o abuso da violência atingem equipes de todas as regiões do país. Falta objetividade à cobertura do futebol, que coloca o regional acima do sentimento nacional. Talvez isso aconteça até mesmo no Sul (Paulo Renato Souza, 49, é filho de Renato Souza, ex-presidente administrativo e do conselho deliberativo do Grêmio. In: FSP, 21/6/95).

Paulo Renato evoca pelo menos dois aspectos importantes presentes nos debates da época. O primeiro é a acusação de violência dirigida ao Grêmio e ao futebol do Rio Grande do Sul, amplamente disseminada no centro do País. Segundo Paulo Renato, este “mito”, decorrente de “falta de objetividade” na imprensa, estaria criando uma espécie de estereótipo pouco condizente com os gaúchos. O segundo, corolário do primeiro e, na minha perspectiva, o ponto central das discussões, evoca o desencaixe do Grêmio do futebol nacional - “tenho a impressão de que estão se referindo a um time estrangeiro”.

Mais tarde, esta questão se resolveria de forma satisfatória, mas antes que isto ocorresse pôde-se registrar muitas polêmicas. Ainda em 95, o Grêmio viajaria a Tóquio para enfrentar o Ajax, de Amsterdã, valendo o título Mundial Interclubes. O representante da América do Sul e, para alguns, do Brasil, perderia nos pênaltis. Tristeza dos gremistas, alegria dos colorados - justificadamente - e de outros tantos críticos que viam no Grêmio pouco ou nada além da violência.

Na Copa do Brasil, o time do Grêmio deu porrada em Sávio e Juninho e tirou o Flamengo e o São Paulo da competição. O Grêmio só não foi campeão porque encontrou o Corinthians, líder em cartões vermelhos

¹¹³ Sobre a questão da violência entre as Torcidas Organizadas em São Paulo cf. Toledo (1996a).

do Paulistão 95. Na Libertadores, todos viram a pancadaria contra o violento Palmeiras, time que o Grêmio também tirou da Copa do Brasil, depois de três expulsões. Em Tóquio não podia ser diferente. O Grêmio deu porrada, teve jogador expulso, muitos cartões amarelos e tomou um verdadeiro passeio em campo. Mas desta vez a sorte esteve com quem buscou jogar bola, mesmo que uma bolinha meio sem cintura como a dos holandeses do Ajax. Como escreveu o correspondente Brian Homewood (Esporte, 24/11), “o futebol violento do Grêmio não faria tanto sucesso na Europa...” (Fernando de Sampaio Barros, São Paulo, SP. “Painel do Leitor”, in: FSP, 3/12/95).

Então, todos no centro do país contestavam o Grêmio? Alguns cronistas, como Matinas Suzuki, por exemplo, percebiam certos méritos no estilo gremista. Depois da decisão em Tóquio, Matinas renunciou - equivocadamente -, o desmantelamento do time e fez questão de registrar que “se ficar o mito de um time violento, será injusto. Ele deveria ser lembrado por ter sido um time de disciplina tática, que se posicionava e marcava modernamente” (in: FSP, 30/11/95).

Moderno? Era tudo o que os gremistas reivindicavam. Porém, em seu balanço futebolístico de 1995, o já citado Marcos Augusto Gonçalves, fez o seguinte comentário:

Muitos acrescentariam ao rol dos avanços a competitividade demonstrada pelo Grêmio. Aqui, prefiro ser cego com Ray Charles ou Stevie Wonder e lúcido como Tostão (...). Esse negócio de time de “pegada” pode funcionar, mas não será da mentalidade do “full-contact” que o futebol brasileiro extrairá suas vantagens comparativas. Certo, Danrlei? (FSP, 4/1/96)

O ano de 1996 parecia iniciar nada favorável à imagem do clube gaúcho; pelo tom da crítica era custoso acreditar que 95 tivesse acabado.¹¹⁴ De fato, o Grêmio teria várias competições a disputar, com enfrentamentos diretos contra equipes como o Botafogo e Corinthians, pelas oitavas e quartas-de-final da Libertadores, respectivamente, e o Palmeiras pelas semifinais da Copa do Brasil. Outra vez o Palmeiras e novamente jogos tumultuados, uma verdadeira “guerra” iniciada no Parque Antártica e continuada no Olímpico.¹¹⁵

¹¹⁴ A respeito das acusações de violência dirigidas ao Grêmio e veiculadas pela “Folha” entre 94 e 97 cf. Tabela III, em “Anexos”.

¹¹⁵ Desclassificado de ambos os torneios - na Libertadores, depois de ter passado pelos clubes brasileiros, sucumbiu diante do América de Cali - o Grêmio teve de se voltar ao Gauchão e contentar-se em *azedar o “leite B”*. Sendo a Parmalat uma multinacional voltada à industrialização de laticínios, o Grêmio tornou-se, para a jocosidade dos torcedores, uma espécie de bactéria ou fungo capaz de azedar tanto o leite “tipo A”, associado ao Palmeiras, quanto o “B”, relativo ao Juventude - que também é patrocinado pela Parmalat. Como o Palmeiras só conseguiu superar o Grêmio em uma oportunidade, a Parmalat julgou necessário contratar Luis Felipe, técnico do Grêmio nas temporadas de 95 e 96, que está

A acusação de violência, que havia deslocado o Grêmio não apenas do futebol-arte mas do futebol e do esporte como um todo voltaria à tona. O estilo gremista, para muitos um antiestilo - já que falar em estilo violento é deveras complicado - se caracterizava, na visão de seus críticos, como uma espécie de versão futebolística do *punk*: agressivo, subdesenvolvido, enfim, um tremendo “mau gosto”.

No domingo, dia da decisão do Campeonato Brasileiro entre Grêmio e Portuguesa, “O Estado” publicou uma crônica de Aldir Blanc na qual o poeta e compositor afirmava torcer ardorosamente pela Portuguesa e desdenhar o estilo gremista.

Não acho que o time do Grêmio seja apenas viril, valente, “pegador”, como querem alguns. É também desleal. Foi um prazer vê-lo batido pela Portuguesa, enredado na tática de Candinho, um técnico ponderado, que não é visto nas derrotas gritando ameaças e palavrões na margem do campo. Se o Grêmio vencer a Portuguesa no jogo de hoje, em seu campo, que o faça na bola e não nas canelas do adversário ou jurando transformar o saco do juiz e dos bandeirinhas em boleadeiras, tchê.

Mais adiante, afirmava ser também vascaíno, clube carioca fundado por portugueses, e preferir “a eliminação com Carlos Germano e Edmundo a ser campeão com dois paraguaios na zaga”; caso do Grêmio, que mantinha entre seus quadros Arce e Rivarola.

Prá encerrar, parodio canhestramente o estilo inimitável de Néelson Rodrigues, patrono dos cronistas tresloucados: cada vez que um atleta do Grêmio dá um carrinho desleal nos diáfanos tornozelos do adversário, vejo em campo, de camisa tarjada de negro, o general Garrastazu Médice, mutilando a grama, à testa de uma tropa de centauros torturadores, com ferraduras superfaturadas (in: OESP, 15/12/96).

A Portuguesa foi derrotada, mas isto não impediu que Aldir Blanc voltasse à carga, no domingo seguinte, culpabilizando o árbitro por ter permitido as jogadas desleais.

Vocês pensam que eu ia sair de fininho? De jeito nenhum. Não retiro uma só palavra da crônica de domingo passado.(...) Ainda no primeiro tempo, um *atreto* do Grêmio fez uma falta e, com o jogador da Lusa estendido no chão, outro gremacho-chô, se não me engano o inotável Dinho, foi chegando com um jeitão sonso e pisou em cheio na mão do adversário. Coisa de crápula, de canalha, de pilantra. Jogo que segue e

agora no Palmeiras como uma espécie de antídoto a serviço da multinacional. Se esta especulação procede, é difícil saber. Seja como for, no primeiro Palmeiras (com Luis Felipe) *versus* Grêmio (sem Luis Felipe) deu Palmeiras por 5 a 1.

outro jogador da Portuguesa cai (...). Pois não é que um broncocentauro passou, tranquilamente, pisando no corpo do jogador caído? (...) Um terceiro: um gremásculo cometeu um carrinho, com as duas patas levantadas a 1 metro do chão (...) que acertou pra valer joelho, coxa, virilha, etc., do jogador luso, e nada. Três momentos vergonhosos para o futebol brasileiro, puníveis com expulsões sumárias, sem direito à vacilação. Não foram “jogadas viris no calor do embate” ou outra desculpa esfarrapada qualquer. Foram agressões, duas delas premeditadas, imorais, sujas. E nada (in: OESP, 22/12/1996).

Ao contrário da maioria dos profissionais da crônica esportiva, que geralmente omitem a paixão clubística pois se pretendem imparciais, Blanc manifesta claramente sua inclinação pelos clubes lusitanos - Portuguesa e Vasco. Talvez por esta razão - ele se posiciona como torcedor - sua crônica não contenha meias-palavras e, por isso mesmo ela é reveladora. Os termos utilizados por Blanc para se referir aos “atretas” gremistas - gremásculos, broncocentauros, etc - tocam fundo na questão da masculinidade e, ao suscitar uma comparação entre o estilo gremista e a figura do ditador Médice, ridiculariza também o estereótipo do gaúcho, excessivamente másculo e, como tal, grosseiro.

5.2.1.2. Violento não, pegador!

Apesar da acidez de Aldir Blanc, depois de quase três anos de acaloradas discussões, o Grêmio alcançava, senão a unanimidade, pelo menos a dignidade. Na proporção direta de suas conquistas - regionais, nacionais e continentais - o Grêmio ganhava credibilidade, especialmente fora do Rio Grande do Sul. Contudo, permanecia uma tensão em torno dos adjetivos e, por extensão, do enquadramento ao qual o Grêmio deveria ser submetido. A pura e simples acusação de violento perdera legitimidade mas, nem mesmo os gremistas, ousariam aproximar o estilo do Grêmio ao futebol-arte.

Antagonismo ainda mais profundo é o de Grêmio e Goiás. Um, gaúcho, tradicionalista, forjado há tempos nas disputas de morte do tipo atual, sólido na marcação esquivo no ataque, com timbre internacional. Outro, do Brasil Central, jovem, quase imberbe, lépido como um curupira esgueirando-se pelas matas virgens como a cor e a tradição de sua camisa, com os pés virados ao contrário só para dar a ilusão de que vai quando vem.

Você olha o Grêmio, e vê o paraguaio Rivarola, de bombachas. Você olha o Goiás, e vê Lúcio, saci de duas pernas ágeis e matreiras. Como se vê, dois estilos, nenhuma previsão (Alberto Helena Jr., in: 4/12/96).

A comparação é paradigmática. Ela não apenas atualiza o quadro “futebol brasileiro X futebol europeu”, apresentado no início deste capítulo, como coloca o Grêmio do lado direito, mais para o futebol-europeu, platino, gaúcho quem sabe. O certo é que ele representa a antítese do futebol-arte, como se pode perceber numa crônica publicada pelo mesmo Helena Jr., ainda no primeiro semestre de 96, no dia do primeiro jogo entre Grêmio e Corinthians, valendo classificação às semifinais da Libertadores.

(...) O Grêmio, campeão [da Libertadores no ano anterior], é essencialmente vibração, embora harmonizada com sabedoria pelo técnico Luiz Felipe e maturada pelo longo tempo em que esses jogadores atuam juntos.

O diabo é que o estilo do Grêmio me lembra sua antítese, em matéria de brilho - o drible de Garrincha. Todo mundo sabia de cor e salteado quais os movimentos que faria, sempre para a direita. E ninguém conseguia impedi-lo de repetir a jogada hipnótica e fatal. Assim é o Grêmio. Joga fechadinho, duríssimo na marcação, partindo para os contragolpes que culminam invariavelmente no cruzamento para o cabeceio de Jardel. E assim vai o Grêmio construindo sua legenda (“A palavra de ordem hoje é ‘Vai, Corinthians!’”, in: FSP, 15/5/96).

Esta crônica traduz o que poder-se-ia considerar uma opinião generalizada sobre o estilo gremista. Ele era eficiente e, portanto, era bom. Mas era também a antítese de Garrincha, um dos símbolos do futebol-arte e, sendo assim, não era tão belo.

Pois o Grêmio é um campeão muito peculiar, cuja força maior, além da tradição, repousa num treinador competente e num elenco unido até a morte. Olha-se o Grêmio como um todo, uma combinação de setores e fatores que quase sempre dá certo. Não se vê individualidade, exatamente porque ela se anula em função do conjunto. As estrelas não brilham. Só o Grêmio (Alberto Helena Jr.; “Campeão tem um elenco unido até a morte”, in: FSP, 18/12/96).

Como se percebe, há elogios à tradição, à competência do treinador e principalmente, à coletividade. “Não se vê individualidade, exatamente porque ela se anula em função do conjunto” é mais do que uma simples constatação. Mesmo que implicitamente, o estilo gremista é deslocado do cenário nacional. Ao contrário do futebol-arte, o sucesso do Grêmio reside na coletividade, no espírito de grupo, na superação, na solidariedade e em outros tantos valores que, se não anulam as individualidades, colocam-nas em segundo plano.¹¹⁶ “As estrelas não brilham”, o

¹¹⁶ Matinas Suzuki sugeriu, inclusive, “um paralelismo” entre este “espírito de solidariedade” e “o comportamento político-social do gaúcho, único na vida brasileira” (FSP, 3/8/95). Para alguns o “espírito de solidariedade”, a partir do qual os talentos individuais eram negligenciados em função da coletividade, explicaria o fato do Grêmio, apesar de campeão brasileiro, não ter nenhum atleta convocado para a

Grêmio não tem “garrinchas”, “leônidas” e “deners” ou, se os tem, trata de convencê-los a disporem seus talentos a serviço da coletividade. Opinião partilhada, desde sempre, pelos cronistas gaúchos e expressa, mais tarde, por Ruy Carlos Ostermann.

O Grêmio fechou na quinta-feira um ciclo de vitórias, quase todas heróicas. A dimensão do heroísmo é uma prova de resolução dos problemas no limite do possível. Não houve um jogo desse ciclo de acontecimentos exitosos que oferecesse à contemplação da crítica ou do torcedor a margem de vantagem, facilidade ou aproveitamento que superasse a condição de dor e sofrimento que cada vitória carregou nas costas. Por isso, a melhor explicação para o sucesso dos muitos times do Grêmio (...) não está no plano das considerações tático-estratégicas. Está na profunda realidade da bravura coletiva, da coragem individual e do time. Enfim, está justificada em valores permanentes da luta, da guerra e do conflito bem resolvido. E poucas dimensões vitoriosas de um time servem mais a esse momento difuso do futebol brasileiro. O time do Grêmio não tem um astro consumado, de altíssima voltagem técnica como os principais brasileiros têm ou imaginam ter. Tem, ao contrário, um grupo que sabe jogar basicamente o futebol, tem boa técnica, mas que só se vale disso depois de ter quebrado a resistência ofensiva do adversário e de assegurado de que a bola é o primeiro triunfo dos times vitoriosos. É essa identidade de guerra, luta e afirmação coletiva que está concedendo ao Grêmio as benesses de jogos encruados resolvidos positivamente, pelo regulamento ou pelo escore, na unha. A unha pródiga do jogo (in: ZH, 24/5/1997).

Na verdade, seja por intermédio de seus dirigentes, comissão técnica e jogadores, ou mesmo dos torcedores e da crônica gaúcha, o Grêmio nunca pretendeu ser reconhecido como um protótipo do futebol-arte. Muito pelo contrário, os qualificativos empregados, quase que unanimemente, pelos segmentos acima citados, situavam-no do lado direito do quadro referido em “A contribuição fundante de Gilberto Freire”. Nesta perspectiva, o Grêmio era o mais europeu e, por extensão, moderno, e também o mais portenho e, conseqüentemente, obsoleto dos times brasileiros. Isto não significa que o futebol dos vizinhos uruguaios e argentinos, com os quais os brasileiros rivalizam desde o princípio do século, seja considerado antiquado. O que sempre se disse é que eles são tão competitivos a ponto de usar dispositivos contrários ao *fair play*. E o Grêmio era um exemplo desta competitividade, por vezes excessiva, incompatível com o futebol-arte que caracteriza a “tradição” brasileira.

seleção; ao contrário do Palmeiras que, mesmo eliminado teve seis de seus jogadores solicitados por Zagallo. Para outros, como Juca Kfoury, estava-se cometendo injustiça com o Grêmio e chegou até a ironizar: “(...) o Grêmio deveria pedir inscrição no Campeonato Alemão, porque parece que não é considerado um time brasileiro” (“Zagallo e o Grêmio”, in: FSP, 13/12/97).

De qualquer forma, o Grêmio se colocou, intencionalmente, numa posição de enfrentamento do que poderia ser denominado de *status quo* do nosso futebol. Se existia algum tipo de reivindicação nesta atitude, e isto me parece evidente, ela tinha por base a afirmação das diferenças e, considerando-se que o Grêmio foi exitoso dentro de campo, tal reivindicação poderia ser resumida da seguinte forma: *nós, gremistas, representantes dos gaúchos, somos diferentes por que temos uma concepção singular do futebol e, simultaneamente, somos os melhores à medida que nosso estilo atesta sua eficácia na razão direta das conquistas do Grêmio.*

Nos últimos três anos o Grêmio foi o representante do Rio Grande do Sul mas este raciocínio é extensivo também ao Internacional e, vez por outra, ao Juventude. Ou, se se preferir, ao êxito de qualquer clube gaúcho.

As vitórias de Inter e Grêmio sobre Botafogo e Vasco da Gama, sábado, foram a reafirmação plena de uma idéia moderna de se jogar futebol contra outra, superada e desprezível por conter a negação do principal objetivo de uma disputa que é vencê-la. A perplexidade desencantada, vertida pelas emissoras de rádio do Rio de Janeiro sobre a campanha do Internacional, mostra que os colegas cariocas não são bons alunos. Desde 1975, quando o Inter desbancou o Fluminense, considerado um time quase insuperável na velha corte, o futebol gaúcho vem repetindo lições que não conseguem sensibilizar a festiva comunidade carioca. Só no sábado foram duas, uma no Maracanã e outra no Olímpico. Uma conformada e antiga expressão popular fala em “pobre, mas café bem doce”, o que equivale a “perder, mas jogando bonito”. O futebol gaúcho é mais pragmático. Prefere “vencer, mesmo jogando feio”. Questão de gosto (Wianey Carlet, “Sábado Gaúcho”, in: ZH, 8/9/97).

E de onde provém este pragmatismo tão ao gosto dos gaúchos?

(...) Nós temos uma influência natural dos uruguaios e argentinos, além da nossa formação específica. Então o futebol não pode estar dissociado deste contexto e, evidentemente, quando se diz que uma equipe do Rio Grande do Sul é mais aguerrida que uma equipe carioca, não está sendo dito que ela é apenas isso porque ela é orientada por um treinador eventual. Mas porque ela tem, me parece, o gaúcho tem uma característica atávica que ele leva prá dentro do futebol. Agora, também existiram grandes equipes do Rio Grande do Sul que tiveram o concurso de jogadores de fora do Rio Grande do Sul; jogadores importantes e que desempenharam papéis importantíssimos tanto no Grêmio quanto no Internacional. Mas, esses jogadores, quando chegaram aqui, tinham um estilo de futebol que foi se modificando no contato com outros jogadores gaúchos. E é curioso que eu tenho ouvido de treinadores, e recentemente eu ouvi isto: toda vez que o Grêmio e o Internacional tem no seu time um grupo de jogadores predominantemente gaúchos ou vindos das categorias de base, tanto o Grêmio quanto o Inter são vitoriosos. Eu

tenho ouvido seguidamente esta afirmação e ela está sujeita até a uma verificação. Mas, me parece que o jogador formado aqui, nascido no Rio Grande do Sul, tem mais conhecimento da importância da camiseta do Grêmio ou do Internacional, ele tem mais conhecimento da rivalidade. E, se ele tem mais conhecimento da rivalidade, ele tem mais conhecimento do seu compromisso face a esta realidade, o que não ocorre com o jogador pernambucano carioca ou baiano, que chega aqui, passa ligeiramente, dá sua contribuição remunerada e volta a jogar em outro lugar.

- Sim, mas o Dinho é o oposto disso. Como é que um sergipano pôde ser elevado a símbolo de uma equipe que se diz ter alma gaúcha?

O Dinho não foi elevado a símbolo do Grêmio porque ele é sergipano. Ele foi elevado à símbolo do Grêmio porque ele é um gaúcho nascido no Sergipe. Quer dizer, em matéria de temperamento. O temperamento do Dinho é um temperamento gaúcho. Se disserem que o Dinho nasceu no Rio Grande do Sul, ninguém vai sentir falta do nascimento do Dinho em Sergipe ou em outro estado do Nordeste.

- Então o gauchismo independe de fronteiras?

(Pequena pausa) Eu acho que existe um estilo de comportamento, existe um estilo de caráter. Quando um indivíduo é capaz de superar adversidades, através de seu esforço, da sua nobreza de caráter e da sua valentia, ele está tendo uma atitude gaúcha; não importa se isto é na Amazônia ou no Maranhão. Me parece que é uma forma de comportamento perante a vida, perante os desafios da vida. E o gaúcho é muito isso, ele não se deixa abater pelas circunstâncias adversas da vida. Esse é o gaúcho na minha definição. Existem inúmeras definições, mas o gaúcho tradicional, o campeão, da sesmaria, da conquista da terra, ele é um homem acostumado a enfrentar adversidades, a viver com pouco. Ele forjou seu caráter em meio à adversidade e ele nunca deixará de ser isso (Kenny Braga, nascido em Sant' Ana do Livramento é jornalista e trabalha na Rádio Gaúcha, onde desempenha o papel de torcedor-símbolo do Internacional).

Pouco importa o fato do gaúcho ser simultaneamente “universal” e “campeador”, forjado pelas guerras fronteiriças que caracterizaram o Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX. Ele é tido como um tipo habituado às adversidades, embora eternamente inconformado e, por isso mesmo, muitas vezes mal compreendido. Se pairar alguma dúvida acerca da sobreposição entre as representações veiculadas pelo futebol e aquelas disseminadas pelo Tradicionalismo, basta confrontar o slogan “Grosso não, Tradicionalista” com “Violento não, pegador”. O primeiro pode ser observado nos automóveis de muitos dos frequentadores de CTGs, ao passo que este último eu o criei a partir das inúmeras vezes em que ouvi meus informantes gremistas contestarem a acusação de violência. O Grêmio não é violento: *é viril, raçudo, pegador, chega junto*

mas na bola, enfim, está no limiar tênue que separa a busca pela vitória, da busca a qualquer preço. E aqueles que não compreendem o “estilo gaúcho”,

(...) são pessoas que se forem assistir a um espetáculo de ballet perceberão a leveza dos passos dos bailarinos mas não perceberão a massa muscular que lhes dá sustentação e não imaginarão quantas horas de ensaio, quantos joanetes, quantas deformidades estão por traz daquelas sílfidez que você vê num palco como se fosse apenas uma manifestação artística (Ibsen Pinheiro).

Os adeptos do futebol-arte são freqüentemente chamados de românticos, poetas e outros qualificativos do gênero. Eles veriam, como diz Ibsen, o espetáculo e tão somente o espetáculo, ao passo que os “verdadeiros” entendedores saberiam contemplar também o esforço dos bastidores, do cotidiano e, no futebol, o treinamento intensivo traduzido no resultado e na eficácia. Em uma só palavra: “trabalho”. Neste particular, o descompasso entre aqueles que desdenhavam o Grêmio e os que o aplaudiam, é também o resultado de um olhar distanciado, de espectador, e outro, próximo, que é o de torcedor. Os próprios gremistas - e os gaúchos não tão colorados - admitiam que seu time *não era lá essas coisas*, não tinha um toque de bola refinado, *bom de se ver*, mas cumpria o seu objetivo que era vencer e quando não o fazia, muitas vezes por deficiência técnica, ainda assim era aclamado pelo empenho, pela dedicação, pela raça, etc. A este respeito nada me parece mais elucidativo do que o depoimento de um gremista diante de mais uma derrota do Grêmio no Campeonato Brasileiro 1997. Depois de uma análise pormenorizada acerca da atual fase do time, ele fez mais ou menos o seguinte comentário: *você sabe quem eu gostaria de ver outra vez no Grêmio? Adilson, o grande capitão Adilson; o Grêmio precisa de um líder nato como ele. Um cara que na palestra antes da final da Libertadores pediu a palavra e disse: já quebrei duas vezes a mesma perna e, se precisar quebrar uma terceira pra conquistar este título, volto com uma perna gessada, mas com o troféu na mão!* (Ronaldo, 28 anos, funcionário público).

5.2.2. Com a palavra os torcedores

De maneira geral, as vozes torcedoras, quando ouvidas em separado, tratavam de contestar as acusações de violência dirigidas ao Grêmio, usando, basicamente, os mesmos argumentos veiculados pela mídia; ou quem sabe, a mídia é que se apropriava

da fala torcedora. É bem verdade que em muitos casos se podia notar um sorriso matreiro dando a entender que determinados jogadores gremistas realmente se excediam, e com frequência. Outros admitiam a acusação mas procuravam minimizá-la, evocando, por exemplo, o comportamento “civilizado” da torcida. O time poderia ser “pegador”, “viril” e às vezes violento mas, em compensação, os torcedores gremistas e até mesmo os colorados exibiam um comportamento exemplar, diferentemente daquele verificado entre as Torcidas Organizadas do centro do País. Lances mais duros eram admitidos dentro de campo: *faz parte do jogo, futebol é um esporte de intenso contato físico; quem não bate, apanha e, portanto, é preciso ser precavido, chegar primeiro*; ou ainda, *futebol é prá macho, quem não quiser correr riscos que vá pro vôlei* e assim por diante. Já torcer seria um divertimento e, sendo assim, *o comportamento dos gaúchos era exemplar; aqui vai muita mulher no estádio, o pessoal torce numa boa e até tem uns que puxam um fuminho mas é só pra dá um barato*; enquanto os “outros”, especialmente os paulistas, seriam um *bando de marginais, vândalos, brigões* e assim por diante. Violência por violência, segundo estes torcedores, era preferível aquela circunscrita ao gramado e, posso afirmar, para muitos era até desejada. Havia também aqueles com quem era aconselhável nem tocar no assunto: *isso é acusação leviana de paulista e carioca, o Sávio - atleta do flamengo - é que é uma boneca, é bairrismo puro; tu não pensa como eles? Pensa?* Bem, nesse ponto era melhor desconversar, trocar de assunto, enfim, se há alguns convictos de que os gaúchos são eternamente subjugados, há outros ainda mais convictos e, com estes, recomenda-se cautela.

Se estas opiniões, expressas individualmente pelos torcedores, são importantes, mais ainda são as manifestações coletivas. É nelas que reside a diferença entre o que pensam os torcedores e um dirigente ou cronista isoladamente. A rigor, o substrato pode ser o mesmo mas existe uma distância muito grande entre, por exemplo, um xingamento evocado por este ou aquele indivíduo e o mesmo insulto dito pelo estádio todo. É por esta razão, até certo ponto óbvia, que me deterei a seguir no relato de três manifestações nas quais o pertencimento clubístico e o gauchismo estiveram sobrepostos.

5.2.2.1. O pacto

No documentário “Grêmio coração e raça” o jogador Dinho, tido como violento no centro do país mas ídolo entre os gremistas, afirmou que a manifestação mais “forte”

dos torcedores não foi o desfile em carro aberto por ocasião da conquista da Libertadores em 95, nem a festa do Brasileiro de 96, nem outra qualquer, senão aquela depois da derrota frente ao Corinthians pela Copa do Brasil em 95. Como jogador, Dinho empresta legitimidade a uma constatação que eu faria de qualquer forma.

Era o auge das acusações; em todos os programas de rádio e televisão este assunto era debatido. Seria o Grêmio um time violento ou apenas pegador? Para os torcedores gremistas esta parecia ser apenas uma questão secundária, o importante era estar com o Grêmio fosse ele violento ou não.

O jogo iniciou tenso, equilibrado, com o time gaúcho precisando atacar, mas ressentindo-se da ausência de vários titulares - alguns lesionados, outros suspensos. O primeiro tempo terminou em zero a zero e, no início do segundo, ocorreu o que todos os gremistas temiam mas preferiam não acreditar. Marcelinho, logo ele, atleta de Cristo porém malandro, intempestivo, provocativo, fez o gol corinthiano num contra-ataque. Festejou com os Gaviões da Fiel, atrás do gol, e voltou para o centro do campo exigindo, com o indicador diante dos lábios, silêncio no Estádio. Os gremistas não atenderam seu pedido, ou melhor, não se resignaram. Provocados, puseram-se em pé tentando ajudar o time mas a resposta não foi a esperada. O Grêmio "sentiu" o gol - de acordo com o regulamento teria de fazer dois para levar a decisão para os tiros-livres, ou três para conquistar o título no tempo regulamentar - e a reação tardou demasiadamente. Quando ocorreu, já não havia mais tempo; o Corinthians era campeão em pleno Olímpico.

Pode-se ouvir, então, os gritos da empolgada torcida paulista presente no estádio - É, campeão! É, campeão! - e o foguetório colorado fora dele. Mas isto foi apenas um instante, uma fração de tempo imediatamente após o apito do final. Em seguida os torcedores começaram a aplaudir e, incentivados pela Super Raça, o hino do clube foi, lentamente, sufocando a festa colorada e corinthiana.¹¹⁷ Quem estava batendo em retirada permaneceu estático, os que haviam xingado os jogadores se reconciliaram e quem só sabia o estribilho apenas balbuciou as estrofes, inclusive aquela em que Lupicínio escreveu "Os feitos da tua história/Canta o Rio Grande com amor".

Se levado em consideração apenas o aspecto clubístico, ainda assim a manifestação dos torcedores gremistas merece destaque. Não é sempre que a frustração

¹¹⁷ Tempos depois, perguntei a Gil, atual presidente da Super Raça, quais teriam sido as principais realizações da Torcida e ele, colocou, em primeiro lugar, este episódio. Isto revela, por si só, a intensidade daquela manifestação.

da derrota possibilita a coesão e mais raro ainda é ver o coro do perdedor, dos “sofredores”, calar o ufanismo dos vitoriosos. É bem verdade que quase todos os hinos dos clubes trazem uma mensagem de fidelidade e até se diz que o bom torcedor se conhece na derrota. Porém, o mais comum é que este sofrimento se expresse pelo silêncio, como ocorreu na derrota do Maracanã em 50 e, recentemente, em maio de 1997, na derrota do Flamengo frente ao Grêmio pela Copa do Brasil.

Mas, parafraseando Helena Jr., citado anteriormente, o Grêmio não tinha apenas “um time unido até a morte”, tinha uma torcida que estava com o time “para o que der e vier”. Ambos estavam unidos pela reciprocidade própria dos atletas e torcedores, mediados pelo clube, mas também pelo sentimento de exclusão e auto-exclusão. No auge das críticas, os atletas eram violentos e os torcedores, embora ninguém ousasse expressar publicamente, eram no mínimo esquisóides. Quem aplaudiria Dinho saindo expulso de campo senão a torcida gremista? Como poderia alguém ter um “broncocentauro”, um “atreto”, como ídolo?

O Grêmio nunca seria belo e naquela decisão da Copa do Brasil nem bom era. Ainda assim, o pacto foi firmado e, quer queiram quer não, todos os clubes que passaram pelo Olímpico sofreram com o rigor do jogo e da arquibancada. Inclusive a Portuguesa, que havia resistido a 150 mil mineiros, cruzeirenses e atleticanos, respectivamente, sucumbiu diante da persistência dos gremistas, dentro e fora de campo.

5.2.2.2. Indignação e protesto

No capítulo anterior relatei minha viagem a São Paulo com a Super Raça. Agora é a vez de descrever, não tão detalhadamente, a excursão com a Torcida Jovem, também do Grêmio. Como este capítulo trata das questões envolvendo o regionalismo, vou direto a parte que diz respeito a este assunto; a Jovem que me perdoe por não tê-la tratado, aqui, em minúcias como o fiz com a Raça.

Tratava-se do primeiro jogo pelas finais do Campeonato Brasileiro de 1996 e o Grêmio enfrentava a Portuguesa no Morumbi, em São Paulo. Os torcedores da Jovem saíram daqui com os ânimos regionalistas à flor da pele. Não bastassem a humilhação sofrida diante dos palmeirenses dez dias antes e o *lobby* pela “namoradina do

Brasil”,¹¹⁸ os torcedores viajaram com uma manchete de jornal presa na garganta. Na véspera da partida, dia da saída de Porto Alegre, o jornal “Gazeta Esportiva” estampou a seguinte manchete de capa: “CUIDADO, RODRIGO! Craque da Lusa tem apanhado muito e agora vai pegar Dinho & Cia.”. E, abaixo da foto do meia-atacante: “Rodrigo foi caçado pelos zagueiros do Atlético e nem foi treinar ontem. Amanhã ele encara a viril defesa do Grêmio”.

Na chegada à capital paulista, debaixo de temporal, os gremistas ainda teriam o dissabor de serem informados de que nenhum atleta do Grêmio, nem mesmo Paulo Nunes, havia sido convocado por Zagallo para o último amistoso da seleção. Com a derrota por dois a zero, a indignação foi geral. Depois do jogo, enquanto aguardávamos os torcedores da Lusa saírem do Estádio, surgiu, à beira do gramado, um senhor de cabelos brancos que os gremistas supuseram ser Zagallo. A reação foi imediata: *Ão, ão, ão, Paulo Nunes seleção!* Seria apenas uma justa reivindicação à medida que Paulo Nunes era um dos artilheiros da competição. Em seguida porém, passaram aos xingamentos: *Recordar é viver, a Nigéria acabou com vocês!* Pois bem, a Nigéria desclassificou o Brasil nas Olimpíadas e muitos foram os que acharam justa a derrota frente a prepotência do nosso selecionado. Até aí nada de mais. Mas por que “vocês”? Por acaso os gremistas não são brasileiros e como tal não haviam, também eles, sido derrotados? Em termos; o coro seguinte esclareceria o “vocês”: *Ar-gen-ti-na! Ar-gen-ti-na!* E, para meu próprio espanto, o quarto cântico seria ainda mais contundente: *Ís, ís, ís, o Rio Grande é meu país! Ís, ís, ís o Rio Grande é meu país!* E assim prosseguiram até a saída do Morumbi.

Como interpretar manifestações desta natureza? Estariam os ideais separatistas latentes na cultura gaúcha de tal forma que na primeira oportunidade eles seriam manifestos? A resposta seria dada pelos próprios torcedores alguns meses depois mas, posso adiantar desde logo, não se trata propriamente de uma reivindicação separatista, mesmo que muitos afirmem já terem sonhado com a República do Pampa ou, quem sabe, uma fusão englobando Paraná e Santa Catarina.

¹¹⁸ Segundo estimativa da Placar (1088) os torcedores da Portuguesa somavam, ao todo, mais ou menos 20 mil no ano de 1993, restritos, basicamente, à colônia lusitana e alguns poucos simpatizantes. Sendo assim “ela necessitava” do apoio das demais torcidas de São Paulo e, de fato, no Morumbi, pôde-se observar torcedores de todas as grandes “nações” paulistas, também denominados pelos gremistas de “torcedores de aluguel”.

5.2.2.3. “Ao vencedor as batatas”: parte II

Já me referi à festa por ocasião da conquista da Copa do Brasil de 97 no capítulo anterior. Naquela oportunidade, descrevi as comemorações que tomaram conta de Porto Alegre como um ritual coletivo. Agora dedicarei mais atenção à questão do regionalismo, tal qual os subtemas precedentes.

Na verdade, a festa da Copa do Brasil e o ritual como um todo foram praticamente os mesmos daquele quando o Grêmio foi campeão da Libertadores, em 95. Só que desta vez os aspectos regionais eram mais evidentes, em parte porque o derrotado havia sido o Flamengo e, acima de tudo, um carioca, e, de outra, porque a Copa do Brasil é, de fato, uma competição voltada a atualização das rivalidades regionais.

Depois do empate frente ao Corinthians, no Olímpico, que classificou o Grêmio às finais pôde-se ouvir, como em outras tantas oportunidades, o coro: *Uh, uh, uh, paulista é pau no cu!* Não era corinthiano e desta vez ninguém contestou, eu mesmo já esperava o xingamento. O Corinthians, patrocinado pelo Banco Excel-Econômico representava, em linhas gerais, o mesmo que o Palmeiras-Parmalat nos anos anteriores. Vencê-los sempre foi uma façanha e o Grêmio o fizera novamente.

Na saída do Estádio, os alto-falantes do Olímpico, que sempre anunciam o hino do clube após os jogos, desta vez anunciavam “Querência Amada”, uma música gravada na década de setenta por Teixeira e recentemente relançada por Osvaldir e Carlos Magrão. Embora a maioria dos gremistas, mesmo os mais antigos, só cantassem a primeira e a última estrofes, a letra merece ser reproduzida na íntegra, pela peculiaridade com que expressa o “amor ao Rio Grande”.

I

Quem quiser saber quem sou
Olha para o céu azul
E grita junto comigo
Viva o Rio Grande do Sul

II

O lenço me identifica
Qual a minha procedência
Da província de São Pedro
Padroeiro da querência

VII

Te quero tanto
Torrão gaúcho
Morrer por ti
Me dou o luxo

VIII

Querência amada
Planícies, serras
Os braços que me puxa
Da linda mulher gaúcha
Beleza da minha terra

III
Óh meu Rio Grande
De encantos mil
Disposto a tudo
Pelo Brasil

IV
Querência amada
Dos parrerais
Da uva vem o vinho
Do povo vem o carinho
Bondade nunca é demais

V
Berço de Flores da Cunha
E de Borges de Medeiros
Terra de Getúlio Vargas
Presidente Brasileiro

VI
Eu sou da mesma vertente
Que Deus saúde me mande
Que eu possa ver muitos anos
O céu azul do Rio Grande

IX
Meu coração é pequeno
Porque Deus me fez assim
O Rio Grande é bem maior
Mas cabe dentro de mim

X
Sou da geração mais nova
Poeta bem macho e guapo
Nas minhas veias escorre
O sangue herói de farrapo

XI
Deus é gaúcho
De espora e mango
Foi maragato
Ou foi chimango

XII
Querência amada
Meu céu de anil
Este Rio Grande gigante
Mais uma estrela brilhante
Na bandeira do Brasil

Não era, contudo, a primeira vez que eu ouvia os gremistas entoando Teixeira, ou Osvaldir e Carlos Magrão, como queiram. Na viagem a São Paulo, com a Super Raça, me surpreendi com as inúmeras vezes em que a fita K7 que continha esta música foi posta no toca-fitas do ônibus. Reapareceu naquele Grêmio e Corinthians e, dali em diante, passou a ser executada com muita frequência, tendo Osvaldir e Carlos Magrão desfilado em carro aberto no Estádio Olímpico, no domingo subsequente à conquista da Copa do Brasil.

Embora haja, na letra de “Querência amada”, referências indiretas às cores do Grêmio (“céu azul”/“céu de anil”; estrofes I, VI e XII), certamente não é este o motivo pelo qual a música era tão apreciada naquele contexto. Era o auge, pode-se dizer, da evocação simultânea do gremismo e do gauchismo. O “amor ao clube”, por exemplo, em muito se parece com o “amor ao Rio Grande” (estrofes II, VI, VII e IX) e, deste “amor”, resulta a evocação das “belezas do Rio Grande” (estrofes II, III, IV e VIII) que, a rigor, podem ser associadas à grandeza do Grêmio. Há na letra um jogo entre sentimentos contraditórios que também estavam muito presentes entre os gremistas. O “amor ao Rio Grande” se faz sentir no culto a Borges de Medeiros e a Flores da Cunha

(estrofe V), líderes “separatistas” do passado, na idolatria dos farrapos (estrofe X) e de chimangos (federalistas) e maragatos (republicanos) (estrofe XI). A VIIª estrofe, por exemplo, sugere que o amor pelo Rio Grande (“Te quero tanto/Torrão Gaúcho”) vale a própria vida (“Morrer por ti/Me dou o luxo”). Também faz crer que é pelo Brasil que esta entrega se justifica, como na estrofe II (“Óh meu Rio Grande/De encantos mil/Disposto a tudo/Pelo Brasil”). A auto-exclusão, tão presente nos xingamentos a “Zagallo”, depois do jogo diante da Portuguesa, no Morumbi, pode ser comparada à referência à “província” na estrofe II (“.../Qual a minha procedência/Da província de São Pedro/(...)”). Por isso se exaltou tanto a vitória do Grêmio pois, no fundo, as conquistas nacionais, em 1996 e 1997, representavam a realização do desejo de reconhecimento frente aos demais torcedores, à mídia do centro do País, enfim, ao Brasil como um todo. O culto à “pegada”, à “raça” e às “tradições”, que por vezes tornaram o estilo do Grêmio um anti-estilo, mas que, tempos depois, foi exaltado, talvez tenha a ver com as recorrentes afirmações de que os gaúchos sempre estão dispostos à guerra (estrofe X) mas, simultaneamente, são representados como cordiais e hospitaleiros (estrofe IV). Por tudo isso, as duas últimas estrofes eram aquelas que quase todos sabiam cantar e, os que não sabiam, tiveram muitas oportunidades de aprender. Gremismo e gauchismo se fundem, finalmente, enquanto o primeiro comemorava mais um título nacional e, sendo assim, o segundo podia ser exaltado. Ou seja, através do Grêmio, “Este Rio Grande gigante” tornara-se “Mais uma estrela brilhante/Na bandeira do Brasil”.

De qualquer forma, constitui-se em algo inusitado ouvir jovens e adolescentes cantarem, a todo pulmão, uma música inicialmente gravada há mais de duas décadas e, por Teixeira, um cantor/compositor tido como “brega” por jovens urbanos de qualquer época. Talvez o *slogan* dos *funkeiros* cariocas Carlinhos e Buchecha combinasse melhor com o público preponderantemente jovem dos gremistas em geral e das Organizadas em particular. *Ah! eu tô maluco!* havia se tornado mania nacional, inclusive nos estádios de futebol. Era imperioso que os gremistas também o adotassem mas, não haveria aí uma espécie de imitação?

É verdade que os torcedores nunca se importaram muito com este tipo de apropriação, embora, neste caso, porque a decisão da Copa do Brasil/97 era contra o Flamengo - segundo os gremistas e colorados, nenhum outro clube representa tão bem o futebol-arte como Flamengo - o plágio seria evidente. É impossível saber de quem partiu a idéia, mas o certo é que naquele jogo do Olímpico o *Ah! Eu tô maluco!* já se

transformara em *Ah! Eu sô gaúcho!* E a consagração definitiva viria dois dias depois, no Maracanã.

Na noite de quinta-feira, as ruas de Porto Alegre foram tomadas de gremistas. Portando bandeiras do clube, a maioria distribuídas pelo jornal da RBS - o logotipo bem identificado, tal qual o das Lojas Colombo e da APLUB, ironicamente, a “Previdência do Sul” é patrocinadora das camisas do Inter -, os torcedores festejavam aos gritos de *É, tricampeão!* e *Ah! Eu sô gaúcho!* Entre as bandeiras do Grêmio também podia-se observar as do Rio Grande do Sul e até mesmo do Brasil, juntas ou separadas. “O Laçador”, monumento-símbolo da cidade, inspirado em Paixão Côrtes, gaúcho-símbolo do Tradicionalismo, foi coberto com uma enorme bandeira gremista..

O Grêmio era, segundo manchete do Correio do Povo (24/5/97), “dono do Brasil”, com dois títulos nacionais conquistados num período de seis meses. A festa era dos gremistas mas os cânticos, os símbolos eram múltiplos; as manifestações evocavam a identidade clubística e também o gauchismo. Mesmo que a contragosto de muitos, o Grêmio se encaixara no futebol nacional. E pelo caminho mais árduo, qual seja, contestando o “futebol-arte”. Agora ninguém ousaria evocar as máximas do separatismo pois, em se tratando de futebol, tripudiar o “outro” é tão importante quanto cultuar a própria identidade. E para tripudiar é preciso, antes de mais nada, estar próximo, encaixado.

Passadas algumas semanas, os gremistas teriam de provar “em casa” (Olímpico) a fama conquistada “no território inimigo” (Maracanã). No dia do primeiro jogo decisivo pelo Campeonato Gaúcho, no Olímpico, os gremistas ainda mantinham aquele ar de superioridade e arrogância decorrentes das últimas façanhas. Não se limitavam a cantar *Ah! Eu sô gaúcho!*, como se os colorados não o fossem, mas tripudiavam os torcedores adversários: *Ah! Tu é macaco!*

O Grêmio parecia ter perdido o interesse pela rivalidade local. Desmotivado, acabou derrotado no Beira-Rio e, o que parecia ser apenas mais um incidente de percurso, acabou se transformando em tragédia. Eufóricos pela campanha no Brasileiro de 97, os colorados chegaram ao Estádio Olímpico, dois meses depois, cantando *Ah! Eu sô macaco!* e saíram de lá em êxtase: o Inter aplicou 5 a 2 no Grêmio e, vejam bem, na casa do tricolor; um placar tão elástico que fez os torcedores mais antigos lembrarem da inauguração do Olímpico - 6 a 2 para o Inter - há 43 anos.¹¹⁹

¹¹⁹ Os derivativos do *Ah! Eu tô maluco!* seguiram em alta ao longo de segundo semestre de 1997. Os torcedores do Juventude, de Caxias do Sul, região de colonização italiana, foram recebidos no

Encerrava-se, então, um ciclo vitorioso do Grêmio. Inicia-se, quem sabe, o ciclo colorado. O futebol opera uma temporalidade cíclica, um constante perde e ganha. Já o regionalismo, parece mais inclinado à linearidade, ele preserva um substrato que precisa ser constantemente atualizado e, assim sendo, nada impede que o Inter, em breve, passe a desempenhar este papel. Seja como for, as rivalidades locais e regionais ainda ocupam o imaginário dos torcedores e não será a modernização, a globalização ou as parcerias que irão atenuá-las. Pelo contrário, a tendência é fortalecê-las ainda mais, como mostra a recente trajetória do Grêmio.

Beira Rio - em jogo pela fase classificatória do brasileiro/97 - com: *Ah! Tu é colono!* O Juventude venceu e, na saída, pode-se ouvir, então: *Ah! Eu só colono!* Na mesma linha, os Tradicionalistas substituíram um antigo adesivo para automóveis. "Grosso não, tradicionalista!" tornou-se "Ah! Eu sou gaúcho, tchê!".

PRORROGAÇÃO

Parafraseando Lévi-Strauss, disse que os clubes são bons para torcer e bons para se pensar. Acrescento, enquanto é tempo, que eles são bons também para se compreender, não apenas a dinâmica futebolística, mas uma série conflitos sociais.

O futebol tem seus próprios dilemas e há, inclusive, fóruns especializados e *experts* no assunto. Existem, portanto, questões suscitadas por ele e que só a ele interessa, permanecendo restritas ao contexto do qual são tributárias. De maneira geral, o futebol não cria fatos novos, apenas permite que sejam veiculados através dele questões mais gerais, inicialmente forjadas em outras esferas da vida social. Assim, ao invés de repetir o velho chavão de que o Brasil é o “País do futebol”, seria mais interessante pensar que os brasileiros se expressam por meio dele e, por isso mesmo, tornaram-no uma instituição popular.

Argentina, Itália, Espanha, entre outros, também poderiam ser considerados “Países do futebol”; as regras são as mesmas e o gosto por este esporte não é exclusividade nossa. Os contornos são parecidos, mas o recheio é diferente. Pode-se até apreciar o futebol dos outros como espetáculo, é linguagem universal. Mas há coisas que só o futebol brasileiro pode fazer: dizer algo sobre nós mesmos. Somos, portanto, o País do nosso futebol, dos nossos, clubes, torcedores, dirigentes, jogadores e assim por diante.

O futebol é uma linguagem e, acrescentaria, uma linguagem coletiva. É bom lembrar, entretanto, que mesmo sendo coletiva, esta linguagem é motivada e isto implica dizer que não se expressa qualquer coisa mas algo significativo, de algum lugar e pressupondo a existência de um interlocutor, em geral, também coletivo. Não por acaso os torcedores se pensam como *nação*, enquanto uma comunidade que os engloba e mantém coesos, especialmente pelo fato de existirem outras “nações” e estarem, permanentemente, mobilizados para o confronto, na maioria das vezes apenas verbal, ou seja, mimético.

A idéia de *nação*, o termo êmico propriamente dito, pressupõe uma determinada configuração social, no âmbito da qual os indivíduos, na pessoa dos torcedores, desempenham papéis diferenciados. Sendo assim, existem diferentes formas de pertencimento clubístico e isto permite à nação-clube de futebol estabelecer seus próprios arranjos sociais e culturais.

De certo modo, a nação-clubes de futebol reforça as diferenças já existentes em outras esferas da vida social. A questão econômica, por exemplo, segmenta o público nos estádios e, não raro, priva uma parcela significativa de torcedores do acesso aos jogos. Como existem políticos corruptos, há dirigentes de má índole e o inverso também é verdadeiro.

Os torcedores, de maneira geral, parecem evitar este tipo de comparação ou, simplesmente, desconsiderá-la, pois o pertencimento clubístico tem suas próprias particularidades, à medida que está diretamente associado ao futebol. Não é em função da política partidária ou do Estado propriamente dito que os torcedores se pensam. Como afirma Geertz (1989) em relação à briga de galos em Bali, também o futebol não altera a posição e muito menos a condição de classe dos torcedores. O que faz e muito bem, é dramatizá-las, permitindo a todos experimentar o triunfo da vitória.

Poder-se-ia, então, pensar como DaMatta (1994), afirmando que “o futebol nos dá uma potente lição de democracia (...), pois proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e justiça social” (:17). Só que a “aula de democracia e justiça social” tem um alcance limitado, circunscrito ao espaço-tempo do jogo. Quando acaba o ritual disjuntivo tudo volta a ser como antes e, como dizem os próprios torcedores, “futebol não enche a barriga de ninguém”. A “aula de democracia” deve, portanto, ser considerada como tal e, ao que parece, não há “dever de casa”. Em um século, ainda está para acontecer uma transformação na sociedade brasileira desencadeada pelo futebol. Alguém poderia afirmar, por exemplo, que os maiores ídolos do nosso futebol são negros. Correto, mas quantos técnicos e dirigentes negros teve o Brasil?

Ao invés de supor que os torcedores se dão por satisfeitos com a “experiência” que a “aula de democracia” lhes proporciona, seria mais interessante pensar que a “aula de democracia” assegura-lhes, pelo menos, o direito de expressar seus sentimentos e serem ouvidos, vistos, enfim, notados. Nesta perspectiva, do futebol como linguagem, as rivalidades clubísticas brasileiras, em geral associadas às questões de “classe social”, “raça” e “regionalismo”, não teriam sido escolhidas arbitrariamente e muito menos para dar aos pobres, negros e pessoas nascidas em estados periféricos a ilusão da vitória ou, por outra, a ricos, brancos e nascidos no centro do País, o eventual desprazer da derrota. A “aula de democracia” é antes de tudo um fórum polêmico e, sob este aspecto, faz crer que as questões envolvendo “classe social”, “raça”, e “regionalismo” são conflituosas no contexto onde são suscitadas. A experiência do êxito e do fracasso pode ser vivenciada também no vôlei, no basquete, no jogo de cartas, enfim, ganhar e perder “faz

parte do jogo”. Contudo, apenas o futebol está fortemente vinculado às categorias mais amplas da sociedade brasileira e justamente por isso ele se tornou popular.

O Gre-Nal, por exemplo, é uma “aula de democracia”, sem dúvidas. Quando o Inter vence, vencem todos os colorados e, vale recordar, há entre eles pessoas de todas as classes sociais. Ou será que quando o Grêmio ganha apenas a elite comemora? Não, a vitória é de todos os gremistas, inclusive dos negros que a ele pertencem. O que faz do Gre-Nal uma “aula de democracia”, e diga-se de passagem, absorvente, são os cânticos, xingamentos e outras tantas manifestações que permitem expressar, coletivamente, determinados sentimentos acerca do “outro”. Talvez porque não existam outros fóruns para tal, ou porque tais sentimentos tenham de ser expressos de uma maneira tal que só o futebol permite, à medida que faz a “seriedade” passar-se por “brincadeira”. O certo é que tanto a questão do negro quanto o sentimento de exclusão em relação ao centro do país são temas polêmicos por aqui e, diga-se de passagem, desde longa data.

Nos três últimos anos, foi o Grêmio que permitiu expressar os sentimentos regionais; mas poderia ter sido o Inter e por certo será, logo adiante. E, quem sabe, não seremos surpreendidos, no futuro, com o Grêmio sendo chamado de “clube do povo”? Não foi assim com o Flamengo? Só o tempo dirá, pois as nações-clube de futebol ainda estão inacabadas.

Enquanto “tradições” forem sendo inventadas, ou seja, indefinidamente, os clubes estarão sujeitos a constantes reelaborações por parte de seus torcedores. O pertencimento clubístico permite quase tudo, até que se apedreje a sede do Clube, como já ocorreu com os torcedores do Palmeiras, com os do Fluminense e, mais recentemente, os Gaviões da Fiel por pouco não promoveram uma chacina de seus ídolos - pensados como patrimônio dos clubes. O pertencimento clubístico só não admite traição; é eterno e “para o que der e vier”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict (1989), Nação e consciência Nacional. São Paulo, Ática.
- ANTUNES, Fátima (1994), "O futebol nas fábricas". In: Revista USP, nº 22.
- _____ (1996), "O futebol na Light & Power de São Paulo". In: Pesquisa de Campo, n.º 3/4.
- ARIÈS, Philippe (1981), História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro, Guanabara; 2ª ed.
- BAKHTIN, Mikhail (1993), Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. São Paulo-Brasília, Edunb/HUCITEC.
- BACHELARD, Gaston (1988), A Dialética da Duração. São Paulo, Ática.
- BOURDIEU, Pierre (1983), "Como é possível ser esportivo". In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro, Marco Zero.
- BROHM, Jean-Marie (1972), Deporte, cultura y represión - Colección Punto y Línea. Barcelona, Gustavo Gili.
- CABRAL, Cid & OSTERMANN, Ruy Carlos (s/d), O admirável Futebol Brasileiro. Porto Alegre, Gaúcha.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (1986), "Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível". In: Antropologia do Brasil. São Paulo, Brasiliense.
- CASTRO, Ruy (1995), Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo, Cia das Letras.
- CÉSAR, Benedito T. (1982), "Os Gaviões da Fiel e a Águia do Capitalismo". Dissertação de Mestrado. Campinas, IFCH/UNICAMP/Antropologia Social.
- CHARTIER, Roger (1990), A História Cultural. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- CLIFFORD, James (1995), "Sobre la autoridad etnográfica". In: Dilemas de la cultura. Barcelona, Gedisa.
- COELHO NETTO, Paulo (1952), História do Fluminense. Rio de Janeiro, Gráfica Borsoi.
- COIMBRA, David & NORONHA, Antônio (1994), A História dos Grenais. Porto Alegre, Artes e Ofícios.
- COUTINHO, Edilberto (1994), "Zelins, Flamengo até morrer!". In: Pesquisa de Campo, n.º 0.

- DAMATTA, Roberto (1982), "Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o futebol Brasileiro". In: Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothèque.
- _____ (1994), "Antropologia do Óbvio". In: Revista USP, nº 22.
- DAMO, Arlei (1995), "A construção da corporalidade do atleta no meio futebolístico". Monografia. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS.
- DEBRUN, Michel (1982), "Paixão e participação: o futebol como base de uma pré-cidadania. In: Revista Istoé. Nº 291, 21/7/92.
- DIENSTMANN, Cláudio (1987), Campeonato Gaúcho: 68 anos de história. Porto Alegre, Sulina; 2ª ed.
- DUARTE, Luis Fernando (1986), Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar/CNPq.
- DUMOND, Louis (1992), Homo Hierarchicus. São Paulo, EDUSP.
- DUNNING, Eric (1992a), "As ligações sociais e a violência no desporto". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), A busca da Excitação. Lisboa, Difel.
- DUNNING, Eric & SHEARD, Kenneth (1992), "La separation des deux Rugby". In: Actes de la Recherche en Sciences Sociales; nº 79.
- DUNNING, Eric & MURPHY, Patrick & WILLIAMS, John (1992), "A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), A busca da Excitação. Lisboa, Difel.
- ELIAS, Norbert (1992a), "Ensaio sobre o desporto e a violência". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), A busca da Excitação. Lisboa, Difel.
- _____ (1992b), "A gênese do desporto: um problema sociológico". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), A busca da Excitação. Lisboa, Difel.
- _____ (1994), O Processo Civilizador. Rio de Janeiro, Jorge Zahar; 2ª ed.
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric (1992a), "O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e no início dos tempos modernos". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), A busca da Excitação. Lisboa, Difel.
- _____ (1992b), "A busca da excitação no lazer". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), A busca da Excitação. Lisboa, Difel.
- _____ (1992c), "A dinâmica dos grupos esportivos - uma referência especial ao futebol". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), A busca da Excitação. Lisboa, Difel.
- ENDLER, Sérgio (1984), Tesourinha. Porto Alegre, Tchê, 2ª ed.

- EWEN, Stuart (1991), Todas las imágenes del consumismo. México, Grijalbo.
- FILHO, Mário (1964), O Negro no Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; 2ª ed.
- FINE, Ben & LEOPOLD, Ellen (1993), "Food for Thought". In: The Word of Consumption. New York, Routledge.
- FRANCO, Sérgio da Costa (1992), Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS; 2ª ed.
- FREYRE, Gilberto (1964), "Prefácio". In: FILHO, M. O Negro no Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; 2ª ed.
- _____ (1971), Novo Mundo nos Trópicos. São Paulo, Editora Nacional.
- FRYDENBERG, Julio (1997), "Prácticas y valores en el processo de popularización del fútbol, Buenos Aires 1900-1910". In: Entrepassados: Revista de História. Ano VI, nº 12.
- GEERTZ, Clifford (1989), A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Guanabara.
- GERTZ, René (1991), O perigo Alemão. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS.
- GIL, Gilson (1994), "O drama do 'Futebol-Arte': O Debate Sobre a Seleção nos Anos 70". In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 25.
- GOLIN, Tao (1983), Ideologia do Gauchismo. Porto Alegre, Tchê.
- GONZALES, Demóstenes (1986), Roteiro de um boêmio. Porto Alegre, Sulina.
- GUEDES, Simone (1982), "Subúrbio: Celeiro de Craques". In: Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothke.
- GUIBERNAU, Montserrat (1997), Nacionalismo: o estado nacional e o nacionalismo no século XX. Rio de Janeiro, Zahar.
- HELAL, Ronaldo (1997), Passes e Impasses. Rio de Janeiro, Vozes.
- HOBBSBAWM, Eric (1984), "Introdução: a invenção das tradições" e "A Produção em Massa das Tradições: Europa 1879 a 1914". In: HOBBSBAWM, E. & RANGER, T. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____ (1990), Nações e Nacionalismo desde 1780. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- HOFMEISTER, Carlos (1988), Pequena história do remo gaúcho. Porto Alegre, CORAG.

- JARDIM, Denise (1991), "De Bar em Bar: Identidade Masculina e Auto-segregação entre Homens de Classes Populares". Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS.
- LEITE LOPES, José S. (1992), "A morte da alegria do povo". In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 20.
- _____. (1994), "A vitória do futebol que incorporou a *pelada*". In: Revista USP, nº 22.
- _____. (1995), "Esporte, emoção e conflito social". In: MANA - Estudos de Antropologia Social, nº 1, v (1), Rio de Janeiro, Museu Nacional, Relumê/ dumarú.
- LEROI-GOURHAN, A. (1965), O Gesto e a Palavra: memória e ritmos. Rio de Janeiro, Edições 70.
- LEVER, Janet (1983), A Loucura do Futebol. Rio de Janeiro, Record.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1975), Totemismo Hoje. Petrópolis, Vozes.
- LEVINE, Robert (1982), "Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro". In: MEIHY, J. C. S. B. & WITTER, J. S. (org.), Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado.
- MACEDO, Riopardense de (1972), Porto Alegre: História e Vida da Cidade. Porto Alegre, Editora da UFRGS.
- MACIEL, Maria Eunice (1994a), "Marcas". In: FISCHER, Luiz & BISSÓN, Carlos (org.), Nós, os gaúchos - II. Porto Alegre, Editora da Universidade (UFRGS).
- _____. (1994b), "Considerações sobre gaúchos e colonos". In: Diversidade Étnica e Identidade Gaúcha. Santa Cruz do Sul, UNISC.
- MAGNANI, José G. (1984), Festa no Pedaco. São Paulo, Brasiliense.
- _____. (1996), "Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole". In: MAGNANI, J. G. & TORRES, L. L. (org.), Na Metrópole. EDUSP/Fapesp.
- MÁXIMO, João (1996), João Saldanha. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- MAUSS, Marcel (1974), "As Técnicas Corporais". In: Sociologia e Antropologia II. São Paulo, EPU/EDUSP.
- OLIVEIRA, Paulo G. (1996), "Esportes trazidos pela imigração". In: FISCHER, L. A. & GERTZ, R. E. Nós, os teuto-gaúchos. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS.
- OLIVEN, Ruben (1992), A parte e o todo. Petrópolis, Vozes.

- _____. (1996), "A Invisibilidade Social e Simbólica do Negro no Rio Grande do Sul". In: LEITE, I. B. (org.) Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade. Florianópolis, Letras Contemporâneas.
- ORTIZ, Renato (1994), Cultura Brasileira & Identidade Nacional. São Paulo, Brasiliense, 4ª ed.
- PASOLINI, Pier Paolo (1996), "El fútbol es un lenguaje". In: Literatura de la pelota - LA MAGA. Montevideu, nº 24.
- PEDROSA, Milton (1967), "O futebol na literatura brasileira". In: Gol de Letra. Rio de Janeiro, Gol.
- PESAVENTO, Sandra (1994), "De como os alemães se tornaram gaúchos pelo caminho da modernização". In: MAUCH, C. & VASCONCELLOS, N. (org.) Os Alemães no Sul do Brasil. Canoas, Editora da ULBRA.
- PORTO, Sérgio (1992), Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre, Editora da Universidade; 2ª ed.
- PRADO, Décio de A. (1994), Tempo (e espaço) no futebol. In: Revista USP, nº 22.
- PROENÇA, I. C. (1981), "Mundão Vocabular". In: Futebol e Palavra. Rio de Janeiro, José Olympio.
- RAMOS, Roberto (1984), Futebol. Ideologia do Poder. Rio de Janeiro, Vozes.
- RICOEUR, Paul (s/d), Teoria da Interpretação. Lisboa, Edições 70.
- RODRIGUES, Nelson (1993), "Complexo de vira-latas" & "Garrincha não pensa". In: CASTRO, R. (org.), À sombra das chuteiras imortais. São Paulo, Cia das Letras.
- RODRIGUES FILHO, Nelson (1995), "Lima Barreto: Jogando contra o futebol". In: Pesquisa de Campo, n.º 3/4.
- ROSENFELD, Anatol (1993), Negro, Macumba e Futebol. São Paulo, Edusp.
- RUFINO DOS SANTOS, Joel (1981), História Política do Futebol Brasileiro. São Paulo, Brasiliense.
- SANTOS, Carlos L. (1975), Na Sombra dos Eucaliptos. Porto Alegre, Globo.
- SCHUTZ, Alfred (1979), Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro, Zahar.
- SEBRELI, Juan J. (1981), Fútbol y masas. Buenos Aires, Galerna.
- SEVCENKO, Nicolau (1992), Orfeu extático na metrópole. São Paulo, Cia. das Letras.
- _____. (1994), Futebol, Metrópole e Desatinos. In: Revista USP, nº 22.

- SHIRTS, Matthew (1982a), "Literatura Futebolística: uma periodização". In: MEIHY, J. C. S. B. & WITTER, J. S. (org.), Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado.
- _____. (1982b), "Futebol no Brasil ou Football in Brazil?". In: MEIHY, J. C. S. B. & WITTER, J. S. (org.), Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado.
- SILVEIRA, O. A. da (s/d), "O Desenvolvimento da Educação Física e dos Desportos". In: FRANCO, A. & COUTO e SILVA, M. & SCHIDROWITZ, L. G. (Orgs.). Porto Alegre: Biografia Duma Cidade. Porto Alegre, Tipografia do Centro.
- SILVA, Josiane (1993), Bambas da Orgia: Um Estudo Sobre o Carnaval de Rua de Porto Alegre, seus Carnavalescos e os Territórios Negros. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS.
- SILVA Jr., José (1996), Histórias que a bola esqueceu. Florianópolis, CMM Comunicação.
- SOARES, Carmen L. (1994), Educação Física: Raízes Européias e Brasil. Campinas, Autores Associados.
- SOARES, Luis E. (1979), "Futebol e teatro, notas para uma análise de estratégias simbólicas". In: Boletim do Museu Nacional. Rio de Janeiro, nº 33.
- SOUZA, Marcos (1996), "A 'Nação em Chuteiras': Raça e Masculinidade no Futebol Brasileiro". Dissertação de Mestrado; Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Brasília/UnB.
- TOLEDO, Luis H. (1993), Por Que Xingam os Torcedores? In: Cadernos de Campo, n.º 3, USP/IBICT.
- _____. (1995), Torcidas organizadas de futebol: lazer e estilo de vida na metrópole. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH/USP.
- _____. (1996a), Torcidas Organizadas de Futebol. São Paulo, Autores Associados/ANPOCS.
- _____. (1996b), "Contribuições ao Estudo da Crônica Esportiva 1: 'contracrônica esportiva de Lima Barreto'". In: Pesquisa de Campo, n.º 3/4.
- VELHO, Gilberto (1987), Individualismo e Cultura. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2ª ed.
- VERISSIMO, Luis Fernando (1996), "Gre-Nal". In: LÜDTKE, Sérgio. Traçando. Porto Alegre, Artes e Ofícios.
- WEBER, Max (1974), "A Nação". In: GERTH, H. H. & MILLS W. (org.), Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro, Zahar.

ANEXOS

Os dez mandamentos irônicos do sócio gremista

- 1) Fala mal do teu club sempre que para isso tiveres ocasião.
- 2) Ameaça sempre com o teu pedido de demissão sempre que haja alguma coisa com o que não estejas de acordo.
- 3) Não escondas aos outros a mínima circunstância com que não estiveres de acordo na atividade do teu club.
- 4) Se estiveres indisposto com algum sócio, debes fazer cair a culpa sobre o club.
- 5) Acautela-te cuidadosamente em prestar algum serviço ao teu club e procura substituir todos aqueles que trabalham para o mesmo pois estes só o fazem pela ambição ou para obter vantagens pessoais.
- 6) Fala mal do teu club para os estranhos, porém acautela-te de fazê-lo no recinto do mesmo.
- 7) Nunca fale bem dos representantes legitimamente eleitos de teu club que trabalham pelo engrandecimento do mesmo.
- 8) Se tens boas idéias guarda-as contigo e espera a negligência de um membro da diretoria para mostrares que és mais inteligente do que os outros.
- 9) Não esqueças de fazer oposição nas assembléias, pois tu és o tempero das mesmas. Sem teu concurso elas não teriam sabor.
- 10) Se algum sócio vier ao encontro das tuas idéias contradize-o, pois tu tudo conheces mais, cabendo-te o direito de ser admirado como homem prudente e criterioso.

Tabela I

	CTGs	Cônsules	Retrans- missoras
Rio Grande do Sul	1350	288	46
Santa Catarina	120	49	16
Paraná	231	25	6
Centro-Oeste	68	6	7
Outros estados	47	32	2
Exterior	2	38	-
Total	1818	438	77

Tabela II

	Competição	Campeão	Vice
1994	Copa do Brasil	Grêmio	Ceará
1995	Copa do Brasil	Corinthians	Grêmio
	Libertadores	Grêmio	Nacional - Colômbia
	Mundial Interclubes	Ajax - Holanda	Grêmio
	Campeonato Gaúcho	Grêmio	Internacional
1996	Campeonato Brasileiro	Grêmio	Portuguesa
	Campeonato Gaúcho	Grêmio	Juventude
	Recopa Sulamericana	Grêmio	Independiente - Argentina
1997	Campeonato Gaúcho	Internacional	Grêmio
	Copa do Brasil	Grêmio	Flamengo

Tabela III*

	Grêmio	Violência ou violento	Grêmio e violência ou violento
1994	420	3186	12
1995	1014	3799	71
1996	947	4143	30
1997	671	3710	20

*Fonte: Folha de São Paulo

<http://www.uol.com.br/bibliot/>

GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE - ORGANOGRAMA

